

072

OS PAIS
ABSTRATOS

66

PROC. 072
LIV. 01
PAG. 24
REG. 761

REVISTA DE TEATRO

N.º 368 — MARÇO
e ABRIL DE 1969

Neste número:

"OS PAIS ABSTRATOS"

de PEDRO BLOCH

O produtor Orlando Miranda, com Glauce Rocha e Ana Maria Nabuco, no hall do Teatro Villaret, de Lisboa, onde a peça "OS PAIS ABSTRATOS" obteve êxito extraordinário.



Edição da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

REVISTA DE TEATRO

N.º 368 — MARÇO
e ABRIL DE 1969

Diretor-Honorário: DR. RENATO ALVIM

Redator-Chefe: JORACY CAMARGO, Presidente da SBAT.

Redatores: RAYMUNDO MAGALHÃES JUNIOR, DANIEL
ROCHA, HENRIQUE PONGETTI, GUILHERME
FIGUEIREDO.

Redator-Coordenador: DJALMA BITTENCOURT.

Órgão Oficial da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 ★ Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920 ★ Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores ★ Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) do Itamarati ★ Membro da UNESCO ★ Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema) do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Avenida Almirante Barroso, 97 - 3.º andar
Rio de Janeiro, GB, Brasil.

Diretoria (1967-1969)

JORACY CAMARGO,
Presidente

RAYMUNDO MAGALHÃES
JUNIOR, Secretário

DANIEL DA SILVA ROCHA,
Tesoureiro

Conselho Fiscal:

OLAVO DIAS DE BARROS

FLORIANO FAISSAL

EURICO SILVA

Suplentes:

Mario Magalhães

Roberto Ruiz

Henrique Pongetti

Chefe do Depto. Administrativo:

DJALMA BITTENCOURT

Caixa Beneficente:

JOSÉ WANDERLEY,
Presidente

Dr. SYLVIO MENDES
FIGUEIREDO, Médico

SÓCIOS HONORÁRIOS: Adolfo Bloch, Min. Dr. Álvaro Dias, Arlindo Camargo, Ary Martins, Prof. Carvalho Pinto, Prof. Clóvis Salgado, Dr. Edmundo Moniz, Dr. Geraldo Russomano, Dr. Gérson Alves Teixeira, Dr. Joaquim Buller Souto, Dr. Juscelino Kubitschek, Dr. Levy Neves, Manoel José Adriano, Oscar Teresa Dias (Oscarito), D. Olga Migailides Zanni, Dr. Peregrino Júnior, Gen. Porfírio da Paz, Dr. Roberto Marinho, Gen. Rubens Rosado Teixeira, Van Jafa.

SÓCIOS BENEMÉRITOS: Afonso Ruy de Souza, Daniel Rocha, Djalma Bittencourt, Geysa Boscoli, Joracy Camargo, Luis Peixoto, Meira Pires, Paulo de Magalhães, Oduvaldo Viana e Raymundo Magalhães Júnior.

27 DE MARÇO,
DIA MUNDIAL DO TEATRO

*Eis a Mensagem de PETER BROOK, o
grande Diretor inglês:*

"As pessoas que trabalham no teatro têm o seu próprio caráter e suas próprias características. Emocionam-se facilmente, e por serem tão emotivas são levadas quase sempre a um estado de profunda irritabilidade.

Em toda parte do mundo, durante os movimentos revolucionários, os atôres são muitas vezes, os primeiros a juntarem seus gritos à voz dos protestos. E no entanto, são esses mesmos homens que, nos períodos não revolucionários, mais rapidamente se integram no passado. Por quê?

No teatro somos prisioneiros de normas através das quais vivemos e às quais devemos a nossa existência quotidiana. Essas normas, talvez mais do que quaisquer outras, estão sujeitas, na nossa sociedade, a períodos que não nos pertencem, e isto por motivos sentimentais e econômicos.

Trabalhamos em edifícios que não correspondem à natureza de nossas ati-

vidades, por terem sido construídos há muito tempo e não ser oportuno nem econômico modificá-los. Trabalhamos para um público que raramente se modifica porque as estruturas que atraem esse público para nós completam-se em si mesmas e tornam toda e qualquer mudança muito difícil.

Assim, qualquer que seja o ponto-de-vista que usemos para observar o nosso problema, ou seja, um teatro que poderia eventualmente corresponder a seu tempo, a mesma conclusão impõe-se: o nosso papel imediato é reexaminar, e reexaminar de forma profunda, fundamentalmente destrutiva — e, nós o confessamos, também criadora — todas as normas pelas quais vivemos.

Por onde começar?

Talvez tenhamos que principiar por fazer frente ao desafio que surge ao enfrentarmos um fato desagradável: o fato de que, neste Dia Mundial do Teatro, tenhamos tão pouco teatro mundial para nos alegrar."

e chega mesmo a uma confissão expressa, no item VI:

“É possível não ser o anteprojeto um código, no sentido estrito da palavra, pois, embora seja a reunião de leis em um só corpo orgânico e sistemático, pode faltar-lhe certamente, a rigorosa unidade científica”.

CÓDIGO DO DIREITO DO AUTOR E DIREITOS CONEXOS

DANIEL ROCHA

Volta-se a falar na elaboração do Código de Direito Autoral, no Ministério da Justiça e toda a classe está inquieta.

O Anteprojeto de Código de autoria do Desembargador Milton Sebastião Barbosa, publicado no Diário Oficial de 16.6.967, preocupa seriamente os trabalhadores intelectuais, do Brasil e do Exterior, tendo motivado severas críticas encaminhadas às nossas autoridades e firmadas pelas maiores figuras das letras e das artes do país.

Falta ao anteprojeto citado, uma filosofia, uma unidade e até coerência. É de estarrecer a afoiteza com que se altera, inova e cria, em matéria de tão transcendental importância, para o desenvolvimento cultural do país, inclusive.

No preâmbulo o autor reconhece que: “se reformar o Código ou a consolidação de leis preexistentes demanda esforço, reunir em um só corpo, através de uma unidade indispensável determinada matéria jurídica — controversa e ainda em ebulição e formação — procurando incorporar as soluções para determinados problemas nacionais, sem prejuízo dos diversos acordos internacionais que a informam e regulam, não poderia deixar, também, de constituir um largo campo onde mister se tornava, não só inovar, com o já existente, mas também, de certo modo, criar.” (D.O. cit. pág. 2 — item IV).

E inovou e criou, sem hesitações, esquecido de que estava lidando com o patrimônio alheio, com a mais legítima das propriedades e, por isso mesmo, a mais digna do acatamento de um cultor do Direito.

O próprio autor declara, no item V.

“Não nos filiamos, incondicionalmente, a este ou aquele doutrinador, a esta ou àquela corrente”.

O autor não quiz seguir o sábio exemplo do legislador francês, — que deu à França sua exemplar legislação específica de 11 de março de 1957 —, a respeito da qual o Ministro de Estado e Professor da Faculdade de Direito de Montpellier, M. Paul COSTE-FLORET escreveu, prefaciando a obra de Gaston Bonnefoy “La nouvelle législation sur la propriété littéraire et artistique” (Ed. Montchrestien — Paris — 1959).

“Certes le législateur — et c’est à son honneur — n’a touché qui avec précaution à l’admirable oeuvre jurisprudentielle édifíée par nos cours et tribunaux sur les sept articles votés par les conventionnels dans la vieille loi 19-24 Juillet 1793. Une jurisprudence élaborée pendant 163 ans est évidemment respectable”.

Porque desprezar o estudo, a pesquisa, a ciência jurídica de nossos juizes e dos juizes do resto do mundo, com seu extraordinário acervo de decisões esclarecedoras?

Declarando ter se inspirado na lei francesa, (que serviu, evidentemente, de base à legislação posterior aprovada pela Alemanha Ocidental, pelo Peru e Portugal) não se aproveitou, como seria de desejar, do que ali está consagrado, preferindo recolher aqui e ali contribuições quase sempre temerárias, tirando ao trabalho a necessária coerência.

Já no art. 1.º ensaia uma definição de Direito de Autor — que não aproveita ao fim desejado, e suscita controversias, — e deixa de lado a afirmação básica da legislação específica do mundo civilizado, tal como se lê na lei Francêsa (11.3.57).

“L’auteur d’une oeuvre de l’esprit jouit sur cette oeuvre, du seul fait de sa création, d’un droit de propriété incorporelle exclusif et opposable à tous”.

A lei italiana:

“L’autore ha il diritto esclusivo de pubblicare l’opera. Ha altresì il diritto es-

clusivo di pubblicare l'opera. Ha altresì il diritto esclusivo di utilizzare economicamente l'opera in ogni forma e modo, originale o derivato, nei limiti fissati da questa legge".

A Espanha:

"A propriedade intelectual corresponde: 1.º aos autores com relação às suas próprias obras".

E assim por diante.

Impõe-se assegurar ao autor um direito de propriedade incorpórea, sobre os frutos de sua criação literária e artística, que lhe assegure o domínio da mesma.

O Desembargador Milton Sebastião Barbosa segue, no Título I a lei peruana, transcrevendo mesmo alguns de seus artigos, como o 2.º, (compondo o 2.º e o 3.º do anteprojeto) e o 5.º (5.º do anteprojeto).

Cabe observar que preferiríamos a expressão "direito pecuniário" a "direito patrimonial" por óbvias razões.

No título II "OBRAS PROTEGIDAS" é a lei francesa que serve de subsídio, o 2.º desta é o 6.º do anteprojeto, cujos parágrafos desenvolvem o enunciado no art. 3.º da lei francesa. Mas aí aparece uma perigosa inovação, no item XIV, sem paralelo na legislação internacional.

"XIV — a idéia original para programas de organismos de rádio-difusão, ou semelhantes, devidamente desenvolvidos e fixada por qualquer processo, desde que registrada."

Não julgamos necessário tecer comentários a respeito.

O art. 5.º corresponde ao 4.º da lei francesa, também transcrito na lei portuguesa.

No Capítulo II, o art. 11 e seus 8 itens traduzem o que se consigna no art. 9.º da lei francesa cujo art. 10 inspira o art. 15 e seu parágrafo 1.º do anteprojeto.

Os artigos 17 e 19 correspondem ao 11 e 12 da legislação francesa; e a lei peruana (arts. 17 e 15) são os 23 e 24 do anteprojeto.

No Capítulo I — "Direito Patrimonial — Obrigações" é ainda a lei francesa (arts. 26, 28, 37 e 39) que serve de base ao autor do anteprojeto, mas no seu art. 57 comete este uma grave omissão, pois afirma:

"Art. 57 — O direito de apresentação pública da obra compreende, por sua vez:"

E faz uma enumeração em sete itens que, constitui, evidentemente, uma limitação.

A versão francesa é esta:

"La représentation consiste dans la communication directe de l'oeuvre au public, notamment par voie de:

A brasileira (do Desembargador) é esta:

"O direito de apresentação pública da obra, compreende, por sua vez:"

Na lei francesa os diversos modos indicados são meramente enunciativos, face à palavra "notamment" que integra o texto.

Na versão brasileira fica o direito limitado aos sete itens enunciados, o que é extremamente perigoso em face do permanente desenvolvimento técnico e científico propiciando renovadas formas de apresentação.

O mesmo ocorre no art. 59, sobre o direito de reprodução de onde deve ser extirpado qualquer sentido limitativo que possa sugerir o enunciado nos 10 itens ali citados.

A criação do CONDAC (Conselho de Direito de Autor e Conexos) será objeto de estudo à parte.

No que se refere a "Cessão de Direitos — Peculiaridades," o projeto se esquece de subordinar categoricamente à indicação expressa, cada uma das modalidades de direitos cedidas.

No Título VI (Limites do Direito de Autor — Fontes de Origem) deve ser obrigatório a citação da fonte de origem, nos casos enunciados no art. 134: "Não constitui ofensa ao direito de autor."

No Título VIII (Regimes Especiais) em seu Capítulo I referente a "DA OBRA CINEMATOGRAFICA" o autor traduz o que dispõe o art. 14 da lei francesa:

"sont présupés, sauf preuve contraire, co-auteurs d'une oeuvre cinematographique réalisée en collaboration:

- 1) L'auteur du scénario;
- 2) L'auteur de l'adaptation;
- 3) L'auteur du texte parlé;
- 4) L'auteur des compositions musicales, avec ou sans paroles, spécialement réalisées pour l'oeuvre;
- 5) Le réalisateur."

(Conclusão na pág. 21)

PROCÓPIO O MONSTRO SAGRADO

R. MAGALHAES JUNIOR

Se Procópio Ferreira fôsse ministro do Supremo Tribunal Federal estaria em casa, aposentado compulsoriamente, gozando o ócio com dignidade, assegurado pela nação aos seus servidores. É que o nosso grande ator está na casa dos 71 (ainda incompletos) e não 81, como um jornal carioca há pouco informou. A verdade é que os atuais onze magistrados da mais alta côrte de justiça do país, de grande saber jurídico, poderiam ser substituídos, sem extremas dificuldades, por outros tantos, de igual cultura e integridade. Procópio é que não pode ser substituído por ninguém, porque é único, ímpar, sem igual. É tempo de que se diga isso dêsse artista que já divertiu os avós e os pais da geração que agora o aplaude, na criação de O Avariado, no palco do Teatro Princesa Isabel, em Copacabana.

Com 71 anos, Procópio empolgou o diretor francês Henri Doublier, que veio de Paris especialmente para dirigi-lo nesse espetáculo: "Je n'ai vu jamais un si extraordinaire Harpagon", disse o diretor, assombrado com a capacidade interpretativa, a segurança das inflexões, a adequação dos gestos, o senso dos pormenores, bem como do ritmo da representação do ator brasileiro. Disse só ter conhecido, em toda a sua vida de diretor, rica de experiências, um ator com a mesma gama de qualidades: o velho Charles Dullin. Espanto para muitos. Confusão para os que se habituaram a esnobar Procópio, como em geral esnobam tudo quanto é brasileiro, às vezes pelo simples prazer de maldizer, às vezes para tentar erguer valores novos rebaixando as figuras representativas das gerações anteriores. Afinal, Henri Doublier não foi generoso ou exagerado. Foi apenas justo. Nem descobriu a pólvora, pois tudo quanto agora disse fôra já dito, há 30 anos — durante a Segunda Grande Guerra — pelo formidável Louis Jouvet, glória do teatro e do cinema francês. Vendo Procópio representar no Teatro Serrador, Jouvet o fôra abraçar, comovidamente, impressionado com o seu "jeu comique", dizendo-lhe: "Se o senhor resolver representar em francês, será um ator de fama internacional".

Afinal, quem é o Procópio Ferreira? É, antes de tudo, um homem que criou o seu próprio nome e poderia dizer, como Alfred de Vigny, que "os seus ancestrais começam em si mesmo". A rigor, Procópio tem somente 52 anos, pois quem nasceu, a 8 de julho de 1898 — quando o governo de Prudente de Moraes chegava ao fim — foi João Alvaro de Jesus Quental Ferreira, filho de portugueses, moradores numa modesta casa da Rua dos Inválidos. O nome, enorme, lembra uma invenção de novela de televisão, qualquer coisa como Antônio Maria d'Alencastro Figueiroa, mas é autêntico. O Jesus Quental lhe veio da mãe. Ferreira lhe veio do pai. Era, a princípio, só João. Alvaro foi acrescentado como segundo nome, ao ser crismado. Menor de idade, trabalhou como auxiliar de um escritório de advocacia, depois de ter cursado uma escola pública, para onde entrara já sabendo escrever, ler e contar, e de ter estudado humanidades no Colégio de São Bento. No escritório, varria a sala, espanava os móveis e limpava os livros, enquanto o patrão não chegava. Muito desconfiado, querendo pôr à prova o empregadinho, o advogado colocava cédulas de 5, 10, 20 mil-réis dentro de volumes do Código Civil, do Código Penal, das coleções da revista O Direito e de outras obras jurídicas. Procópio lhe entregava sempre o dinheiro

achado e, assim, acabou aprovado, em caráter definitivo, só então cessando as **distrações** do patrão.

Tinha, porém, ambições mais altas e resolveu cursar a Escola Dramática da Prefeitura do Distrito Federal, dirigida pelo escritor Coelho Neto e com um corpo de professores de que faziam parte figuras como João Ribeiro e Alberto de Oliveira, além do velho ator João Barbosa, que ministrava as lições práticas. Nesse curso, teve ele como colega uma das filhas do Barão do Rio Branco, Helena Pa-ranhos, que escandalizava os parentes com a mania que lhe dera, de tornar-se atriz, seguindo, aliás, o exemplo materno, pois a baronesa fôra simples corista do antigo Alcazar. Nessa fase, a mais difícil de sua vida, Procópio até fome passou. Essas dificuldades o impeliram a procurar trabalho. E o que encontrou foi no **mambembe** que então trabalhava no Politeama, barracão que um português erguera no subúrbio do Méier. O português gostou tanto do mocinho, filho de um casal patricio, que obrigava tôdas as modestas companhias que passavam pelo Politeama a incluí-lo, compulsoriamente, no elenco. Nessa época, ainda era João. E João se destacava tanto, embora em papéis secundaríssimos, que os artistas de menos talento se mostravam enciumados com o **protegido** da empresa. Meses depois, João ia ensaiar a sua primeira peça, num dos teatros da Praça Tiradentes. Foi então que o ensaiador lhe disse: — “Você é um ator cômico nato, mas esse nome não presta. Com ele, não irá longe. Trate de mudá-lo, agora, que está começando”. João lembrou-se de ver, na folhinha, o nome do santo do dia em que nascera. Lá estava: **São Procópio**. Não hesitou, por isso, em trocar de prenome, abreviando o longo nome familiar. E assim surgiu Procópio Ferreira, em 1917, quando fazia o papel do Moleque Beija-Flor, numa adaptação de **A Cabana do Pai Tomás**, da grande abolicionista norte-americana Harriet Beecher Stowe.

Continuava quase anônimo, representando fôsse o que fôsse, inclusive o papel de centurião no drama religioso em versos **O Mártir do Calvário**, de Eduardo Garrido, até que alcançou, em 1919, o seu primeiro grande êxito, como o Zé Fogueteiro, da comédia musicada **A Juriti**, de Viriato Corrêa e Chiquinha Gonzaga. O papel era episódico, sem grande vinculação com a intriga, mas Procópio, esfuziante, admiravelmente caracterizado, soube transformá-lo num dos primeiros da peça, cujo êxito foi extraordinário. Em 1920, estava ele integrando a Companhia Alexandre de Azevedo, em **Nossa Gente**, outra peça de Viriato Corrêa.

E ingressava, em seguida, na Companhia Brasileira de Comédias Abigail Maia, cuja estréia foi marcada pela comédia **Nossos Papás**, do poeta e, mais tarde, embaixador Ribeiro Couto. Foi, porém, na comédia seguinte, **Onde Canta o Sabiá**, de Gastão Tojeiro, que Procópio mostrou ser capaz de suportar sôzinho, sôbre os seus ombros, o peso de uma representação. Quando a companhia perdeu a colaboração de Abigail Maia, que se retirara, com seu marido, Oduvaldo Viana, um dos sócios da empresa, os dois outros, que eram Viriato Corrêa e Niccolino Viggiani, não acreditaram em Procópio e resolveram recorrer ao talento, já firmado, de Leopoldo Fróes. Mas Procópio, convidando para diretor o ator português Cristiano de Souza, chegado ao Brasil no ano de seu nascimento, com a companhia Lucinda Simões, e que daqui não mais saíra, tomava a corajosa decisão de lançar, em 1924, a sua própria companhia. Era um mção de 26 anos, que assumia a responsabilidade de abrir uma frente de trabalho para si mesmo e os seus colegas. A partir da estréia, no Teatro Royal, de São Paulo, em fins de março de 1924, com a tradução da peça inglesa **Dick**, ele se manteve constantemente ativo, durante cerca de 40 anos, salvo pequenas interrupções por motivo de viagens ao exterior. Sua segunda peça, a comédia **Meu Bebê**, da norte-americana Margaret Mayo, na adaptação francesa de M. Hennequin, traduzida pelo ator Mendonça Balsemão, foi o seu primeiro êxito financeiro. Em sua representação intervinham, ao lado de Procópio, Margarida Max (depois famosa estrêla das revistas do Recreio), Palmeirim Silva, Ítala Ferreira (que a crítica premiaria com medalha de ouro por sua criação em **Carlota Joaquina**), José Mafra, Matilde Costa e outros. No mês de dezembro do mesmo ano (só conseguira teatro no Rio em pleno verão), Procópio tomava a plateia carioca de assalto, estreando no antigo Trianon com a comédia **O Tio Solteiro**, do argentino, Benjamim de Garay, adido à embaixada de seu país no Brasil.

Procópio não demorou a consolidar-se, como primeiro ator e como empresário. O próprio Leopoldo Fróes, que começara a declinar, lhe enviava uma carta cheia de expressões afetuosas: “Meu caro Procópio. Saudações. A opinião de um ator sôbre o valor de outro ator é, ao menos na opinião de um crítico que eu conheço, uma coisa perfeitamente inútil. Que fique o crítico com o que sabe e sente, que não me furtarei a dar-te os meus parabéns pelo teu **feitio** artístico. Daqui a tempos quando tiveres firmado a tua personalidade, encontrará quem te diga, por escrito, nalguma gazeta

mais ou menos lida, que te repetes, que não estudas, que és vaidoso... Não te importes. Feliz daquele que, em Arte, consegue repetir-se. Le Bargy foi sempre Le Bargy. O que se admira num ator é, mais do que tudo, no gênero que vens fazendo, a graça do dizer, a elegância, as intenções".

E nisso Leopoldo Fróes tocava um ponto importante: nunca o nosso teatro teve um **disneur** como Procópio. Que sucesso, o dos seus monólogos, escritos por Álvaro Moreyra, Luís Peixoto e Carlos Bettencourt, e gravados em discos por volta de 1930. Outros conselhos lhe dava ainda o colega mais velho: "Não uses **pêras** nem **bigodes**, como eles (os críticos) querem, para diferenciáres-te de ti mesmo. Sé o Procópio, como o Taborá foi o Taborá, como o Augusto Rosa foi Augusto Rosa ou o Brasão foi o Brasão". Esses nomes, que hoje pouco ou nada significam para nós, eram grandes vultos do teatro português, num passado não muito remoto. Concluía Leopoldo Fróes: "O público que vais conquistando, noite a noite, já te provou que és querido. Sé amigo do público que te quer e a cujos aplausos junto os meus aplausos e recebe também um abraço de despedida do teu, — a) **Leopoldo Fróes**". Escrita quando este grande ator ia partir para a Europa, tal carta era, na época, a maior consagração a que Procópio poderia aspirar. Era como se um rei do teatro abdicasse, passando o trono ao seu legítimo sucessor.

Procópio descia, por vezes, às farsas mais desabaladas, de autores alemães, traduzidas por Mateus da Fontoura e Oswaldo de Abreu Filho. Entre essas, **Que Noite, Meu Deus!** — que seria, trinta anos mais tarde, o tema do filme **Quanto Mais Quente Melhor**. Recorria também às farsas espanholas de Carlos Amiches, como **O Maluco da Avenida**, ao repertório francês, onde ia buscar sucessos como os de **O Pêlo do Guarda** e **Um Beijo na Face**, e ao húngaro, em que encontrou **O Rei do Petróleo**, que lhe assentava como uma luva. Entretanto, preocupava-se também em exumar e reviver antigos êxitos do teatro nacional. Encomendou, a Viriato Corrêa, uma adaptação, em três atos, dos quatro atos de **O Demônio Familiar**, de José de Alencar, fazendo do endiabrado moleque Pedro um de seus maiores sucessos. Reviveu **O Noviço**, de Martins Pena, do mesmo modo que mais tarde tiraria do esquecimento **Quebranto**, de Coelho Neto. Animador de autores nacionais, acolheu, no Trianon, Joracy Camargo, de quem estreou **O Bôbo do Rei** e representou, mais tarde, uma dezena de outras comédias, como

O Sol e a Lua, **Meu Soldadinho**, **Anastácio**, **Maria Cachucha** e muitas outras. Em certa época, tomado de entusiasmo por Joracy, Procópio pagou-lhe luvas, para que lhe fornecesse umas tantas peças por ano. A fim de cumprir o trato, Joracy escreveu, em poucos dias, uma comédia, que Procópio pôs de lado, desconfiado com tamanha rapidez, que lhe parecia mero expediente para pôr a mão no dinheiro. Joracy e o ator-empresário se desavieram porque Procópio parecia não levar em conta aquela peça. Foi em plena briga que para vingar-se Procópio resolveu pôr em cena a comédia congelada. Os ensaios foram poucos e rápidos. Mas o ator entrou de tal modo no papel que o tiro saiu pela culatra: a peça se tornou um verdadeiro triunfo, para o autor e para ele. Chamava-se **Deus Lhe Pague**. E não é preciso dizer mais nada.

Procópio, nessa época, era um grão-senhor. Tinha um belo carro preto, igual ao carro de Edwin Morgan, embaixador dos Estados Unidos, com um chofer português enluvado e mais bem vestido que um secretário de embaixada. Casara-se, anos antes, mas já estava separado da esposa, uma jovem artista que lhe dera uma filha batizada com o nome de Abigail. Tentara colocar a menina no Sion ou no Sacré Coeur, mas os colégios religiosos se recusaram a aceitá-la. Não queriam misturar meninas de famílias grã-finas com filha de gente de teatro. Por volta de 1930, Procópio lançara, com intensa campanha de publicidade, uma jovem e linda atriz, com o nome de Regina Maura, que brilhou, por alguns anos, como a mais elegante estrela da cena brasileira. Era, ao mesmo tempo, a mais recente paixão de Procópio, homem de coração inumerável. Mas por ocasião de **Deus Lhe Pague** deu-se a ruptura definitiva entre ambos. A ex-atriz faria carreira política em São Paulo, como deputada estadual, sempre reeleita. Na peça de Joracy Camargo, aparecia uma nova estreante, Zezé Fonseca, e o outro papel feminino era o de Elza Gomes. O sucesso de **Deus Lhe Pague** foi tão fabuloso que Procópio não sabia mais o que fazer para agradar ao autor. Basta dizer que, na época, a popularidade do ator era tal que o seu retrato, como o mendigo da peça de Joracy, foi capa de uma edição da revista semanal **A Noite Ilustrada**, esgotando uma tiragem de 120 mil exemplares, algo extraordinário para a época. Nadando em dinheiro, ele resolveu pagar a Joracy Camargo uma viagem à Europa, num grande transatlântico, e no momento em que este partia, de Santos, encheu-lhe os bolsos de francos, libras e dólares.

Procópio e Joracy ficaram como que ligados um ao outro por esse êxito, que se repetiu em Portugal, para onde ambos foram, anos depois, levar a peça, já representada com sucesso na Argentina, onde mais tarde seria filmada com Arturo de Cordoba, e recebendo um prêmio de melhor no Festival de Cinema de Veneza. Em língua portuguesa, ninguém, a não ser Procópio, é aceito pelo público em *Deus Lhe Pague*, a que ele sempre recorreu, em momentos críticos, transformando-a em seu cavalo-de-batalha. Uma tentativa feita, recentemente, por outra companhia, para reviver o velho êxito procopiano, encontrou um público frio e indiferente. Procópio e *Deus Lhe Pague* são inseparáveis. Com Procópio, o público aceita a peça de qualquer maneira, ainda que os intérpretes restantes sejam meros canastrões. Sem Procópio, nem um elenco de gênios a sustentaria.

Nos seus longos anos de ator-empresário, Procópio manteve uma verdadeira escola prática da arte de representar. Com a morte de Cristiano de Sousa, ele passou, também, a dirigir espetáculos, uns mais felizes, outros menos. Nunca lhe faltou a coragem de apresentar elementos novos. Rodolfo Mayer, o excepcional ator de *As Mãos de Eurídice*, é um produto dessa escola. Dezenas de outros poderiam ser citados, entre homens e mulheres. Mas nenhum exemplo é mais significativo que o de sua filha Abigail, a hoje famosa Bibi Ferreira. Depois de lhe ter dado primorosa educação num colégio anglo-americano, inclusive com aulas de piano e de *ballet*, Procópio chamou-a ao palco, preparando, para a sua estréia, a célebre comédia *A Locandeira* de Goldoni, representada com o título de *Mirandolina* (nome da personagem central). Foi uma apresentação triunfal. A associação de Procópio com Bibi teria, necessariamente, que durar pouco. Era escasso o repertório adequado a um ator de sua idade e a uma atriz que mal ultrapassara a adolescência, como era o caso de Bibi, na época. Esta fez a sua própria companhia, mas voltou, ainda uma vez, a formar dupla com Procópio, para a apresentação de *Divórcio*, da inglesa Clemence Dane, e de outras peças. Essa fase marcou, aliás, um dos maiores êxitos populares da combinação Procópio-Bibi: a representação de *A Pequena Catarina*, adaptação de *Le Fruit Vert*, dos franceses Régis Gignoux e Jacques Thérý. Eu tive uma curiosa participação nesse êxito.

Um dia, Procópio chamou-me ao seu camarim e perguntou se queria "quebrar algumas pedras". Sabia que era uma tarefa dura. Tinha em seu poder uma cópia datilografada

daquela peça, que poderia representar com a filha. Mas havia uma impossibilidade: o número dos personagens tornava antieconômica a sua encenação. Ninguém poderia, num teatro como o Serrador, arcar com as responsabilidades de pagar a 36 artistas. Queria levar a comédia e ver se podia cortar alguns personagens. Prometi estudar o caso. Dezoito intérpretes seriam suficientes? Não, ainda eram demais. Precisava reduzi-los, no máximo, a doze. Realmente, era quebrar pedra. Levei a cópia, desanimado, mesmo porque vira a sua versão cinematográfica, com Kay Francis, Diana Barrymore e Herbert Marshall, e me parecera um desastre. Li, contudo, a peça, cujo primeiro ato era uma espécie de inquérito sobre um acidente de automóvel (o de um lorde inglês que atropela uma aventureira em Cannes), com policiais, jornalistas, médico, massagista, enfermeira, etc. Era o ato menos engraçado da peça. Resolvi pô-lo de parte, escrevendo outro, partindo do ponto de vista de que tudo isso já aconteceu e a aventureira está em plena convalescença na casa do lorde, rico e míope. Do ato original, aproveitei três páginas, se tanto. Além disso, fiz cortes e enxertos nos demais e anunciei a Procópio: "Missão cumprida. Morreram 25 pessoas. Sobreviveram 11". Fui muito felicitado e os ensaios começaram. Assistindo a um destes, eu disse a Procópio: "Não lhe parece que aquele personagem é desnecessário? Basta você entrar dizendo que acabou de receber uma carta com o recado que ele vem dar". Procópio concordou: "Isso mesmo!" Arrependi-me, pois com aquele impulso ia tirar o trabalho de um ator secundário. Mas já era tarde. A peça foi um sucesso espantoso, graças à interpretação primorosa de Bibi, Procópio e Alma Flora. O sucesso se repetiu em São Paulo, no antigo Santana. Indo à capital paulista, fui visitar Procópio, em seu camarim. Ele fez uma cara compungida e me disse: "Morreu uma pessoa da nossa maior intimidade. Coitada!" Pensei logo em dois ou três amigos paulistas. Creio que cheguei a perguntar: "René de Castro?" E Procópio: "Você se lembra daquele tabelião que vinha trazer a minuta do contrato de casamento no início do segundo ato? Pois faleceu. Ele entrega a minuta no intervalo e eu já entro com ela, dizendo: 'Passou por aqui o tabelião, ainda há pouco, e...'" Com isso, fôra rifado da cena o ator Salu de Carvalho... A peça, de 36 personagens, acabara com 9. Na verdade, ninguém é insubstituível!

Procópio, aliás, sempre foi mestre em expedientes para matar ou fundir personagens. Certa vez, voltando de uma excursão por vá-

rios estados, perguntei-lhe quais tinham sido os resultados que obtivera. Tinham sido excelentes, confessou. Mas, depois, com ar um tanto confidencial, disse-me: "Preciso confessar-lhe uma coisa..." E, depois de uma pausa: "Você se lembra daquele telefone de parede, da peça do Pedro Bloch?" Disse-lhe que sim. Realmente, eu me lembrava do telefone, antigo, em *Morre um Gato na China*. A voz d'ele se tornou mais grave e mais confidencial: "Pois aquele telefone passou para a sua peça..." Estranhei. Em *Essa Mulher é Minha* não havia uma única cena que dependesse de um telefone. Ante a minha perplexidade, Procópio explicou: "Aqueles duas irmãs, do primeiro ato, as duas velhas ranzinhas, brigaram uma com a outra... Estão morando em casas separadas. Estão a ponto de fazer as pazes, mas, por enquanto, só se falam pelo telefone..." O diálogo de duas pessoas, à vista do público, passara a ser o monólogo de uma só atriz, que se fingia de meio-surda, para repetir o que a outra dizia... Mais, ainda: a velha do primeiro ato era a môça do segundo e do terceiro. Isto é: a atriz Hamilta Rodrigues estava fazendo, sôzinha, papéis antes desempenhados por três atrizes.

Durante certa época, Procópio foi uma espécie de cabeça de turco, malhado com ou sem razão pela jovem crítica. Muitas injustiças êle calou, para não aumentar as animosidades. Em *Le Fruit Vert*, que se transformou em *A Pequena Catarina* por ser esta o centro da intriga (no original, aliás, o fruto verde se chamava Geneviève, o que daria, em português, Genoveva, nome positivamente horroroso), Procópio lutou muito para fazer um dos seus jovens atôres compreender a natureza de um papel episódico, que só aparecia no terceiro ato. Não o conseguindo, êle disse: "Vejam se você consegue ao menos ser um bom ator-macaco. Eu vou representar o papel e você, depois, repita-o exatamente como eu o tiver feito!" Transformou-se então, num saltitante e trêfego cinematografista de menos de 30 anos, palavroso, inquieto e gesticulante. O rapaz mostrou-se um bom ator-macaco. Alguns críticos chegaram a dizer que êle era "o melhor intérprete masculino, embora num pequeno papel", ao passo que Procópio "se mostrava moroso e displicente". Não sabiam que, elogiando o outro, elogiavam, na verdade, Procópio, que êle simplesmente macaqueara.

Um dos traços simpáticos de Procópio Ferreira foi o de, em sua longa carreira artística, ter sempre procurado prestigiar os autores nacionais. Em certa fase de sua carreira, o seu autor predileto, quase exclusivo, foi Oduvaldo

Viana (pai) de quem apresentou com prolongado sucesso *O Vendedor de Ilusões* e, em seguida, *Feitiço*, *Segrêdo* (adaptação do conto *O Segrêdo de Augusta*, de Machado de Assis), *Fruto Proibido* (adaptação do *Livro de Uma Sogra*, de Aluizio Azevedo) e outras. A fase de Oduvaldo sucedeu-se a de Joracy Camargo. Representou também muitas peças de Viriato Corrêa (*Bombonzinho*, *Sansão*, *O Homem da Cabeça de Ouro*, *Carneiro de Batalhão*, *O Pobre Diabo*). Deu várias comédias de Paulo de Magalhães, entre as quais *O Interventor*. Foi quem revelou Henrique Pongetti como autor teatral, com *Nossa Vida é Uma Fita*. Representou Abadie Faria Rosa, José Wanderley, Pedro Bloch (*Morre um Gato na China* e *Esta Noite Choveu Prata*), Amaral Gurgel (*Pão Puro*) e outros. Muitos conheceram em seu cartaz as primeiras agonias de uma estréia. Foi o descobridor de Dias Gomes, vinte anos antes de ter êste escrito sua obra-prima, *O Pagador de Promessas*. Recém-chegado da Bahia, o jovem escritor lhe entregara uma comédia intitulada *Pé de Cabra*. Procópio representou-a e, farejando nêle o futuro autor de êxito, contratou-o, com ordenado mensal, para lhe escrever novas peças. O arranjo não foi muito estimulante para o talento de Dias Gomes, que iria precisar de mais algum tempo para a sua maturação. Mas o futuro provaria que Procópio não se enganara.

Isso não quer dizer que êle sempre fôsse infalível em seus julgamentos. O teatro é um terreno perigoso, onde, a trechos, há areias movediças. Muitas vezes, Procópio jogava num autor nôvo, mesmo para perder dinheiro, à espera de que êste viesse a lhe dar a peça de grande êxito popular, com bilheteria capaz de compensar os sacrifícios anteriores. Deu, por exemplo, duas peças fracas de Guilherme Figueiredo, *Lady Godiva* e *Greve Geral*, esta uma simples paródia burguesa da *Lisístrata*, de Aristófanes. Mas, depois, quando teve nas mãos *A Rapôsa* e *as Uvas*, de grande sucesso nacional e internacional, hesitou e acabou por passar o texto adiante, proporcionando a Sérgio Cardoso um êxito retumbante.

Minhas relações com Procópio, algumas vezes tumultuadas por incidentes que felizmente acabaram superados sem quebra das nossas relações pessoais e teatrais, têm também um exemplo parecido. Devo-lhe a representação de várias das minhas peças, das primeiras que escrevi, como *O Homem Que Fica*, *Casamento No Uruguai* e *Palmatória do Mundo* (esta em colaboração com Batista Júnior). Não sei se perdeu dinheiro com tôdas elas, mas com a última tenho plena certeza. Entre-

tanto, fôra expressamente para Procópio que eu escrevera a comédia *O Calcanhar de Aquiles*. Já estava em ensaios, para suceder a *Maria Cachucha*, de Joracy Camargo, quando Abadie Faria Rosa, então diretor do Serviço Nacional de Teatro, surgiu no Serrador, com uma peça debaixo do braço, intitulada *Suicídio Por Amor*. Prometera a Procópio uma subvenção e êle retirou *O Calcanhar de Aquiles* dos ensaios. Brigamos. Recolhi a peça, sem aceitar adiamentos. Dei-a aos garotos do Grêmio Teatral do Colégio Pedro II, a pedido de Manuel Bandeira e Raul Penido Filho. Acabei tendo como intérprete, em vez de Procópio, o

adolescente José Magalhães Graça. E o êxito foi tal que Joracy Camargo, improvisado em ator à frente de uma companhia, a interpretou por todo o Norte e Nordeste, ao lado de Hortencia Santos. Jayme Costa quis, então, representá-la. Mas só o faria com um título nôvo. E assim a comédia repudiada passou a ser *A Família Lero-Lero*, o maior sucesso popular da carreira de Jayme Costa.

Procópio reconheceu que fôra precipitado, atirando nas mãos de um rival uma peça que lhe poderia ter garantido tôda uma temporada. Ao fazermos as pazes, disse-me: "Você ainda há de escrever uma peça dessas para

**UM DOS MAIORES PRESENTES DE
PROCÓPIO AO NOSSO TEATRO FOI
SUA FILHA, BIBI FERREIRA, A IN-
COMPARÁVEL INTÉRPRETE DE MY
FAIR LADY**



Procópio sempre foi mestre na arte de resolver dificuldades e eliminar personagens, para poder levar o teatro ao interior

*Pela segunda vez em sua carreira, o nosso maior ator vive a figura de Harpagão. Agora, para dirigi-lo em *O Avaro*, veio de Paris o francês Henri Doublier, especializado em espetáculos de Molière, e ficou assombrado com o fabuloso intérprete que encontrou no Brasil.*

mim". Escrevi **João Gangorra**. Foi, na verdade, um grande sucesso de Procópio, preenchendo uma temporada inteira no Serrador. Mas com o nome trocado para **Essa Mulher é Minha**, à revelia do autor quando da estréia da peça na Bahia. (Talvez tenha sido bom, porque, pouco tempo depois, Tônia Carrero deu **Dois na Gangorra**, de William Gibson.)

O cinema não podia deixar de atrair Procópio. Fêz em Portugal o seu primeiro filme de longa metragem: **O Trevo de Quatro Fôlhas**, que não foi uma experiência feliz. Mas, no Brasil, dez anos mais tarde, faria dois outros filmes, **O Comprador de Fazendas**, excelente adaptação do conto de Monteiro Lobato, com Henriette Morineau, Hélio Souto e Jayme Barcelos, e depois **O Homem dos Papagaios**. Mas cedo pareceu ter compreendido que o seu elemento era mesmo o teatro. Passou, também, pela televisão, realizando uma série de programas, baseados em peças que criara no palco. Mas, hoje, só aparece esporadicamente, num ou outro programa, como artista convidado. Num destes apareceu com Aida Ferreira (a mãe de Bibi), a filha e a neta, que já está uma mocinha e também tem dotes histriônicos. Foi uma das raras ocasiões em que a família tôda estêve reunida em público, representada por três gerações.

As preocupações de Procópio com o teatro nacional foram documentadas, ainda há pouco, com a publicação da correspondência de Coelho Neto pelos **Anais da Biblioteca Nacional**. Ali há uma longa carta de Procópio ao ilustre escritor, datada de 20 de maio de 1931, apoiando uma proposta apresentada pela SBAT à Prefeitura do então Distrito Federal, através do Conselho Consultivo do Teatro Municipal, de que Coelho Neto era o membro mais destacado. Tratava-se da destinação de uma verba de 100 contos, em subvenções ao "teatro de declamação". Procópio se batia pela "obrigação de constituição do repertório

com metade, pelo menos, de peças nacionais", bem como o compromisso de representarem as companhias "seis ou sete meses, por ano, na Capital da República".

Na carta em aprêço, dizia Procópio: "Pela necessidade imperiosa da sua própria subsistência, as companhias de declamação, existentes no país, são forçadas, muitas vezes, a encenar peças estrangeiras, de preferência às nacionais; com isso, a produção nacional vai perdendo, naturalmente, o seu melhor estímulo, o'que se não daria se, às empresas, fôsse reservada, por meio de um prêmio, uma pequena compensação pelo ônus que pode advir da montagem de um original brasileiro. Em uma palavra: a peça nacional sofre, de si, a concorrência da peça estrangeira, o que cumpre obviar; e eu seria o primeiro a prestar-me mais gostosamente a isso do que me estou prestando, desde que, como empresário, me fôsse dada uma situação em que os possíveis sacrifícios de uma tentativa nacionalista pudessem de alguma sorte ser minorados. O prêmio anual que a SBAT pleiteia para as companhias nacionais, dando possibilidade à montagem de originais brasileiros, traria como resultado (o que se verificou em outros países da América do Sul) o gôsto do público pelas nossas obras e, como consequência, um grande e largo passo em prol da criação, que tanto almejamos, do teatro nacional". Procópio achava isso melhor do que subvencionar companhias caríssimas "para gáudio dos 300 de Cedeão" do Teatro Municipal, "sem a presença do povo, visto que se realizaria (a temporada) numa casa de espetáculos inacessível, por sua natureza, à frequência do elemento popular". Na conquista de platéias populares, Procópio não teve paralelo, no teatro nacional. Nestes 52 anos de atividade, êle levou sua companhia a lugares por onde jamais havia passado nem mesmo o mais ordinário e corajoso mamembe.

* * *

Balzac era um homem que sabia apreciar devidamente tôdas as coisas boas que a vida pode proporcionar. E principalmente aquelas que só o dinheiro concede. Um seu tio, já idoso, que conseguira amontoar uma fortuna considerável graças à usura, faleceu, deixando-o o único herdeiro dos seus bens. Balzac, ao tomar conhecimento da notícia, imediatamente a participou aos seus amigos mais íntimos: "Ontem pelas 5 horas da manhã, meu tio e eu trocamos esta vida por outra melhor."

(Da Revista AUTORES, da SECTP)

No decorrer de um jantar mundano, o conhecido escritor policial Georges Simenon, foi interrompido três ou quatro vezes quando contava uma anedota. No final da refeição, não hesitou em comentar:

— Nunca conseguí, em reuniões de sociedade, acabar de contar uma história. Foi por isso que resolvi, um belo dia, tornar-me romancista e começar a contar à minha vontade a história do inspetor Maigret. Nos livros ninguém me interrompe...

(Da Revista AUTORES, da SECTP)

SAUDAÇÃO A VINICIUS

A Sociedade de Escritores e Compositores recebeu na sua sede, na tarde do dia 6 de Dezembro, o distinto escritor brasileiro Vinicius de Moraes. Numerosas individualidades das letras e das artes, bem como numerosas senhoras, encheram as salas da Sociedade. Presidiu à sessão o Sr. Dr. Augusto de Castro ladeado à sua direita pelo homenageado e, à esquerda, pelo Sr. Dr. Manuel Teles, presidente da União do Grêmio dos Espetáculos. Usaram da palavra o diretor deste Boletim para saudar Vinicius de Moraes, em nome da Sociedade de Escritores e Compositores, e o Dr. David Mourão Ferreira para se ocupar da personalidade e da obra do nosso ilustre homenageado. Vinicius, com afetuosa simplicidade, agradecendo a homenagem que lhe fôra prestada, expressou o seu amor e a sua admiração por Portugal e pelos portugueses e disse, entre aplausos, alguns dos seus poemas. O Dr. Augusto de Castro encerrou a sessão. Seguiu-se um cocktail oferecido a todos os convidados. O retrato de Vinicius que publicamos foi feito expressamente para esta Revista pela distinta artista Maria Helena Reis.

O nome de Vinicius de Moraes é hoje largamente conhecido entre nós, — direi antes: em todo o mundo culto — não só nos círculos sempre reduzidos dos habituais leitores de boa poesia, mas também no âmbito mais vasto dos apreciadores da música ligeira do Brasil. Muitas são, com efeito, em canções brasileiras que desde há mais de dez anos se encontram em voga, as “letras” — e nalgumas até as músicas — que trazem a sua assinatura, tendo contribuído, como poucos, para o movimento renovador da chamada “bossa nova”. Muito antes, porém, de ter obtido esta larga audiência, já o nome de Vinicius de Moraes definitivamente se impusera como o de um dos maiores poetas do amor de todos os tempos. Logo o seu primeiro livro — *O Caminho para a Distância*, publicado

aos vinte anos, o colocou na primeira linha dos poetas brasileiros pós-modernistas. Depois, em volumes como *Forma e Exegese* (de 1935), *Ariana a Mulher* (de 1936), *Novos Poemas* (de 1938) e *Cinco Elegias* (de 1943), o lirismo de Vinicius de Moraes, expresso em versos livres de larga ondulação, em que não era estranha porventura a sombra de um Walt Whitman, de um Charles Péguy e de um Paul Claudel, mais plenamente se desenvolveu, por entre as solicitações contraditórias da carne e do espírito, do mundo e da alma, do tempo e da eternidade.

Mas é a partir do livro *Poemas, Sonetos e Baladas*, de 1946, que a poesia de Vinicius de Moraes mais plenamente se autonomiza: o aparente constrangimento de certas formas regulares, como o soneto ou a balada em redon-

dilhas, permite-lhe afinal, por mais estranho ou paradoxal que pareça, uma concentrada liberdade de expressão que o torna deveras inimitável. Como sonetista, Vinicius de Moraes (que viria, aliás, a recolher toda a sua produção, dentre de tais moldes, num *Livro de Sonetos*, primeiramente publicado em 1957 e que já hoje conta várias edições) não tem muitos emulos na poesia contemporânea de língua portuguesa.

Não só nos sonetos, no entanto, se manifesta a mestria verbal de Vinicius de Moraes, do Vinicius de Moraes dos *Poemas, Sonetos e Baladas*: também nos curtos ou longos poemas de forma estrófica variável, também, sobretudo, nas saborosas baladas em redondilhas, a arte poética de Vinicius parece miraculosamente posta ao serviço de uma necessidade mágica

de exprimir o essencial e de lograr, nessa expressão, os mais altos graus de encantamento.

Por outro lado, uma certa orientação de crítica social, na poesia de Vinicius, não fará senão intensificar-se e ampliar-se a partir dos **Poemas, Sonetos e Baladas**: nomeadamente no livro **Pátria Minha** e no segundo volume de **Novos Poemas**, respectivamente publicado em 1949 e 1959. Por vezes, essa crítica social aparece entrecidada com percutantes notas de "humor" e integrada em mais largas preocupações de natureza cósmica, como é o caso, por exemplo, desse célebre poema **O Dia da Criação**, cujo estribilho da segunda parte ("Porque hoje é sábado") serve para introduzir avulsas e desencontradas imagens, ora pitorescas ora pungentes, quase sempre dissonantes, da realidade que nos rodeia. Em contrapartida, na terceira parte do poema, embora sem abandonar os recursos do "humor", Vinicius de Moraes, em versos mais longos e métricamente mais desarticulados, imagina as vantagens metafísicas de não ter chegado a existir o sábado, dia da criação do Homem: "Melhor fora que o Senhor das Esferas tivesse descansado. / Na verdade, o homem não era necessário / (...) Seria a indizível beleza e harmonia do plano verde das terras e das águas em núpcias / A paz e o poder maior das plantas e dos astros em colóquio / A pureza maior do instinto dos peixes, das aves e dos animais em cópula". Esta capacidade para entrelaçar o quotidiano e o cósmico, o absurdo e o sublime, a ironia e o êxtase, fundindo-os num todo inquietante, pánicamente belo, sugestivamente transfigurador — constitui, sem dú-

vida alguma, a grande marca de um grande poeta, a grande marca do grande poeta que é Vinicius de Moraes.

Noutras ocasiões, o seu instinto de crítica social, em vez de se originar num movimento de "humor" e desembocar no plano cósmico, radica-se num acontecimento histórico e transforma-se em profecia política. Assim acontece com o poema intitulado **A Bomba Atômica**, na qual Vinicius saúda essa mortífera invenção como provável salvadora da humanidade ("Guarda de uma nova era / Arcanjo insigne da paz!"), endereçando-lhe uma espécie de madrigal, que oscila entre os pólos de uma toada de "berceuse" e de uma quase crítica linguagem de intenso barroquismo.

Ulteriormente, ainda que de modo episódico, Vinicius soube ainda encaminhar os seus profundos anseios de justiça social pelas vias do poema "didático", nas proximidades ideológicas de Bertold Brecht, tendo criado, neste domínio, algumas pequenas obras exemplares como é o caso de **O Operário em Construção** — onde, a meu ver, aquilo que se perde em invenção propriamente poética, em sortilégio metafórico e em sugestão imaginística, se ganha, todavia, em eficácia comunicativa, no plano da praxis, em desassombro de combatividade e de denúncia, em direta generosidade humana; e, em certas épocas como a nossa, vale bem a pena semelhante troca.

Mas isto não bastava ainda, a Vinicius de Moraes, para que ele se sentisse plenamente um homem entre os homens, um poeta — um esfomeado de poesia — entre os outros esfomeados de toda a sorte, que são igualmente,

sem exceção, esfomeados de poesia. Era-lhe preciso comunicar, de modo mais direto, com toda a gente, ir mais ao encontro de toda a gente. Porque há-de a poesia resignar-se a manter-se encarcerada nos livros? É necessário quebrar as grades da palavra escrita, arrombar as paredes das páginas, vir cantar para o meio da rua. E foi isto que fez Vinicius de Moraes.

Estimulado pelo êxito obtido pela sua peça **Orfeu da Conceição**, apresentada em 1956, e pelo filme **Orfeu Negro** que Marcel Camus retirou dessa peça, Vinicius — que desde sempre, aliás, compusera canções de índole popular, letras e músicas de sambas — enveredou corajosamente por esta atividade complementar da poesia (ou em que a poesia é mais completa) e assim revolucionou inteiramente as características do gênero, e assim contribuiu para que a música brasileira corresse o mundo, e assim criou obras inimitáveis — onde a graça e a inspiração, a ternura e o bom-gosto, o ritmo e os mais altos ideais de fraternidade passaram, finalmente, a caminhar de mãos dadas, para aumentar, no universo, o sempre tão precário tesouro da alegria de viver.

Mas ainda isso não lhe chegou. E Vinicius fez-se o intérprete das suas próprias composições. Diplomata de carreira, alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, de um dia para o outro virou artista de "bolite", virou artista de teatro; e o mais admirável — honra seja feita a esse grande país! — é que o Ministério das Relações Exteriores não pareceu escandalizar-se com o caso, certo seguramente de que Vinicius, deste modo, continuava e continua a servir o Brasil.

Saudemos, pois, em Vinicius de Moraes, o milagre e a coragem da poesia em todas as formas, da poesia em toda a parte, da poesia para toda a gente.

Poeta do amor — da mulher, da morte e da lua —, Vinicius soube sempre satisfazer o gosto mais exigente dos exegetas mais esotéricos; mas soube também evadir-se do fechado círculo onde esses dons o tornavam incomparável — e descer à rua, e subir ao palco, e vir até junto do povo para que não encontrasse fronteiras a amplitude da sua voz. Poeta da condição humana, nesta confusa hora de mutação em que todos vivemos, Vinicius tem igualmente sabido — como raros, muito raros, na poesia de qualquer língua — perscrutar alguns dos aspectos mais enredados da exploração do homem pelo homem, alguns dos motivos mais enigmáticos da angústia e da esperança que nos irmanam, alguns dos movimentos mais ocultos da grande vaga que nos arrasta e que nos há-de fazer atingir o litoral de dias melhores; mas tem sabido, ao mesmo tempo, renovar em nossos dias aquele antiquíssimo ideal do trovador ambulante, que permanece adormecido na alma de cada poeta — e, mercê do qual, nesta Idade-Média que nos coube em sorte, continua a outra Idade-Média a manter-se vi-



va. Poeta do passado tornado presente, poeta do presente tornado futuro, Vinicius é um exemplo, Vinicius é um escândalo, Vinicius é uma luz a romper dentro da nossa penumbra.

Obrigado, Vinicius, querido e velho Amigo que só conheci

pessoalmente há meia-dúzia de dias! Obrigado, Vinicius, por teres vindo! Obrigado por te encontrares junto de nós!

(Da Revista AUTORES, da nossa congênere Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses).

* * *

Kean, o célebre ator inglês, tendo tido uma questão com o diretor do teatro em que representava um certo Rich, saiu da cidade de Bath. Mas, aborrecido com o que se tinha passado, tentou reconciliar-se com Rich e escreveu-lhe a seguinte carta: "Estou em Bath. Kean". Rich, pouco disposto a fazer as pazes, respondeu-lhe: "Deixe-se ficar aí até que o diabo o leve. Rich."

(Da Revista AUTORES, da SECTP)

Michel Simon, o conhecido ator de cinema francês, almoçava, um dia, num restaurante em voga de Paris. A certa altura, ouviu um cliente, sentado numa mesa próxima, segredar para a senhora que o acompanhava:

— Como está velho o Michel Simon!

Logo o ator voltou-se para o sujeito e disse-lhe com a maior naturalidade:

— Velho... e surdo!

(Da Revista AUTORES, da SECTP)

BASTIDORES

DJALMA BITTENCOURT

- ★ MICHEL SIMON manda-nos um exemplar de *LE PETIT CHEVAL BLUE*, que é *O CAVALINHO AZUL*, de Maria Clara Machado, com música de Reginaldo de Carvalho, na sua tradução para o francês, numa edição do "Théâtre enfance et jeunesse".
- ★ "BEATRIZ E O DISCURSO SOBRE AS ENGRENAGENS", peça de Carlos Luiz Campanella, foi proibida pela Censura em todo o território nacional.
- ★ "BOA TARDE, EXCELENCIA", consagrada peça de Sergio Jockyman, também foi proibida pela Censura. Essa peça estreou em 12 de janeiro de 1967, no Teatro Cacilda Becker, de São Paulo, já foi apresentada em quase 30 Cidades, num total de 308 representações.
- ★ **TEATRO MARIA DELLA COSTA**, de São Paulo, volta a ser anunciado para venda, por 800 mil cruzeiros novos. De quando em vez Sandro se aborrece e quer se desfazer do seu Teatro, que é uma das tradições da Capital de São Paulo. E Sandro aproveita a chance para desabafar: "Não posso mais viver só para as despesas. Não quero falar muito no assunto, porque vão dizer que estou sempre reclamando. Mas a verdade é que defendo a arte há mais de quinze anos e não vejo nada a meu favor." E acrescenta: O prédio pode ser derubado pois a área é ótima para edifício de apartamento, garagem, mercado ou qualquer outra coisa. As propostas devem ser encaminhadas a Sandro Poloni, que reuniu a imprensa para dizer que já está cansado de sofrer prejuízo, por amor à arte".
- ★ O diretor de Relações Públicas da Air France, sr. José Luiz de Abreu, reuniu os críticos dramáticos (Luiza Barreto Leite,
- Yan Michalski, Martin Gonçalves, Henrique Oscar, Edgar de Alencar, Bricio de Abreu e Van Jafa), para votação do **Prêmio Molière**, que significa os melhores na cena carioca em 68. Foram premiados com uma passagem Air France Rio-Paris-Rio, os seguintes artistas nas devidas categorias: Maria Clara Machado — Melhor Autor por *Maria Minhoca* e *O Aprendiz de Feiticeiro*, Ivan de Albuquerque — Melhor diretor por *Jardim das Cerejeiras*, Glaucê Rocha — Melhor atriz por *Um Uísque para o Rei Saul*, Paulo Autran — Melhor ator por *O Burguês Fidalgo*, Kalma Murtinho — Melhor figurinista por *Jardim das Cerejeiras*, e Marcos Flaksman — Melhor cenógrafo por *Hipólito*.
- ★ EM SÃO PAULO, o "Prêmio MOLIERE", depois de cuidadosa votação, foi conferido: ao autor Antonio Bivar ("*Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã*"), com 12 votos, contra 1 dado a Gianfrancesco Guarnieri ("*Animalia*") e 1 em branco; o diretor Antunes Filho ("*A Cozinha*"), com 10 votos, contra 4 dados a José Celso Martinez Corrêa ("*Galileu Galilei*"); a atriz, Lillian Lemmertz ("*Dois na Gangorra*"), teve 8 votos contra 6 de Italia Nandi ("*O Poder Negro e Galileu Galilei*"); o ator, Juca de Oliveira ("*A Cozinha*" e "*Dois na Gangorra*") conseguiu 6 votos, contra 5 dados a Stenio Garcia ("*O Cemitério de Automóveis*"), 2 a Claudio Corrêa e Castro ("*Galileu Galilei*") e 1 a João José Pompeo ("*As Criadas*"). Finalmente, em revelação, Lourdes de Moraes ("*Agamenon*") recebeu 5 votos, Heleny Guariba ("*Jorge Dandin*") 4 e Ana Lucia Vasconcelos ("*Electra*") 3.
- ★ PAULO DE MAGALHÃES realizou Conferência sobre Teatro, na ABI, dia 13 de março, focalizando problemas do Teatro contemporâneo, inaugurando o Curso de Teatro do Departamento de Teatro Dom Vital, de 1969, tendo o Professor Olavo de Barros iniciado o ciclo de estudos com uma aula sobre interpretação.
- ★ **TEATRO DULCINA** será vendido e terá destino completamente diverso, surgindo outro Teatro, na Zona Sul, mandado construir pela Fundação Brasileira de Teatro, que é a proprietária do Teatro Dulcina. Pouco se fala sobre a quantidade de teatros, mas o fato é que o Rio

possui trinta Teatros. E o curioso é que há Companhias à procura de teatros. Há muito que dizer sobre essa venda do Dulcina e a construção de um outro pela Fundação Brasileira de Teatro. Trata-se de um assunto da maior importância e que não deve ficar numa promessa individual. Se os órgãos do Governo contribuíram para que a Fundação pudesse adquirir o Dulcina, nada mais justo do que sua intervenção no sentido de documentar a venda e a construção de um novo Teatro. A venda não cobrirá o custo de um novo Teatro, é claro. E a Fundação estaria em condições de assumir a responsabilidade de pagamento do saldo necessário?

★ MORTE E VIDA SEVERINA, de João Cabral de Melo Neto, música de Chico Buarque de Hollanda, tem seus direitos de exclusividade de representações em todo o território brasileiro vinculados à Companhia Paulo Autran. Assim, nenhuma representação poderá ser autorizada a qualquer outra companhia ou Grupo, principalmente nas Cidades que estejam no roteiro artístico de Paulo Autran. Direitos autorais: 15% da renda bruta de cada espetáculo.

★ FUNDAÇÃO CULTURAL DO AMAZONAS tem Diretor que não compreende bem a questão do Direito Autoral e pretende acobertar-se sob o título de "Fundação Cultural" para fugir ao pagamento dos direitos devidos aos autores, calculados na base de porcentagem sobre o preço pelo qual a Fundação compra os espetáculos às Companhias. Além dessa porcentagem sobre o preço da cessão do espetáculo à Fundação quer, ainda, a SBAT, como de justiça, uma porcentagem sobre a diferença verificada entre o que foi pago à Companhia e o que foi apurado pela Fundação com a venda de ingressos na Bilheteria do teatro.

Para exemplificar, embora esteja bem claro o que desejamos: A Fundação compra espetáculos a determinada Companhia pela quantia de 10 mil cruzeiros novos. Primeiro direito autoral: 1 mil cruzeiros novos, se for o caso da tabela de 10%. A Fundação abre bilheteria e apura um total de 20 mil cruzeiros novos. Direito autoral: mais 1 mil cruzeiros novos sobre

a diferença entre a compra à Cia. e a venda ao público. Fora disso, não há nenhuma possibilidade de se conceder autorização para representar qualquer peça teatral ou show sob controle da SBAT. E se a apresentação for feita sem a autorização prévia, poderá ser confiscada a bilheteria, interditado o espetáculo, etc., etc.

★ MORREU GRIJÓ SOBRINHO, em janeiro último, aos 73 anos de idade, quase que totalmente dedicados à vida de teatro, onde conseguiu lugar de destaque nas Companhias de Revista em que tomou parte. Grijó também colaborou em alguns sketches e cenas cômicas, dada a sua grande tarimba de homem de teatro.

★ PROF. ILDEFONSO MASCARENHAS DA SILVA, antigo Consultor Jurídico da SBAT e nosso muito estimado Amigo, foi nomeado Desembargador, tomando posse no dia 20 de março, no Tribunal de Justiça. Telegrama da SBAT: "SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS congratula-se ilustre Amigo eminente Jurista pela feliz e acertada nomeação cargo desembargador integrando a mais alta Corte Justiça da GB com sua figura elevada reputação e idoneidade vg aliadas comprovada cultura Jurídica pt Saudações Cordiais Joracy Camargo vg Presidente".

★ E LÁ SE FOI O BOM ATAULFO ALVES, às portas dos 60 anos, bem vividos, cheios de sucessos, como compositor e intérprete. Ataulfo deixou grande bagagem musical e uma outra muito maior, ilimitada, composta pelo elevado número de seus amigos e admiradores. Oito mil pessoas lotaram o cemitério de Catumbi para levar o último adeus a Ataulfo Alves. Nossos pésames à congênere União Brasileira de Compositores, onde Ataulfo desempenhava funções das mais importantes no Conselho Diretor e na ADAF.

★ "MASSACRE", de Emmanuel Roblés, tradução de Miroel Silveira, foi proibida pela Censura Federal. Chama-se "MONSERRAT" no original, teve sua estréia em Paris em 1948 e no Rio de Janeiro em Setembro de 1951, no Teatro Regina, pela Companhia de Graça Melo. Daí para cá foi representada mais de 400 vezes em 20 Cidades.

★ OS CARTAZES TEATRAIS DO RIO DE JANEIRO, neste finzinho de abril, mostram o seguinte: no Princesa Isabel, Procópio interpreta O AVARENTO, de Molière, numa versão de Pedro Veiga; no Teatro da Lagoa, Chico Anísio apresenta-se só, num show magnífico de humorismo sadio; EVA, na Maison de France, dá uma nova versão de OLHO N'AMELIA, o vaudeville de Feydeau "Occupe-toi d'Amelie", numa tradução moderna de João Bethencourt; Dercy, no Serrador, com A VIÚVA RECAUCHUTADA, adaptação de Miroel Silveira; no Carlos Gomes, Silva Filho e Angelita Martinez, com LEVANTA A CABEÇA, revista de Luis Felipe Magalhães; no Mesbla, "CHANTAGEM", com Vanda Lacerda e outros, sob a direção de John Procter; no Teatro Santa Rosa, um show com Elza Soares e as preparações para a apresentação de PEPSIE, comédia moderna, que traz a chancela de R. Magalhães Junior; no Ginástico, as últimas do show de Simonal enquanto De Cabo se prepara para lançar a comédia CATARINA DA RÚSSIA, NATURALMENTE — do espanhol Alfonso Paso, tendo como primeiras figuras a veterana Dulcina, Tereza Rachel, Alberto Perez e Emiliano Queiroz, além de Rubens de Falco; no Glaucio Gill, A COMÉDIA DOS ERROS, de Shakespeare, numa excelente versão de Barbara Heliodora; no Rival, a revista de Olindo Dias e Americo Leal, TOCANDO NA BANDINHA DELA; no João CAETANO, as Marionetes de Rosana Picchi; no Teatro de Bolso, QUANDO AS MÁQUINAS PARAM, de Plínio Marcos, com Vera Viana e Ginaldo de Sousa; no Teatro Jovem, o JOVEM HOMEM FEIO, de Albee, sob a direção de Luis Carlos Maciel; no Copacabana, LINHAS CRUZADAS, tradução e direção de João Bethencourt, com Tarcísio Meira e Gloria Menezes; e mais uma série de teatro infantil, nos diversos teatros, com originais de Maria Clara Machado, Jair Pinheiro, Lucia Benedetti, Roberto de Castro, preenchendo magnificamente as manhãs e as tardes dos sábados e domingos, divertindo a petizada.

★ EM SÃO PAULO OS CARTAZES SÃO ESTES: A Cia do Teatro Oficina, sob a direção de José Celso Martinez Correia, voltou a apresentar, com absoluto sucesso, a peça de Brecht — GALILEU GALILEI — dando continuidade ao êxito que obtivera no João Caetano, do Rio de Janeiro; no Teatro Anchieta, A MORENINHA, adaptação de Mi-

roel Silveira, com música de Claudio Petraglia, entra no seu 4.º mês de sucesso, com Marília Pera, Perry Sales e outras figuras de prestígio; José Vasconcelos, no Teatro das Nações, com NAO HÁ CUPIDO QUE AGUENTE, de Meira Guimarães; no Teatro Bela Vista, Tonia Carrero e Jardel Filho, com Cecil Thiré, apresentam FALANDO DE ROSAS; no Treze de Maio, Ruth Escobar apresenta, em 7.º mês, CEMITÉRIO DE AUTOMÓVEIS, de Arrabal; no Galpão, OS MONSTROS, com Raul Cortez, Ruth Escobar, e outros; no Italia, o Grupo União mostra O CINTO ACUSADOR, do clássico Martins Pena, sob a direção de D'Aversa; Fernanda Montenegro e Guarnieri, mostram no SÃO PEDRO, o original do próprio Giafrancesco Guarnieri — MARTA SARÉ; e Maria Della Costa, no seu Teatro, TUDO NO JARDIM, de Albee, tradução e direção de Flavio Rangel, além de algumas excursões, pelo interior, com essa mesma peça; no Teatro Cacilda Becker, ESPERANDO GODOT, com a própria Cacilda, Walmor Chagas e a direção de Flavio Rangel, que é o tradutor da peça; e no Teatro de Arena, Plínio Marcos apresentando o seu consagrado original DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA, com Ademir Rocha; no Teatro Brasileiro de Comédia, reprise de CORDELIA BRASIL, de Antonio Bivar.

Um bom cura de aldeia, perto de Riche-lieu, vila onde morreu Anatole France, encontrou-se, um dia, com o grande escritor perto de uma farmácia de Tours. Os dois homens apresentaram-se um ao outro e, depois de trocadas as apresentações, Anatole disse, sorrindo, ao padre:

— Escrevi livros muito maus e o bom Deus não deve gostar de mim.

Humilde, o sacerdote respondeu:

— O bom Deus, senhor Anatole France, não tem tempo para ler os seus livros. Ele tem tanto que fazer!

Logo Anatole murmurou contrito:

— Tem razão. Não tinha pensado nisso.

E desde aquele dia, Anatole e o cura tornaram-se os melhores amigos deste mundo.

(Da Revista AUTORES, da SECTP)

V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MAQUIAVEL

Mario da Silva

A 3 de maio de 1469, na cidade de Florença, nascia Maquiavel, isto é, mais precisamente, Niccolò Machiavelli. Não há dúvida de que transcorrendo este ano, portanto, o V centenário de tão importante data no calendário da cultura universal, será comemorada e comemorada condignamente, como se costuma em ocasiões semelhantes, a figura do mais vigoroso prosador italiano do Quinhentos, do historiador coerente e preciso, do lúcido e implacável realista político de "*Il principe*", daquele que foi, para usar uma expressão do grande crítico literário italiano Francesco De Sanctis, a mais clara e séria consciência de todo o movimento cultural, que, desde Petrarca e Boccaccio, no século XIV, se estendeu, na Itália, até meados do século XVI. "O homem, tal como o concebe Maquiavel", escreve De Sanctis, "não tem o rosto extático e contemplativo da idade Média e não tem o rosto tranquilo e idílico da Renascença. Tem o rosto moderno do homem que opera e trabalha em torno de um escopo. Cada homem tem sua missão nesta Terra, conforme suas aptidões. A vida não é um jogo da imaginação e não é contemplação. Não é teologia e, tampouco, arte. Tem ela, na Terra, sua seriedade, seus fins e seus meios. Reabilitar a vida terrena, dar-lhe um escopo, refazer a consciência, recriar as forças interiores, restaurar o homem na sua seriedade e na sua atividade, este o espírito que adeja em todas as obras do Maquiavel". Mas não caberia evidentemente a uma revista puramente de teatro, como esta, dedicar especial atenção ao magno acontecimento, se não fôsse que Maquiavel escreveu, também, obras teatrais. Escreveu-as por desfastio, para matar o tempo, como se diz, depois que, por motivos políticos, foi posto para fora da administração pública de Florença, onde exercera funções de importância; mas isso não impediu que ele se tornasse autor de "*La mandragola*", a melhor e mais viva comédia de toda a Renas-

cença italiana, superior, na opinião da crítica moderna, a todas as de Ariosto ou de Aretino, de Lorenzino de' Medici, Annibal Caro, Grazzini, Cecchi, Bibbiena, Alessandro Piccolomini, Giambattista della Porta e quantos outros, literatos de profissão ou talentosos dilettantes, andaram escrevendo comédias por volta daqueles anos, inclusive por vezes aquele genial Angelo Beolco, chamado o Ruzzante.

Como autor teatral original, Maquiavel só tem mesmo ao seu ativo esta "*La mandragola*". A comédia "*Le maschere*", que lhe é atribuída e que, alias, é imitada de Aristófanes, não há certeza absoluta de que seja realmente sua; a "*Clizia*" não passa de uma adaptação, no gosto humanista, da "*Casina*" de Plauto; e quanto a "*L Andria di Terenzio tradotta in toscano*", o próprio título indica que se trata de uma tradução da "*Andria*" de Terêncio.

"*La mandragola*" ou, em português, "A mandrágora", já foi representada em várias cidades brasileiras (na tradução do nosso associado Mário da Silva) e, também, publicada. Isto nos permite considerar como conhecido, pelos leitores, o seu argumento. Assim, nos limitamos a transcrever aqui, traduzindo-os, *data venia*, os elementos essenciais do juízo que a seu respeito formulou um dos mais ilustres e justamente respeitados estudiosos contemporâneos de teatro, o italiano e católico Silvio D'Amico, falecido na década de 50, no II volume de sua "*Storia del Teatro Drammatico*" (Roma, 1939):

A arte triunfa, integralmente, com a obra-prima de Niccolò Machiavelli. Este, após exercitar-se imitando o Aristófanes de "As nuvens" numa comédia intitulada Le maschere e traduzindo a "Andria" de Terêncio, toma repentinamente um argumento digno de um conto de Boccaccio; dá-lhe desenvolvimento cênico; e nasce La mandragola. Não parece mais do que uma burla; mas o poeta a ergueu para um clima incandescente; deu-lhe uma significação que resume o século e o supera.

E, após resumir o enredo da obra:

Uma burla, se disse. Mas, nela, a atroz novidade, na qual provavelmente não refletiram os espectadores do seu tempo, é que na sua cena, entre as casas postas, há dois mil anos, uma defronte da outra, na costureira praça encontra-se uma igreja! Desta, diz Arturo Graf, saíra, no passado, o Drama sacro, ao passo que, agora, sai "a comédia do embuste e da torpeza". Não sabemos se alguém já observou como esta Mandragola ocupa realmente,

na História do teatro, o pólo oposto ao da Sacra Representação medieval. E não só, é óbvio, pela técnica cênica, que é substancialmente a clássica; mas pelo espírito que a percorre e a movimentação desde o interior. O grande tema do Drama sacro, o Milagre, tornou-se, aqui, o específico que a velhacaria de um intrigante propõe a um velho imbecil. Toda a Idade Média, dos Miracles de Notre Dame às piedosas histórias de Santa Uliva, de Rosana, de Siella, parecia haver-se detido em propor, para exemplo da virtude feminina, as heroínas da passividade, da obediência, da suportação a qualquer preço. E eis Maquiavel levar à cena a esposa honesta, simples e dócil, que a obediência e a passividade conduzem diretamente para a corruptela. Dai às mulheres (ou à humanidade), como suma norma ética, a aceitação passiva do preceito imposto pelos maiores ou pela Igreja é suficiente que os maiores se chamem Sóstrata, autoridade materna outorgada à mais condescendente palermice; é suficiente que a Igreja seja frei Timóteo, isto é, o Catolicismo em ato como podia concebê-lo Maquiavel no século XVI,

amoralismo congênito e, já agora, bonachão, utilitarismo todo mansas argumentações; e Lucrécia (ironia do heróico nome romano) se tornará, por exortação deles, presa do seu insidiador.

"A mandrágora" foi escrita, provavelmente, em 1520 — ou seja, para os que apreciavam certos relacionamentos históricos, no próprio ano em que Lutero dava a lume os três escritos fundamentais da sua Reforma e apenas três anos depois de haver êle, contra os abusos com as indulgências, afixado suas 95 teses na Igreja do Castelo de Wittenberg. Assim enquanto os italianos, inclusive, ao que parece o próprio papa Leão X, davam gostosas gargalhadas, não somente, está claro, diante do infortúnio conjugal de Messer Nicia, que é, sem sombra de dúvida, a personagem central e mais viva de "A mandrágora", mas, também, ante a inescrupulosa e fria cupidez de frei Timóteo, este mesmo amoralismo e utilitarismo ao qual, na prática, dava mostras de haver sucumbido a Igreja de Roma, provocava na Alemanha, as labaredas de uma revolução.

BIBLIOTECA DA SBAT

Livros Recebidos

MARIA JACINTHA

Ainda recentemente registramos nestas colunas a sua oferta do drama *Já é manhã no mar*, publicado pela Editora VOZES e que foi, há anos, nos palcos cariocas, um dos grandes êxitos da nossa admirável Dulcina. Mas agora aqui temos sobre a mesa mais duas obras de Maria Jacintho: *Convite à vida* e *Um não sei quê que nasce não sei onde*. A primeira, também criada por Dulcina, mereceu elogiosas críticas e delas destacamos as seguintes palavras de Mário de Andrade, o autor inesquecível da *Paulicéia Desvairada*: "Você pode ter a certeza do seu valor que é muito grande, vá prá frente, for favor." Quanto à segunda parece-nos que o leitor adivinhará facilmente o seu tema se o avisarmos de que foi inspirada nestes dois versos de Camões, um dos quais dá o título à obra: "Um não sei quê que nasce não sei onde/Vem não sei como e doí não sei porquê." Mais dois volumes que enriquecem a biblioteca da SBAT.

ONESTALDO de PENNAFORT

Este nosso consócio que, além de grande poeta, que o é desde *Escombros Floridos*, até *O Festim, a Dança e a Degolação*, envia-nos novas edições das suas maravilhosas traduções de Mestre William Shakespeare: *Otelo, o Mouro de Veneza* e *Romeu e Julieta*. São duas traduções que já pertenciam ao acervo da nossa biblioteca, mas que vêm agora, a primeira, em terceira edição, e a segunda, a tragédia lírica dos apaixonados de Verona, em quarta edição. Ambas revistas pelo tradutor. O êxito das sucessivas edições é a prova do seu inigualável valor.

HISTÓRIA do FLUMINENSE

Não é uma obra de teatro mas a história esportiva e social de um grande clube carioca, escrita e apresentada por Paulo Coelho Netto, escritor que herdou o talento literário de seu pai, o grande romancista Coelho Netto. Anteriormente já tínhamos recebido o primeiro volume deste trabalho pormenorizado. Com este, o segundo, o autor atualiza até 1968, a epopéia do seu clube. Na capa: a *Taça Olímpica*, outorgada ao Fluminense, em 1949, pelo Comitê Internacional Olímpico.

"Considero o direito de autor um dos direitos sagrados, se posso exprimir-me assim. Cumpro zelá-lo e defendê-lo. Nada mais belo do que a criação espiritual. Se fôsse possível, devia ser pago em mirra, incenso e ouro".

D. Manuel Gonçalves Cerejeira

O QUE É O AUTOR?

Não há dúvida de que se assiste, neste momento, a uma intensa laboração legislativa — tanto na esfera nacional dos vários Países do mundo civilizado como ao nível internacional — tendente a regulamentar a proteção dos direitos da propriedade intelectual, que geralmente se designam por "direitos de autor".

Mas o que deve entender-se por autor?

O nosso Código do Direito de Autor, aprovado pelo decreto-lei n.º 46.980, no seu artigo 8.º define como autor o criador intelectual da obra, e o artigo 20.º atribui essa qualidade àquele cujo nome venha indicado na obra pela forma usual. Trata-se, porém, de um conceito formulado em termos genéricos, que em face não só da evolução dos meios de expressão artística e da sua comunicação, como também da crescente proliferação de pretendentes ao título de autores, carece de ser convenientemente delimitado. Daí que, na última reunião do Conselho Internacional dos Autores e Compositores Dramáticos, que teve lugar em Viena no passado mês de Junho, o representante da S.A.C.D., Jean Mathysens, tenha apresentado um importante relatório sobre este problema, que foi objeto de amplo debate, e de que vamos dar uma síntese aos nossos leitores, aos quais decerto não escapará a magnitude e o alcance prático da questão.

Seria interessante, assim começou Mathysens a sua exposição, tentar definir o que é autor e o que é uma obra. Mas logo se impõe o reconhecimento de que essa definição não é, de modo algum, fácil de estabelecer.

Em todo o caso, numerosos exemplos, que vão desde o domador de animais de circo até aos técnicos, como o encenador de teatro ou o realizador de cinema, o encenador de televisão, o encenador dos espetáculos de "som e luz", os atôres e intérpretes, os coreógrafos, etc., demonstram-nos a invasão a que está sujeito o autor da obra original. Sem dúvida que alguns casos foram apreciados e resolvidos pe-

los tribunais, embora de formas diversas consoante a jurisprudência dos respectivos países, mas em casos cada vez mais frequentes, em virtude da multiplicidade dos novos meios de comunicação ao público das obras de espírito, a situação ameaça tornar-se gradualmente mais imprecisa e perigosa para os autores a que se poderia chamar "tradicionais", empregando a expressão criada quando da Conferência de Estocolmo.

Sem ter a pretensão de esgotar um assunto tão vasto quão delicado, Jean Mathysens sugere, no seu relatório, a seguinte distinção entre duas categorias de autores:

"A primeira visaria os autores da obra elaborada, escrita.

"A segunda visaria os autores das transformações, em função das quais a obra escrita e permanente se torna numa obra representada."

Existem, pois, conclui, duas categorias de autores:

"Uns que o são permanentemente; outros que o são apenas por períodos determinados, qualquer que seja o valor da sua contribuição, e independentemente dêste.

"Finalmente, além dêstes autores, há ainda os intérpretes e os técnicos, cuja contribuição não é nem criação permanente nem temporária. O encenador de teatro faz parte dos técnicos".

Este relatório deu lugar, como era de esperar, a uma longa e interessante discussão na qual tomaram parte quase todos os membros presentes. As numerosas intervenções que suscitou foram tão substanciais que não é possível resumir-las a tódas sem deturpar e sem reduzir consideravelmente o seu alcance. Retomando, porém, a síntese elaborada pelo relator no final da discussão, duas tendências se manifestaram no decurso dos debates, que podem assim resumir-se:

— Uma primeira tendência majoritária, que é uma tendência ortodoxa e tradicional, que não obstante determinados cambiantes, corresponde ao espírito do relatório de Jean Mathysens;

— Uma segunda tendência que, em função das novas técnicas que se manifestam especialmente no domínio da arte dramática em plena evolução, favorece o alargamento da qualidade de autor.

Se não é possível optar, desde já, e definitivamente, por uma destas duas tendências, importa contudo reconhecer que, no decurso da sessão, este problema foi levantado e, conseqüentemente, decidiu-se que o assunto continuará inscrito na ordem do dia da próxima

reunião do Conselho. Para corresponder ao amável convite do "Verband Deutscher Bühnenschriftsteller und Komponisten", essa reunião poderá realizar-se por ocasião do encontro de Autores Dramáticos que terá lugar em Colônia de 4 a 7 de Junho de 1969.

Em todo o caso, parece que, mesmo aqueles que estimariam ver alargado o círculo dos autores, estão de acôrdo numa conclusão comum, a saber: que de qualquer modo será necessário distinguir entre os autores da obra original e os autores das obras derivadas.

(Da Revista AUTORES, da nossa congênere Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugêses).

O CINEASTA INGMAR BERGMAN SUBVERTE HÁBITOS TEATRAIS

Ingmar Bergman tornou-se mundialmente famoso como diretor de cinema e não há cineasta, hoje em dia, que não lhe conheça e gabe as principais realizações. O que pouca gente sabe, no entanto, é que, em seu país, a Suécia, Bergman é considerado não menos importante como diretor artístico de obras teatrais. Segundo as informações que colhemos num artigo de Erwin Leiser, publicado no semanário zuriquense "Die Weltwoche" (número de 28 de fevereiro p.p.) o grande amor de Ingmar Bergman não é tanto a câmara cinematográfica, quanto o palco, e é para este que ele sempre retorna, quando se lhe apresenta a oportunidade de fazê-lo. Bergman havia-se cansado da atividade teatral quando, em 1966, abandonou a direção artística do Real Teatro Dramático, de Estocolmo. Mas, é justamente para lá que ele voltou, a partir de janeiro p.p., para iniciar os ensaios de "Woyzeck", de Georg Büchner, na quinquagésima quinta encenação teatral de sua carreira, iniciada em 1944, com um "Macbeth" de Shakespeare. Desta feita, no entanto, com o fito de vencer a distância que dizem separar, no teatro de hoje, o público dos atôres, Bergman começou os ensaios com um programa de inovações práticas, verdadeiramente revolucionárias para a tradicional casa de espetáculos. Eis seus pontos principais: fechar o primeiro e o segundo balcões e colocar lugares para 150 espectadores no próprio palco; deixar, no meio deste, apenas uma área de 15 me-

tros quadrados para os atôres; abolir a numeração dos lugares do público e vendê-los todos pelo mesmo preço (5 coroas); suprimir o guarda-roupa, até ali obrigatório, dos espectadores: cada qual vai sentar-se no seu lugar, carregando guarda-chuva, sobretudo ou o que fôr, como no cinema; abolir a estréia: aos ensaios devia admitir-se a presença de jornalistas, profissionais de teatro e alunos de escolas dramáticas e, quando a peça pudesse apresentar-se em ensaios corridos, se dariam espetáculos gratuitos durante o dia, às 11 e às 13 horas; só depois — o programa previa seu início na metade de março — é que se realizariam espetáculos a pagamento, à noite (às 18 e 20 horas). Quanto aos críticos, não mais havendo estréia, propriamente dita, não seriam absolutamente convidados para determinada noite: cada um deles poderia ir assistir ao espetáculo quando bem entendesse e escrever a seu respeito quando mais lhe conviesse. Cumpre acrescentar, no entanto, que todas essas modificações nos hábitos do público teatral de Estocolmo deviam constituir uma experiência limitada a essa encenação de Bergman e sem minimamente empenhar o Real Teatro Dramático a adotá-las em outros espetáculos.

Naturalmente, essa encenação de "Woyzeck" tornou-se objeto de comentários gerais antes mesmo que o público especial fôsse admitido aos ensaios e, depois, o público normal o fôsse a pagamento. Viu-se que o que Bergman queria era fazer uma sorte de apêlo à imaginação dos espectadores, pois é claro que nos 15 metros quadrados, que, no palco, sobravam para a representação, não podia haver cenários, que, assim, o público tinha que ima-

ginar sozinho, e, como se sabe, eles não são poucos (entre quartel, quarto de Maria, ma-fuá, consultório do médico, ruas, local público, campina, caminho no bosque à beira do lago, etcétera) os que "Woyzeck" exigiria, numa encenação normal. Quanto à linha geral da interpretação, tanto Bergman como o ator que teve a seu cargo o papel do protagonista fizeram de Woyzeck uma personagem doente, que se submete sem reagir às humilhações que lhe infligem porque não tem forças para se insurgir. Alguns críticos teatrais suecos censuraram justamente isso a Bergman, pois o caso de Woyzeck não pertence aos anais da medicina, senão que deve lançar uma luz sobre a sociedade que leva Woyzeck à ruína. Mas todos reconhecem que o encenador mostrou mão de mestre na representação do tema principal que ele viu na obra, o desespero de Woyzeck.

Sobre Ingmar Bergman como diretor teatral, uma obra importante foi publicada no ano passado, em Estocolmo, pela editora Almqvist & Wiksell: *Ingmar Bergman på teatern*, de autoria do crítico teatral sueco Henrik Sjögren. Num diálogo com este, que a obra contém, Bergman revela-se um diretor teatral que deseja sempre subordinar-se ao autor, que pretende ser tão-somente um intérprete fiel do

texto e cujas idéias teatrais lhe são sugeridas pela leitura atenta e precisa deste. Bergman faz questão de frisar que, quando encena uma peça, ele nada muda do texto nem acrescenta seja o que for que não se encontre nas rubricas do autor. No que se refere ao teatro político atualmente apresentado na Suécia, Bergman manifesta, no mesmo diálogo, aversão por ele, porque, em sua opinião, não representa nenhum risco para os diretores nem para os autores ou os intérpretes e, tampouco, qualquer provocação para o grande público: "Ninguém atira nada contra os atores. Todo o mundo aprova, todos estão de acordo, todos se acham no lado certo."

Dentre os autores clássicos encenados por Ingmar Bergman, podem assinalar-se Molière ("Don Juan", "Le misanthrope", "Les femmes savantes") e Goethe (o "Ur-Faust") além do já mencionado Shakespeare ("Macbeth"); dentre os do século passado, Ibsen ("Hedda Gabler", "Peer Gynt"), Tchekov ("A gaivota") e, naturalmente, o sueco Strindberg; dos modernos, Pirandello, Brecht, Anouilh, Tennessee Williams, Camus, Albee. A Suécia também lhe deve a encenação em 1961, da ópera "The Rake's Progress", de Igor Strawinski.

M. da S.

(Conclusão da pág. 3)

O enunciado figura assim, no projeto em causa:

- "1) o autor do enredo ou da adaptação;
- 2) o autor do cenário;
- 3) o autor da composição musical, com palavras ou sem elas, especialmente criada para a obra cinematográfica;
- 4) o realizador, assim considerado o direito artístico."

A que título surge aqui, como co-autor o autor do cenário? Não se trata, cremos nós, de uma tradução da expressão francesa "l'auteur du scénario", pois no item I do anteprojeto lá está: "O autor do enredo ou da adaptação" que é a correta tradução da palavra francesa. O autor quiz dizer: Cenário mesmo. "O conjunto das vistas, bastidores e demais peças que representam a decoração das cenas. Sequências das cenas" (Caldas Aulette — Dic. Contemporâneo da Língua Portuguesa — Ed. Delta 1964 — 1.º Vol.).

Isto é novo e surpreendente.

Já se pensou em dar a co-autoria a certos técnicos, especialmente nos desenhos animados (desenhistas e animadores) o que aparece pela

primeira vez em nossa legislação no § 2.º do anteprojeto citado.

A lei italiana em seu art. 44 diz:

"Si considerano coautori della opera cinematografica, l'autore del soggetto, l'autore della sceneggiatura, l'autore della musica ed il direttore artistico".

Teria o autor do anteprojeto ido buscar aí o seu "autor do cenário"?

Mas "sceneggiatura" em italiano é a disposição das cenas, cenificação, (no sentido da adaptação cinematográfica).

O art. 152 transfere, ao produtor do filme, por presunção:

"O direito da exibição pública da obra, sua distribuição e de obter a correspondente retribuição do que lhe é atribuído no art. 151".

O art. 151 responsabiliza quem utilizar a obra cinematográfica "pelos proventos decorrentes do direito de autor e conexos".

Não se entende o que pretendeu o autor do anteprojeto. De qualquer forma os co-autores citados antes, transferem seus direitos ao produtor.

Ficamos hoje por aqui, mas vamos continuar.

SBAT NA REUNIÃO DA UNESCO, EM PARIS

Rio de Janeiro, 4 de março de 1969

Ao Conselho Deliberativo da
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Em virtude de se encontrar enfermo nosso estimado presidente Joracy Camargo, venho apresentar aos ilustres companheiros um breve relatório do que foi a atuação dos delegados do Brasil à reunião conjunta promovida pela UNESCO, em Paris, do Comitê Permanente da União de Berna e do Comitê Intergovernamental da Convenção Universal sobre Direito de Autor da UNESCO, e realizada entre 3 e 7 de fevereiro último.

Indicados pelo Ministério das Relações Exteriores, através de seu Departamento Cultural, foram incluídos na delegação de nosso País, nosso Presidente Joracy Camargo e o signatário deste relatório.

Conforme entendimento realizado com o nosso Presidente e, atendendo à recomendação do ilustre Embaixador Donatelo Grieco, Diretor do Departamento Cultural e de Informação do Itamaraty, de que era fundamental que o nosso país ascendesse à Presidência do Comitê Intergovernamental (UNESCO) em razão da renúncia do Presidente Cippico da Itália, país que pretendia caber-lhe a Presidência mesmo nesse caso.

Seguindo para a Europa com uma semana de antecedência visitei a SECTP em Lisboa, a SGAE em Madrid, buscando a solidariedade dos representantes daqueles países na dita reunião.

De Madrid segui para Genebra para conferenciar com nosso conhecido Claude Mazouyé, diretor do Departamento de Direito de Autor do BIRPI, tendo obtido do mesmo a informação de que o Brasil alcançaria a presidência caso o Vice-Presidente Jorge Carlos Ribeiro (Vice-Presidente eleito na última reunião) estivesse presente e assumisse a direção dos trabalhos.

De posse dessas informações, cheguei à Paris na tarde de 2 de fevereiro, encontrando-me ali com o Presidente Joracy Camargo e com o diplomata Jorge Carlos Ribeiro, figura das mais representativas da nova geração do nosso Itamaraty.

Instalando os trabalhos, o nosso patricio, numa demonstração de grande elegância moral, submeteu o problema ao plenário, logrando de imediato o apoio da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos e da própria Itália, para ocupar o cargo. É possível que a presença de Joracy Camargo na Delegação do Brasil tenha influenciado a representação italiana, onde figuravam o Presidente da SIAE, Senhor Antônio CIAMPI e o seu Consultor Jurídico Dr. Valério DE SANCTIS que já tivemos oportunidade de homenagear nesta Casa.

Confirmado, logo após, na presidência do Comitê Permanente da União de Berna, Jorge Carlos Ribeiro conduziu os trabalhos com tanta firmeza e habilidade que, mesmo havendo uma funda divergência de pontos de vista, não só entre países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento de um lado, como também entre o BIRPI (Bureau International Reunis pour la Propriété Intellectuelle) e a UNESCO, logrou organizar a pauta definitiva dos trabalhos e levá-la a bom termo em sessões diárias de manhã e à tarde, sem um só incidente, grangeando ao final o aplauso unânime de cerca de oitenta delegados representando quase quarenta países.

O Brasil foi incluído nas duas importantes comissões ali criadas. Uma para realizar um estudo de profundidade sobre a situação do direito de autor internacional e a outra para estudar a conveniência ou não da revisão do art. XVII da Convenção Universal sobre direito de autor, que regula as relações entre esta e a Convenção de Berna.

A figura acatada e altamente prestigiosa de Joracy Camargo emprestou valiosa contribuição para nosso êxito naquele conclave, e explica as homenagens que recebeu a SBAT de parte do Senhor Embaixador junto à UNESCO, Professor Chagas Filho, com um almôço em sua residência (em que nos foi gentilmente permitido convidar o Secretário Geral da CISAC, Leon Malaplatte e o Diretor da SACEM, Jean-Loup Tournier), da parte do Professor Flexa Ribeiro, (hoje ocupando alto posto na UNESCO) que nos ofereceu um almôço em sua residência; do Senhor e Senhora Malaplatte recepcionando os diretores da SBAT em sua residência para um cock-

tail seguido de jantar num dos mais luxuosos restaurantes de Paris.

Da própria sede da UNESCO os delegados da SBAT enviaram informes sobre o andamento dos trabalhos às principais sociedades de autores do mundo (GEMA, SGAE, ASCAP, BMI, SECTP, SACM, SADAIC e demais sociedades latino-americanas) já que só a SIAE e a SBAT tiveram presença na representação oficial de seus países.

A SBAT na pessoa de seus delegados, foi felicitada pela forma como vem trabalhando em defesa do direito de autor, já agora não só em benefício de seus representados mas também no interesse de todos os autores do mundo.

Sobre essa reunião a CISAC em carta circular que nos enviou sob n.º 34.864, declarou "as decisões que ali serão tomadas podem

ser decisivas para todo o futuro do direito de autor".

Por fim nosso Presidente Joracy Camargo terá oportunidade de relatar o importante acontecimento com maior brilho e autoridade, mas desde logo é necessário por em destaque o sacrifício por ele realizado, viajando em época pouco favorável e quando convalescia saindo de delicada crise cardíaca.

Louvor ainda ao ilustre Diretor do Departamento Cultural e de Informações do Ilamaraty, que deu à SBAT tão honrosa oportunidade de prestar a todos os autores do mundo uma colaboração sincera e eficiente.

Era o que tinha a relatar.

DANIEL ROCHA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

DEPARTAMENTO DE CULTURA

Ata da 2.ª e última reunião da Comissão Julgadora do Concurso de "Arte Teatral e Literatura Teatral Representada" referente ao ano de mil novecentos e sessenta e oito.

Realizou-se aos 21 dias do mês de janeiro de mil novecentos e sessenta e nove, no Gabinete do Diretor do Departamento de Cultura, à Avenida Erasmo Braga, 118 — 11.º andar a última reunião do Concurso de Arte Teatral e Literatura Teatral Representada, referente ao ano de 1968, segundo os dispositivos da lei n.º 697 de 20 de maio de 1952 e Decreto número 83, de 28 de julho de 1960, designada pelo Decreto "E", n.º 2.008, de 12 de fevereiro de 1968, do Excelentíssimo Senhor Governador do Estado da Guanabara.

Integram a Comissão, como representante da Secretaria de Educação e Cultura, o Dr. Vicente de Paulo Barreto; como representante da Academia Brasileira de Letras, Raymundo Magalhães Júnior; como representante da Assembléia Legislativa, a Senhora Deputada Yara Vargas; como representante da Casa dos Artistas, o Senhor Deputado Paulo de Carvalho; como representante do Serviço Nacional de Teatro, o Sr. Aldo Calvet; como representante da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, o Sr. Geysa Bôscoli; e como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, o Senhor Augusto Faria do Amaral, Van Jafa.

A comissão se recusou a distribuir os prêmios de NCr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros novos), por julgá-los ridículos, sugerindo a atualização das leis, através de um anteprojeto que deverá ser levado ao Executivo e transformado em mensagem ao Legislativo. Os membros deverão portar uma credencial, concedida pelo Departamento de Cultura, para a apreciação dos espetáculos, a qual será devolvida após o julgamento.

Nada mais havendo a tratar, eu, Marina Viana Ribeiro, Discotecária, matrícula 82.495, lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e demais membros da comissão. Em 21 de janeiro de 1969. — Marina Vianna Ribeiro, Vicente de Paulo Barreto, Yara Vargas, Geysa Bôscoli, Paulo de Carvalho, Aldo Calvet e José Augusto Faria do Amaral.

Ata da 2.ª e última reunião do Concurso de Literatura Teatral Infantil de mil novecentos e sessenta e oito.

Aos 11 dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta e oito, no Gabinete do Diretor do Departamento de Cultura, na Avenida Erasmo Braga, 118, 11.º andar — Edifício Estácio de Sá — realizou-se a reunião última do Concurso de Literatura Teatral Infantil de mil novecentos e sessenta e oito, designado pelo Decreto "E" número 2.142 de 11 de junho de 1968, publicado no BOE de 14 de junho de 1968. Integram a Comissão Napoleão Moniz

Freire, representante da Secretaria de Educação e Cultura, Escola de Teatro Martins Pena; Zuleika Mello, representante do Serviço Nacional de Teatro; Raymundo Magalhães Júnior, representante da Academia Brasileira de Letras; Stella Leonardos Lima Gabassa, representante da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e Helena Ferraz, representante da Associação Brasileira de Imprensa. Presentes, o Diretor do Departamento de Cultura, Dr. Vicente de Paulo Barreto, e os membros abaixo-assinados.

Parecer da Comissão julgadora sobre as três obras inscritas: "A Estrelinha Travessa", de "Renata"; "O Doutor Sarará Curará", de "Inês" e "Chico Bossa Nova", de "Genoveva". "Estrelinha Travessa" — A única com certo valor, como assunto infantil, apesar de muito palavrosa e pouco didática. Para que fosse aproveitada, teria que ser refeita, pois é extremamente fatigante, muito longa e repetida. "O Doutor Sarará Curará" — Além de fraquíssima, usa termos completamente fora do voca-

bulário infantil. "Chico Bossa Nova" — Além de anti-educativa, é confusa e mal desenvolvida.

Em vista da pobreza dos temas, da total ausência de conhecimento de como deve ser conduzido o teatro para crianças, a Comissão Julgadora resolveu não conceder o prêmio a nenhum dos concorrentes.

Em seguida foram abertos os envelopes que continham as identificações dos autores, verificando-se que: "Renata" é o pseudônimo de Maria Thereza Mello Soares, autora de "A Estrelinha Travessa"; Genoveva é o pseudônimo de Ombelina de Freitas Basto, autora de "Chico Bossa Nova" e de "O Doutor Sarará Curará", sendo escrita esta última sob o pseudônimo de Inês.

Nada mais havendo a tratar, eu, Vânia Malheiros Drummond, professora primária, matrícula 114.099, lavrei a presente ata que vai por mim assinada e demais membros da Comissão. Em 11 de outubro de 1968. As.) Vânia Malheiros Drummond, Vicente de Paulo Barreto, Napoleão Moniz Freire e Helena Ferraz.

a minha "marta saré"

por Fernanda Montenegro, que viveu a personagem no Teatro João Caetano.

— Marta Saré, como peça, como direção e interpretação dos atores, foi feita exatamente para mostrar o óbvio ululante da emoção folhetinesca brasileira. E por que não? Ela me agrada, na medida em que reúne, dentro de si, desde *A Mortalha de Alzira*, passando por *Honrarás tua Mãe*, *Tristeza à Beira Mar*, *Escrava Isaura* até *ABC do Amor*, e mais: dupla nordestina, hora sertaneja, musical triste e pobre da *Atlântida*, cortina de teatro de revista da Praça Tiradentes, mais novela de rádio, préstito carnavalesco e tantas e tantas outras sugestões de mau gosto nacional, inclusive o uso do sotaque, como nos programas humorísticos: português, italiano, nordestino, malandro, gente-bem. É a cafagestagem, a ingenuidade e não o climax do nosso cancionário popular. Alguns falam em tropicalismo, mas, penso que a grande chave do tropicalismo é a sofisticação e isso não passa nem de longe por *Marta Saré*.

Representamos nossa história pra valer, porque é assim que os *dramas* são representados nos pavilhões, nos teatrinhos de igreja e nas novelas de rádio e TV. É uma experiên-

cia que me agrada, porque particularmente, já estava cheia de "tanto bom gosto e tanta inteligência" rondando tantos e tantos espetáculos que já fiz. Também me entusiasma a grossura e o *está-na-cara* de tudo que acontece em cena. Grossura sem disfarce de "revisão crítica", o que significa, na maioria das vezes, apenas uma série de gracinhas cênicas, dando mais a idéia ao público de que o elenco está pedindo desculpas por representar tal e tal texto.

Cabe, aqui, um destaque aos cenários de Flávio Império. Principalmente o cenário que, como nas representações populares, muda, muda e é sempre o mesmo. Isto é: o cenário continua sempre "deitado eternamente em berço esplêndido." Todo mundo corre para mudar os grandes blocos que formam as diversas cenas, mas, por mais que mude, o carro da grande sociedade carnavalesca tem sempre a mesma cara e o mesmo tamanho.

O que me fica desta experiência? O ter montado mais um texto nacional, o prazer de representar uma personagem cheia de amor e violência. A companhia, além de Gianfrancesco Guarnieri, autor da peça, tem gente como Edu Lôbo, Fernando Tôrres, Flávio Império, Beatriz Segall, Miriam Moniz, Graça Melo, Silvio Zilber, Eudóxia Cunha, Fagundes, Pereio, Soma 3, Castilho e o quarteto que nos acompanha.

NÓVO TEATRO EM PARIS: THÉÂTRE DE LA VILLE

Desde fins do ano passado, tem Paris um novo e moderníssimo teatro: o Théâtre de la Ville. Surge ele no mesmo lugar, entre a antiga Torre Saint-Jacques e o cais do Sena, em que existia o velho e bolorento Théâtre Sarah Bernhardt, com suas cinco ordens de camarotes, seus estuques, seus 1.280 lugares dos quais talvez apenas uns 700 permitiam boa visão do que se passava no palco.

O velho edifício teatral, fôra construído, como o outro, fronteiro, o Théâtre du Châtelet, em 1862, por Davioud. E tornou-se famoso depois que, em 1898, Sarah Bernhardt assumiu sua direção, dedicando-lhe energias e paixão durante 25 anos, ou seja, até 1923, quando morreu. Nos primeiros 10 anos que se seguiram ao desaparecimento da grande atriz, o velho casarão foi sobrevivendo como pôde sem muita glória. Até que a Confederação Geral do Trabalho instalou nele o seu Théâtre du Peuple, o primeiro teatro popular — isto é, para as classes proletárias — de Paris. Mas, nascido com a criação política do Front Populaire, com a morte dêste desapareceu também o Théâtre du Peuple. Tomou conta da velha casa de espetáculos, então, Charles Dullin, um dos reformadores do teatro francês, que nele encenou alguns dos seus autores preferidos, como Ben Jonson, Shakespeare e Calderón e, dentre os franceses de hoje, Salacrou e a primeira peça de Sartre, "*Les mouches*". E que lá ficou até 1947. Depois, a cidade de Paris, dona do imóvel, o cedeu ao empresário A. M. Julien; e foi aí que a fina flor dos atôres franceses tiveram ocasião de se revezarem no seu palco, em obras novíssimas como, entre outras, "*As feitiçeiras de Salém*", de A. Miller, ou já consagradas, como "*Cirano de Bergerac*", de Rosstand, e "*Cesar e Cleópatra*", de Bernard Shaw,

bem como de clássicos franceses. Foi nêle, ainda, que Jean-Louis Barrault encenou obras de Guitry e Claudel e, em 1957, "*O castelo*", baseado no romance de Kafka.

Um dos períodos mais gloriosos, no entanto, do Théâtre Sarah Bernhardt, nos últimos tempos, foi constituído pelos espetáculos, que ele hospedou, de 1954 a 1965, das várias companhias que se apresentaram no Teatro das Nações.

O novo Théâtre de la Ville obedece, em tudo e por tudo, à mais moderna concepção do que deve ser uma casa de espetáculos. O projeto geral é da autoria dos arquitetos Jean Perrotet e Valentin Fabre e a responsabilidade pela execução da parte técnica coube a René Allio. A sala dispõe de 1.000 lugares, que podem ser aumentados para 1.100 utilizando-se a área do prosccênio. Palco e sala não estão separados, mas formam um espaço contínuo, sem arco cênico — aquilo que os franceses chamam de "*manteau d'Arlequin*" —; e a largura do palco, graças à engenhosidade com que este foi construído, pode variar de 22 a 10 metros. Não há plataforma giratória. Em vez disso, seus construtores preferiram um piso modelável, formado por 61 dados, de 1,70 metros, que podem ser levantados ou abaixados, independentemente um do outro, ao longo de uma vertical de 2 metros. No subsolo do teatro, há um restaurante de 280 lugares, no foyer principal, um bar e, no sótão, uma sala de ensaios, de 22 por 26 metros. O tradicional guarda-roupa dos teatros franceses é aqui substituído por um guarda-roupa automático, tipo *self-service*: cada um por si e Deus por todos. E, tal como no Théâtre National Populaire do Palais de Chaillot, vários aparelhos de televisão transmitem no foyer os espetáculos para os retardatários, cujo ingresso na sala só é permitido nos intervalos, quando não perturbe os que chegaram pontualmente.

ESTREIA MUNDIAL EM LONDRES DE PEÇA ITALIANA

Teve lugar em fins do ano passado, no National Theatre de Londres, a estréia mundial do drama "*L'inserzione*" (O anúncio), da escritora italiana Natalia Ginzburg, obra que valera, à autora, na Península, o Prêmio Marzotto. Na tradução inglesa, em que o título se tornou, naturalmente, "*The advertisement*", a peça foi à cena com a direção artística de sir Laurence Olivier e tendo a atriz Joan Plowright no principal papel, que é feminino.

REDE BRASILEIRA DE TELEVISÃO

Emissoras em Operação:

LOCAL	NOME	CANAL	POTENCIA	OUTORGA	INAUGURAÇÃO	PROPRIEDADE
Belém — PARA	TV Marajoara	2	5 Kw.	Dec. n.º 51.154/61	1961	Diários Associados
Belém — PARA	TV Guajará	4	2 Kw.	Dec. n.º 55.225/64	1966	Lopo de Castro
São Luiz — MARANHÃO	TV Difusora	4	6 Kw.	Dec. n.º 11.278/62	1963	Grupo Bacelar
Fortaleza — CEARÁ	TV Ceará R. Clube	2	3 Kw.	Dec. n.º 51.156/61	1960	Diários Associados
Campina Grande — PARAÍBA	TV Borborema	9	1 Kw.	Dec. n.º 60.464 A/67	1963	Diários Associados
Recife — PERNAMBUCO	TV Jornal do Comércio	2	25 Kw.	Dec. n.º 28.715/50	1960	Grupo Pessoa de Queiroz
Recife — PERNAMBUCO	TV Rádio Clube	6	25 Kw.	Dec. n.º 46.898/59	1960	Diários Associados
Salvador — BAHIA	TV Itapoan	5	5 Kw.	Dec. n.º 51.153/61	1960	Diários Associados
Vitória — ESP. SANTO	TV Vitória	4	2 Kw.		1961	Diários Associados
Rio de Janeiro — GB.	TV Excelsior	2	10 Kw.	Dec. n.º 42.941/57	1963	Grupo das Fôlhas
Rio de Janeiro — GB.	TV Globo	4	25 Kw.	Dec. n.º 42.940/57	1965	Grupo "O Globo"
Rio de Janeiro — GB.	TV Tupi	6	25 Kw.	Dec. n.º 29.236/51	1951	Diários Associados
Rio de Janeiro — GB.	TV Continental	9	10 Kw.	Dec. n.º 45.208/59	1959	Org. Rubens Berardo
Rio de Janeiro — GB.	TV Rio	13	25 Kw.	Dec. n.º 35.745/54	1955	Emissoras Unidas
São Paulo — S.P.	TV Tupi-Difusora	4	25 Kw.	Dec. n.º 29.332/51	1950	Diários Associados
São Paulo — S.P.	TV Paulista	5	25 Kw.	Dec. n.º 30.590/52	1953	Grupo "O Globo"
São Paulo — S.P.	TV Record	7	25 Kw.	Dec. n.º 28.854/50	1953	Emissoras Unidas
São Paulo — S.P.	TV Excelsior	9	60 Kw.	Dec. n.º 47.455/59	1960	Grupo das Fôlhas
São Paulo — S.P.	TV Bandeirantes	13	25 Kw.	Dec. n.º 30.495/52	1967	Org. João Saad
Bauru — S.P.	TV Bauru	2	3 Kw.	Dec. n.º 44.484/58	1960	Grupo "O Globo"
Ribeirão Preto — S.P.	TV Tupi-Difusora	3	5 Kw.	Dec. n.º 47.808/60	1960	Diários Associados
Curitiba — PARANÁ	TV Iguaçu	4	5 Kw.	Dec. n.º 56.713/65	1967	Paulo Pimentel
Curitiba — PARANÁ	TV Paraná	6	4 Kw.	Dec. n.º 39.326/56	1960	Diários Associados
Curitiba — PARANÁ	TV Paranaense	12	4 Kw.	Dec. n.º 47.294/59	1959	Nagib Chede
Londrina — PARANÁ	TV Coroados	3	2 Kw.	Dec. n.º 516/62	1962	Org. Stresser
Pôrto Alegre — R.G.S.	TV Piratini	5	25 Kw.	Dec. n.º 46.690/59	1959	Diários Associados
Pôrto Alegre — R.G.S.	TV Gaúcha	12	40 Kw.	Dec. n.º 47.278/59	1962	Grupo das Fôlhas
Belo Horizonte — MG.	TV Alterosa	2	4 Kw.	Dec. n.º 498/62	1963	Diários Associados
Belo Horizonte — MG.	TV Itacolomi	4	15 Kw.	Dec. n.º 34.769/53	1955	Diários Associados
Belo Horizonte — MG.	TV Vila Rica	7	32 Kw.	Dec. n.º 90/61	1966	Grupo das Fôlhas
Belo Horizonte — MG.	TV Belo Horizonte	12	5 Kw.	Dec. n.º 35/61	1962	Grupo "O Globo"
Juiz de Fora — MG.	TV Industrial	10	2 Kw.	Dec. n.º 2.236/63	1965	Org. Sérgio Mendes
Uberlândia — MG.	TV Triângulo	8	20 Kw.	Dec. n.º 1.127/62	1966	Grupo das Fôlhas
Brasília — D.F.	TV Nacional	3	2 Kw.	Dec. n.º 47.495/59	1960	Emp. Incomp. Patr. União
Brasília — D.F.	TV Brasília	6	10 Kw.	Dec. n.º 59.053/66	1960	Diários Associados
Brasília — D.F.	TV Alvorada	8	5 Kw.	Dec. n.º 47.955/60	1960	Grupo "O Globo"
Goiânia — GOIÁS	TV Anhanguera	2	2 Kw.	Dec. n.º 57.631/66	1966	Jayme Câmara
Goiânia — GOIÁS	TV Goiânia	4	2 Kw.		1960	Diários Associados
Campo Grande — M. GROSSO	TV Morena	6	2 Kw.	Dec. n.º 56.977/65	1966	Org. Zahran

Emissoras em Instalação:

LOCAL	NOME	CANAL	OUTORGA
Manaus — AMAZONAS	TV Ajuricaba	38 (UHF)	Dec. n.º 52.120/68
Salvador — BAHIA	TV Jornal do Comércio	7	Dec. n.º 62.260/68
Salvador — BAHIA	TV Educadora	4	Dec. n.º 58.700/66
Rio de Janeiro — GB.	TV Diário Carioca	11	Dec. n.º 45.283/59
São Paulo — S.P.	TV Gazeta	11	Dec. n.º 45.867/59
Ponta Grossa — PARANÁ	TV Educadora	7	Dec. n.º 62.639/68
Apucarana — PARANÁ	TV Tibagi	11	Dec. n.º 62.097/68
Blumenau — STA. CATARINA	TV Coligadas	3	Dec. n.º 60.465-A/67
Pôrto Alegre — R.G.S.	TV Difusora Portoalegrense	10	Dec. n.º 50.473/61
Pôrto Alegre — R.G.S.	TV Guaíba	2	Dec. n.º 50.757/61
Erexim — R.G.S.	TV Erexim	2	Dec. n.º 58.765/66
Caxias — R.G.S.	TV Caxias		Dec. n.º 63.749/68
Santa Maria — R.G.S.	TV Imembui	12	Dec. n.º 61.915/67
Goiânia — GOIÁS	TV Cerne	13	Dec. n.º 62.379/68
Goiânia — GOIÁS	TV Goiás	4	Dec. n.º 60.287/67
Cuiabá — MATO GROSSO	TV Centro América	4	Dec. n.º 56.976/65
Corumbá — MATO GROSSO	TV Cidade Branca	5	Dec. n.º 59.973/67
Florianópolis — STA. CATARINA	TV Cultura	6	Dec. n.º 63.430/68
Uberaba — M.G.	TV Uberaba	4	Dec. n.º 63.454/68
Manaus — AMAZONAS	TV Baré	4	Dec. n.º 63.458/68

Emissoras Educativas:

LOCAL	CANAL	OUTORGA	INAUGURAÇÃO	PROPRIEDADE
Recife — PERNAMBUCO	11		1968	Univ. Fed. de Pernambuco
Salvador — BAHIA	2	Dec. 61.285/67	em organização	Gov. Est. Bahia
Goiânia — GOIÁS	11	Dec. 63.074/68	"	Univ. Fed. de Goiás
São Paulo — S.P.	2		"	Gov. Est. de São Paulo
Pôrto Alegre — R.G.S.	7	Dec. 62.882/68	"	Gov. Est. R.G.S. — (S.E.G.)
Santa Maria — R.G.S.	8	Dec. 62.418/68	"	Univ. Fed. de Santa Maria

FLASHES

O.D.B.

IRVIN COBB, escritor norte-americano de nomeada, escreveu o texto para uma comédia musicada. Dois dias após à estréia na Broadway, recebeu um telegrama de Frederick Loewe, o autor musical de "My Fair Lady", que se achava em Londres. "Parabéns", dizia o telegrama. "Encantado de saber que você foi finalmente descoberto".

Cobb, que lera as críticas desfavoráveis da imprensa, telegrafou em resposta: "Descoberto, não. Denunciado".

...

HOUVE NA CAPITAL CAPIXABA um amor dramático, nada mau, a quem os estudantes apelidaram de "Navalhada" e que, quando alguém o tratava pelo apelido, soltava cada palavra muito mais cabeludo que aqueles que o Plínio Marcos vem usando nas suas magníficas peças.

Numa noite de sexta-feira da Paixão, com o Teatro Carlos Gomes, de Vitória, superlotado, o grupo de amadores local interpretava o drama de Garrido, "Martir do Calvário", com o "Navalhada" no papel de Jesus Cristo. Foi então que na cena final do quadro do Calvário, quando Jesus — o "Navalhada" — do alto da cruz, ao expirar, exclamou: "Perdoai-lhes meu pai. Eles não sabem o que fazem", que um estudante, do fundo da platéia, gritou:

— Meus senhores, o "Navalhada" acaba de morrer!

Não podendo se controlar, o homenzinho ergueu a cabeça e lá do alto respondeu:

— "Navalhada" é a mulher de teu pai, vagabundo!

E o estudante logo emendou:

— Pessoal, o "Navalhada" ressuscitou! Viva o "Navalhada"!

O público, em côro, rindo e aplaudindo gritou:

— Viva o "Navalhada"! Viva o Cristo capixaba!

...

LOLA FLORES, foi dar uma série de espetáculos em Vizeu, Portugal, o que constituiu um acontecimento. Tendo um jornalista perguntado à conhecida vedeta se ela se chamava, realmente, Lola Flores ou se Lola Flores era simplesmente um nome de cartaz, escutou esta resposta:

— Yo me llamo Maria Dolores Flores. Pero, como Maria lo somos todas, ha suprimido la Maria; como Dolores es un nombre doloroso, lo substitui por Lola; y Flores, claro, lo ha conservado porque es muy bonito...

...

ESCREVEU UM médico inglês numa revista ("Family Doctor"): "O adulto que assiste a um espetáculo de "strep-tease", reencontra o prazer que sentia quando criança, ao fazer algo proibido".

...

AUGUSTINE BROHAN, atriz da Comédie Française, estava em adiantado estado de gravidez do único filho que teve.

Um dia foi a um dos teatros de feira que havia fora dos muros de Paris. Encontrou-a aí um dos seus admiradores, e, vendo que ela aplaudia com entusiasmo uma detestável pantomina, perguntou-lhe, admirado:

— Mas a senhora, tão grande artista, gosta desta borracheira?

— Não, respondeu Augustine, eu não gosto, mas o meu filhinho gosta muito. Adora. É por causa dele que eu estou aqui.

DEPARTAMENTO MUSICAL DA SBAT

Prevenimos aos nossos sócios compositores e a todos os interessados que o Departamento Musical da SBAT, que estava funcionando à Avenida Rio Branco, 47 - 2.º, transferiu suas instalações para a Rua do Acre, 47 - 8.º andar - Grupo 811, Rio de Janeiro - GB.

Expediente: 9 às 17,30 - Tel. 43-0216

ATAS DAS SESSÕES

ATA DA SESSÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA EM 4 DE MARÇO DE 1969

Às 17 horas do dia 4 de março de 1969, o Cons. Raymundo Magalhães Jr. substituindo o Presidente Joracy, que se acha enfêrmo, abriu a sessão do Conselho Deliberativo indicando o Conselheiro Paulo de Magalhães para presidi-la. Tendo sido escolhidos o Conselheiro Nelson de Abreu para secretaria e ficando o consócio Chianca de Garcia encarregado de substituir o Superintendente Djalma Bittencourt que por motivo de doença não pôde comparecer.

Lido o expediente, foram admitidos como sócios administrados: DULCINA BRUM DE BERTOLLI, MARIA TEREZA DO NASCIMENTO ARAUJO, ELIZABETH GRAEFIN VON LICHNOWSKI, SEBASTIÃO ELIAS DE FREITAS, JOÃO EVANGELISTA BERTOLDI PENTEADO, ERNEST ALBERT WILLIAM NYE, PAULO BASTOS MARTINS, CARLOS TEIXEIRA SÉRGIO BITTENCOURT, JOÃO PINTO DE QUEIROZ PRIMO, JORGE CHAVES CAMACHO, EMANOEL RODRIGUES DE MELO, OTACILIO COSTA SOBRINHO, ROBERTO VILLANI, JAIME BRUNA, OSWALDO LOUREIRO FILHO, ALBERTO FRANCISCO DO CARMO, JOSÉ GOMES DA SILVA, FERNANDO GUIMARÃES DE VASCONCELOS, ANTÔNIO LUIZ ROZANTE, ALEXANDRE EMÍLIO SILVA PIRES, MYRIAN APPARECIDA REZENDE DE SAN JUAN.

Passando-se a interêsses gerais, o conselheiro Geysa Bôscoli pediu um voto de congratulações com os conselheiros Luiz Peixoto e José Wanderley pela estréia da peça "Saravá My Darling". Ainda com a palavra o conselheiro fez o relato de como se desincumbira das funções de representante da SBAT na Comissão de Cultura do Estado da Guanabara, que deixou de conceder os prêmios de Teatro no ano de 1968 por considerá-los ridículos face à legislação obsoleta, ficando resolvido pela

comissão o envio de uma mensagem ao Governador do Estado, sugerindo a completa reforma daquela legislação. O Conselheiro R. Magalhães Júnior propôs um voto de pesar pelo falecimento da consociada Professora Maria Rosa Moreira Ribeiro, e pediu que se consignasse em ata um voto de congratulações em virtude do restabelecimento do consócio Renato Alvim, que dentro em pouco voltará ao convívio dos seus companheiros da SBAT.

A seguir o Conselheiro Daniel Rocha fez uma vasta exposição sobre a atividade que desenvolveu ao lado do Presidente Joracy Camargo integrando a representação brasileira na reunião conjunta promovida pela Unesco, em Paris, do Comité Permanente da União de Berna e do Comité Inter-Governamental da Convenção Universal do Direito do Autor da Unesco, realizada nos dias 3 a 7 de fevereiro último. Apesar da sua pormenorizada exposição, comprometeu-se a entregar a cada conselheiro, uma cópia do seu relatório sobre o assunto, o que estava sendo elaborado.

Novamente com a palavra, o conselheiro Geysa Bôscoli, propôs um voto de louvor aos Conselheiros Joracy Camargo e Daniel Rocha, por sua gigantesca atuação em favor dos direitos autorais, e sabedor de que Joracy Camargo se encontra enfêrmo pediu que Magalhães Jr. e Daniel Rocha, representassem o Conselho numa visita ao Presidente, com votos de pronto restabelecimento. Aprovadas estas duas propostas, foi encerrada a sessão.

ATA DOS TRABALHOS DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, REALIZADA A 4 DE MARÇO DE 1969

Às 17 horas, em 2.ª convocação, o Senhor Secretário da SBAT, Raymundo Magalhães Júnior, substituto legal do Presidente Joracy Camargo, que se acha enfêrmo, abriu os trabalhos dando ciência ao plenário da convocação da presente Assembléia Geral Extraordinária, de acordo com o artigo 35 dos Estatutos, para o fim especial de discutir e aprovar o projeto de reforma dos mesmos Estatutos. Fez a seguir a leitura do citado artigo 35 e do respectivo Edital de Convocação, publicado nos dias 4, 5 e 6 de fevereiro deste ano no Jornal do Comércio. Por fim, pediu a indicação de um Presidente para dirigir dali em diante os trabalhos, tendo sido escolhido, por aclamação o consócio Geysa Bôscoli, que, tomando lugar

à mesa, convidou os Senhores Paulo Magalhães e Nelson Abreu para completá-la, como secretários. Iniciada a discussão da matéria, o sócio Mario da Silva propõe que se designe uma Comissão composta de 3 (três) membros que se reunira diariamente na sede da SBAT, a partir de amanhã, no horário de 14 às 15 horas, e até o próximo dia 10 do corrente, a fim de receber sugestões, por escrito, dos consócios que desejarem colaborar na reforma dos atuais Estatutos. Aprovada a proposta, são designados os seguintes sócios para constituí-la: Daniel Rocha, Djalma Bittencourt e Nelson Abreu, cujos respectivos nomes foram unanimemente aprovados pelo plenário. Para conhecimento de todos os sócios, será afixado a partir de amanhã, no lugar competente, uma portaria assinada pela diretoria comunicando a deliberação acima. Às 17,30, o senhor Presidente suspende as atividades da Assembléia que se manterá em sessão permanente até o dia 11 vindouro, quando os trabalhos serão reiniciados. Às 17 horas do dia 11 do corrente mês, o Senhor Geysa Boscoli, Presidente da Assembléia Geral Extraordinária, que se encontra em sessão permanente comunica ao plenário o reinício dos trabalhos, informando que mandaria logo após fazer a leitura do anteprojeto dos Estatutos, organizado pela Comissão, inclusive com as emendas apresentadas até este momento, na forma do que fora deliberado pelo plenário. O Senhor Daniel Rocha, relator da dita Comissão iria proceder à leitura do anteprojeto considerando-se aprovado o que não merecesse reparo e sujeitando-se à destaque para debate posterior o que qualquer associado julgasse merecer discussão. Aprovada por unanimidade essa norma de trabalho o Presidente Geysa Boscoli pede ao Senhor Daniel Rocha que proceda à leitura do anteprojeto oferecendo-se a cada um dos presentes um exemplar dos atuais Estatutos para confronto das alterações apresentadas. Lido por capítulos, o anteprojeto sofre pequenas emendas, anotadas pelo Senhor Secretário, e pelo Senhor Presidente respectivamente nas cópias em seu poder, tendo ficado aprovado todo o anteprojeto até o Capítulo XII (o voto), devendo apenas o último artigo dêsse Capítulo e seus parágrafos merecer da Comissão uma redação mais explícita dentro do que a Assembléia, por unanimidade, pensa a respeito. Em virtude do adiantado da hora o Senhor Presidente, louvando o esforço da Comissão e o zelo e interesse de todos os sócios presentes suspende os trabalhos desta Assembléia-Permanente até a próxima terça-feira, dia 18, quando se continuará a discutir a matéria.

ATA DA SESSÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO E SÓCIOS, REALIZADA NO DIA 11 DE MARÇO DE 1969

Aberta a Sessão pelo Sr. presidente em exercício, o Cons. Raymundo Magalhães Jor., foram convidados para secretários os srs. Nelson de Abreu e Djalma Bittencourt, este na qualidade de assessor. Foram admitidos como sócios administrados: ALEXANDRE MARQUES LISBÔA LUZ, ANTÔNIO CARLOS PORTO BERNARDES, ADAHIR FERREIRA CARDIM, DELMINDA TOLEDO, WELLINGTON ROBERTO DE AZEVEDO VEIGA. Foi dada a palavra ao Conselheiro Daniel Rocha, que leu o Relatório relativo às atividades da Delegação brasileira perante a Reunião realizada em Paris na sede da UNESCO, para debater problemas sobre direito do autor. O Relatório foi recebido com particular atenção, dada a sua grande importância quanto aos destinos a que está exposta a proteção do direito do autor, tendo sido aprovado sua publicação integral na Revista da SBAT.

O Conselheiro Geysa Boscoli, lamentando a ausência do presidente Joracy Camargo, por motivo de enfermidade, e fazendo votos pela sua presença nesta Casa nos próximos dias, salienta a valorosa atuação da Delegação brasileira, chefiada pelo presidente Joracy Camargo, propondo voto de louvor aos mesmos representantes, o que foi aprovado por unanimidade. Foi discutida a situação do Teatro no Estado da Guanabara, face ao movimento de algumas Companhias junto do Governo do Estado, através de sua Secretaria de Turismo, tendo sido aprovado que a SBAT enviasse ofício ao senhor Governador do Estado pedindo particular atenção de s. excia. para o assunto em questão, que é da maior importância para a sobrevivência e desenvolvimento da cultura no Estado da Guanabara, solicitando auxílios em favor do teatro, tal como acontece em outros Estados da União, onde os Governos destacam verbas apreciáveis para atender às necessidades de Companhias que enfrentam situações difíceis, fatos que atingem também aos autores, cujos direitos autorais são exíguos face à restrição de espectadores e que se beneficiarão com as verbas estipendiadas, já que tais verbas serão incorporadas aos respectivos bordereaux de receitas. O senhor presidente declara que o Conselheiro Paulo de Magalhães seria o portador dessa mensagem da SBAT, para entregá-la pessoalmente em mãos do senhor Governador do Estado. O senhor presidente, declarando que teria prosseguimento os trabalhos da Assembléia Geral que está discutindo e

aprovando os novos Estatutos da SBAT, marcou sessão extraordinária do Conselho Deliberativo para a próxima terça-feira, dia 18, às 16,30 quando será examinada e aprovada a matéria restante, constante do expediente. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão.

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA NO DIA 18 DE MARÇO DE 1969.

Cumprindo a convocação da presidência, reuniu-se o Conselho Deliberativo da SBAT, em sessão extraordinária, às 16,30, sendo a presidência ocupada pelo Cons. Paulo de Magalhães, que convidou para secretário o Cons. Geysa Boscoli, e Djalma Bittencourt como assessor. O presidente Paulo de Magalhães pede que se consigne em Ata um voto de profundo pesar pelo falecimento do jornalista e escritor Paulo Filho, Diretor do Correio da Manhã, o que foi aprovado por unanimidade. A seguir, passando-se à leitura do expediente, foram examinados os pedidos de transferência para a categoria de SÓCIO EFETIVO, dos Consócios LAJOS NAGY e JOÃO PEREIRA DAS NEVES FILHO (JOÃO DAS NEVES), o que, depois de cumpridas as formalidades legais, foi aprovado. O presidente Paulo de Magalhães ressalta perante o Conselho o estado de saúde do presidente Joracy Camargo, ainda acamado, sob cuidados médicos, mas com excelentes possibilidades de recuperação imediata, voltando ao convívio amigo desta Casa. Declara, ainda, que tendo a sessão extraordinária do Conselho cumprido sua pauta, entregaria a presidência ao Conselheiro Geysa Boscoli para prosseguir a Assembléia Geral que estava discutindo e aprovando os novos Estatutos da SBAT, já, agora, na sua parte final. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

ATA DA SESSÃO DE DIRETORIA E CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA NO DIA 1 DE ABRIL DE 1969

Ocupando a presidência o Cons. Paulo de Magalhães abriu os trabalhos, convidando para secretário o Cons. Nelson de Abreu e como Assessor o Consócio Djalma Bittencourt. Procedida a leitura da Ata da Sessão anterior, foi aprovada sem restrições. Passando-se a interesses gerais, foram apreciados os requerimentos de: JOSÉ ILCLEMAR NUNES FER-

REIRA, OSVALDO JOSÉ DA SILVA, SIDNEY GIOIELLI, ANTONIO BRASSOLATTI, DANTON PEDRO SALA JUNIOR, JOHN DYALL PROCTER, FRANCISCO LUIZ GONÇALVES, MARIA SALET DE CARVALHO, JOSÉ ROBERTO SILVEIRA FILHO, NILTON MARTINS FERREIRA e RICARDO GÊA SILVA, que passaram a pertencer ao quadro de sócios administrados da SBAT, na forma dos Estatutos vigentes.

Usando da palavra o Cons. Geysa Boscoli propõe um voto de congratulações com o Cons. e grande Ator Procópio Ferreira pelo êxito que vem obtendo como primeira figura da peça O AVARENTO, em cena no Teatro Princesa Isabel, voto que foi aprovado por unanimidade. Ainda com a palavra o Cons. Geysa Boscoli manifesta sua estranheza pelo fato de não ter sido solucionado pelo Sr. Governador do Estado o assunto das subvenções destinadas às Companhias teatrais do Rio de Janeiro, apesar do noticiário de jornal tratando do caso, tanto mais que a SBAT se dirigiu a S. Excia., em ofício, sem obter qualquer resposta. Propos e foi aprovado que a SBAT voltasse ao mesmo assunto já agora juntando cópia do telegrama dirigido ao Sr. Secretário de Turismo, confirmando os oferecimentos da SBAT no sentido de colaborar no Plano onde fôsse de sua competência. E nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos.

ATA DA SESSÃO DE DIRETORIA, CONSELHO DELIBERATIVO E SÓCIOS, REALIZADA NO DIA 8 DE ABRIL DE 1969

O Cons. Raymundo Magalhães Jor., na qualidade de Presidente, em exercício, no impedimento do titular, por motivo de saúde, abriu a Sessão convidando para Secretários os consócios Paulo de Magalhães e Djalma Bittencourt. Lida a Ata da Sessão anterior, foi esta aprovada sem discussão. Passando-se ao expediente, foi apreciada e aceita a proposta de admissão do Sr. JORGE COUTINHO, como sócio Administrado. O Cons. Magalhães Jor. propôs um voto de congratulações com o consócio Ariano Suassuna pelo êxito da filmagem de sua peça teatral, já consagrada em representações públicas. — "O AUTO DA COMPADECIDA". E nada mais havendo a tratar e tendo em vista a necessidade de tempo para ser reiniciada a Assembléia Geral destinada especificamente a tratar da discussão e reforma dos Estatutos, o Sr. Magalhães Jor., convidou o Cons. Geysa Boscoli a assumir a presidência dos trabalhos da Assembléia Geral, dando como encerrada a sessão.

"OS PAIS ABSTRATOS"

DE

PEDRO BLOCH

PEDRO BLOCH
À SUA IMAGEM
E GRANDEZA

VAN JAFÁ

Com *Os Pais Abstratos*, Pedro Bloch atinge novas culminâncias de sua carreira de dramaturgo. Não diríamos o seu clímax porque acreditamos ser Bloch daqueles que batem sempre seu próprio recorde. Tendo como premissa um tema de palpitante atualidade, encarado de maneira adulta e profunda, abordando tipos que são arquetipicamente exatos em seu desenvolvimento e sua maneira de ser, consegue Bloch, desta feita mais do que sempre, como diz Jorge Amado, empolgar os intelectuais e o povo, falar à inteligência e ao coração.

Se, por um lado, teatralmente, logra o autor de tantos êxitos



mundiais, alcançar plenamente o coração e a mente da plateia, por outro, psicanalistas do maior gabarito (Ernesto La Porta, Danilo Perestrelo e muitos outros) se entusiasmaram com *Os Pais Abstratos* a ponto de reprisarem o espetáculo que aborda a família eletrônica de nossos dias.

A plateia se identifica com o que os personagens dizem e com o que os personagens calam. Não é preciso, de maneira alguma, colocar-se na pele dos tipos criados por Bloch para sentir seus conflitos. É que eles representam, cada qual à sua maneira, o mundo caótico em que vivemos.

O Danilo, frustrado e dominado por uma engrenagem que (se não houver algo que o liberte) também atingirá os filhos, procurando encontrar-se das formas mais cômicas e trágicamente humanas é um desses tipos que ficam para sempre com o espectador. Renata, a esposa que erra emocionalmente, procurando formas elevadas de fuga (arte, cursos, cerâmica, etc...) representa bem a frustração de nossos tempos astronômicos e cibernéticos, com tanta máquina e tão pouco amor autêntico.

Denise, para os analistas primários, será o terceiro lado do triângulo. Na realidade ela é um desdobramento da própria Renata, é a Renata dos primeiros tempos, do tempo dos poemas e da ternura, quando Danilo sonhava conquistar o mundo, realizar-se, criar, ser ele mesmo, o dono de seus sonhos e de suas realidades. O triângulo de *Os Pais Abstratos* é Danilo, Renata e o Mundo, Danilo, Renata e a Vida Eletrônica, Danilo, Renata e o Homem na Lua.

Os filhos são tratados de acordo com o que mandam as "boas regras" e os bons sentimentos, a boa formação e os *slogans* consagrados dos dias que vivemos. Estão em colégios magníficos, cercados de assistência psicope-



OS PAIS ABSTRATOS

Esta comédia de Pedro Bloch teve sua estréia mundial em Helsinqui (Finlândia) e nacional, no Teatro Martins Pena, de Brasília, em 20 de julho de 1966 numa produção do Teatro Princesa Isabel do Rio, deixando o êxito assinalado por uma placa de prata naquela casa de espetáculos. Sua primeira no Rio, deu-se no Teatro Princesa Isabel, em 9 de agosto de 1966 com Jorge Dória, Glauce Rocha, Darlene Glória, Luis Guillermo e Adriana. Direção de J. Bethencourt e cenário de Pernambuco de Oliveira.

Depois de vitoriosas temporadas nesta casa e no Serrador, excursão pelo Norte do País, o original de Pedro Bloch (hoje traduzido para vários idiomas) estreou com enorme entusiasmo das plateias e da crítica, em Portugal, sendo o papel de Denise ali interpretado por Ana Maria Nabuco. Mais tarde

dagógica, *compreendidos* em seus problemas por gente capacitada.

Os Pais Abstratos cumpre, em gabarito maior, o que já havíamos acreditado de sua *Amor a Oito Mãos*, que na Espanha já ultrapassou das 200 representações consecutivas.

E não errávamos quando afirmávamos tratar-se de uma das melhores comédias dos últimos tempos em qualquer latitude.

Os Pais Abstratos é das raras peças produzidas mundialmente que refletem, *realmente*, o momento que vivemos, sem doutrinações, sem gritos histéricos, sem acusações pleonásticas, mas fazendo com que cada um sinta que a bomba atômica está dentro de cada um de nós, que enquanto não nos reformarmos paralelamente à reforma da vida e dos erros universalmente consagrados de nada valerá a luta pela realização: não é preciso construir um *robot*, um homem-mecânico. Nós já o construímos a custa de nossa alma plástica, de nossos condicionamentos, de nossos erros.

Tudo isto para dizer que *Os Pais Abstratos* gerou reações admiráveis em todos os cantos em que é conhecida.

É o dramaturgo quem confirma quando afirma:

"Um escritor, especialmente um dramaturgo, por mais êxito que tenha fora do seu país, quer sentir a reação de seu povo em sua língua. De tudo isso o que mais me alenta e satisfaz é verificar a acolhida da crítica e do público. Considero o atual espetáculo do Princesa Isabel como uma das melhores encenações de peça minha no Brasil. Talvez, por isso mesmo, ela transmita sem excessos e com enorme dignidade o que penso, sinto e quiz dizer".

Isto vem conferir com o que sempre dissemos. Pedro Bloch tem sido, muitas vezes, entre nós, um autor à espera de uma encenação à altura de sua obra. E a tem com *Os Pais Abstratos*.

Leda Vale passou a interpretar o papel de Renata, criado por Glauce Rocha, enquanto o de Denise teve mais duas intérpretes: Thais Moniz Portinho e Georgia Quental.

O papel das crianças, quando feito ao vivo, teve inúmeros intérpretes, sendo as mais constantes Monique Lafond e Luis Guillermo.

Uma primeira versão de "Os pais abstratos" foi publicada pela Editora VOZES.

SÓBRE OS PAIS ABSTRATOS

"Excelente comédia, viva e atual, em fundo e forma. Espetáculo para qualquer platéia, adulta ou juvenil. É sobretudo um conflito humano que toca profundamente".

(Accioly Netto, "O Cruzeiro")

"Glauce Rocha, Darlene Glória e Jorge Dória, além dos atores juvenis, estão excelentes nesta obra moderníssima, a melhor de todas quantas já produziu Pedro Bloch.

("Querida")

Pedro Bloch é um dos três ou quatro autores de teatro profissionais que este país possui. Seus diálogos são tão bons que só podem ser comparados com os de Nelson Rodrigues dos primeiros tempos.

(Fausto Wolff, "Tribuna da Imprensa")

"Das peças de Pedro Bloch que conhecemos esta é a melhor".

(Henrique Oscar, "Diário de Notícias")

"O atual cartaz é uma peça de Pedro Bloch. O que equivale a dizer sucesso de bilheteria".

(Martim Gonçalves, "O Globo")

"É uma peça que todos devem ver, de autoria deste homem sensível e genial que é Pedro Bloch. Extraordinária!"

(Ofélia Boisson Cardoso, "Jornal do Brasil")

"O diálogo desta peça é simplesmente esplêndido. Aplaudimos entusiasticamente autor, intérpretes, diretor e cenário".

(Marcos André, "O Globo")

"In the early days of this column, the following words were written: — Pedro Bloch is one of the leading contemporary play-writers in Brazil, today, the most prolific and probably the best". "The abstract Parents" is his best work. He and his actores deserve a special place in the panorama of Brazilian theatre".

(John Procter, "Brazil Herald")

1.º ATO

CENÁRIO

O palco é utilizado de tal maneira que três ambientes possam ser destacados e isolados ou reunidos num único, dando a impressão de se tratar do mesmo "living". Uma rotunda ou esquematismo moderno podem servir, de acôrdo com a imaginação do cenógrafo.

A esquerda do espectador temos um "living" de casa de recursos; no centro do palco uma poltrona tipo "relax" e um abajur permitem a criação de um segundo ambiente, embora se sinta que pertence a todos, podendo a eles ser fundido; à direita do palco teríamos como que um jardim de inverno do ambiente da esquerda e que será um outro "living", quando necessário. Em certas cenas, porém, tudo pode funcionar como um cenário único. Deve-se evitar qualquer idéia de "realismo". No cenário a tela de projeção dos "slides" deve estar disposta de maneira funcional, sem ferir a "unidade".

O sistema de som deve ser perfeito. Alto-falantes de ambiente e da platéia.

Várias partes do ambiente geral servirão de telas de projeção dos "slides" indicados no decorrer da comédia, em certas soluções cenográficas. Na versão brasileira utilizamos uma tela angulada única com a projeção feita de um dos cantos do palco.

ÉPOCA: ATUAL

(Antes de abrir o pano) (Ouve-se umas notas de música eletrônica).

VOZ DE ADULTO: (VINDA DE UM ALTO-FALANTE): Atenção! Pede-se o comparecimento urgente do Dr. Danilo, sala de reuniões da diretoria no segundo andar. Urgente!

(Entra música tipo Beatles)

(A imagem dos Beatles com as medalhas que receberam da Rainha é projetada na tela)

VOZ DE CLARICE: — Atenção! Chamando os brotos, chamando todos os brotos. Quem tiver retrato dos Beatles, é favor avisar com urgência para Clarice. Atenção! Só serve Beatles ingleses.

(Ouve-se um ruído de frequência que sobe como um foguete).

VOZ DE DINHO: — O pai de Virgílio é um sujeito fabuloso.

VOZ DE CLARICE: — O pai de Rogério é campeão submarino.

VOZ DE DINHO — O pai de Ronaldo é astronauta, mora...

(Ouve-se um ruído de frequência que desce)

(Após algum tempo de música bem romântica) (Projeta-se um quadro abstrato)

VOZ DE DINHO — Este é o retrato de papai...

(Projeta-se outro quadro abstrato)

VOZ DE CLARICE — E este é o retrato de mamãe...

VOZES DE DINHO E CLARICE — Abstratos, naturalmente.

(O tema romântico sobe e se mantém até o aparecimento de Danilo, quando decresce suavemente).

PRIMEIRO QUADRO

RENATA, mulher de seus trinta e poucos anos, está tomando café sôzinha, com um "peignoir", numa mesa de dois lugares que pode ser recanto de living moderno ou mesa de jogo. Enquanto bebe está lendo um jornal dobrado à sua frente e encostado no bule. É uma mulher interessante, de expressão firme. As coisas mais sérias ou trágicas adquirem em sua boca uma "desvalorização irônica", como se não as tomasse muito em conta. Na realidade, sente o que diz e sofre os problemas que simula "ignorar".

DANILO, entra da rua, de "smoking". Àquela hora da manhã (devemos estar por volta das dez) o traje solene parece insólito. Entra, sem que ela erga os olhos do que está lendo e sem que ele ensaie, sequer, um cumprimento. Com um arranque brusco, num golpe só, ele tira o jornal que RENATA está lendo e vai começar a folheá-lo numa poltrona, enquanto boceja de sono. O curioso é que ela continua impassível, sempre "lendo" o bule, como se o jornal continuasse ali. Ao fim de alguns segundos,

sem olhar para êle, considerando-o um homem invisível. RENATA lhe arranca, dum golpe, o jornal, tal qual êle havia feito e o repõe no lugar anterior, continuando a leitura e o café.

DANILO nem volta a cabeça para verificar o que ela está fazendo, porque aquilo deve ser coisa usual, trivial, despida de qualquer surpresa.

Pouco depois êle se ergue, vai à mesa, analisa o que ali se encontra e pega uma torrada de um prato, que ela empurra logo para êle, como se quizesse estabelecer fronteira. DANILO vai tornar a pegar o jornal mas ela opõe resistência, puxando-o pelo outro extremo.

DANILO — É só pra ver a cotação do dólar.

RENATA — Dois mil, duzentos e vinte.

DANILO (Espantado) — Desde quando é que você se interessa pela cotação do dólar? (Ela não responde. Pausa) É. Precisamos de duas assinaturas de cada jornal.

RENATA — Eu precisava de duas assinaturas de marido, também.

DANILO (Depois de olhar a mesa) — Não tem manteiga? (Ela não responde) Só porque você está fazendo dieta não é motivo pra não se comprar mais manteiga nesta casa.

RENATA (Com ironia tranquila) — A dieta é sua, lembra?

DANILO (Cai em si) — Ah! (Pausa) Dois mil duzentos e vinte. É muito?

RENATA — Muito o que?

DANILO — O dólar.

RENATA (Com "doce" paciência) — Danilo, você ainda não reparou que está com cara de um monumental pileque?

DANILO — Estou?

RENATA — E somente uma prostitutazinha poderia lhe deixar êsse horrôso perfume de mercado de peixe.

DANILO (Inocentíssimo) — Você não gosta de peixe?

RENATA — Não pra perfume.

VOZ DE DENISE (Em gravação) — Está vendo, Danilo? Ela tem mania de me chamar de prostituta.

VOZ DE DANILO (As vozes são quase sussurradas) — Ora, Denise. Você já não sabe como ela é?

DANILO (Procura cheirar sua roupa e faz um gesto de dúvida. Pausa) — Ela não é prostituta.

RENATA — Não adianta, Danilo.

DANILO — O que?

RENATA (Quase declamando) — Fugir. Se você pensa que, de repente, pode virar Robinson Crusô e construir uma cabana numa ilha deserta...

DANILO — Está vendo? Você consegue transformar as situações mais sérias em coisas ridículas.

RENATA — É que elas são ridículas.

DANILO — São agora! Antigamente você não pensava assim.

RENATA — Antigamente você não era ridículo.

DANILO — Fazia as coisas mais absurdas.

RENATA — Você é que pensa!

DANILO (Quase repugnado) — Andava até de mãozinha dada com você.

RENATA — Não era ridículo.

DANILO — Florinha de beira de estrada... Até puritano eu era! Você entende?

RENATA — Razoavelmente.

DANILO — É. Naquele tempo eu não era ridículo. Claro que não era como o Fred.

RENATA — Outra vez, Danilo?

DANILO — Você... martelando as virtudes dêle dia e noite.

RENATA — Creio que só falei em Fred, na sua frente, meia dúzia de vezes, em treze anos.

DANILO — Tudo o que você dizia ou fazia comigo era sempre em termos de escala. Você me julga sempre em unidades-Fred.

RENATA — Querido, com o dólar a 2.220, não pretendo curar os seus complexinhos.

DANILO — O Fred não pode ter sido um sujeito tão formidável assim. Foi?

RENATA — Depende do que você chama de formidável.

DANILO — Então não entendo porque você me preferiu a êle.

RENATA — Você não foi uma escolha, Danilo. Foi uma reserva moral.

DANILO — Conheço gente como Fred! Campeões de coisas inúteis: caçadas na África, pesca submarina, boliche... Iate! Enchia aquilo de mulheres... Diziam que até você andava em bruta farra no iate dêle...

RENATA (Sereníssima) — É verdade.

DANILO — Verdade que diziam ou verdade que você andava?

RENATA — O que é que você acha?

DANILO — Você andava, Renata?

RENATA — A esta altura dos acontecimentos é que você vem perguntar, Danilo?

DANILO — Que altura?

RENATA — Depois de quatorze anos de casamento e com dois filhos no ginásio? (Pausa). Você ainda quer manteiga?

DANILO — Tem?

RENATA — Na gaveta dos legumes.

DANILO — Engraçado!

RENATA — Por que?

DANILO — Você se importa mais com o meu colesterol do que comigo.

RENATA — Se eu pudesse evitar que você comesse outras coisas, além de manteiga, também evitaria.

DANILO — Antigamente parecia que, quando viessem os filhos, tudo passaria a um plano secundário.

RENATA — Os filhos não bastam.

DANILO — Como se a gente pudesse se realizar nêles...

RENATA — É, não é?

DANILO (Assombrado) — Marcianos. Ando desconfiado que toda essa garotada, solta no mundo, veio de outro planeta. O dicionário é o mesmo, mas a língua é outra. Geração nova cada dez meses. Não entendo. Pega o Dinho, por exemplo. A impressão que eu tenho é que Dinho... tem assim... uma espécie de vergonha — de mim.

RENATA — Por que será, hein?

DANILO — O menino vive falando nos pais de todo mundo. Porque o pai de fulano isso... porque o pai de sicrano fez e aconteceu. Fala até do Ferreira, que nem pai é. Tem filho adotivo.

RENATA — O "Dinho" é um menino especial.

DANILO — Ele nunca me disse: "Papai, vou ser como o senhor!"

RENATA — Sorte, não é, Danilo?

DANILO — Eu não queria que ele fosse como eu. Queria que ele quizesse ser o que eu gostaria de ter sido, entende?

RENATA — Mais ou menos.

DANILO (Chateado) — Ele nunca me perguntou o que eu gostaria de ter sido.

RENATA (Com paciência) — E o que é que você gostaria de ter sido?

DANILO — Sei lá! O problema não é esse! Não basta a gente mudar por fora.

RENATA — Você acha?

DANILO — É muito fácil ser alguém quando a gente acredita em alguma coisa. Com um motivo, qualquer calhorda pode ser herói. Difícil, é ser calhorda sem motivo.

RENATA — Não seria bom você tomar um banho quente, descansar?

DANILO (Alheio) — O Dinho nunca me pediu para lhe explicar nada.

RENATA — Parece que as crianças de hoje sabem tudo.

DANILO — Nem sexo. Nada!

RENATA — Os meninos de hoje explicam a você.

DANILO — Você acha que foi boa essa idéia de internato?

RENATA — Péssima.

DANILO — Então?

RENATA — Que é que você iria dizer ao

Dinho se ele encontrasse você, a essa hora de smoking?

DANILO — Black-tie agora é defeito?!

RENATA — As dez horas da manhã... é!

DANILO — E Clarice?

RENATA — Se você estiver por aqui... pode vê-la nas férias.

DANILO — De que é que você está escondendo os meninos? Não adianta. Eles não vão viver no mundo de padres e freiras...

RENATA — Não quero protegê-los do mundo, Danilo. Quero protegê-los de nós.

DANILO — Nós?!

RENATA — Está vendo? Sou uma esposa original. Não boto a culpa somente em você. Os psicólogos falam em muralhas entre nós e as novas gerações: o muro da vergonha.

DANILO — Por falar em psicólogo. O que foi que a dona...

RENATA — Não interessa o que ela disse. Ela também não é desta geração. Os meninos deviam era escrever um tratado para nós, Danilo. É isso que eu penso. E é por isso que não me meto na vida deles.

DANILO (Acabou de pegar num cinzeiro, admirado) — Nós tínhamos este cinzeiro?

RENATA — Fui eu que fiz.

DANILO — Bonito, hein!

RENATA — Também estou fazendo curso de História da Arte.

Pausa. DANILO a olha espantado.

Teve uma moça que não sabia que a Mona Lisa era a Gioconda. Tinha visitado o Louvre e não sabia.

DANILO — Mentira!

RENATA — E quando o Cavalcanti explicou: "Mas se você estava no Louvre, por força deve ter visto a Gioconda!", ela respondeu: "Vi, sim. Só que agora, não estou ligando o nome à pessoa".

DANILO — (Ri)

RENATA — Que sujeito fabuloso era o Da Vinci! Descobriu tudo antes de ser descoberto.

DANILO — Nós vimos no Museu em Milão não lembra? Até expliquei a...

RENATA (Cortando) — Uma coisa de não se acreditar. Paraquedas, avião, submarino, escafandro, bomba atômica... Não, que tolice!

DANILO — Ficamos parados quase duas horas diante da Gioconda.

RENATA — E o escândalo que você fez no "Louvre". Lembra?

A "Gioconda" é projetada em slide colorido e eles revivem a cena em gravação. Ficam parados, a cena na penumbra.

DANILO Explodindo) — Você não está cansada de vêr esta porcária em tudo que é slide e revista?

RENATA — Mas esta é a verdadeira, Danilo!

DANILO — E daí? Ver o que? Adianta?

RENATA — Se você não sente nada, diante disso, deixe ao menos que eu sinta...

DANILO — Não sinto nada? Posso dar um curso completo sobre Leonardo.

RENATA — A frio, Danilo. Agora, quando você quiser conhecer Da Vinci, deixa eu olhar o quadro e olhe pra mim...

A cena volta à realidade, o SLIDE desaparece e...

RENATA — A gente nunca devia ser especialista em coisas que não ama.

DANILO — O Dinho nunca me perguntou se eu já tinha visto a Gioconda.

RENATA — A propósito de que ia ele perguntar isso?

DANILO — Pensando bem... acho que nunca me perguntou nada.

RENATA — Pra não amolar. O Dinho vai direto à Enciclopédia.

DANILO — Que enciclopédia! Sempre me considerou uma besta!

RENATA — O Dinho?

DANILO — Me considera analfabeto de pai e mãe!

RENATA — Você sabe muito bem que não é isso.

VOZ DE DINHO (Em gravação) — É sim. Quadrados. Vocês são todos uns quadrados!

DANILO — Esses projetos de gente se trancam de um jeito que a gente acaba vivendo em casa com desconhecidos. Pra saber o que se passa em minha própria casa tenho que telefonar pro vizinho, porque aqui o telefone está sempre em comunicação.

RENATA — Se você tivesse pedido à sua amante pra não passar trotes e não vomitar uma centena de palavrões sujos contra mim, todos os dias, saberia por que aqui em casa o telefone vive desligado.

DANILO — Denise seria incapaz! Você, agora, não vai...

RENATA (Cortando) — Quem provocou foi você. Pensa que um menino de doze anos não capta as coisas no ar? Dinho é muito sensível. Se você tivesse lido os poemas dele...

DANILO — Poemas?!

RENATA — Sim. Poemas.

DANILO — Poemas... de quem?

RENATA — De Dinho.

DANILO — E desde quando é que Dinho faz poemas?

RENATA — Sei lá! Encontrei num caderno.

DANILO (Intrigadíssimo) — Poemas?

RENATA — De amor.

DANILO — Está vendo? Até poemas se faz nesta casa sem eu saber.

RENATA — Teve um que eu até gostei muito: "Sou uma ilha deserta cercada de gente por todos os lados."

DANILO — E isso é poema?

RENATA — Comêço, não é?

DANILO — Não vai me dizer que Clarice também escreve poemas.

RENATA — Não. (Pausa) Coleciona retratos de artistas.

DANILO — Artista homem?

RENATA — Só artista homem. Não é natural?

DANILO — Com onze anos não é natural. Se você, em vez das cerâmicas, tomasse conta de seus filhos e deixasse em paz o Leonardo da Vinci — um bastardo homossexual muito vagabundo — veria que não pode ser natural.

RENATA — Na Índia meninas de onze anos se casam.

DANILO — Na Índia as vacas são sagradas. E daí?... (agita-se e repete irado) "Ilha cercada de gente por todos os lados". "Ilha!"

RENATA — Não era melhor você emigrar dessa ilha e telefonar para o escritório?

DANILO — Ué! Já ligaram?

RENATA — Natural, não é?

DANILO — Natural, por que?

RENATA (Crítica) — Não era hoje a reunião de Diretoria?

DANILO — E desde quando a diretoria da fábrica precisa de mim para se reunir?

RENATA — Danilo!

DANILO — Não vamos começar isto de novo... Já sei que teu pai é um sujeito fabuloso! Fantástico! Self-made-man! Se fez por si mesmo à custa de cinco mil cretinos.

RENATA — Era hora de você se agarrar a isso.

DANILO — Quando quis casar com você, ele pensou que eu estava de olho na fortuna dele, não pensou?

RENATA — Pensou.

DANILO (Irritando-se pouco a pouco) — Me coloca na firma, me dá meia dúzia de ações, põe meu nome na tabuleta da porta, na lista dos diretores e pronto. Supervisor técnico! Nunca ninguém me pediu pra ver nada. Nunca me falaram em técnica alguma.

RENATA — Era uma maneira delicada de papai dar a você um ordenado astronômico, guardando as aparências, não é?

DANILO — Fábrica eletrônica. Todos sabem perfeitamente que não sei distinguir uma válvula de uma lagosta.

RENATA — Todos sabem.

DANILO — Teu pai, o "grande" Giacometti, nunca aceitou um convite nosso para jantar, aceitou?

RENATA — Falta de tempo.

DANILO — Pois sim! É que ele deve sofrer com os cristais pagos pelo dinheiro dele, com as louças dele, os vinhos dele, os talheres dele, tudo dele!... Não tenho culpa de ele ter chegado como imigrante de bunda de fora e ter enriquecido da noite pro dia.

RENATA (Paciente) — Não foi da noite pro dia. Você sabe, perfeitamente, o que isso custou a papai.

DANILO — E depois... aquela gente. Cambada de incompetentes! Como é que você quer que eu trabalhe naquêle inferno?

RENATA — Todos trabalham.

DANILO — Os papéis nunca chegam à minha mesa. Correspondência é só de cartões de Natal. Todo o dia as mesmas caras, o mesmo horário, a mesma...

RENATA — Você está lá?

DANILO — Como é que você quer que eu esteja, se Giacometti não deixa ninguém respirar? *Self-made-man*. Só porque um desgraçado tem uma fábrica eletrônica não é motivo para que os alto-falantes vivam perseguindo você até no banheiro, como no aeroporto.

ALTO-FALANTE: (Gravação) — Queiram voltar aos seus lugares imediatamente! Voltar aos seus lugares, por ordem do comendador Giacometti. Por ordem do comendador Giacometti...

DANILO (Fala em cima do texto do Alto-Falante, logo após o "Imediatamente", procurando sobrepujar a voz) — Às vezes penso que vou amarrar o cinto de segurança.

ALTO-FALANTE: (Gravação) — O sr. Giacometti acaba de chegar...

OUTRA VOZ (Gravação) — O sr. Giacometti acaba de sair...

TERCEIRA VOZ (Gravação) — O Sr. Giacometti está na sala "B"... O Sr. Giacometti... (Em câmara de eco) Giacometti... Giacometti... metti... metti... metti

DANILO (Fala ao mesmo tempo que o Alto-Falante, dizendo coisas diferentes como:) — O sr. Giacometti está em conferência... O sr. Giacometti manda avisar... o sr. Giacometti mandou despedir... o sr. Giacometti...

RENATA — Que é que você quer? Grandes empresas precisam de organização!

DANILO — Organização?! Você se sente espionado até quando está trancado sozinho na sala... Pareço ver Giacomettis em todos os cantos. Até TV de circuito fechado o desgraçado instalou... E quando os alto-falantes não comandam aquelas ordens cretinas vem aquela maldita música funcional (*Ouve-se música suave*) interrompida pelo relógio eletrônico que dá a hora certa a cada cinco minutos... (Notas musicais "Eletrônicas" seguidas e misturadas com voz metálica em "Câmara de eco")

anunciando: "São dez horas e cinco minutos... são dez horas e dez minutos... são dez horas e quinze minutos... são dez horas e vinte minutos..." (Vão sumindo gradualmente dentro da fala de Danilo)... Tortura chinesa com música de relax... Você mesma está vendendo! Agora quis instalar *telespeaker* em toda parte; no carro, em casa, em tudo. Para poder ditar suas leis, aqui dentro, também.

RENATA — O fato concreto é que você não foi à reunião da diretoria.

DANILO (No auge da irritação) — Reunião de diretoria! Ninguém me dá a palavra, ninguém me pergunta nada, nunca há uma cadeira sobrando para mim e ninguém se preocupa com a minha presença. Quando estou ninguém percebe, quando não estou — todo mundo reclama... "Ilha deserta"... (Disca o telefone e procura falar com calma). Alô!... Está boa, Tereza? (...) Bem, quer ligar pra sala de reuniões? (...) Ordem de que?... Mas sou eu, Tereza! O Supervisor-técnico! Danilo. (...) Sei. Obrigado. (Desliga) O sr. Giacometti mandou dizer que esperou hora e meia pela minha chegada.

RENATA -- Está vendo? Esperaram.

DANILO — E você acredita numa mentira dessas? Foi um deles que atrazou. Por mim ninguém espera.

RENATA — Pelo menos foi delicado o papai mandar dizer isso.

DANILO — E a delicadeza foi por mim? Quando aqueles crápulas não me magoam é só com medo de ferir você de tabela.

RENATA — Assim não há argumento.

DANILO — Vai dizer que não é verdade!

RENATA (Pacientíssima) — Danilo, você chegou da rua, às dez horas da manhã, de *smoking*, bêbado, de sua farra, de sua amante, de sua vida de doido. Telefona para a sua fábrica...

DANILO — Sua!

RENATA — ...a repetição de uma reunião marcada para duas horas antes. Todos esperaram pelo senhor e o senhor é que fica fulo? É o cúmulo, não é?

Toca o telefone.

RENATA (Atendendo) — Alô?... Pode ligar... Dinho?... Como é que você está, meu filho? (...) Ótimo, tudo bem.

DANILO (Inconformado) — "Ilha cercada de gente..."

RENATA (Ao fone) — Você esqueceu os tênis, sabe?... Não. Mando pelo chofer... Telefone de quem?... Ah, sim! 57-5843. Está bem, "Ciau". Outro pra você. (Desliga).

DANILO (Após pausa expressiva) — Não perguntou por mim, perguntou?

RENATA — Estava preocupado.

DANILO — Lembrou do tênis, não foi?

RENATA — Danilo, tenha a santa paciência!

DANILO — Não tem problema! Estou acostumado.

RENATA — Como é que você queria que ele perguntasse por você, se você, a estas horas, devia estar na fábrica?

DANILO — O Dinho está cansado de saber que nas horas em que eu devia estar na fábrica, eu nunca estou na fábrica.

RENATA (Resignada) — Está bem, Danilo.

DANILO — E pra que diabo queria ele o telefone do Fred?

RENATA — Como é que você sabe que era do Fred?

DANILO — Não ouvi? Não sei?

RENATA — Quer ajuda para uma composição que precisa fazer: "Imperadores Romanos".

DANILO (Entre surpreso e magoado) — E a título de que o Fred há de entender mais de "Império Romano" do que eu?

RENATA — É que o menino pensou que o Fred poderia...

DANILO — Já sei o que o menino pensou: "O idiota do meu pai nunca ouviu falar em Rômulo, Remo, a Loba, Marta e Rea, Numitor, rei de Alba, Monte Palatino! O que é que meu pai entende de Marco Aurélio e toda aquela cambada de vigaristas? Papai entende é da porcaria do uísque! Cesar e Cleópatra, para a bês-ta do meu pai, deve ser fita de Elizabeth Taylor". "Ilha cercada de gente"!... Então esse calhorda não sabe que eu defendi tese de Direito Romano? Que já lecionei História Universal.

RENATA — Agora você podia tomar um café.

DANILO (Prova de uma xícara que Renata deixou a meio e faz repulsa com a boca) — Pffff! Está gelado.

RENATA — Dêsse, não, Danilo. Eu esqueço.

RENATA — Danilo, só quero que você sinta que compreendo, perfeitamente, os motivos de todas essas loucuras que você vem cometendo ultimamente.

DANILO — Você diz isso porque sabe que o que mais me irrita é justamente essa complacência. Eu preferia que você explodisse. Seria mais honesto.

RENATA — A humanidade se divide em gente que explode e gente que engole. Eu sou das engolidoras.

DANILO (Magoadíssimo) — Você sabe muito bem que vocês não tiveram um gesto... uma atitude... de respeito... de...

RENATA — Você não sabe o que está dizendo.

DANILO — Tudo. Até as passagens da lua de mel estavam compradas. Hotéis reservados, contas pagas. Anel de noivado. Tudo.

VOZES NO ALTO-FALANTE: (Em gravação) — Não é preciso pagar nada, senhor. É só rubricar. (Câmara de eco) Rubricar... bricar... car... car... car... car... car...

RENATA (Fala, mal o alto-falante termina a primeira frase) — Você ainda se lembra disso?

DANILO — Você sabe que não me casei com você por dinheiro.

RENATA — Sei.

DANILO — Então por que todos me olham como se eu fosse um parasita da fortuna do pai de minha mulher?

RENATA — Você é que pensa.

DANILO — Quando o chofer me abre a porta do carro e tira o boné...

RENATA — Outra vez, Danilo?

DANILO — ... me olha com uma cara de puro deboche.

RENATA — E, não é?

DANILO — Se vou ao sítio, no uiquende, todo mundo parece dizer: "Olha o Danilo aí" "Veio descansar, Danilo? De que?" Um dia vou mandar pro inferno seu pai, a fábrica. as ironias, tudo... e começo tudo de novo. (Pausa) Você não acredita.

RENATA — Acredito.

DANILO — Tudo que eu faço vira anedota. Naquele dia ninguém acreditou que eu quisesse morrer de verdade.

RENATA (Serena, suave) — Eu acreditei.

DANILO — Pensaram que eu tinha me enganado na dose.

RENATA — Eu não pensei.

DANILO (Magoadamente saudosos) — Hoje... parece mentira... Mas você já gostou de mim como eu era, Renata.

RENATA — Gostei.

DANILO (Quase sem compreender, visualizando sua imagem antiga) — Eu era uma pessoa. Eu era gente. Não era gente, Renata?

RENATA — Sim, Danilo, você era gente.

DANILO — Incrível! Tantos planos na cabeça! Tanta coisa!

RENATA — É verdade.

DANILO — Até poemas eu fiz. Lembra?

RENATA — Estão todos comigo.

DANILO — Tanta coisa em comum... e de repente... como se fôssemos duas outras pessoas...

RENATA — Eu não esqueço nenhum momento, Danilo. Você nem olha mais os slides de nossas viagens... lua de mel... tudo... Eu olho todos os dias.

DANILO — Não íamos aceitar nada que não fôsse conquistado por nós... Renata, o que é que eu entendo de eletrônica?

RENATA — Nada, Danilo.

DANILO (Magoado) — Se fôsse uma pergunta de eletrônica eu ainda compreendia que o Dinho... (Vai citando os imperadores, contando-os nos dedos, com desespêro crescente). Augusto... Tibério... Calígula... Cláudio... Nero... Vespasiano... Tito... Domiciano... Trajano... Adriano... Antonino Pio... Marco Aurélio... (Profundamente magoado). Se fôsse uma pergunta de eletrônica!...

FIM do PRIMEIRO QUADRO

A transição do PRIMEIRO para o SEGUNDO QUADRO é feita pela música romântica (tema, leit-motif) que se prolonga ouvindo-se dentro dela a VOZ DE RENATA dizendo: "Está ouvindo, Danilo? Nossa música!..."

O tema prossegue e oito segundos depois a VOZ DE DENISE diz: "Nossa música, Danilo"! A música continua um pouco e cessa para o...

SEGUNDO QUADRO — PRIMEIRO ATO

O "living" de DENISE é mais modesto, embora de bom gosto, quase um jardim de inverno, como dissemos, do cenário da esquerda. Está bem decorado. Estão em cena DENISE e DANILO. Ele, de smoking e ela com um lindo vestido de baile. Vai trocando de roupa a proporção que a cena se desenvolve e acaba num robe. DENISE é uma mulher linda. Poderia ser aeromoça ou secretária, ainda que pareça ter gabarito maior. É modelo profissional. Quase que vai amanhecendo, tão tarde é. Danilo vai bebendo cada vez mais.

DANILO — Ah, mas eu não conversei!... São todos uns analfabetos! "Afinal, quem é o supervisor técnico desta joça — perguntei — eu ou Giacometti?" "Ninguém me delibera nada, aqui dentro, sem ouvir o departamento técnico!"... Ninguém piou. Silêncio de morte... "E se alguém não estiver de acôrdo diga logo... que eu peço minha demissão irrevogável! Irrevogável!" Ah, Denise!

(Ele se aproxima dela e quer lhe fazer um carinho e ela refuga).

Eu, palavra de honra!, ainda não entendi porque você está sentida comigo. Sei que nossa situação é irresolvida. Mas que diabo! Podemos dar um sentido, ao menos ao provisório, já que o permanente não tem sentido.

DENISE — Lá vem você com filosofia de gafanhoto.

DANILO — Infinito não é pra nós, é pros deuses.

(Ela não reage)

Mas explique, ao menos, por que você ficou tão zangada. Somos gente civilizada, que diabo!

DENISE — Eu não sou civilizada. Sou mau-mau. Só hoje, Danilo, é que percebi que você quer correr as buates comigo. Só para que os seus amigos vejam a modelo acompanhando você.

DANILO — Depois de me arrebentar o dia todo no trabalho preciso espairer ou já não preciso?

DENISE — Nem pra dormir você me quer. Só pra constar da ata.

DANILO — É nisso que dá a gente ser um homem decente!

DENISE — Decente, não é? Conheço esse tipo de finura. Não querem discutir em público... Arrazam com a vida da gente, em três idiomas, sem sctaque...

DANILO — Contando ninguém acredita!

DENISE — Levantam da mesa quando a gente vai sentar... Empurram a cadeira na hora certa...

DANILO — Ah, é isso que você vê em...

DENISE — ... só pedem prato que ninguém come (Escargô)... essa porcaria de camarujos... Mas amor mesmo!...

DANILO — Denise, quem bebeu fui eu, não é?

DENISE — Estou com o amor recolhido há tanto tempo que, quando explodir mesmo, nem a Legião Estrangeira vai dar conta do recado.

DANILO — Sem comentários.

DENISE — Bem feito! Cansei de ser romântica. Não me bastava ser modelo. Quis resolver minha vida com computador eletrônico, organograma, Hollerith. Até índice demográfico.

DANILO — Índice o que?

DENISE — Tem cidade com cinco homens pra cada mulher, sabia? Planifiquei tanto que acabei me apaixonando logo por...

DANILO — Palavra que ainda não entendi você...

DENISE — Só não explodi pra valer porque tive pena... Não deve ser fácil aturar a megera com que você casou. Um sujeito que casa com uma gorila daquelas tem que beber. Ah, tem!

DANILO — Você sabe, perfeitamente, que não passei de cinco doses.

DENISE — Das legítimas, porque das falsificadas perdi a conta.

DANILO — Está vendo? Você sabe disso porque não me acompanha quando eu bebo.

DENISE — Se eu o acompanhasse quando

bebe, quem ia trazer você pra casa quando estivesse na altura do Himalaia?

DANILO — Mas não acompanhar quem bebe é imoral. É como campo de nudista. ali só é imoral quem está vestido. Afinal de contas, ainda não entendi porque você está tão magoada comigo! Que foi que eu fiz?

DENISE — Nada. Você apenas quis cantar em dueto com a estrêla francesa do show.

DANILO — Não é nenhuma tragédia.

DENISE — Não... se você não quisesse despir a francesa ao mesmo tempo. Botar a francesa no seu campo de nudistas.

DANILO — Eeeeeeu?

DENISE (Irônica) — Não. Eu.

Durante todo este quadro DANILO vai bebendo uísque e o termina quase embriagado, mas "controlado".

DANILO — Ora! Francesa adora ficar nua! E depois você sabe os planos que eu tenho. Livros, projetos, o diabo! E, em vez de escrever, de concurso pra Faculdade, fico amarrado o dia inteiro com pilhas de papéis pra despachar!

DENISE — Quando não bebe é pior. Quer ser fino.

DANILO — Vamos convir que você está nervosa, não é?

DENISE — Seis, oito, dez horas. E aí começa a chorar as mágoas de casa comigo.

DANILO — Eeeeeu?

DENISE — Não quero um sujeito se apoiando em mim. Chega! Tôrre de Pisa comigo, não!

DANILO — O que mais me espanta é que você conhece, perfeitamente, meus problemas Eletrônica é pra analfabetos. Detesto!

DENISE — E estou cansada, Danilo. Cansada de ser boazinha, cansada de ser mãe, amante, irmã, vizinha, tudo ao mesmo tempo.

DANILO — O absurdo é que não houve motivo pra começar tôda essa...

DENISE — Será que ainda não entrou em sua cabeça de pedra que até gente como eu... a quem você vive prometendo casamento e viagens... tem direito a um amor-mínimo?

DANILO — Você nunca reclamou.

DENISE — Porque pensei que estivesse na cara, não é? Porque quando eu tenho meus problemas, mordo o travesseiro. Não chateio ninguém. Bem feito! O mal da mulher é ser tôda cheia de meiocaminho, coreografia. Lembra do que combinamos ontem? Hoje você nem tocou no assunto.

DANILO — Não houve oportunidade.

DENISE — Danilo, houve até oportunidade de falar em astrologia. Que foi que ela disse?

DANILO — Quem?

DENISE Com revolta) — Madame Pompadour!

DANILO — Renata?

DENISE — Quem havia de ser?

DANILO — Ela vai sofrer muito, Denise. Ainda não pude falar com ela direito.

DENISE — Depois de todo êsse tempo?

DANILO — Parece que desconfiou. Trouxe o passaporte no cofre.

DENISE — Mas você não ia botar as cartas na mesa? Não ia comprar as passagens?

DANILO — O dólar está a 2220!

DENISE — Ah! Agora, pra saber até onde vai o seu amor, vou ter que acompanhar a cotação do dólar.

DANILO (Com calma) — A firma precisa de mim. No dia que eu sair aquilo desmorona.

DENISE — Deixa desmoronar!

DANILO — Parece fácil... Na hora... você chega em casa e entra logo em clima de criada nova, tintureiro que mandou o terno azul, fogão dando defeito... Falta manteiga. Todo mundo precisando de você... tôda gente dependendo de você... de repente você está até arriscada a descobrir que tem um filho que faz poema! Entende?

DENISE — Não.

DANILO — Um bostinha dêste tamanho faz poemas de ilha deserta... até deveres eu tenho que resolver para êle: "Imperadores Romanos"... E pensa que é só isso? De repente, aparece uma filha, uma porcaria assim (Gesto) que coleciona fotos...

DENISE — Que tem isso a ver com o caso?

DANILO — Com onze anos, você colecionava fotos?

DENISE — Colecionava.

DANILO — Fotos de que?

DENISE — Borboleta.

DANILO — Você acha natural menina de onze anos colecionar retrato de homem?

DENISE — Acho.

DANILO — Só de homem?

DENISE — Em menina eu adorava vêr passar cesta de flor em bicicleta...

DANILO — De flor...

DENISE — Ficava imaginando que um dia aquelas flôres podiam ser para mim. Não é que eu precisasse da flor... Um negócio assim...

DANILO — ...

DENISE — Simbólico — Engraçado sonho de criança. Com 7 anos eu queria ter três filhos: um coelho, um pinguim e um canguru. Só depois é que me explicaram que gente só pode ter gente. Chato, não é?

DANILO — Você tem cada uma!

DENISE — As meninas do meu colégio ti-

nham tôdas um questionário... cheio de perguntas: "Você já amou?" "Qual é a sua flor predileta?" "Qual foi o dia mais feliz de sua vida?"

DANILO — Qual foi?

DENISE — Nenhum. Sabe de uma coisa engraçada?... Raspei o fundo da memória... "momento feliz... momento feliz..." e deixei a fôlha em branco. Não tinha... Não tinha mesmo!...

DANILO — Pois pra mim a felicidade é sair daquele inferno!

DENISE — Pra mim bastava um único momento feliz... e eu botava numa moldura, pendurava na parede pra todo mundo vêr... às vêzes me dá uma saudade bestial de casa... nas horas em que estou sôzinha. Engraçado as coisas que ficam!... Não é? Ferro de engomar... minha mãe passando roupa e estalando, de vez em quando, o dedo cuspindo no ferro... Tcháááá! Tcháááá!... Quer dizer que ela junta retrato? (Pausa) Você, em menino, juntava o que?

DANILO — Chapinha de cerveja. (Pausa) Engraçado as coisas inúteis que menino junta.

DENISE (Intencional) — Adulto, também.

DANILO — Por que é que Renata não compreende que eu não posso aguentar aquela vida? E você não sabe da melhor! Agora cismou que você liga pra minha casa dizendo as piores coisas.

DENISE — Eu? Pra mim é que ligam todos os dias! Apreendi palavões que nem sei o que significam.

DANILO — Afinal, o que é que nós estamos discutindo? Não estava tudo bem?

DENISE (Irônica) — Bem, Danilo? Estava perfeito! Se você tivesse parado um segundo pra pensar... teria compreendido...

DANILO — Que é que você quer que eu compreenda agora?

DENISE (Sôbre a fala dêle) — ... até onde cheguei, até onde me conformei. Houve tempo, entende?... em que eu, como tôda moça, sonhava com o homem ideal. Depois — comecei a fazer concessões: podia ser baixo, podia ser louro, pobre, burro, até antipático.

DANILO — Está vendo?

DENISE — Vendo o que? Podia ser tudo isso, mas que tivesse alguma coisa de autêntico. Hoje nem posso ouvir música romântica. Já não aguento mais música que fala de amor, luar, você. E tôdas elas falam! Entende o que eu quero dizer?

DANILO — Você parecia feliz... não entendendo!

DENISE — Onde eu trabalho, Danilo, o chefe de relações públicas quer que se conserve sempre o sorriso. Mostrar todos os dentes.

Não confunda felicidade com dentadura. Também não quero que você me confunda com a cretina de sua mulher...

DANILO — Bem, se a coisa é na base da estupidez, eu também podia dizer que, quando me encontrou, você já tinha passado por uma centena de homens.

DENISE — Antes fôsse! Não passaram de meia dúzia.

DANILO — Está vendo?

DENISE — Vendo o que? Nunca neguei! Nunca me faltaram homens na vida... "Assim"... até pra casar.

DANILO — Não diga!

DENISE — E conhecendo meu passado, se quer saber. Gosto de sexo. Tem alguma coisa demais? É anormal? Foram seis porque nenhum dêles sabia pegar numa mulher direito. Se eu tivesse um que me amasse pra valer, entende?, não olhava mais nem pro Papa!

DANILO — Foi você mesma quem disse que não ligava pra coisa de sexo.

DENISE — Sua compreensão é astronômica, Danilo.

DANILO — "Nômica!"

DENISE — Que é que você queria que eu dissesse diante de um homem apagado como você?... O que é que você já me deu de si?

DANILO — Era só dizer!

DENISE — Dizer, como, Danilo? Você nunca mostrou um mínimo de... calor. Você é uma tonelada de ausência. Nunca quis presentes, queria a intenção. Podia ser brilhante ou flor. Minha fome era do gesto, percebe? Simbólico.

DANILO — É por essas e outras que ninguém vai entender as mulheres nunca.

DENISE — Marcelo entendia.

DANILO — Basta ferir você e pula logo com êsse azarão.

DENISE — Foi o único homem que se preocupou comigo. Não com o meu corpo. Comigo. Ele sabe que minhas coisas têm o tamanho de uma vida inteira. Lembra o Natal do ano passado? Você nem me perguntou pela minha família. Não lhe passou pela cabeça que, até gente como eu, pode ter mãe?... Irmã com catapora?

DANILO — Telefonei explicando.

DENISE — Claro que telefonou! Você até mandou presente!

DANILO — Pois então!

DENISE — Só que você mandou êsse presente (o único que recebi de você em tôda minha vida) sem, ao menos verificar o que havia dentro do pacote que você ganhou de alguém e passou pra mim.

DANILO — Mas eu calculei que...

DENISE — Sabe o que você mandou, Da-

nilo? Um barbeador elétrico. Entende o que eu quero dizer? Pra não desfazer o embrulho...

DANILO — Pois eu jurava que era perfume francês.

DENISE — O cartão que veio dentro me comoveu profundamente. "Acorde feliz e faça a barba com Philishave"!

DANILO — Você está cansada de saber que a intenção...

DENISE — Agora não importa mais. Agora você podia até me mandar o colar que Chateaubriand mandou para a rainha da Inglaterra. E pensar que basta estalar os dedos para que Marcelo venha correndo e case comigo.

DANILO — Denise...

DENISE — E não vai perguntar com quantos homens já dormi!

DANILO — Pelo amor de Deus! Se eu magoei você...

DENISE — Que magoou, nada! Estou curtida. Barbeador elétrico. Se eu pudesse, chorava, palavra de honra. Houve tempo em que qualquer coisa vinha logo um berreiro de lágrimas. Sentia um troço. Chorava que nem uma vaca. mas no fim encerrava o assunto e virava a página... agora...

DANILO (Suave — abraçando-a — consolando-a) — Eu jurava que era perfume...

DENISE — Não quero ninguém com pena de mim. Prefiro raiva, ou nojo. Não é que eu precise de você exatamente, entende?... Na vida de todo mundo é preciso "dois". Um — dois. Na vida a gente precisa, já não digo de um companheiro, amante, amor, dietil, coisas assim, mas pelo menos de um ouvinte, um interlocutor... pessoa pra mexer a cabeça aprovando ou reprovando... pessoa que diga, ao menos "hummmmmm". Qualquer pessoa. Podia até ser surdo, mas que eu pensasse que estava ouvindo, entende? (Pausa) O que é que eu fui ver em você? Não é nem meu tipo. Não me diz nada, nada, nada.

DANILO — Ué!

DENISE — Nem beijar direito você sabe!

DANILO — Isso. Descarregue. No fundo, você sabe que eu lhe quero um bem danado!

DENISE — Você, Danilo, é tão cimento armado, tão impenetrável, que ainda não percebeu que pouco estou ligando pro casamento. O que eu quero é sentir que a pessoa que está a meu lado seria capaz de casar comigo. Simbólico. Mas, às vezes, me dá vontade de acompanhar você numa bebedeira. Aí a gente ia acender umas velas numa mesa de canto, naquela penumbra morna de buate. Mandava a orquestra tocar a nossa música favorita. (Ouve-se a música) Você ia fazer de conta que você era o homem que queria ser... Eu fazia de conta que era a mulher que você tinha so-

nhado. (Pára a música. — Pausa) É, acho que, hoje, nós passamos da conta.

DANILO — Quem passou fui eu.

DENISE — Você sabe, Danilo, que eu só tenho você. Quando é pra descarregar temos que nos aguentar um ao outro.

DANILO — O mais curioso é que Renata não era assim. É uma ótima mãe...

DENISE — É parece que uma coisa nada tem a ver com a outra. Minha mãe também era muito compreensiva. Um dia me suspenderam da escola. Perguntaram a tôdas as meninas o que elas queriam ser e eu disse convicta: prostituta.

DANILO — Não!

DENISE — Só a mamãe entendeu. Ao lado da minha casa moravam umas moças lindas, muito pintadas, de roupas coloridas. Minha mãe se referia a elas como "as prostitutas". Pensei que prostituta fôsse assim uma espécie de condessa, entende?

DANILO — A gente devia ter sempre a chance de riscar o passado e viver a vida de novo. Quando começar a vida que eu quero... vou ter nojo de álcool.

DENISE — Prostituta! O mais engraçado é que sempre olhei o sexo com grande pureza.

DANILO — Giacometti pensa que eu preciso dêle. Quero poder esfregar nas fuças dêle: "Está aqui. Não preciso do seu dinheiro, não preciso de sua filha, nem de seus netos. E podem fazer suas reuniões cretinas sem mim Comigo, não!"

DENISE — Eu ia sempre pra roça e assistia à cobertura das éguas. Tudo parecia fonte de beleza... Por isso, até hoje, acho sexo lindo!

DANILO — O que estraga as pessoas é aquela engrenagem...

DENISE — Cavalo nasce bonito. Levanta logo e parece que é só pernas.

DANILO — Você começa cedendo e, daí a pouco, está atolado até o pescoço. "Sim, Sr. Giacometti... Pois não, Sr. Giacometti". A gente fica sem nervos. O que assusta é como a gente muda. Em criança eu nem podia comer, sabendo que havia menino com fome. A comida ficava aqui... entalada. Hoje como caviar, bebo champanha, sem remorsos. E vou adiando tudo. Livro. Tese...

DENISE — Você, Danilo, ainda vai fazer grandes coisas, eu sei.

DANILO — Denise, por que é que eu preciso tanto magoar você?

DENISE — Eu compreendo e não me magoô.

DANILO — Giacometti só admite gente que êle possa dominar. Comigo, não. Não sou

capacho do Sr. Giacometti. Não sou capacho, Denise.

DENISE — Claro que não, Danilo. Você não é capacho.

Ilumina-se a outra parte do palco e RENATA está ao telefone. Suas falas se alternam com as de DANILO.

RENATA (Ao fone) — Sim, meu filho... Dinho, quando você telefonar, pergunte sempre pelo seu pai. Sei, mas ele fica triste, meu filho!...

DANILO — Ganhei concurso de oratória no tempo da Faculdade. "O Direito Romano é de todas as legislações da antiguidade"... Parece que faz um século!

RENATA (Ao fone) — Nas férias. Só nas férias. Cavalo, piscina, o que você quiser, mas estude.

DANILO — Eu estudava muito. Queria aprender tudo de uma vez...

RENATA (Ao fone) — Não diga isso, meu filho. Seu pai adora vocês.

DANILO — Em casa me olham como se eu fôsse um marciano. Ninguém me compreende, Denise.

RENATA (Ao fone) — Quando você puder, meu filho, fale com seu pai. É nervoso, meu filho! Nervoso.

DANILO — Não sei. Acho que ando com os nervos em pandarecos...

RENATA (Ao fone) — Outro pra você. (Desliga).

DANILO, ao mesmo tempo, puxa DENISE para si e a beija. Ela diminuiu a luz, bota um disco na vitrola e o tema da peça vai surgindo. RENATA escurece a sala, liga o projetor de "slides" e vai fazendo surgir seu passado, flagrantes felizes com DANILO, aspectos turísticos, sentada sôzinha na penumbra enquanto, do outro lado, DANILO recosta a cabeça e fuma "sonhador" — e DENISE, olhando o infinito, alisa o toca-disco lentamente.

FIM DO PRIMEIRO ATO

2.º ATO

Mesmo cenário.

ALTO-FALANTE (Em gravação) — Atenção! Dr. Danilo. Onde estiver! Comparecimento urgente à reunião da diretoria. Urgente!

PRIMEIRO QUADRO

A sala de DENISE está iluminada. DANILO, quase ausente do que DENISE está dizendo, apenas desligado o suficiente para que o que DENISE diz não pareça um monólogo solto.

DENISE — Calculo, perfeitamente, o que ela disse... Você, quando bebe, fica transparente. Começa a despejar a alma em baldes dêste tamanho... (Simulando despejar).

DANILO (Respondendo, mas sem que se perceba se é uma resposta ou se é resultado de conclusão do que está pensando) — Só mesmo rindo!

DENISE — Aliás homem é assim mesmo... Você quer saber? Eu chego a sonhar, Danilo. Chego a sonhar com o dia em que encontrasse Renata, pela primeira vez, sôzinha, cara a cara... O que eu diria... o que ela diria... É só fechar os olhos e ela me aparece... aparece... gira em torno de mim, vai girando, girando, girando, girando, me despe com os olhos todinha. Raio X... Me analisa parando o olhar nos pontos mais estratégicos e inconvenientes e pergunta, sempre a mesma frase, com as mesmas palavras, a mesma ironia: "Então, você é a menina que queria ser prostituta!"

RENATA (Aparece das sombras — quase

assustando) — Então, você é a menina que queria ser prostituta?

DENISE — Precisamente.

RENATA — E ainda há quem diga que os sonhos não se realizam. Você, minha filha, está plenamente realizada.

DENISE — Obrigada.

RENATA (Analisa a roupa que Denise veste) — Por que foi que não vi êste modelinho no desfile?

DENISE — Chegou tarde!

RENATA — Reparou?

DENISE — Lógico!... E jogando indiretas sutis em voz alta... quase aos berros histéricos.

RENATA — Eu?!...

DENISE — Sutileza de pata de elefante. Tchó... Tchó...

RENATA (Volteando em torno dela) — Deve ser lindo ser modelo, não é?

DENISE — Pelo menos, é divertido: — a gente olha as mulheres como você comprando mil e um vestidos e pensa: "eu não tenho o dinheiro dessa matrona, mas — em compensação — ela não tem corpo para vestir o modelo que compra".

RENATA (Risonha) — Não é mesmo?

ALTO-FALANTE (Gravação) — Dr. Danilo, onde estiver. Comparecimento urgente. Dr. Danilo. Câmbio.

DANILO (Explode) — Que câmbio? O dólar está a 2.220! (Ensaia um discurso erguendo-se da poltrona de relax em que se sentara,

pouco antes) Querem saber? Se eu tivesse ido a essa reunião, ouviram? Ouviram senhores membros da diretoria?... Se eu tivesse ido a essa reunião, diria a vocês todos **(A todos sem exceção)**...

RENATA — A papai, também?

DANILO — Ao Sr. também, Comendador Giacometti... Diria o que vocês são: uns calhas, uns crápulas, uns energúmenos...

AS DUAS — O que?

DANILO **(Berra — silabando)** — E-NER-GÜ-ME-NOS.

RENATA — Pare com isso, Danilo...

DANILO — Não adianta! Não piso mais nesta sala. Quem quiser que me procure em meu gabinete particular... Já disse: "em meu gabinete particular". O nome está na porta pra quem souber ler...

RENATA **(A Denise)** — O Danilo vive explodindo a propósito de tudo. Com você também?

DANILO — Cambada de analfabetos! ANA-L-FA-BE-TOS!...

RENATA — Quem vê tôda essa erupção pensa que... mas na hora!... A propósito: êle, também, acha que você é fria?

DENISE — Ainda não se queixou.

DANILO — E ninguém me mande mais cartões de Natal. Chega. CHEGA!

RENATA **(Tranquilíssima)** — Todo homem que não dá conta do recado bota a culpa na mulher! Fria!

DANILO — Pra mim, chega!

DENISE — Mas é por isso que eu digo! Homem nenhum jamais compreenderá mulher alguma. Já não falo de sentimentos, alma, coisas assim. Falo das coisas que uma mulher faz, simplesmente, para se encontrar com um homem...

RENATA — Não é mesmo?

DENISE — Pra estar com Danilo eu tomo banho, esfolo a pele, escovo, esponjo, uso sabonete francês. Depois vem aquela geringonça de estica-cabelo...

RENATA — Escova cabelo...

DENISE — Penteia cabelo...

RENATA — Fixa cabelo...

DENISE — E cinta...

RENATA — E soutien...

DENISE — Tudo apertado... exprimido...

RENATA — Comprimido... esticado...

DENISE — Máquina de secar, de suar, de esfolar...

RENATA — E pomada e pó e côr e pincel...

DENISE — E baton... e rouge e sobran-celhas...

RENATA — Cinquenta horas de cabele-reiro...

DENISE — Trezentas de modista... Pra, depois de tudo isto, êle não reparar.

RENATA — Nem no vestido.

DENISE — Nem no penteado.

RENATA — Nem no batom.

DENISE — Apaga a luz.

RENATA — Atira a gente na cama.

AS DUAS — E desmancha tudo de uma vez.

DENISE — Com você, também?

RENATA — Mas é por isso, minha filha! Por isso é que eu comecei a me dedicar à caridade... Sabe como é: — Fazia roupas para criancinhas de morro, jogava beriba em benefício de cobertor de favelado.

DANILO — Igualzinho ao velho Giacometti. Empobrece uma porção de gente e, depois, faz uma creche...

RENATA — Mas meus nervos não acalmavam...

DENISE — Dizem que Tranquilex...

RENATA — Anatenol...

ALTO-FALANTE **(Gravação)** — Relaxol...

DENISE — Serenol.

RENATA — Apelei pra cerâmica.

DENISE — Tem gente que faz coisas lindas!

RENATA — Mas não adiantou. Já podia calcular meu estado de depressão pelas peças que eu fabricava. Depressão pequena: cinzeiro. Depressão maior: jarra. Depressão mesmo: aparelho de jantar completo. Cerâmica é bom. Me deixa descontraída.

DANILO **(Disca o telefone)**.

RENATA — Aquele cinzeiro, por exemplo fui eu que fiz.

DENISE — Não!

RENATA — Só no ano passado pude fazer meu balanço emocional. 47 cinzeiros, 82 jaras, 4 aparelhos de jantar completos...

DANILO **(Ao fone)** — Alô? É do Ginásio?... Posso falar com o aluno Geraldo Cardoso?... Sim, o Dinho!... O meu filho!

DENISE — Você não devia tomar as coisas tão trágicamente.

RENATA — Não tomo!... Eu até que uso bastante minha filosofia de gafanhoto!... Acho que homem devia ser uma coisa assim... uma espécie de eléto-doméstico.

DENISE **(Corrige)** — Plástico.

RENATA — Isso! Acabou de usar, lixo!... Engraçado, quando eu era mocinha...

DENISE — Deve ter sido há séculos...

RENATA — Dois ou três, apenas... quando eu era mocinha, dividia os homens em três categorias...

DENISE — Eu também: homens e homens.

DANILO **(Ao fone)** — Alô! Dinho? É o papai!... Que pai? Que pai podia ser, Dinho?

Dinho, você, por acaso, já acabou aquele trabalho sobre "Império Romano"?... Eu não sei se você se lembra, mas já fui pro... Alô! Alô!

Parece que desligaram do outro lado. **DANILO**, desalentado desliga.

DENISE — Não aguento mais aquelas mulheres me examinando como se eu fosse um cavalo!

RENATA — Natural, não é?

DENISE — Natural, onde?

RENATA — As mulheres olham você com vontade de comer cada pedacinho do vestido e os homens olham o vestido com vontade de comer cada pedacinho de você... Aliás, pra ser inteiramente franca, só fui ao desfile pra vê-lo.

DENISE — Não!

RENATA — Palavra! Tôdas as minhas amigas só diziam: "A amante do Danilo é uma coisa"... "A amante do Danilo é um fenômeno!..." Só o Fred é que disse que você era... como foi mesmo que ele se expressou?

DENISE — Bofe.

RENATA (Corrige) — Bagulho.

DENISE — Há gosto pra tudo. Você não casou?

RENATA — Mas, por favor, não me tome a mal... Não é que eu concorde com ele. De maneira alguma! Eu até acho que, pro trivial, você serve.

DENISE — Obrigada.

RENATA — Querida. Eu digo "querida" por dizer. Você talvez não compreendesse, se eu dissesse "odiada".

DENISE — Muito sutil. Tchó... Tchó...

RENATA — Pois é. Agora que já somos inimigas... precisava ver o resto da família. Quero que você conheça meus filhos.

DENISE (Examinando o porta-retratos que Renata lhe entrega) — Uns doces!

RENATA — O menino é poeta.

DENISE — Como Drumond!

RENATA — Como Vinicius.

DANILO (Alheio — magoado — remoendo sua revolta) — Me desligou o telefone na cara!

DENISE — Deve ser lindo ter filho poeta!

RENATA — Mas deixe confessar, **querida** que, depois que vi você, minha curiosidade aumentou.

DENISE — É bom ouvir você dizer isso. Aumentou por que?

RENATA — Como é que você aguenta o Danilo? Como é que pode? Eu, pelo menos, tenho a desculpa da obrigação... Aquela bobagem do "até que a vida os separe".

DENISE — A morte.

RENATA — Ou isso. Mas você!...

DANILO — Um bostinha dêste tamanho me considera uma besta.

RENATA (Dóce) — Deus fala pela boca das criancinhas.

DANILO — Eu podia falar horas, não sobre Calígula, apenas, mas até sobre o cavalo-cônsul de Calígula.

RENATA (A Denise) — Está vendo? Todos os problemas resolvidos.

DANILO — Cláudio e Messalina... E Tito... Quando Herculano e Pompéia foram sepultados pelo Vesúvio.

RENATA (Explicando as Explosões de Danilo à Denise) — Isto é crise, passa! O engraçado é que, depois que Danilo começou a andar com meretrizes como você... alguma coisa mudou dentro de mim...

DENISE — Não será a menopausa?

RENATA — Na minha idade?

DENISE — Menopausa não tem idade.

RENATA — Depois que Danilo se amasiou, nem balzaqueana eu me sinto mais. Me sinto... assim... uma espécie de mãe de Balzac.

DANILO (Dando-se conta das duas) — Vocês querem parar com isso de uma vez?

RENATA — Sou capaz de jurar que você imaginou que eu queria fazer escândalo... jogar-lhe na cara uma porção de...

DENISE — E não...

RENATA — Oh, minha filha! Se você soubesse o favor que está me prestando, afastando o meu marido!... Eu era capaz de lhe oferecer todos os modelos do desfile... vison, joias, tudo!

DENISE — A senhora não está falando a...

RENATA — Se estou falando a sério? Mas rezando para que você fique com ele, pelo menos, o tempo necessário para conseguir o desquite e tudo o mais. Só mesmo a minha ingenuidade me levaria a casar com ele. E eu sou a ingenuidade em primeira audição. Calcule que, até há poucos anos, pra mim, Caím era bom moço e Madame Pompadour era virgem!...

DENISE (Feliz) — Um momento! A senhora está se desquitando?

RENATA — Não é uma boa idéia?

DENISE (Em dúvida alviçareira) — Então por que é que a senhora guarda o passaporte dele no cofre?

DANILO — "Ilha cercada de gente!"...

DENISE — Danilo quer me levar à Europa, na semana que vem. O que é que você acha que se está usando em Paris?

Muda a luz. **RENATA** está em "sua casa" e **DENISE** "na dela". **DANILO** está na poltrona de relax. Realidade. Tôda a cena se passou de forma irreal, sonhada, quase ad libitum.

RENATA — Eu pagava pra conhecer sua amante, Danilo. Pagava.

DENISE — Não entendo como podem existir mulheres assim. Como é que você aguenta?

As duas, falando ao mesmo tempo, provocam

DANILO (Numa explosão súbita) — CHEEEEGA!

RENATA (Tranquila) — Calma! É preciso calma, Danilo. Muita calma. Por que é que você não tem feito o seu relax na fábrica? Giacometti detesta gente nervosa.

DANILO — Chega!...

TRANSIÇÃO: — Um foco nos mostra DANILO numa poltrona reclinável, (a do centro do cenário) e o alto-falante, acariciante e hipnótico, vem com música de fundo, tranquilizadora, "terna", de uma "ternura" que irritaria qualquer pessoa de bom gosto. DANILO vai acompanhando as ordens e, de vez em quando, reagindo também a elas. O locutor explode, de vez em quando, pregando susto, mas volta logo à suavidade.

ALTO-FALANTE (Gravação) — Nesta pausa salutar de seu trabalho diário, Giacometti Eletrônica oferece música funcional para o seu espírito... Relaxe os músculos... Isso... Calma... Sente-se confortavelmente em sua poltrona de espuma e pense num manso lago azuuuul... azuuuul... você está cada dia melhor, mais feliz, mais realizado... Somos todos uma só família feliz. Seus problemas não são seus. São nossos. Consulte o Departamento de Psicologia da Giacometti Eletrônica... (Suavíssimo) Azuuuul... Lago azuuuul... (Fanfarras assustadoras, fazem Danilo pular e o locutor vibra e berra). Nosso último balanço acusa um acréscimo de 38 bilhões no primeiro trimestre. (Volta a música serena) (Suavíssimo) Azuuul... Lago azuuuul... (Fanfarras e vibrações do locutor). Atingiremos brevemente a meta dos 300 milhões!... (Suavíssimo) Suave... Suaaaaave... E como estímulo para o trabalho que sucederá a esses repoussantes minutos de descanso físico e mental... vamos transmitir... na palavra de nosso Diretor-Presidente... Giulio Giacometti... digo, Comendador Giulio Giacometti... atendendo ao pedido de TODOS os funcionários desta casa... sua autobiografia: a história de um homem que se fez por si mesmo... Ao nosso microfone, nosso chefe e amigo, Comendador Giacometti.

Aplausos e fanfarras.

(Pelo Alto-Falante — ainda com sotaque italiano). Cheguei de Nápoles ao Rio, numa bela manhã de sol...

Música: "TORNA SORRIENTO". Depois, com fundo musical de diversos países, em slides coloridos de DENISE e DANILO com apitos de trem, vapores e motores de avião, vamos vendo a viagem que eles estão realizando. Essa viagem mostra vistas de Madrid, Paris e

Roma e a volta ao Rio. Começa com DENISE e DANILO embarcando no avião. Em Paris vemos vistas turísticas de bom gosto nús artísticos do "Follies" especialmente no momento em que se alude a "viagem de estudos e análise de mercados europeus" quando surgem mulheres nuas, o can-can e coisas assim. Na Espanha, cenas de touradas. Muitos slides enfocam o casal de amantes com detalhes da viagem e do romance que "cresce" entre os dois. Bares, penumbra, buates, amor. Durante a projeção de slides que marcam a viagem de DANILO e DENISE, imagens de cidades européas se alternam com apitos, trens, aviões.

Aparece o slide em que DANILO está em grande farra com DENISE e aspectos de mulheres novas quando se ouve em gravação.

VOZ 1

A todos os departamentos da Giacometti Eletrônica: O Dr. Danilo, durante a viagem de estudos e análise de mercados que está realizando por toda a Europa, será substituído pelo assistente-técnico Sr. Murilo Medeiros.

A viagem continua através de slides. De repente é interrompida e se vê RENATA ao telefone ouvindo:

VOZ 2

Mulher — (em gravação) Alô. Sou eu, Renata, querida!... Minha filha, você não calcula a onda que saiu ontem no desfile... Todo mundo só falava nessa história de Danilo e Denise.

A viagem prossegue. Vistas do Rio. Descida de DANILO e DENISE no aeroporto do Galeão.

VOZ DO LOCUTOR (Gravação) — Desembarcando de regresso de sua viagem à Europa, acompanhado de sua assessora, dona Denise Ribeiro, o Dr. Danilo Cardoso declarou à nossa reportagem que a Eletrônica ainda reserva grandes surpresas no campo do investimento em nosso país...

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

RENATA (Ao telefone) — Sim, papai. Não!... Não... Vieram de avião. Não. O senhor não vai fazer isso. O problema é meu, papai. Agora resolvo as minhas coisas sozinho, entende?... Não interessa o que dizem os jornais. Não tenho que dar satisfações a ninguém, ouviu, papai? A ninguém! (Grita — desesperada) Porque eu não quero!

Bate o telefone, violentamente. Está alucinada de aflição, mas procura controlar-se. Caminha de um para outro lado. Pega, depois, de um prato que estava pintando e prossegue,

nêsse trabalho, forçando uma calma que está longe de sentir. **DANILO** entra da rua, vestido normalmente, trazendo, sem maior esforço aparente, uma mala, **RENATA** larga, surpresa, por um momento, o prato e corre para **DANILO** simulando expansão e alegria.

RENATA (Aproxima-se dêle — abraça-o de repente) — Oh, Danilo! Até que enfim! Que bom que você veio... (Êle corresponde sem convicção. Ela o analisa, vê as malas). Mas você tinha que vir carregando isto? Não podia ter pedido ao Vicente para trazer as malas?...

DANILO — Como sempre, fingiu que não me viu...

RENATA — Papai estava preocupado... desligou o telefone agora mesmo...

DANILO — Malas não é com o Vicente. Pelo menos as minhas.

RENATA — Esta êle me paga. Já estou com o sujeitinho por aqui! É só aparecer o chofer que Jô me prometeu e êle vai direto pra rua.

O assunto parece ter se esgotado. Pausa incômoda.

RENATA — Você chegou bem?

DANILO (Sêco) — Muito!

RENATA (Ainda pausa incômoda) — Você está queimado.

DANILO (Idiotamente) — Sol. (Pausa. Pra mudar de assunto). E as crianças?

RENATA — Bem. (Pausa). Colônia de férias.

DANILO (Tentando dizer algo de um jôro) — Denise, eu queria que...

RENATA (Dôce) — Meu nome ainda é Renata, lembra?

DANILO — Desculpe... eu...

RENATA — Compreendo... Não é impunemente que se percorre a Europa toda... com uma amante... Natural a confusão.

DANILO — Vim para ter com você uma conversa adulta.

RENATA — Ótimo! Mas não me ponha uma cara tão séria. Não precisa ser já. Você mal acaba de voltar. Não há pressa. Eu espero.

DANILO — É que Denise quer que eu...

RENATA — E você está ligando pro que Denise quer ou deixa de querer? (Ignorando) Vamos ter, agora, toda a vida pela frente para conversar. Bem, Danilo agora que você já encerrou essa brincadeira boba, que já teve a sua aventurazinha de "boudoir" (todos os homens passam por isso, não é mesmo?)... agora que já chegou... pode ir tomar seu banho... mudar de roupa! (Quem teve a coragem de deixar você botar essa camisa imunda?)... e beber. Hoje, tenha a santa paciência, mas você vai beber, pelo menos, meia garrafa...

DANILO — Já não sinto mais falta de uísque. Deixei. Completamente.

RENATA — Ah, mas hoje garanto que vai. Nem sabe o que está nos esperando. Você não vai querer que eu, sôzinha, fique dando a todo mundo a minha versão de toda essa história barrôca, vai?

DANILO — Que todo mundo é êsse?

RENATA — É que você e essa... como é meesmo o nome dela?... em vez de ficarem deitadinhos, bonitinhos, brincando de papai e mamãe, começaram a anunciar, aos quatro ventos, a chegada da Europa...

DANILO — Palavra que não partiu de mim...

RENATA — E não sei? Não conheço? Típico dêsse tipinho de mulheres. Só faltou dar no reporter Esso. Aliás, minto. Um jornal da TV deu. Telefonou tanta gente que isto aqui, hoje, vai acabar em feira-livre ou gincana.

DANILO — Aqui?

RENATA — Onde você queria que fôsse, Danilo? Ah, mas você precisava ouvir os telefonemas que andei recebendo o dia todo. "Então, aquela vigarista (quem diz não sou eu)... (Pra mim ela deve ser até, uma mariposa de classe)... aquela vigarista acabou mesmo fisingando o Danilo?... Calcula que êles não sabem que você veio direto pra casa..." "Êles chegam hoje, não é?... Então vou dar um pulinho aí logo mais". Me acordaram, de madrugada, às três e meia. De repente todo mundo parece ter ficado doido de saudades de você, sem falar em mim, é claro! O que é que eu ia fazer? Abri as comportas e contei toda a verdade.

DANILO — Contou o que?

RENATA — Que você, aos 38 anos, estava vivendo a crise romântica dos 50... Foi um custo convencer a todo mundo que Denise é, apenas, um caso, entre muitos outros, um *divertissement*, aquela coisa de imaturidade, complexo, Freud, tranquilizante e assunto encerrado.

DANILO — Mas pra que toda essa...

RENATA — Pra nada, Danilo! Civilização, entende? Classe. Quero, apenas, receber meus amigos e levar a coisa esportivamente... Devo ter uma bisavó inglesa. Não sei fazer tragédia.

DANILO — Eu queria que você compreendesse que...

RENATA — Mas compreender o que, Danilo? Você, agora, vai me considerar uma mulher tão provinciana, tão... retrôgada... a ponto de não saber que, de vez em quando, até homens sem pilha... têm o direito de arejar?...

DANILO — Eu tinha a certeza de que você...

RENATA — Não, não, não, por favor. Afinal de contas o que são duas ou três amantes em quatorze anos de casamento batata, na base do sacramento, Marcha Nupcial e tudo? É até vergonhosamente pouco. Ninguém devia imaginar que eu iria reagir diante da primeira respeitossazinha que cruzasse a minha vida fazendo escândalo e...

DANILO — Renata!

RENATA — Pois eles estão redondamente enganados. Século XX depois de Cristo. D.C. Você não acha ridículo, numa época em que o homem está praticamente pendurado na lua... (Ela volta a pegar do prato para se controlar e pinta, retocando) em que se pode acabar com o mundo, com um simples telefone vermelho, um simples botão (um!), a gente se preocupar com um esporte idiota como é o sexo? Sexo até cachorro, faz, Danilo! (Transição/Pausa) Você quer as malas no seu quarto ou no nosso?

DANILO — Não contava encontrar você em casa. Eu, pra falar a verdade...

RENATA — Olhe, vá tomar seu banho, troque de roupa... e beba... beba, pelo amor de Deus! Parece incrível, mas eu prefiro você bêbado.

DANILO — O que é que você pensa conseguir com toda essa...

RENATA — Nada, Danilo. Não quero nada. Para mim é como se tudo isto fôsse um... eu ia dizer pesadêlo... Pesadêlo, nada! Uma anedota de mau gosto.

DANILO — Desta vez ninguém vai rir, Renata. Desta vez eu mudei mesmo. Entende?... Sou outro homem, compreende?... É preciso, um dia ter a coragem do primeiro passo... Vou deixar a firma... Fazer o que nunca tive coragem de... Bem. Vim para deixar esta carta, para Giacometti.

RENATA — Aqui? De longe, Danilo? Deixar a carta comigo?

DANILO — Lógico!

RENATA — Você mudou tanto que não quer enfrentar, cara a cara, o velho Giacometti?

DANILO — E quem é que pode falar com aquele faraó?

RENATA — Mas todo mundo...

DANILO — Desde quando Giacometti ouviu alguém? Conheço muito bem esses tipos que se fizeram por si mesmos a custa de cinco mil cretinos. Eu não quero me fazer por mim mesmo. Não quero me sentir, depois de realizado, como um rato eletrônico... Quero me reconhecer quando olhar a minha cara no espelho. Quero ver a minha cara de antigamente. Pra se acabar com esse mundo nojento, não era

preciso ter inventado a bomba atômica. Bastava deixar as pessoas apodrecendo sôzinhas...

RENATA — Passou, Danilo, passou...

DANILO — Nôjo, entende? Nôjo! Meu marido, banqueiro, meu marido, industrial, meu marido supervisor-técnico. Eu! Não. Não quero mais ser supervisor de merda nenhuma. Não quero mais as mesmas caras, os mesmos horários, a mesma chatice, as coisas marcadas, arrumadas, fichadas, desinfetadas, em fôrmas. Quero tudo sujo e fora de órbita. Quero ter o direito de explodir e jogar a verdade na cara de todos os Giacomettis do mundo. E ver, se depois da explosão encontro, entre os cascos um pouco daquilo que eu fui. Está me ouvindo? (Pega do prato de cerâmica e o rebenta no chão). Daquilo que eu era!

RENATA (Pausa prolongada. Análise da situação — pega de um prato e começa a pintar — controlada — "suave") — Eu preferia que você tivesse quebrado outro. Cerâmica, sabe como é? Agora estou fazendo um aparelho de jantar de trezentas peças. Centro de mesa, compoteira...

DANILO (Sem mais remédio — após pausa de malestar) — Foi sem querer... (Pausa). Juro!

RENATA — Até um pratão de salada deste tamanho. Vai ficar lindo... Bem, agora que você já teve sua erupção... podia me contar sua viagem com calma. Como você encontrou a Europa... tudo. Hoje em dia nunca se sabe como anda o mundo. É um tal de bolas de aço girando no espaço! (Aponta para o alto) Um tal de fronteiras novas!

DANILO — Você sabe que não é disso que precisamos falar.

RENATA — Acho, que também eu, vou inaugurar novas fronteiras, sabe? O Dinho, outro dia, me mostrou o mapa da África. País ali salta mais que pipoca. O mais divertido é que ele teve que terminar a composição correndo, antes que inventassem mais três ou quatro repúblicas novas naquela semana. (Pausa). Você deve estar louco de saudades das crianças, não está? Precisa ver Clarice tocando violão e cantando bossa-nova. É uma coisa! Um dia eu gostava de apresentar você aos meninos. Vão adorar conhecer o pai... (Recordando) "Bolas de aço, girando no espaço". O Dinho era capaz de gostar disso... embora ele não ligue muito à rima.

DANILO — Ele continua.

RENATA — Continua... o que?

DANILO — Escrevendo.

RENATA (Pega — quase sem querer — num caderno) — Ah, sim! Terminou um poema lindíssimo: "Os pais abstratos".

DANILO (Chocado) — "Pais"... o que?!

RENATA — Abstratos! Mera coincidência, Danilo. (Pausa — mal estar) Dinho, agora, só se preocupa com a África. Você sabia que na Nigéria vivem duzentas e cinquenta tribos falando dialetos diferentes?

DANILO — Por que você não deixa a África em paz?

RENATA — As tribos aqui de casa só falam quatro. Um pra cada um. É muito ou é pouco? (Pausa — abre o caderno — displicentemente e lê — emocionando-se cada vez mais — porém simulando ironia).

“O Mar canta azul em teu olhar azul...
E o dourado do sol é luar em teu cabelo...
Um coral de sereias baila em tua ternura...
Pássaros perdidos são ecos em tua voz...
Que importa o mundo azul? Que importa
o azul da vida?...

Não existe mundo algum... mundo algum
sem ti...

Não existe (aqui tem uma palavra meio
apagada)...

Não existe... vida ou amor sem nós”.

DANILO — Não é que o pequeno tem talento mesmo? Quando foi que ele fez isso?

RENATA — Quem escreveu isto foi você, Danilo. Pra mim. O “eu e você” do poema, naquele tempo, éramos nós! (Repete o poema, gongórica — procurando ridicularizar — com comentários a imensa emoção que a assalta). “O mar canta azul em teu olhar azul”... Você estava tão cego que nem reparou direito na côr de meus olhos... “E o dourado do sol é luar em teu cabelo...” Naquele tempo meus cabelos tinham assim uns reflexos...

“Um coral de sereias baila em tua ternura...
Pássaros perdidos são ecos em tua voz...”
(Quase chorando — mas ainda “gongórica”)
“Que importa o mundo azul? Que importa o azul da vida... Não existe mundo algum... mundo algum sem ti... Não existe (faz uma pausa para explicar com mímica que há uma palavra indecifrável) vida ou amor sem nós”. (O “sem nós” é profundamente intencional e dito após uma pausa expressiva).

FIM DO SEGUNDO QUADRO

TERCEIRO QUADRO

Ilumina-se a direita da cena. DENISE ali está e a última situação cênica de DANILO pode ser ligada a esta, sem praticamente mudar a marca do personagem com a simples transposição de luz que eliminaria a presença de RENATA.

DENISE — Não disse? Sabia que ela ia

posar de mulher compreensiva. Mas, no fundo, quer saber? Foi melhor assim.

DANILO — Mas, não pense que foi fácil. Até poema saiu lá em casa.

DENISE — Foi ótimo ter liquidado o assunto de uma vez por todas. Já estava ficando...

DANILO — Que é que você quer? Hábitos... coisas em comum... sei lá... Em quatorze anos a gente acostuma até com dinossauro.

DENISE — Eu pagava pra ver a cara dela! O que foi que ela disse!

DANILO — Nada demais. Exatamente como você previu.

DENISE — Lógico. Mulher descobre uma pulga em tromba de elefante. Homem passa por uma manada e não enxerga. (Pausa) E você?

DANILO — Ah, minha filha! Contrôle completo. Não combinamos?

DENISE — Contrôle como?

DANILO — Deixei que ela falasse...

DENISE — E ela?

DANILO — Falou... falou... falou... desconvorsou...

DENISE — ... e, no fim, não disse nada.

DANILO — Bem... É óbvio que ela não quer o desquite.

DENISE — Sim, mas uma vez que você falou...

DANILO — E o mais divertido você não sabe. Calcule que ela veio com uma enorme conversa de encher a casa de gente e...

DENISE — Não diga!

DANILO — Ficou convencida de que eu estava engolindo toda aquela encenação. “O mar canta azul em teu olhar azul”... Veja você!

DENISE — Um momento, Danilo. Você não está tentando começar a preparar suas desculpas esfarrapadas, outra vez, está?

DANILO — Mas se estou dizendo que...

DENISE (Corta) — Além de ler o poema... o que foi que ela disse?

DANILO — O que é que você queria? Essas coisas não se resolvem assim!

DENISE — Assim... como?

DANILO — Mas, pelo amor de Deus, Denise! Você sabe, perfeitamente, que se não fôssem as crianças, há muito que eu tinha estourado de uma vez. Pra você as coisas são muito simples, mas você conhece, perfeitamente, os meus problemas.

DENISE (Ironia amarga) — Pra mim as coisas são muito simples!

DANILO — Lógico!

DENISE — E conheço perfeitamente os seus problemas!

DANILO — Evidente!... Você só precisa lutar com você mesma. Eu tenho pela frente toda uma quadrilha organizada. Renata, os meninos, Giacometti e aquela engrenagem...

DENISE — Então, agora, você quer me convencer, a mim, que eu... sôzinha e ainda tendo a você de contrapêso...

DANILO — Mas não é isso, Senhor!

DENISE (Ao mesmo tempo) — Estou numa situação mais cômoda que a sua?!

DANILO — Pronto... Assim nem adianta a gente conversar...

DENISE — Você já calculou bem a imagem criada na mente de sua mulher a meu respeito?

DANILO — Pois, olha, Renata até que se mostrou bem comprê... cordata!

DENISE — Ela deve estar convencida de que eu sou uma dessas pistoleirinhas, fraccassadas na vida sentimental... que agarrou o marido de outra pra salva-solidão. Não é isso que ela pensa?

DANILO — 'Como é que você quer que eu...

DENISE (Corta) — Você já explicou a ela como nos conhecemos? Já disse a ela porque precisamos tanto um do outro?

DANILO — Parece que tudo... não entendendo!... Tudo mudou depois da nossa viagem!

DENISE — Nossa... o que?... Tão nossa que você não parou de falar em seus malditos filhos o tempo todo.

DANILO — Tem algo de errado?

DENISE — Como eles haveriam de ter gostado de estar ali em nosso lugar. Em meu lugar.

DANILO — E não é normal?

DENISE — ...de como Clarice adoraria Giacomo Capri, o bossa-nova italiano!

DANILO — Pelo fato de eu amar você...

DENISE (Corta furiosa) — O que você poderia ter ensinado ao Dinho em pleno Fôro Romano.

DANILO — Mas se eu já disse que tive com Renata uma conversa de-fi-ni-ti-va!

DENISE — Sei. Mas suas roupas ficaram lá. Você levou as malas vazias pra encher e voltar sem elas. Seus papéis ficaram lá... tôdas as pontes tôdas as amarras continuam lá. Você diz que não suporta Renata, mas passou a viagem toda recordando os momentos que havia passado com ela em sua lua de mel!

DANILO — Então foi por isso que você...

DENISE (Sempre cortando) — Até nos mesmos hotéis fomos parar.

DANILO — Era mais cômodo.

DENISE — Você ainda carrega o retrato dela na carteira!

DANILO — Também carrego na carteira o calendário de 62! E daí?

DENISE — Sim, mas pra mim, você nem se lembrou de comprar, ao menos, uma aliança de lata, pra que, durante a viagem, eu não tivesse que exibir tão ôbviamente o meu papel de amante.

DANILO — Agora você deu pra se importar com essas convenções idiotas!

DENISE — Pra você eu não sou gente, Danilo, sou utensílio. Ninguém me ama. Me usa. Desde menina que todo mundo me usa.

DANILO — Denise, se nós vamos começar, agora, com...

DENISE — O mais engraçado de tudo é que sempre tive a mais cretina das vocações pra espôsa de alguém. Espôsa bem cretina. Espôsa de mercadinho... Nunca pedi grande coisa à vida. (Faz um gesto de "Simbólico") Nunca sonhei com cadilaque.

DANILO — E você pensa que eu não...

DENISE — Jamais desejei ser, ao menos, dona dos modelos que a casa me obriga a vestir. Minha fome não é de coisas, Danilo. Minha fome é de gente. O que eu não quero mais, o que eu não aguento mais, é estar preparada, maquilada, dopada, possuída, sofrida, vivida... esperando por você... o homem errado, casado, gasto, amargo, frustado, vazio... e na hora...

DANILO — Mas logo hoje é que você vem me dizer isso, Denise?

DENISE — Que tem hoje de excepcional?

DANILO (Explodindo — cheio de "razão") — Logo hoje que tomei tôdas as decisões? Que me despedi da firma para sempre? Que disse a Renata tudo o que eu trazia atravessado aqui êsse tempo todo? Logo hoje que Giacometti vai ler o que nunca ninguém teve a coragem de lhe jogar na cara? HOJE?!

DANILO percebe RENATA, que avança, dando a impressão de que, no mínimo vai sacar um revólver da bolsa que abre. Retira dali uma carta enquanto DANILO sufoca um "Ren..." de espanto.

RENATA (Com calma — freada) — Então era essa carta imunda que você queria que EU entregasse a papa.

DENISE — Danilo, você não explicou a essa mulher que tudo... o que nós...

DANILO (Ao mesmo tempo) — Renata, o que nós tínhamos a falar...

RENATA — Então é isso que você pensa de mim, não é Danilo?

DANILO — Você não tinha o direito de abrir essa carta...

RENATA (Corta antes que êle termine) — Foi assim que você me viu durante êsses anos todos?

DENISE (Desnorteada) — Se a senhora imagina que eu tenho a menor idéia do que...

RENATA (Sem atentar) — Primeiro, você quis viver à custa de Giacometti...

DANILO — Mas se você nem, sequer, está ouvindo o que eu...

RENATA — Depois à custa da filha de Giacometti...

DANILO — É mentira!... Eu sempre...

DENISE (Ao mesmo tempo) — À custa de quem?

RENATA — ... e agora quer explorar os netos?

DANILO — Esta mulher está completamente doida!

RENATA — Doida, não é?

DENISE (Ao mesmo tempo) — Danilo, você quer me explicar o que está acontecendo...

DANILO (Sem ouvir — a Renata — mal Denise começou) — Se você quer descarregar, descarregue. Estou acostumado. Mas vamos discutir, ao menos, com um pouco de decôro.

RENATA — O que foi que você disse?!

DANILO — Conservar um mínimo de dignidade.

RENATA — Conservar o que?

DENISE — A senhora não ouviu?

RENATA (Ao mesmo tempo) — Decôro! Todo mundo conhece você do avesso, Danilo. O Danilo dos pileques monumentais...

DANILO — Renata, aqui não é o lugar, nem este o momento pra...

DENISE — Danilo. Este assunto não estava encerrado?

DANILO — Mas lógico! Você não está vendo que essa louca está fora de si?

RENATA (Junto com ele — mal ele começou) — O Danilo das mariposas do pôsto 2. Meu assunto, querida amiga, também estava encerrado. (A DANILO). Pensei que você já tinha chegado ao máximo. O homem que vivia dilapidando a fortuna da mulher, sonhando com os ideais enterrados... "Conservemos um mínimo de decôro". Não, Danilo. Você que jamais gastou um vintém ganho por você... também não precisa gastar sua dignidade de bordel!

DANILO — Renata, palavra de honra! Eu podia esperar tudo de você, menos...

RENATA — Estou cansada de fazer o que as pessoas esperam de mim. Chega! Então, foi por isso que você não teve a coragem de enfrentar o velho! Ele conhecia você bem, desde o começo, não conhecia?

DANILO — Mudei, Renata. Não posso continuar naquela vida infame. Não tenho mais medo de ninguém e de nada. Não sou mais o Danilo que você conheceu. Meta isto em sua cabeça... sou outro homem!

RENATA — E foi assim que você interpretou a bondade de...

DENISE — A senhora está cansada de saber que, se não fôsse Danilo, a companhia já teria falido há séculos.

RENATA — Foi isso que você andou dizendo a esta débil mental.

DANILO — Renata, eu... Uma criatura como você...

RENATA — É assim que você interpreta o fato de eu afogar minha angústia em pílulas, cobertores, cerâmica, cursos de arte? Engolindo as risotas dos que conheciam você mais do que... Supervisor-Técnico! Quem foi que escolheu o cargo, Danilo? Quem foi que andou choramingando, dia e noite, atrás do velho que não queria você pra genro nem pintado?

DANILO — Você sabe, perfeitamente, que ninguém escolhe nada naquele...

RENATA — No jurídico você tinha que provar que sabia Direito, não tinha?

DANILO — Pra mim essa discussão acabou... Não pretendo discutir isso aqui...

RENATA — Por que não? Não é aqui o seu Shangri-lá? Não é aqui que você vem cozinhar suas bebedeiras, fingindo estar apaixonado por essa pobre-coitada?

DENISE — Bem, minha senhora, agora eu acho que...

RENATA (Sem dar atenção) — Não é aqui que você vem sonhar seus planos fabulosos, a tese de um concurso que não existe, que você jamais fará e de que você não tem nem o assunto, nem uma linha escrita.

DANILO — Renata!

RENATA — ... nem o título!

DENISE — Mas não é verdade!

RENATA — Não é aqui que você vem sonhar com tudo o que teria feito se não fôsse a engrenagem de Giacometti? Você já explicou a esta infeliz que até esta garçonière é paga com o dinheiro de papai?

DENISE — Um momento! Quem paga o meu apartamento sou eu! Com o meu dinheiro!

RENATA (Assombrada) — Mas nem isso, Danilo?

DANILO (Grita) — Renata!

RENATA (Ao mesmo tempo) — Nem ao menos isso?

DANILO (Suave e quase lamentoso a Denise) — Você não vai imaginar que eu seria capaz de...

RENATA — Você já explicou que até o vestido que ela está usando deve ter custado uma fortuna ao velho?

DENISE — Foi comprado por Danilo, em Roma. Escolhido por mim.

RENATA — E de onde pensa você vem o dinheiro que Danilo gasta... em Roma?

DANILO — Isto, agora, Renata, já passa da...

RENATA — Quem foi que andou pagando os cheques sem fundos que ele assinou pra poder viajar?

DENISE — Isto é verdade, Danilo?

DANILO — Mas se era a minha gratificação de fim-de-ano!

RENATA — Que fim de ano é esse, se você ia deixar a firma agora?... Então eu... ele... e os meninos é que desgraçamos sua vida, não é? Conte a ela a história do passaporte trancado no cofre, um cofre de que só você tem a chave e cujo segredo eu nem conheço.

DANILO — Você não podia ter tomado conhecimento de uma carta que não era para você.

RENATA — Mas que você deixou de propósito em minhas mãos...

DANILO — Só Giacometti devia...

RENATA — Eu jamais abriria aquela lixeira se o papai não tivesse tido uma crise esta tarde, diante de toda essa...

DANILO — Então não entendo o que você veio fazer aqui! Menti a você? Vamos fale!... Menti, fiz segredo? Não disse tudo claramente? Escondi que estava amando Denise?

RENATA (Olhando o teto) — Amando!

DANILO ("Desesperado") — Já não basta o que tenho passado? O que é que você ainda quer de mim, agora?

RENATA — Não ponha essa cara, Danilo, nem fale nesse tom, porque esta ingênua criatura é capaz de se comover... Você já explicou a ela que você está fingindo querer um desquite que não quer?

DENISE — Danilo!

DANILO — Não, adianta, Renata, Denise me conhece e não vai acreditar numa só palavra do que você está inventando.

DENISE — Não, não é, Danilo?

DANILO (Berra) — Não!

DENISE — Danilo, acho que, depois de tudo o que já aguentei, não mereço sofrer uma situação estranha dessas!...

DANILO (Desesperado) — Mas lógico que é estranha! É mentira! Ouça bem, por favor. Casamos com separação de bens, não casamos?

RENATA — Explique a ela porque. Explique o que Giacometti descobriu a seu respeito à última hora...

DANILO — Mas como é que você tem a coragem de me acusar de venal, se não tenho um carro, uma ação, um papel, nada em meu nome. Se nunca...

RENATA — Pra que carro em seu nome, se toda a frota de Giacometti está, com choferes e tudo, dia e noite, à sua disposição.

DANILO — Você sabe, perfeitamente, que eles nunca me deram a menor importância... a menor...

RENATA — Então de quem é o carro que está parado, lá fora, à sua espera?

DANILO — Mas desse jeito nem adianta discutir! Denise, preste atenção... veja! Renata... quando casamos... não propus a você que deixássemos tudo e fôssemos para o sul?

RENATA — Propôs.

DANILO — Não fomos começar uma vida nossa... só nossa?

RENATA — fomos.

DANILO (Entusiasmado com a aprovação) — Longe de Giacometti, longe da fábrica, sozinho, sem ajuda de ninguém? (Ela não nega) Lembra o que você disse?

RENATA — E você não estava cansado de saber que eu não ia deixar um velho napolitano, viúvo e sentimental, capaz de tirar a camisa do corpo por um operário... sendo filha única e herdeira... carregando pra longe dele os netos que ele adora?

DANILO (No auge da "razão") — Mas se, naquele tempo, os netos nem existiam ainda! Está percebendo, Denise?

DENISE — Estou percebendo, perfeitamente, bem.

RENATA — E agora que eles existem? Você sabe, ao menos, o lugar onde estão seus filhos? Só quero o nome da cidade.

DANILO — E de quem foi a idéia de interná-los?? Minha?... Isso é monstruoso, Renata! Se você começar a deformar desta maneira, tudo o que eu sou, tudo o que disse, todo ato meu, pra você, passa a ter raízes sórdidas. Até o meu suicídio.

DENISE — Sui... o que?!

RENATA (Ao mesmo tempo) — Aspirina nunca matou ninguém.

DANILO — Pois, agora, vamos acabar com isso de uma vez. Vamos admitir (Denise, preste atenção!)... Vamos admitir que tudo seja verdade. Tudo! Como é que você vai explicar que eu, o parasita, o aproveitador, o canalha, o cínico (não é isso que você diz?)... como é que você explica que eu tenha renunciado, voluntariamente a tudo isso? A você, aos filhos, a Giacometti, à fábrica, aos carros, a todas as tremendas vantagens que você berra aos quatro ventos? (Ele explodiu a última frase num crescendo que realizou em toda a fala).

RENATA Sereníssima — faz que "não" — com piedade — com a cabeça) — Denise, eu não queria que você pensasse que vim "lutar pelo homem que eu amo". Estou tentando sal-

var o que resta dêle. Não pra mim, nem por mim. Por êle. Pelo que pensei que êle fôsse. Pelo que imaginei que um dia êle pudesse vir a ser. Até pelos bons momentos que me deu, quando ainda acreditava nêle. Um instante. Talvez seja tolice minha mas um instante pode ser eterno... e a eternidade não conter um só instante que tivesse valido viver... Não pretendo ser compreendida. Olha. Vou deixar esta carta com você. É do famoso cavalheiro apanhador de florinhas de beira de estrada... Se depois de ler esta carta, você ainda quiser ficar com "isto", (Aponta Danilo) que lhe faça muito bom proveito. Vocês terão, não só o meu desquite amigabilíssimo, como a minha bênção pessoal. (Deixa a carta sobre a mesa) (Diz antes de sair): Antes que me esqueça: suas malas, roupas e papéis, já devem estar chegando pra qui. Passem muito bem. (Sai — Expectativa).

DANILO — Viu, não viu? Está vendo? Agora você compreende. Quem ouvir Renata falar vai ter a impressão de que?... (Pega da carta e a põe nas mãos dela) Felizmente esta carta está aqui não está? Se você quer a verdade... é a coisa mais simples do mundo. É só ler a carta. Vamos. Leia, LEIA!...

DENISE olha fixamente Danilo, depois dá a impressão de que vai ler, mas rasga a carta, lentamente, deixa que os pedaços caiam no chão, enquanto a música romântica vai sublinhando irônica a situação.

QUARTO QUADRO

(A luz enfoca somente a cabeça de Danilo)

DANILO — Pois é. Depois de tudo o que fiz por ela.

DENISE (Com o rosto subitamente iluminado) — A mulher não se corrige nunca. É tudo na base da emoção. Bem feito! Mereço!

DANILO — Quem viu tudo aquilo vai ter uma impressão falsa de mim. Claro que vai. Daria tudo para que tivessem lido aquela carta...

DENISE — Vim do interior para ser uma moça independente. Não é que eu quisesse a independência para... Simbólico, entende?

DANILO — O pior é toda aquela engrenagem. "Sim, senhor Giacometti... Não, senhor Giacometti... Às suas ordens, senhor Giacometti". A gente se sente convertido em botão, válvula, transistor, parafuso.

DENISE — Toda minha vida fui uma espécie de catalisador. Resolvia a vida de todo mundo mas não entrava na vida de ninguém.

DANILO — Todos sabem que a culpa não é minha. Sempre tive grandes projetos...

mas... Afinal de contas eu tenho um diploma!...

DENISE — Eu queria ser uma mulher realizada. O pior é que até hoje não sei o que uma mulher realizada precisa fazer para se sentir realizada.

DANILO — No fim ninguém vai ter culpa de nada. Um dia o mundo explode e ninguém vai se sentir culpado. Ou por outra: o único culpado vai ser um bruto computador eletrônico que ficará para contar a história a outro computador... mas ambos da Giacometti Eletrônica.

(Aparece a cabeça iluminada de Dinho)

DINHO (Para o público) — Olá! Eu sou o Dinho. O da "ilha deserta." Vocês não me conhecem porque estou sempre num colégio interno ou empurrado para uma colônia de férias.

RENATA (Justificando) — Cavalo, piscina, ar livre. Meu filho, você esqueceu dos tênis.

DINHO — Meninos como eu não podem saber que seus pais brigam e que já não dormem juntos há séculos... que papai fugiu com a amante para a Europa e que, no fundo, mamãe devia ter mesmo casado era com o Fred.

DANILO (Aludindo irônica a Dinho) — A ilha deserta! Debilóide! Marcianos. Cambada de marcianos.

DINHO — Eles dizem que nós, os adolescentes, somos inadaptados, revoltados. tarados, blue-jeans... Não é isso que eles dizem? Não é isso que vocês todos dizem? Mentira! o que a gente sente é uma coisa que ainda não tem nome.

(O foco pega a cabeça de Clarice)

CLARICE — Puxa! Uma coleguinha me mostrou um jornal que conta toda aquela foca de papai, mamãe e Denise. Foi bárbaro! Todas as meninas ficaram com uma inveeeja!

DENISE — Inveja. Hoje só tenho uma. Mulher carregando cesta de feira.

CLARICE — Agora vou ter assunto àbessa. Luizinho me contou que está muito feliz com o quarto pai que a mãe dêle arranhou. A mãe de Marina, coitadinha, é que só tem dois amantinhos Doizinhos só!

Ah! O professor que eu falei, aquele!... lembram?... está grudado na horrorosa professora de ciência que até busto postigo usa. Mas dizem que êle é meio... Vejam se não dá raiva: com a aula cheia de garotas bacanas que nem eu e êle (Grita) Dinho Ó Diiiiinho!

DINHO — Que éééé?

CLARICE — Você que é bom em matemática. Como é que você ia resolver o problema do papai e da mamãe?...

DINHO — É que adulto é muito quadrado, entendeu? Se adulto não fôsse quadrado tudo acabava assim...

Surge Denise ao telefone

DENISE — Marcelo? Sou eu, Marcelo. Denise. Uma saudade que já não tem tamanho. Nem fale.

(A música motivo enfoca Renata sôzinha e logo entra Danilo hesitante)

DANILO — Renata!

RENATA — Você!

DANILO — Não, não se assuste. Não vou fazer uma dessas cenas bobas de reconciliação.

RENATA — Claro que não, Danilo.

DANILO — Não vou dizer que estou arrependido... que me enganei... perdão... essas bobagens...

RENATA — Não é preciso.

DANILO — Mas... você acha que seria... ridículo... se eu dissesse que quero começar tudo de novo? Vida nova... tudo...

RENATA — Não, Danilo. Não seria.

DANILO — Seria ridículo... eu dizer... que ainda amo você?...

RENATA — Seria lindo, Danilo. Ridicula-mente lindo!

(Beijam-se quando súbitamente, em gravação multiplicada se ouvem os risos de Dinho e Clarice)

DINHO (Surge súbitamente e diz ao público, enquanto os outros personagens permanecem fixos) — Quem vê esta cena é capaz de jurar que está tudo resolvido, não é? O mais engraçado é que Denise vai acabar descobrindo que Marcelo já casou há muito tempo...

DENISE (Explode) — MENTIRA!

DINHO — Mamãe vai começar um serviço completo de 500.000 peças.

CLARICE — Papai vai continuar sem saber o que é e o que quer.

DINHO — E a história vai começar toda de novo...

DENISE — De novo!

RENATA — De novo!!

DANILO — De novo!!!

DINHO — Como dízima periódica... Três oito cinco... Três oito cinco... Três oito cinco... Mas vai tudo muito bem na operação Apolo. Dentro de poucos dias o homem chegará à Lua... E é por isso que nós os adolescentes...

CLARICE (Com grande ênfase) — A geração perdida...

DINHO — ... A juventude transviada...

OS DOIS — Continuamos na base do...

(Entra um ritmo louco, tipo Beatles que cresce, cresce, enquanto os garotos dançam freneticamente e os adultos imobilizados olham o infinito).

Súbito a música para e Dinho, dando-se conta do pai, se aproxima dêle muito lentamente dentro de um silêncio mortal e, piedosamente, sem pressa, coloca suas mãos, por detrás, sôbre os ombros do pai e diz ao público, apresentando-o piedosamente, enquanto se projeta um slide abstrato) Este... é o retrato... de meu pai!

CLARICE (Que se havia, lentamente aproximado da mãe, no mesmo tom) E êste é o retrato de mamãe!

OS DOIS EM UNISSONO ENFATICAMENTE EXPLICATIVOS — Abstratos, naturalmente!

UM ESTRONDOSO E DESESPERADO ACORDE MUSICAL E

FIM

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

MEMBROS DO CONSELHO DELIBERATIVO DA SBAT

- | | |
|---------------------------|------------------------|
| 1 — RENATO ALVIM | 10 — LUÍS PEIXOTO |
| 2 — R. MAGALHÃES JÚNIOR | 11 — NELSON DE ABREU |
| 3 — JORACY CAMARGO | 12 — LESSA BASTOS |
| 4 — MÁRIO LAGO | 13 — BRÍCIO DE ABREU |
| 5 — PASCHOAL CARLOS MAGNO | 14 — BENTO MOSSURUNGA |
| 6 — GENOLINO AMADO | 15 — HENRIQUE PONGETTI |
| 7 — GUILHERME FIGUEIREDO | 16 — JOSÉ WANDERLEY |
| 8 — PAULO DE MAGALHÃES | 17 — MÁRIO MAGALHÃES |
| 9 — ODUVALDO VIANA | 18 — PROCÓPIO FERREIRA |
| | 19 — DANIEL ROCHA |
| | 20 — GEYSA BOSCOLI |

SOCIEDADES ESTRANGEIRAS REPRESENTADAS PELA "SBAT"

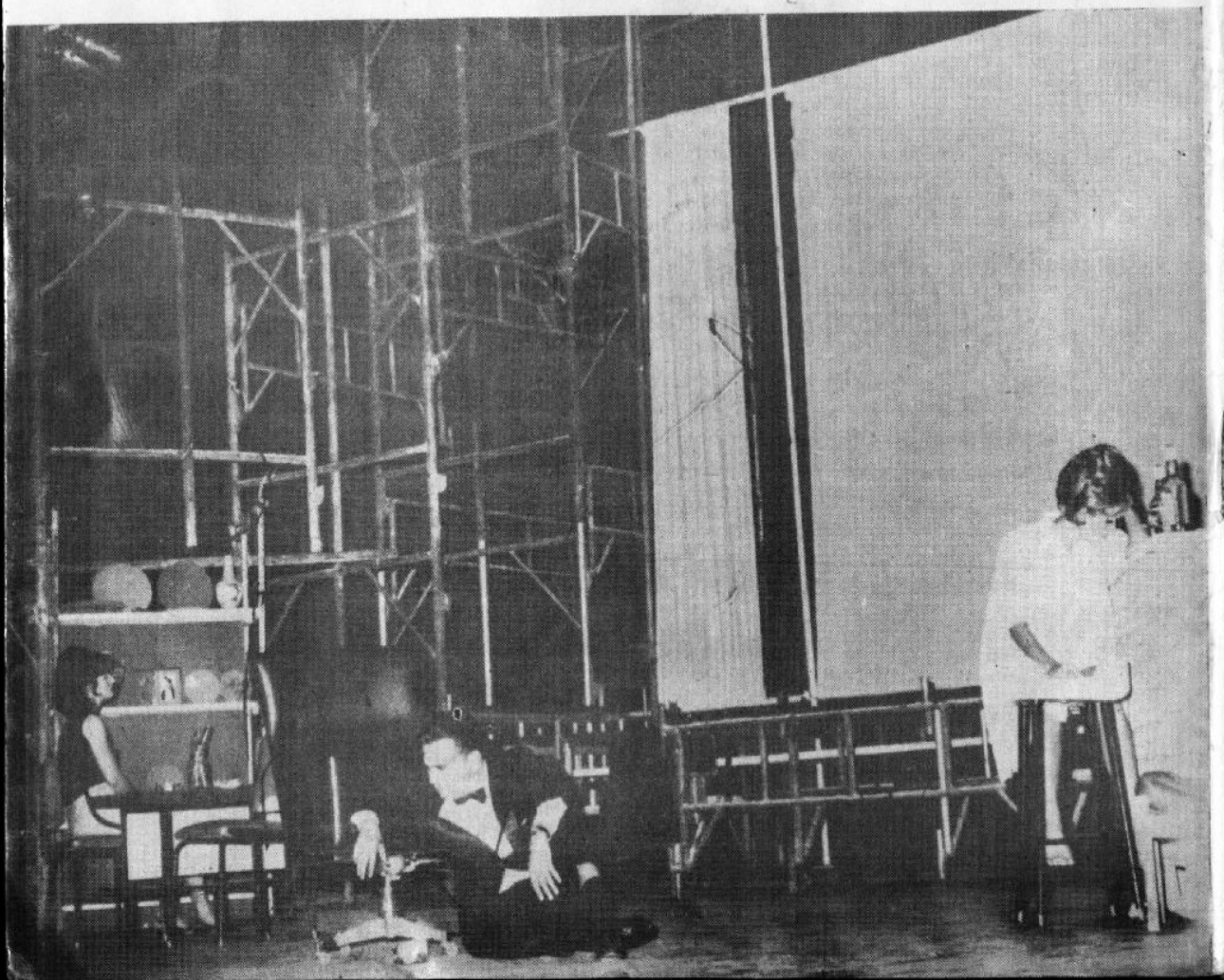
ALEMANHA — Verband Deutscher Bühnenschriftsteller und Bühnenkomponisten
 ARGENTINA — Sociedad General de Autores de la Argentina (Argentores)
 BÉLGICA — Société Belge des Auteurs, Compositeurs et Editeurs (SABAM)
 BOLÍVIA — Sociedad Boliviana de Autores y Compositores de Música (SOBODAIKOM)
 CHILE — Sociedad de Autores Teatrales de Chile (SATCHE)
 COLOMBIA — Sociedad de Autores y Compositores de Colombia.
 ESPANHA — Sociedad General de Autores de España (SGAE)
 ESTADOS UNIDOS — Incorporated Society of Authors Representatives (grande direito)
 ESTADOS UNIDOS — Broadcast Music Inc (B.M.I.) (pequeno direito)
 FINLÂNDIA — Svomen Näytelmäkirjallijaliitto
 FRANÇA — Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (SACD)
 HOLANDA — Stichting Tot Exploitatie En Bescherming Van Auteursrechten (SEBA)
 HUNGRIA — A Magyar Népköltársaság Irodalmi Alapja
 INGLATERRA — The League of British Dramatists
 ISRAEL — Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs en Israel (ACUM)
 ITALIA — Società Italiana Degli Autori ed Editori (SIAE)
 IUGOSLÁVIA — Udruženje Jugoslavenskih Musikin Autores (UJMA)
 MÉXICO — Sociedad de Autores y Compositores (SACM)
 MÉXICO — União Nacional de Autores
 PARAGUAI — Autores Paraguayos Asociados (APA)
 PERU — Circulo Peruano de Autores
 POLÓNIA — Stowarzyszenie Autorów i Wydawców (ZAIKS)
 PORTUGAL — Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (SECTP)
 ROMÂNIA — Societatea Autorilor Dramatici Români
 SUÉCIA — Föreningen Svenska Tonsättares Internationella Musikbyrå, U.P.A. (STIM)
 TCHECO-SLOVÁQUIA — Ochranné Sdružení Autorské Ssi Skladatelů (OSA)
 TURQUIA — 8, Sokak 3-3 — BAĞCELİEVLER — ANKARA
 URUGUAI — Asociación General de Autores del Uruguay (AGADU)
 VENEZUELA — Sociedad de Autores y Compositores de Venezuela (SACVEN)

SUCURSAIS E AGÊNCIAS DA "SBAT" NAS CAPITALS

ALAGOAS: Eolo Alencar — Rua do Comércio, 390 — Maceió.
 AMAZONAS: Afonso Ferreira Lopes — Trav. Comendador Clementino, 37
 BAHIA: Nino Guimarães — Edifício Labras — Conjunto 302 — SALVADOR.
 BRASÍLIA (D.F.): Edson Falbo — Av. W 3 — SCS — Edifício Carioca, Conj. 414
 CEARÁ: Dr. Lauro Ramos Tôres de Mello — Rua Floriano Peixoto, 479 — Fortaleza.
 ESPÍRITO SANTO: Hilton Pinheiro Novais — Edif. Banco Mineiro da Produção — Sala 514 — Vitória.
 ESTADO DO RIO: Dr. Rubens de Carvalho — Rua da Conceição, 128 — Niterói.
 GOIÁS: Edson Falbo — Av. Anhanguera, 94, Conj. 510 — Tel. 2-1501.
 MARANHÃO — Apolinário Sousa dos Anjos — Travessa Carvalho Branco, 107 — Vila Iolanda — Gamboa do Mato — SÃO LUÍS.
 MINAS GERAIS: Grover Ferreira — Rua dos Carijós, 424 - 11º - s/1.101 — Belo Horizonte.

PARÁ: Dr. Edgar Proença — Rádio Clube do Pará — Belém.
 PARANÁ: Alberto Guarneli da Cunha — Rua 15 de Novembro, 266, conj. 73 — Curitiba.
 PARAÍBA — Euclides Dias de Sá — Rua Duque de Caxias, 557 — sala 301 — JOÃO PESSOA.
 PERNAMBUCO: Dr. Waldemar de Oliveira — Rua Miguel Couto, 68 — Recife.
 PIAUÍ: Dr. Waldimir Elias Hidd — Rua Paissandú, 1.191 — Teresina.
 RIO GRANDE DO SUL: Dr. Aron Menda — Rua dos Andradas, 1.234 - Conj. 1.407 — Ed. Santa Cruz — Porto Alegre.
 RIO GRANDE DO NORTE — João Gibson — Travessa Venezuela, 35 — sala 3 — NATAL.
 SANTA CATARINA: Walter Boppré — Edifício São Jorge, 1º andar — Florianópolis.
 SERGIPE: João Moreira da Silva — Rua Itabaiana, 615 — Aracaju
 SÃO PAULO: Manoel de Oliveira Proença Filho — Avenida Ipiranga, 1.123, 8.º andar — São Paulo.

*Final do primeiro ato de "OS PAIS ABSTRATOS",
de Pedro Bloch, na temporada de Brasília, vendo-
se os intérpretes e parte da cenografia de Pernam-
buco de Oliveira.*



BRASÍLIA, 29 DE JULHO DE 1966

SENHOR CHEFE,

EM CUMPRIMENTO AO QUE DETERMINA O REGULAMENTO DO SERVIÇO DE DIVERSÕES PÚBLICAS, VIMOS PELO PRESENTE SOLICITAR DE V.SA. SE DIGNE DE CONCEDER A REVALIDAÇÃO DO CERTIFICADO DE CENSURA EXPEDIDO PARA A APRESENTAÇÃO DA PEÇA TEATRAL "OS PAIS ABSTRATOS" DE PEDRO BLOCH, SOB O PATROCÍNIO DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL, NO PRÓXIMO DIA 31 DO MÊS EM CURSO NOS HORÁRIOS DE 16 E 21 HORAS.

OUTROSSIM, JUNTAMOS AO PRESENTE A AUTORIZAÇÃO DA COLIGAÇÃO SBAT/SBACEM.

NO ENSEJO RENOVAMOS OS NOSSOS PROTESTOS DE ESTIMA E ALTO APRÊÇO.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

WALTER ALBUQUERQUE MELLO
PELO SETOR DE CULTURA

AO ILMO. SENHOR
AUGUSTO DA COSTA
DO CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA
E DIVERSÕES PÚBLICAS - RESPONDENDO
NESTA

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Protocolo N.º

3949

Em

29.07

1966

Interessado

F. Cultural do D.F.

Proa. lista

Em

de

de 19



À Fundação Cultural do Distrito Federal

Órgão responsável pela exibição do espetáculo teatral
" Os Pais Abstratos " de autoria de Pedro Bloch, ora
em cartaz no Teatro Martins Pena .

Atendendo a solicitação dessa Fundação, para
que seja reduzida a impropriedade de 18 anos imposta pela Censura,
após examinar a peça em questão . Temos a informar que concorda-
mos em reduzir a impropriedade para 14 anos , desde que se extraia
do texto os termos : prostituta , merda e putinha substituindo-os
por outros mais condizentes para um publico juvenil .

Esta redução deverá ser mantida até a che-
gada a Brasília, do sr. Romero Lago , titular do S.C.D.P. , quando
os responsáveis pelo espetáculo deverão solicitar Revisão de Censura

A nova impropriedade atenderá , simplismen-
te uma situação de emergência , afim de que , os menores que fazem
parte do elenco , possam trabalhar na peça , atendendo às determi-
nações do Juizado de Menores .

Brasília , 21 de julho de 1966

José Augusto Costa

Censor Federal - B

Matrícula - 58-411 -DFSP.



Esta peça só poderá ser representada mediante autorização
da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

**PERSONAGENS:**

Esta é uma peça de, apenas, três personagens vivos. Os outros, como Dinho, Giacometti, Alto-falante... aparecem em forma de slides ou voz simplesmente, conforme indicações do texto.

Os personagens que atuam ao vivo, são:

RENATA

DANILO

DENISE

O leitor terá percebido que não damos aí nem idade, nem características dessas personagens. Confiamos em que, ao terminar a leitura, o próprio leitor dê aos tipos criados suas características próprias, concluindo o que são, o que pensam, o que pretendem. O autor pede, apenas, que os julgue com piedade. Combinado?



PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

RENATA, mulher de seus trinta e poucos anos, está tomando café sôzinha, com um "peignoir", numa mesa de dois lugares que pode ser recanto de living moderno ou mesa de jogo. Enquanto bebe está lendo um jornal do brado à sua frente e encoitado no bule. É uma mulher interessante, de expressão firme. As coisas mais sérias ou trágicas adquirem em sua boca uma "desvalorização irônica", como se não as tomasse muito em conta. Na realidade, sente o que diz e sofre os problemas que simula "ignorar".

DANILO, de trinta e cinco anos, entra da rua, de "smoking". Aquela hora da manhã (devemos estar por volta das dez) o traje solene parece insólito. Entra, sem que ela erga os olhos do que está lendo e sem que ele ensaie, sequer, um cumprimento. Com um arranque brusco, num golpe só, ele tira o jornal que RENATA está lendo e vai começar a folheá-lo numa poltrona, enquanto bocêja de sono. O curioso é que ela continua impassível, sempre "lendo" o bule, como se o jornal continuasse ali. Ao fim de alguns segundos, sem olhar para ele, considerando-o um homem invisível, RENATA lhe arranca num golpe o jornal, tal qual ele havia feito e o repõe no lugar anterior, continuando a leitura e o café.

DANILO nem volta a cabeça para verificar o que ela está fazendo, porque aquilo deve ser coisa usual, trivial, despida de qualquer surpresa.

Pouco depois ele se ergue, vai à mesa, analisa o que ali se encontra e pega uma torrada de um prato, que ela empurra logo para ele, como se quisesse estabelecer fronteira. DANILO vai tornar a pegar o jornal mas ela opõe resistência, puxando-o pelo outro extremo.



CENÁRIO:

O palco é utilizado de tal maneira que três ambientes possam ser destacados e isolados ou reunidos num único, dando a impressão de se tratar do mesmo "living".

Em que à esquerda do espectador temos um "living" de casa de recursos; no centro do palco uma poltrona tipo "relax" e um abajur permitem a criação de um segundo ambiente, embora se sinta que pertence ao primeiro, podendo a êle ser fundido; à direita do palco teríamos como que um jardim de inverno do ambiente da esquerda e que será um outro "living", quando necessário. Em certas cenas, porém, tudo pode funcionar como um cenário único.

À esquerda, ao alto, um alto-falante, que ninguém notará ostensivamente, a não ser quando é iluminado na transição do primeiro ato e quando transmitir mensagens ou falas.

Várias partes do ambiente geral servirão de telas de projeção dos "slides" indicados no decorrer da comédia.

AÇÃO : SÃO PAULO

ÉPOCA: ATUAL



OS PAIS ABSTRATOS
PRIMEIRO ATO

ANTES DE ABRIR O PANO:

VOZ DE DINHO (vinda de um alto-falante) - Eu sou uma ilha cercada de gente por todos os lados. Eu sou uma ilha cercada de ilhas por todos os lados. ...A terra é azul ... e aqui de cima ... o sol tem colunas de luz ... Eu sou um azul cercado de céu por todos os lados ... (Entre música Beatles que se vai acentuando) ...O pai de Virgílio é um sujeito fabuloso... O pai de Rogério é campeão de caça submarina... O pai de Rogério é astronauta!...

VOZ DE CLARICE - "O professor novo que chegou ontem é um pão divino! ...Tôdas nós do segundo adiantado estamos apaixonadas por ele ... menos a chata da Doralice, uma enjoadada ..." Isto é meu Diário. Estou fazendo um ... como a Anna Frank ... Atenção!

VOZ DE ADULTO (do alto-falante) - Pede-se o comparecimento urgente do Dr. Danilo à reunião da diretoria no segundo andar.

VOZ DE CLARICE - Chamando os brotos ... Atenção!... Chamando todos os brotos... Quem tiver retrato dos Beatles - avise com urgência para Clarice... Beatles ingleses.

(A música cresce intensamente e pára para surgir um quadro abstrato projetado numa tela).

VOZ DE DINHO - Este é o retrato do meu pai ...



(Projeta-se outro quadro, mais louco ainda, completamente ex
drábule)

VOZ DE CLARICE - Este é o retrato de mamãe ...

VOZES DE DINHO E CLARICE - Abstratos, naturalmente.

(UM TINIDO ELETRÔNICO E A PEÇA COMEÇA).



DANILO

É só pra ver a cotação do dólar.

RENATA

Mil oitocentos e cinquenta.

DANILO (espantado)

Desde quando é que você se interessa pela cotação do dólar?

(Ela não responde. Pausa)

É. Precisamente duas assinaturas de cada jornal.

RENATA

Eu precisava de duas assinaturas de marido, também.

DANILO (depois de olhar a mesa)

Não tem manteiga?

(Ela não responde)

Só porque você está fazendo dieta não é motivo pra não se comprar mais manteiga nesta casa.

RENATA (com ironia tranquila)

A dieta é sua, lembra?

DANILO (cai em si)

Ah!

(Pausa)

Mil oitocentos e cinquenta. É muito?

RENATA

Muito o que?



DANILO

O dólar.

RENATA (com "dôce" paciência)

Danilo, você ainda não reparou que está com cara de um monumental pileque?

DANILO

Estou?

RENATA

E somente uma prostitutazinha poderia lhe deixar esse horroroso perfume de mercado de peixe.

DANILO (inocentíssimo)

Você não gosta de peixe?

RENATA

Não pra perfume.

VOZ DE DENISE: Está vendo, Danilo? Ela tem mania de me chamar de prostituta. Logo quem!

VOZ DE DANILO: Ora, Denise. Você já não sabe como ela é?

DANILO (procura cheirar sua roupa e faz um gesto de dúvida ... Pausa ...)

Ela não é prostituta.

RENATA

Não adianta, Danilo.

DANILO

O que?



RENATA (quase declamando)

Fugir. Se você pensa que, de repente, pode virar Robinson Crusoe e construir uma cabana numa ilha deserta ...

DANILO

Está vendo? Você consegue transformar as situações mais sérias em coisas ridículas.

RENATA

É que elas são ridículas.

DANILO

São agora! Antigamente você não pensava assim.

RENATA

Antigamente você não era ridículo.

DANILO

Fazia as coisas mais absurdas.

RENATA

Você é que pensa!

DANILO (quase repugnado)

Andava até de mãosinha dada com você.

RENATA

Não era ridículo.

DANILO

Florinha de beira de estrada ... Até puritano eu era! Você entende?

RENATA

Razoavelmente



DANILO

E. Naquele tempo eu não era ridículo. Claro que não era como o Fred.

Mas ...

RENATA

Outra vez, Danilo?

DANILO

Você ... martelando as virtudes dele dia e noite.

RENATA

Creio que só falei em Fred, na sua frente, meia dúzia de vezes, em treze anos.

DANILO

Tudo o que você dizia ou fazia comigo era sempre em termos de escala. Você me julga sempre em unidades-Fred.

RENATA

Querido, a esta altura dos acontecimentos, com o dólar a 1850, não pretendo curar os seus complexinhos.

DANILO

O Fred não pode ter sido um sujeito tão formidável assim. Foi?

RENATA

Depende do que você chama de formidável.

DANILO

Então não entendo por que você me preferiu a ele.

RENATA

Você não foi uma escolha, Danilo. Foi uma reserva moral.



15
DANILO

Conheço gente como Fred! Campeões de coisas inúteis: caçadas na África, pesca submarina, boliche ... Iate! Enchia aquilo de mulheres ... Diziam que até você andava em bruta farra no iate dele ...

RENATA (sereníssima)

É verdade.

DANILO

Verdade que diziam ou verdade que você andava?

RENATA

O que é que você acha?

DANILO

Você andava, Renata?

RENATA

A esta altura dos acontecimentos é que você vem perguntar, Danilo?

DANILO

Que altura?

RENATA

Depois de treze anos de casamento e com dois filhos no ginásio?

(Pausa)

Você ainda quer manteiga?

DANILO

Tem?



RENATA

Por que será, hem?

DANILO

O menino vive falando nos pais de todo mundo. Porque o pai de fulano isso ... porque o pai de sicrano fez e aconteceu. Fala até do Ferreira, que nem pai é. Tem filho adotivo.

RENATA

O "Dinho" é um menino especial.

DANILO

Ele nunca me disse: "Papai, vou ser como o senhor!"

RENATA

Sorte, não é, Danilo?

DANILO

Eu não queria que ele fosse como eu. Queria que ele quizesse ser o que eu gostaria de ter sido, entende?

RENATA

Mais ou menos.

DANILO (chateado)

Ele nunca me perguntou o que eu gostaria de ter sido.

RENATA (com Paciência)

E o que é que você gostaria de ter sido?

DANILO

Sei lá! O problema não é esse! Não basta a gente mudar por fora.



RENATA

Você acha?

DANILO

É muito fácil ser alguém quando a gente acredita em alguma coisa. Com um motivo, qualquer calhorda pode ser herói. Difícil, mesmo, é ser covarde.

RENATA

Não seria bom você tomar um banho quente, descansar?

DANILO (alheio)

O Dinho nunca me pediu pra lhe explicar nada.

RENATA

Parece que as crianças de hoje sabem tudo.

DANILO

Nem sexo. Nada!

RENATA

Os meninos de hoje explicam a você. Sorbonne.

DANILO

Você acha que foi boa essa idéia de internato?

RENATA

Péssima.

DANILO

Então?

RENATA

Que é que você iria dizer ao Dinho se ele encontrasse você, a esta hora, de



DANILO

E Clarice?

RENATA

Se você ainda estiver por aqui ... pode vê-la nas férias.

DANILO

De que é que você está escondendo os meninos? Não adianta. Eles não vão viver num mundo de padres e freiras ...

RENATA

Não quero protegê-los do mundo, Danilo. Quero protegê-los de nós.

DANILO

Nós?!

RENATA

Está vendo? Sou uma esposa original. Não boto a culpa somente em você. Os psicólogos falam em muralhas entre nós e as novas gerações: o muro da vergonha.

DANILO

Por falar em psicólogo. O que foi que a dona ...

RENATA

Não interessa o que ela disse. Ela também não é desta geração. Os meninos deviam era escrever um tratado para nós, Danilo. É isso que eu penso. E é por isso que não me meto na vida deles.

DANILO (acabou de pegar num cinzeiro, admirado)

Nós tínhamos este cinzeiro?

RENATA

Foi eu que fiz.



DANILO

Bonito, hem!

RENATA

Também estou fazendo curso de História de Arte.

(Pausa. Danilo a olha espantado)

Teve uma moça que não sabia que a Mona Lisa era a Gioconda. Tinha visitado o Louvre e não sabia.

DANILO

Mentira!

RENATA

E quando o Cavalcanti estranhou: "Mas se você esteve no Louvre, por força deve ter visto a Gioconda!", ela respondeu: "Vi, sim. Só que, agora, não estou ligando o nome a pessoa".

DANILO (ri)

RENATA

Que sujeito fabuloso era o Da Vinci! Descobriu tudo antes de ser descoberto.

DANILO

Nós vimos no Museu em Milão, não lembra? Até exploquei a ...

RENATA (cortando)

Uma coisa de não se acreditar. Paraquedas, avião, submarino, bomba ato ...

Não, que tolice!

DANILO

Ficamos parados quase duas horas diante da Gioconda.



RENATA

E o escândalo que você fez no "Louvre". Lembra?

(A "Gioconda" é projetada em slide colorido e eles revivem a cena diante da imagem)

DANILO (explodindo)

Você não está cansada de ver esta porcaria em tudo que é slide e revista?

RENATA

Mas esta é a verdadeira, Danilo!

DANILO

E daí? Ver o que? Pra que? Adianta?

RENATA

Se você não sente nada, diante disso, deixe ao menos que eu sinta ...

DANILO

Não sinto nada? Posso dar um curso completo sobre Leonardo.

RENATA

A frio, Danilo. Agora, quando você quiser conhecer Da Vinci, deixe eu olhar o quadro e olhe pra mim ... e quando eu começar a chorar você vai compreender Gioconda, Hamlet, Joyce e até Guimarães Rosa. A gente nunca devia ser especialista em coisas que não ama.

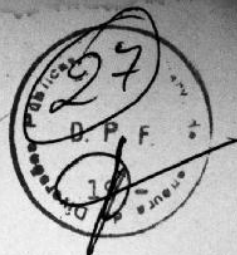
(Desaparece o slide e eles continuam a representação interrompida)

DANILO

O Dinho nunca me perguntou se eu já tinha visto a Gioconda.

RENATA

A propósito de que ia ele perguntar isso?



DANILO

Pensando bem ... acho que nunca me perguntou nada.

RENATA

Pra não amolar. O Dinho vai direto à Enciclopédia.

DANILO

Enciclopédia nada! Sempre me considerou uma besta!

RENATA

O Dinho?

DANILO

Me considera analfabeto de pai e mãe!

RENATA

Você sabe muito bem que não é isso.

VOZ DE DINHO: É sim. Quadrados. Vocês são todos uns quadrados!

DANILO

Esses projetos de gente se trancam de um jeito que a gente acaba vivendo em casa com desconhecidos. Pra saber o que se passa em minha própria casa tenho que telefonar pros vizinhos, porque aqui o telefone está sempre em comunicação.

RENATA

Se você tivesse pedido à sua amante pra não passar trotes e não vomitar uma centena de palavrões sujos contra mim, todos os dias, saberia por que ninguém aqui dentro tem vocação pra atender telefone.

DANILO

Denise seria incapaz! Você, agora, não vai ...

RENATA (cortando)

Quem provocou foi você. Pensa que um menino de doze anos não capta as coisas.



no ar? Dinho é muito sensível. Se você tivesse lido os poemas dele ...

DANILO

Poemas?!

RENATA

Sim. Poemas.

DANILO

Poemas ... de quem?

RENATA

De Dinho.

DANILO

E desde quando é que Dinho faz poemas?

RENATA

Sei lá! Encontrei num caderno.

DANILO (intrigadíssimo)

Poemas?

RENATA

De amor.

DANILO

Está vendo? Até poemas se faz nesta casa sem eu saber.

RENATA

Teve um que eu até gostei muito: "Sou uma ilha cercada de gente por todos os lados."

DANILO

E isso é poema?

23



RENATA

Comêço, não é?

DANILO

Não vai me dizer que Clarice também escreve poemas.

RENATA

Não.

(pausa)

Coleciona retratos de artista.

DANILO

Artista homem?

RENATA

Só artista homem. Não é natural?

DANILO

Com onze anos não é natural. Se você, em vez das cerâmicas, tomasse conta de seus filhos e deixasse em par o Leonardo Da Vinci - um bastardo} homosse
xual } veria que não pode ser natural.

RENATA

Na Índia meninas de onze anos se casam.

DANILO

Na Índia as vacas são sagradas. E daí? ...

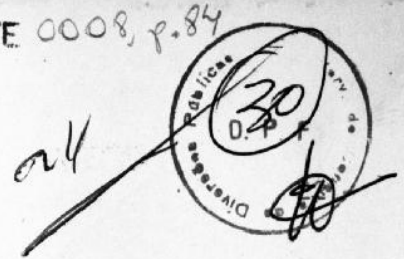
(Agita-se e repete irado)

"Uma ilha cercada de gente por todos os lados." "Ilha cercada de gente."

RENATA

Não era melhor você emigrar dessa ilha e telefonar para o escritório?

DANILO



RENATA

Natural, não é?

DANILO

Natural, por que?

RENATA (crítica)

Não era hoje a reunião de Diretoria?

DANILO

E desde quando a diretoria da fábrica precisa de mim para se reunir?

RENATA

Daniilo!

DANILO

Não vamos começar isto de novo ... Já sei que teu pai é um sujeito fabuloso! Fantástico! Self-made-man! Se fez por si mesmo à custa de cinco mil empregados.

RENATA

Era hora de você se agarrar a isso.

DANILO

Quando quiz casar com você, ele pensou que eu estava de olho na fortuna dele, não pensou?

RENATA

Pensou.

DANILO (irritando-se pouco a pouco)

Me coloca na firma, me dá meia dúzia de ações, põe meu nome na tabuleta da porta, na lista dos diretores e pronto. Super-visor técnico! Nunca alguém me pediu pra ver nada. Nunca me falaram em técnica alguma.



RENATA

Era uma maneira delicada de papai dar a você um ordenado astronômico, dando as aparências, não é?

DANILO

Fábrica eletrônica. Todos sabem perfeitamente que não sei distinguir uma válvula de uma lagosta.

RENATA

Devem saber.

DANILO

Teu pai, o "grande" Giacometti, nunca aceitou um convite nosso para jantar, aceitou?

RENATA

Falta de tempo.

DANILO

Pois sim! É que ele deve sofrer com os cristais pagos pelo dinheiro dele, com as louças dele, os vinhos dele, os talheres dele, tudo dele! ... Não tenho culpa de ele ter chegado como imigrante de bunda de fora e ter enriquecido da noite pro dia.

RENATA (paciente)

Não foi da noite pro dia. Você sabe, perfeitamente, o que isso custou a papai.

DANILO

E depois ... aquela gente. Cambada de puxa-sacos. Como é que você quer que eu trabalhe naquele inferno?

RENATA

Todos trabalham.



DANILO

Os papéis nunca chegam à minha mesa. Correspondência é só de cartões de Nafal. Todo dia as mesmas caras, o mesmo horário, a mesma ...

RENATA

Você está lá?

DANILO

Como é que você quer que eu esteja, se Giacometti não deixa ninguém respirar? Self-made-man. Só porque um desgraçado tem uma fábrica eletrônica não é motivo para que os alto-falantes vivam perseguindo você até no banheiro, como no aeroporto.

ALTO FALANTE: Queiram voltar aos seus lugares imediatamente! Voltar aos seus lugares, por ordem do comendador Giacometti ... Por ordem do comendador Giacometti ...

DANILO

(fala em cima do texto do alto falante, logo após o "imediatamente", procurando sobrepujar a voz)

As vezes penso que vor amarrar o cinto de segurança. "Fasten your belt".

ALTO FALANTE: O Sr. Giacometti acaba de chegar ... OUTRA VOZ: O Sr. Giacometti acaba de sair ... 3ª Voz: O Sr. Giacometti está na sala "B" ... O Sr. Giacometti ...

DANILO

(fala ao mesmo tempo que o alto-falante dizendo coisas diferentes como:)
O Sr. Giacometti está em conferência ... O Sr. Giacometti manda avisar ...
O Sr. Giacometti mandou despedir ... O Sr. Giacometti ...

RENATA

Que é que você quer? Grandes empresas precisam de organização!

DANILO

Organização?! Você se sente espionado, até quando está trancado sozinho na sala ... Pareço ver *Giacomettis em todos os cantos (slides projetam vários Giacomettis à proporção que Danilo vai valando; são slides coloridos de formato variado, meio desfocados, jogados nas paredes do cenário.) Até TV de circuito fechado o desgraçado instalou ... E quando os alto-falantes não comandam aquelas ordens cretinas vem aquela maldita música funcional (ouve-se música suavemente) interrompida pelo relógio eletrônico - que dá a hora certa a cada cinco minutos ... (Notas musicais "eletrônicas" seguidas e misturadas com voz metálica em "Câmara de Eco" anuncian - do: "são dez horas e cinco minutos ... são dez horas e dez minutos ... - são dez horas e quinze minutos ... são dez horas e vinte minutos ...").



sumindo gradualmente dentro da fala de Danilo)... Tortura - chinesa com música de relax... Você mesma está vendo? Agora quis instalar um telespaker em toda parte; no carro, em casa, em tudo. Para poder ditar suas leis aqui dentro também.

RENATA

O fato concreto é que você não foi à reunião da diretoria.

DANILO (no auge da irritação)

Reunião de diretoria! Ninguém me dá a palavra, ninguém me pergunta nada, nunca há uma cadeira sobrando para mim e ninguém se preocupa com a minha presença. Quando estou ninguém percebe, quando não estou - todo mundo reclama.

(Disca o telefone e procura falar com calma).

Alô!.. Está boa, Tereza? (...) Bem. Quer ligar pra sala - de reuniões? (...) Ordem de que?... Mas sou eu, Tereza! Danilo. (...) Sei. Obrigado

(desliga).

O Sr. Giacometti mandou dizer que esperou hora e meia pela minha chegada.

RENATA

Está vendo? Esperaram.

DANILO

E você acredita numa mentira dessas? Foi um deles que atraiu. Por mim ninguém espera.

RENATA

Pelo menos foi delicado o papai mandar dizer isso.

DANILO

E a delicadeza foi por mim? Quando aquelas crápulas não me magoam é só com medo de ferir você de tabela.

RENATA

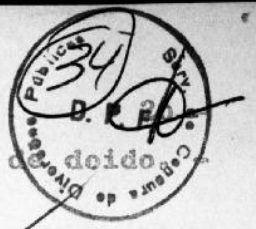
Assim não há argumentos.

DANILO

Vai dizer que não é verdade!

RENATA (pacientíssima)

Danilo, você chegou da rua, às dez horas da manhã, de smoking,



bêbado, de sua farra, de sua amante, de sua vida de doido.
Telefona para a sua fábrica ...

DANILO

Sua!

RENATA

...a respeito de uma reunião marcada para duas horas antes.
Todos esperaram pelo senhor e o senhor é que fica fulo? É
o cúmulo, não é?

(Toca o telefone)

RENATA (atendendo)

Alô?... Pode ligar... Dinho?... Como é que você está meu
filho? (...) Ótimo, tudo bem.

DANILO (inconformado)

"Ilha cercada de gente..."

RENATA (ao fone)

Você esqueceu os tenis, sabe?... Não. Mando pelo chofer...
Telefone de quem?... Ah, sim!

(Ela procura)

57.5843. Está bem. "Ciaú". Outro pra você.

(desliga)

DANILO (após pausa expressiva)

Não perguntou por mim, perguntou?

RENATA

Estava preocupado.

DANILO

Lembrou do tenis, não foi?

RENATA

Danilo, tenha a santa paciência!

DANILO

Não tem problema! Estou acostumado.

RENATA

Como é que você queria que ele perguntasse por você, se você,
a estas horas, devia estar na fábrica?



DANILO

O Dinho está cansado de saber que nas horas em que eu deveria estar na fábrica, eu não estou na fábrica.

RENATA (resignada)

Está bem, Danilo.

DANILO

E pra que diabo ele queria o telefone do Fred?

RENATA

Como é que você sabe que era do Fred?

DANILO

Não ouvi? Não sei?

RENATA

Quer ajuda para uma composição que precisa fazer: "Imperadores Romanos".

DANILO (entre surpreso e magoado)

E a título de que o Fred há de entender mais de "Império Romano" do que eu?

RENATA

É que o menino pensou que o Fred poderia...

DANILO

Já sei o que o menino pensou. O menino pensou: "O idiota do meu pai nunca ouviu falar em Rômulo, Remo, a Loba, Marta e Rea, Numitor, rei de Alba, Monte Palatino! O que é que meu pai entende de Marco Aurélio e toda aquela cambada? Papai entende é de porcaria de uísque. Cesar e Cleópatra, para ele, deve ser fita de Elizabeth Taylor". "Ilha cercada de gente"! ...Então esse calhorda não sabe que eu defendi tese de Direito Romano? Que já lecionei História Universal?

RENATA

Agora você podia tomar um dafé.

DANILO

(prova de uma xícara que Renata deixou a meio e faz repulsas com a boca)

Pfffff! Está gelado.

RENATA

Dêsse, não, Danilo. Eu esquento.



DANILO

Deixe.

RENATA

Danilo, só quero que você sinta que compreendo, perfeitamente, os motivos de tôdas essas loucuras que você vem cometendo últimamente.

DANILO

Você diz isso porque sabe que o que mais me irrita é justamente essa complacência. Eu preferia que você explodisse. Seria mais honesto.

RENATA

A humanidade se divide em gente que explode e gente que engole. Eu sou das engolidoras.

DANILO (magoadíssimo)

Você sabe muito bem que vocês não tiveram um gesto... uma atitude... de respeito... de...

RENATA

Você não sabe o que está dizendo.

DANILO

Tudo. Até as passagens da lua de mel estavam compradas. Hotéis reservados, contas pagas. Anel de noivado. Tudo.

VOZES NO ALTO FALANTE: Não é preciso pagar nada, senhor. É só rubricar.

OUTRA VÓZ: "on a déjà payé l'addition, monsieur et dame."

OUTRA VOZ: "non bisogna pagare"

OUTRA VOZ: "No sir. Your bill has been paid".

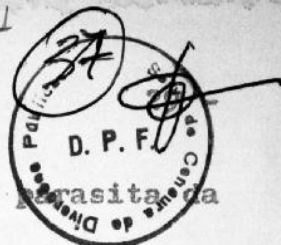
RENATA (fala mal o alto-falante termina a primeira frase).
Você ainda se lembra disso?

DANILO

Você sabe que não casei com você por dinheiro.

RENATA

Sei.



DANILO

Então por que todos me olham como se eu fôsse um parasita da fortuna do pai de minha mulher?

RENATA

Você é que pensa.

DANILO

Quando o chofer me abre a porta do carro e tira o boné ...

RENATA

Outra vez, Danilo?

DANILO

...me olha com uma cara de puro deboche.

RENATA

É, não é?

DANILO

Se vou ao sítio, no uiquende, todo mundo parece dizer: "veio descansar? De que?" Um dia vou mandar pro inferno seu pai, a fábrica, as ironias, tudo... e começo tudo de novo.

(Pausa)

Você não acredita.

RENATA

Acredito.

DANILO

Tudo que eu faço vira anedota. Naquele dia ninguém acreditou que eu quizesse morrer de verdade.

RENATA (serena, suave).

Eu acreditei.

DANILO

Pensaram que eu tinha me enganado na dose.

RENATA

Eu não pensei.

DANILO (magoadamente saudoso)

Hoje... parece mentira... Mas você já gostou de mim como eu era, Renata.



RENATA
Gostei.

DANILO (quase sem compreender, visualizando uma imagem antiga)
Eu era uma pessoa. Eu era gente. Não era gente, Renata?

RENATA
Sim, Danilo, você era gente.

DANILO
Incrível! Tantos planos na cabeça! Tanta coisa!

RENATA
É verdade.

DANILO
Até poemas eu fiz. Lembra?

RENATA
Estão todos comigo.

DANILO
Tanta coisa em comum... e de repente... Como se fôssemos duas
outras pessoas...

RENATA
Eu não esqueço nenhum momento, Danilo. Você nem olha mais os -
slides de nossas viagens... lua de mel... tudo... Eu olho to
dos os dias.

DANILO
Não fãamos aceitar nada que não fôsse conquistado por nós... Re
nata, o que é que en entendo de eletrônica?

RENATA
Nada, Danilo.

DANILO (magoado)
Se fôsse uma pergunta de eletrônica eu ainda compreendia que o
Dinho...

(Vai citando os Imperadores, contando-os nos dedos,
com desespero crescente).

Augusto... Tibério... Calígula... Cláudio... Nero... Ves
pasiano... Tito... Domiciano... Trajano... Adriano... An-
tonio Pio... Marco Aurélio...



(Profundamente magoado)

Se fôsse uma pergunta de eletrônica!...

FIM DO PRIMEIRO QUADRO



TRANSIÇÃO DURANTE O BLACK-OUT

Ouve-se música romana antiga, tipo da que se utiliza no espetáculo "sol e luz" do Fôro Romano e a voz - de Danilo se sobrepõe e vai desaparecendo.

VOZ DE DANILO

"O direito romano é de tôdas as legislações de antiguidade, não só a melhor conhecida, como também aquela que nos permite melhor seguir a evolução, desde as suas origens até o seu declínio, passando por uma fase de esplendor e grandesa...

VOZ DE RENATA

(surge antes do final da fala anterior e se - superpõe a ela).

Não quero protegê-lo do mundo, Danilo. Quero protegê-lo de nós.

VOZ DE DINHO

(surge depois de um efeito de música eletrônica)

"Eu sou uma ilha cercada de gente por todos os lados".

VOZ DE DANILO

Desde quando é que o Dinho faz poemas? Eu também fazia... mas naquele tempo...

VOZ DE RENATA

Naquele tempo você não era ridículo.

VOZ DE DANILO

Supervisor técnico. Todos sabem que não sei distinguir uma válvula de uma lagosta.

(Transição dos efeitos de música eletrônica para o tema romântico, leitmotiv da peça)

VOZ DE RENATA

Lembra, Danilo? Nossa música... Nossa música, Danilo!...

(O foco de luz que se concentrou no rosto de Renata vai caminhando para o rosto de Denise... no começo do quadro dois).

FIM DA TRANSIÇÃO



PRIMEIRO ATO
SEGUNDO QUADRO

O foco que veio do rosto de RENATA alcança o de DENISE, no cenário da direita.

DENISE

Nossa música, Danilo!

(Pausa expressiva)

(O living de DENISE é mais modesto, embora de bom gosto, quase um jardim de inverno, como dissemos, do cenário da esquerda. Está bem decorado, numa côr tendendo para o azul, enquanto o cenário da esquerda é mais para o rosado. Estão em cena DENISE e DANILO. Ele, de smoking e ela com um lindo "peignoir" de cores contrastantes com o usado por RENATA. DENISE é uma mulher de seus trinta anos, bonita. Poderia ser aeromoça ou secretária, ainda que pareça ter gabarito maior. É modelo profissional. Quase que vai amanhecendo, tão tarde é, e a música do quadro anterior vem invadindo este e parando logo a seguir).

DANILO

Ah, mas eu não conversei!... São todos uns analfabetos! "Afinal, quem é o supervisor técnico desta joça - perguntei - eu ou Giacometti?" "Ninguém me delibera nada aqui dentro - sem ouvir o departamento técnico!"... "Ninguém piou. Silêncio de morte..." "E se alguém não estiver de acôrdo diga logo... que eu peço minha demissão irrevogável! Irre-vo-gável!"

(Ele se aproxima dela e quer lhe fazer um carinho e ela refuga).

Eu, palavra de honra! Ainda não entendi por que você está sentida comigo. Sei que nossa situação é irresolvida. Mas que diabo! Podemos dar um sentido, ao menos ao provisório, já que o permanente não tem sentido.

DENISE

Lá vem você com filosofia de gafanhoto.

DANILO

Infiníto não é pra nós, é pros deuses.

DENISE

Não me consta que os deuses tenham amantes, Danilo.

DANILO

Amantes! Eu gosto tanto de você, Denise, que nunca ... | A-
mante lembra logo cama, sexo, clandestinidade. Não gos-
go olhar você como a uma clandestina.

(Ela não reage)

Mas explique, ao menos, por que você ficou tão zangada. So-
mos gente civilizada!

DENISE

Eu não sou civilizada. Sou mau-mau. Só hoje, Danilo, é -
que percebi que você só quer correr as buates comigo. Só
para que os seus amigos vejam a modelo acompanhando você.

DANILO

Depois de me arrebentar o dia todo no trabalho preciso es-
parecer, não preciso?

DENISE

Nem pra dormir você me quer. Só pra constar da ata.

DANILO

É nisso que dá a gente ser um homem decente!

DENISE

Decente, não é? Conheço esse tipo de finura. Não querem dis-
cutir em público... Arrazam com a vida da gente, em três idio-
mas, sem sotaque...

DANILO

Fabuloso! Contando ninguém acredita.

DENISE

Levantam da mesa quando a gente vai sentar... Empurram a ca-
adeira na hora certa...

DANILO

Ah, é isso que você vê em ...

DENISE

...só pedem prato que ninguém come (escargô)... essa porcaria
de caramujos nojentos... Mas amor mesmo!...

DANILO

Denise, quem bobou fui eu, não é?

37



DENISE

Estou com o amor recolhido há tanto tempo que, quando explodir mesmo, nem a Legião Estrangeira vai dar conta do recado.

DANILO

Sem comentários.

DENISE

Bem feito! Cansei de ser romântica. Não me bastava ser modelo. Quis resolver minha vida com computador eletrônico, organograma, Hollerith, astronáutica. Dentro da era tecnológica. Pesquisa de mercado, motivação, estatística, lay-out, propaganda subliminal, vingança à lua, desodorante, detergente, clorofila, planificação, tudo. Até índice demográfico.

DANILO

Índice o que?

DENISE

Tem cidade com cinco himens pra cada mulher, sabia? Planifiquei tanto que acabei me apaixonando logo por um tipo de sua espécie.

DANILO

Palavra que ainda não entendi você...

DENISE

Só não expliquei pra valer porque tive pena... Não deve ser fácil aturar a megera com que você casou. Um sujeito que casa com uma gorila daquelas tem que beber. Ah, tem!

DANILO

Você sabe, perfeitamente, que não passei de cinco doses.

DENISE

Das legítimas.

DANILO

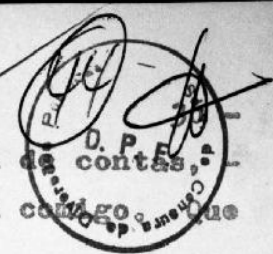
Está vendo? Você sabe disso porque não me acompanha quando eu bebo.

DENISE

Se eu o acompanhasse no uísque, quem ia trazer você pra casa - quando estivesse na altura do Himaláia?

DANILO

Mas não acompanhar quem bebe é imoral. É como campo de nudis-



ta. Ali só é imoral quem está vestido. Afinal de contas, ainda não entendi por que você está tão magoada comigo. Foi que eu fiz?

DENISE

Nada. Você apenas quiz cantar em dueto com a estrêla francesa do show.

DANILO

Não é nenhuma tragédia.

DENISE

Não... se você não quizesse despir a francesa ao mesmo tempo. Botar a francesa no seu campo de nudistas.

DANILO

Eeeeeeeu?

DENISE (irônica)

Não. Eu.

DANILO

Ora! Francêsa adora ficar nua! E-depois-você sabe os planos que eu tenho. Livros, projetos, o diabo! E, em vez de escrever, de concurso pra Faculdade, fico amarrado o dia inteiro - com pilhas de papeis pra despachar!

DENISE

Quando não bebe é pior. Quer ser fino.

DANILO

Vamos convir que você está nervosa, não é?

DENISE

Não diga! Talher certo... empurra a cadeira, escargô... Levanta quando uma senhora prostituta se levanta... Perfilado-que nem soldado nazista (Heil, Hitler!)... Mas desaba com o pileque, não desaba?

DANILO

Você, decididamente, está com febre.

DENISE

Seis, oito, dez horas. E aí começa a chorar as máguas de casa comigo.

DANILO

Eeeeu?



DENISE

Não quero um sujeito se apoiando em mim. Chega!
Pisa comigo, não!

DANILO

O que mais me espanta é que você conhece, perfeitamente, meus problemas. Eletrônica é pra analfabetos. Detesto!

DENISE

Mas evidente! Você tem problemas que eu conheço perfeitamente. Eu não tenho nenhum! Você já reparou que nunca chega a hora de contar meus problemas? E estou cansada, Danilo. Cansada de ser boazinha, cansada de ser mãe, amante, irmã, padre, vizinha, tudo ao mesmo tempo.

DANILO

O absurdo é que não houve motivo pra começar toda essa...

DENISE

Será que ainda não entrou em sua cabeça de pedra que até gente como eu... a quem você vive prometendo casamento e viagens... tem direito a um amor-mínimo?

DANILO

Você nunca reclamou.

DENISE

Porque pensei que estivesse na cara, não é? Porque quando eu tenho meus problemas, mordo o travesseiro. Não chateio ninguém. Bem feito! O mal da mulher é ser toda cheia de meio-caminho, coreografia. Lembra do que combinamos ontem? Hoje você nem tocou no assunto.

DANILO

Não houve oportunidade.

DENISE

Danilo, houve até oportunidade de falar em astrologia. Que foi que ela disse?

DANILO

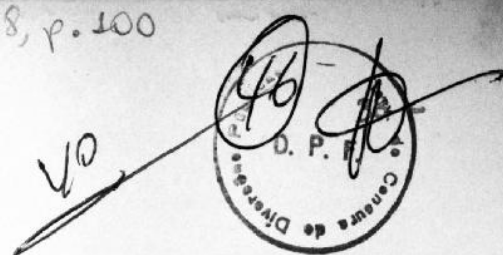
Quem?

DENISE (com revolta)

Madame Pompadour!

DANILO

Renata?



DENISE

Quem haveria de ser?

DANILO

Ela vai sofrer muito, Denise. Não quero magoar Renata. Ainda não pude falar com ela direito.

DENISE

Depois de todo esse tempo?

DANILO

Parece que desconfiou. Trancou o passaporte no cofre.

DENISE

Mas você não ia botar as cartas na mesa? Não ia comprar as passagens?

DANILO

Dinheiro não cai do céu, minha filha. O dólar está a 1850.

DENISE

Ah! Agora, pra saber até onde vai o seu amor, vou ter que acompanhar a cotação do dólar.

DANILO (com calma)

A firma precisa de mim. No dia que eu sair aquilo desmorona.

DENISE

Deixa desmoronar!

DANILO

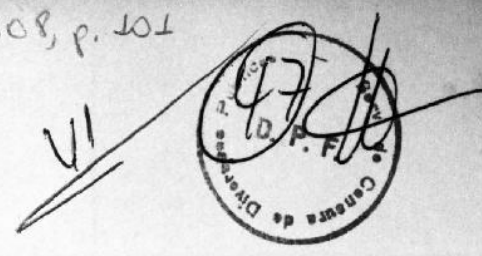
Parece fácil... Na hora... Você chega em casa e entra logo em clima de criada nova, tintureiro que manchou o terno azul, fogão dando defeito... Todo mundo precisando de você... Toda gente dependendo de você... De repente você está até arriscando a descobrir que tem um filho que fez poemas! Entende?

DENISE

Não.

DANILO

Um bostinha daqueles faz poemas de ilha deserta... Até deveres eu tenho que resolver para ele: "Imperadores Romanos"... E pensa que é só isso? De repente, aparece uma filha, uma porcaria deste tamanho, que coleciona fotos...



DENISE

Que tem isso a ver com o caso?

DANILO

Com onze anos, você colecionava fotos?

DENISE

Colecionava

DANILO

Fotos de que?

DENISE

Borboleta.

DANILO

Você acha natural menina de onze anos colecionar retratos de homem?

DENISE

Acho.

DANILO

Só de homem?

DENISE

Em menina eu adorava ver passar cesta de flôr em bicicleta ...

DANILO

De flôr ...

DENISE

Ficava imaginando que um dia aquelas flores podiam ser para mim. Não é que eu precisasse da flôr ... Um negócio assim, como é que se diz?

DANILO

- ...

DENISE

Simbólico - Engraçado sonho de criança. Com 7 anos eu queria ter 3 filhos: um coelho, um pinguim e um canguru. Só depois é que me explicaram que gente só pode ter gente. Chato, não é?

DENISE

As meninas do meu colégio tinham todas um questionário cheio de perguntas: "Você já amou?" "Qual é a sua flor predileta?" "Qual foi o dia mais feliz de sua vida?"

DANILO

Qual foi?

DENISE

Nenhum. Sabe de uma coisa engraçada? ...raspei o fundo a memória... momento feliz... momento feliz... e deixei a folha em branco. Não tinha... Não tinha mesmo!...

DANILO

Pois pra mim a felicidade é sair daquele inferno!

DENISE

Pra mim bastava um único momento feliz... e eu botava numa moldura, pendurava na parede e exibia como um diploma pra todo mundo ver... Às vezes me dá uma saudade bestial de casa... nas horas em que estou sósinha. Engraçado as coisas que ficam!... Não é? Ferro de encomar... minha mãe passando roupa e estalando, de vez em quando, o dedo cuspido no ferro... Tcháááá! Tcháááá!... Quer dizer que ela junta retrato?

(pausa)

Você, em menino, juntava o que?

DANILO

Chapinhas de cerveja.

(Pausa)

Engraçado as coisas inúteis que menino junta.

DENISE (intencional)

Adulto, também.

DANILO

Por que é que Renata não compreende que eu não posso aguentar aquela vida? E você não sabe a melhor! Agora cismou que você liga pra minha casa dizendo as piores coisas.

DENISE

Eu!



DANILO
Só de homem?

DENISE
As meninas do meu colégio tinham tôdas um questionário...
Cheio de perguntas: "Você já amou?" "Qual é a sua flôr-
predileta?" "Qual foi o dia mais feliz de sua vida?"

DANILO
Qual foi?

DENISE
Nenhum. Sabe de uma coisa engraçada? Ninguém quer nada de
nada. Todo mundo fica brincando de não ser. Equanilizado
... Raspei o fundo da memória... momento feliz... momen-
to feliz... e deixei a fôlha em branco. Não tinha ...Não
tinha mesmo! ...

DANILO
Pois pra mim a felicidade é sair daquele inferno!

DENISE
Pra mim bastava um único momento feliz... e eu botava numa
moldura, pendurava na parede e exibía como um diploma pra
todo mundo ver... Com carimbo, fita verde-amarela e uma -
porção de assinaturas ilegíveis... Então... ela junta re-
trato...

(Pausa)

Você, em menino, juntava o que?

DANILO
Chapinhas de cerveja.

(Pausa)

Engraçado as coisas inúteis que menino junta.

DENISE (intencional)
Adulto, também.

DANILO
Por que é que Renata não compreende que eu não posso aguen-
tar aquela vida? E você não sabe a melhor! Agora cismou -
que você liga pra minha casa dizendo as piores coisas.

DENISE
Ela é que se queixa?



DANILO
Por que?

DENISE

Pra mim é que ligam todos os dias! Aprendi palavões que nem sei o que significam.

DANILO

Afinal, o que é que nós estamos discutindo? Não estava tudo bem?

DENISE (irônica)

Bem, Danilo? Estava perfeito! Se você tivesse parado um segundo pra pensar... teria compreendido...

DANILO

Que é que você quer que eu compreenda agora?

DENISE (sobre a fala dele)

...até onde cheguei, até onde me conformei. Houve tempo, entende?... em que eu como toda moça, sonhava com o homem ideal. Depois - comecei a fazer concessões: podia ser baixo, podia ser louro, pobre, burro, até antipático.

DANILO

Está vendo?

DENISE

Vendo o que? Podia ser tudo isso, mas que tivesse alguma coisa de autêntico. Hoje nem posso ouvir música romântica. Já não aguento mais música que fala de amor, luar, você. E todas elas falam! Entende o que eu quero dizer?

DANILO

Isto está virando conversa de doido. O melhor, a estas horas, é você tomar o seu calmante e...

DENISE

Você chama aquilo de calmante? Agora só durmo dopada. Calmante! Comigo você quer sempre tomar todas as providências que não levam a coisa nenhuma!

DANILO

Eu perdoo porque você está fora de si.

DENISE

Você perdoa porque, se desarmar essa pose besta, desaba.



DANILO

Você parecia feliz... não entendo!

DENISE

Onde eu trabalho, Danilo, o chefe da relações humanas quer que se conserve sempre o sorriso. Simbólico, entende? Mostrar todos os dentes. Não confunda felicidade com dentadura. Também não quero que você me confunda com a cretina - de sua mulher ...

DANILO

Bem, se a coisa é na base da estupidez, eu também podia dizer que, quando me encontrou, você já tinha passado por uma centena de homens.

DENISE

Antes fôsse! Não passaram de meia dúzia.

DANILO

Está vendo?

DENISE

Vendo o que? Mas sua incompreensão é astronáutica.

DANILO

Astronômica!

DENISE

Nunca neguei! Nunca me faltaram homens na vida... "Assim"... Até pra casar.

DANILO

Não diga!

DENISE

E conhecendo meu passado, se quer saber. Gosto de sexo. Tem alguma coisa demais? É anormal? Foram seis porque nenhum deles sabia pegar numa mulher direito. Se eu tivesse um que me amasse pra valer, entende? Não olhava mais nem pro Papa!

DANILO

Foi você mesma quem disse que não ligava pra coisa de sexo.

DENISE

Sua compreensão é comovente, Danilo. Que é que você queria que eu dissesse diante de um homem apagado como você?... O que é que você já me deu de si?



DANILO

Era só dizer!

DENISE

Dizer, como, Danilo? Você nunca mostrou um mínimo de... calor, você é uma tonelada de ausência. Nunca quiz presentes, queria a intenção. Podia ser brilhante ou flôr. Minha fome era de - gesto, percebe? Simbólico.

DANILO

É por essas e outras que ninguém vai entender as mulheres nunca.

DENISE

Marcelo entendia.

DANILO

Basta ferir você e pula logo com êsse sujeito.

DENISE

Foi o único homem que se preocupou comigo. Não com o meu corpo. Comigo. Ele sabe que minhas coisas têm o tamanho de uma vida inteira. Lembra o Natal do ano passado? Você nem me perguntou pela minha família. Não lhe passou pela cabeça que, até uma mulher como eu, pode ter mãe?... Irmã com catapora?

DANILO

Telefonei explicando.

DENISE

Claro que telefonou! Você até mandou presente!

DANILO

Pois então!

DENISE

Só que você me mandou êsse presente (o único que recebi de você em tôda minha vida) sem, ao menos, verificar o que havia dentro do pacote que você ganhou de alguém e passou pra mim.

DANILO

Mas eu calculei que...

DENISE

Sabe o que você me mandou, Danilo? Um barbeador elétrico. Entende o que eu quero dizer? Pra não desfazer o embrulho...

DANILO

Poís eu jurava que era perfume francês.

DENISE

O cartão que veio dentro me comoveu profundamente. "Acorde feliz e faça a barba com Philishave"!

DANILO

Você está cansada de saber que a intenção...

DENISE

E pensar que basta estalar os dedos para que Marcelo venha correndo e case comigo.

DANILO

Denise...

DENISE

E não vai perguntar ^{com} quantos homens já dormi?

DANILO

Pelo amor de Deus! Se eu magoei você...

DENISE

Que magoou, nada! Estou curtida. Barbeador elétrico. Se eu pudesse, chorava, palavra de honra. Houve tempo em que qualquer coisa vinha logo um berreiro de lágrimas. Sentia um troço, choro. Chorava que nem uma vaca, mas no fim encerrava o assunto e virava a página... agora...

DANILO

Eu jurava que era perfume...

DENISE

E para de me olhar com esta cara.

DANILO

Que cara?

DENISE

Não quero ninguém com pena de mim. Prefiro raiva, ou nojo. Não é que eu precise de você exatamente, entende?... Na vida de todo mundo é preciso "dois". Um - dois. Na vida a gente precisa, já não digo de um companheiro, amante, amor,

diétil, coisas assim, mas pelo menos de um ouvinte, um interlocutor... pessoa pra mexer a cabeça aprovando ou reprovando... pessoa que diga, ao menos "hummmmmmm". Qualquer pessoa. Podia até ser surdo, mas que eu pensasse que estava ouvindo, entende? Simbólico.

O que é que eu fui ver em você? Não é nem meu tipo. Não me diz nada, nada, nada.

DANILO

Ué!

DENISE

Nem beijar direito você sabe!

DANILO

Isso. Descarregue.

DENISE

No fundo Hitler era pintor de parede. A gente quer bem fazendo. Sentir só não basta. Quando vim das férias de Buenos Aires, lembra?... fiquei plantada sôzinha no Galeão.

49



DANILO

Era dia de reunião da Diretoria.

DENISE

Fiquei ali parada... Ninguém! Nem parente, nem amigo. Nem carregador me deu confiança. Em casa o telefone não tocou uma só vez. Nem por engano. Nem um vizinho pra dizer: "Bom dia, como vai?", essas coisas. Quando a gente vive só, vizinho vira importante à beça. Aquela bêsteira de caldinho quente quando a gente está gripada, sabe como é? Gripe é um troço danado pra fazer a gente lembrar da família: mãe, pai, fundo de quintal, carambola, essas coisas. De Buenos Aires eu em podia escrever pra sua casa. Você não tinha nome. Era Caixa Postal, 989. Me dava assim uma impressão de ser uma Sames Bond: eu era madame 989.

DANILO

Já disse a você que logo que seja possível...

DENISE

Você, Danilo, é tão cimento armado, tão impenetrável, que ainda não percebeu que pouco estou ligando pro casamento. O que eu quero é sentir que a pessoa que está a meu lado seria capaz de casar comigo. Simbólico. Mas, às vezes, me dá vontade de acompanhar você numa bebedeira. Aí a gente ia acender umas velas - numa mesa de canto, naquela penumbra morna de buate. Mandava a orquestra tocar a nossa música favorita.

(Ouve-se a música)

Você ia fazer de conta que você era o homem que queria ser... eu fazia de conta que era a sua mulher ideal... Outras vezes tenho vontade de fazer uma espécie de despedida dramática besta, tipo - Ponte de Waterloo ou Conde de Luxemburgo, sei lá. Nem sei se nesses troços alguém se despede... Uma despedida. Eu ficava de costas e você ia andando devagar... eu fazendo uma bruta força - pra não chorar e você bancando o machão... firme, aí, definitivamente... Fundo musical e tudo...

(Para a música. Pausa)

É, acho que hoje, nós passamos da conta.

DANILO

Quem passou fui eu.

DENISE

Você sabe, Danilo, que eu só tenho você. Quando é pra deswearrear temos que nos aguentar um ao outro.



DANILO

Renata pensa que eu gosto de ser o que sou.

DENISE

O triste é que nos primeiros encontrso era só amor...

DANILO

Aquela casa é um inferno, Denise. Um inferno.

DENISE

Você vai rir, mas até hápouco tempo minha filosofia era tôda na base de Lin Yutang. Felicidade é comer melancia no verão, sanduiche de abóbora com giló. Hoje... chega uma hora em que a gente já não sabe se gosta ou se está com a pressão baixa.

DANILO

O mais curioso é que Renata não era assim. É uma ótima mãe...

DENISE

É. Parece que uma coisa nada tem a ver com a outra. Minha mãe também era muito compreensiva. Um dia me suspenderam da escola. Perguntaram a tôdas as meninas o que elas queriam ^{se} saber e eu dis se convicta: prostituta.

DANILO

Não?

DENISE

Só a mamãe entendeu. Ao lado da minha casa moravam umas moças lindas, muito pintadas, de roupas coloridas. Minha mãe se referia a elas como "as protistutas". Pensei que prostituta fôsse assim uma espécie de condêssa, entende?

DANILO

A gente devia ter sempre a chance de riscar o passado e viver a vida de novo.

DENISE

Em garota eu queria ter três filhos: um coelho, um pinguim e um ganguru. Só depois é que me explicaram que agente só pode ter gente. Não é o máximo?

DANILO

No dia em que sair da firma é que eu quero ver como eles vão se arranjar...

DANILO

Quando começar a vida que eu quero... vou ter nojo de álcool.

DENISE

Mais engraçado é que sempre olhei o sexo com grande pureza.

DANILO

Giacometti pensa que eu preciso dêle. Quero poder esfregar nas fuças dêle: "Está aqui. Não preciso do seu dinheiro, não preciso de sua filha, nem de seus netos. E podem fazer suas reuniões cretinas sem mim. Comigo, não!"

DENISE

Eu ia sempre pra roça e assistia à cobertura das éguas. Tudo parecia fonte de beleza... Por isso, até hoje, acho sexo lindo!

DANILO

O que estraga as pessoas é aquela engrenagem...

DENISE

Cavalo nasce bonito. Levanta logo e parece que é só pernas.

DANILO

Você começa cedendo e, daí a pouco, está atolado até o pescoço. "Sim, Sr. Giacometti... Pois não, Sr. Giacometti". A gente fica sem nervos. O que assusta é como a gente muda. Em criança eu nem podia comer sabendo que havia menino com fome. A comida ficava aqui... entalada. Hoje como caviar com champanha sem remorsos. E vou adiando tudo. Livro. Tese...

DENISE

Você, Danilo, ainda vai fazer grandes coisas, eu sei.

DANILO

Denise, por que é que eu preciso tanto magoar você?

DENISE

Eu compreendo e não me magôo.

DANILO

Giacometti só admite gente que ele possa dominar. Comigo, não. Não sou capacho do Sr. Giacometti. Não sou capacho, Denise.

DENISE

Claro que não, Danilo. Você não é capacho.



52

(Ilumina-se a outra parte do palco e Renata está ao telefone. Suas falas se alternam com as de Danilo).

RENATA (ao fone)

Sim, meu filho, ... Dinho, quando você telefonar, pergunte sempre pelo seu pai. Sei, mas ele fica triste, meu filho! ...

DANILO

Ganhei concurso de oratória no tempo da Faculdade. "O Direito Romano é de todas as legislações da antiguidade"... Parece que faz um século!

53



RENATA (ao fone)

Nas férias. Só nas férias. Cavalo, piscina, o que você quiser, mas estude.

DANILO

Eu estudava muito. Queria aprender tudo de uma vez...

RENATA (ao fone)

Não diga isso, meu filho. Seu pai adora vocês.

DANILO

Em casa me olham como se eu fosse um marciano. Ninguém me compreende, Denise.

RENATA (ao fone)

Quando você puder, meu filho, fala com seu pai. É nervoso, Dinho. Nervoso.

DANILO

Não sei. Achi que ando com os nervos em pandarecos...

RENATA (ao fone)

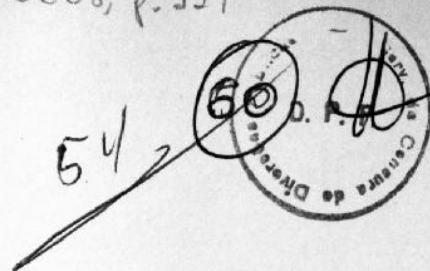
Outro pra você)

(desliga)

(Danilo, ao mesmo tempo, puxa Denise para si e a beija. Ela diminui a luz, bota um disco na vitrola e o tema - da peça vai surgindo. Renata escurece a sala, liga o projetor de slides e vai fazendo surgir seu passado, flagrantes felizes com Danilo, aspectos turísticos, sentada sòzinha na penumbra - enquanto do outro lado, Danilo recosta a cabeça e fuma "sonha-dor" - e Denise, olhando o infinito, alisa o toca-discos lentamente.

FIM DO PRIMEIRO ATO.

II ATO



1º QUADRO

(Mesmo Cenário)

ALTO-FALANTE:

Atenção! (Xilofone). Comparecimento URGENTE à reunião de Diretoria do Sexto andar. ATENÇÃO! O Comendador Giacometti solicita o comparecimento urgente do super-visor-técnico Dr. Danilo.

65, 54



Primeiro quadro. (A sala de Denise está iluminada). Danilo se encontra em situação intermediária, isto é, quase ausente do que Denise está dizendo, apenas desligado o suficiente para que o que Denise diz não parece um monólogo solto).

DENISE

Calculo, perfeitamente, o que ela disse... Você, quando bebe, fica transparente. Começa a despejar a alma em baldes dêste tamanho... (simulando despejar).

DANILO

Respondendo, mas sem que se perceba se é uma resposta ou se é resultado de conclusão do que está pensando.

Só mesmo rindo!

DENISE

Aliás homem é assim mesmo... Você quer saber? Eu chego a sonhar, Danilo. Chego a sonhar com o dia em que encontrasse Renata, pela primeira vez, sôsinha, cara a cara ... O que eu diria... o que ela diria... É só fechar os olhos e ela me aparece ...

(Surge Renata enforcada pela luz e Denise vai se aproximando do foco descrevendo ...)

aparece... gira em torno de mim, vai girando, girando, girando, me despe com os olhos tôdinha. Raio X... me analisa parando o olhar nos pontos mais estratégicos e inconvenientes e pergunta, sempre a mesma frase com as mesmas palavras, a mesma ironia: Então, você é a menina que queria ser prostituta!



DENISE

A verdade simples e nua. Sol, Danilo. Claro. Limpo.
Está bem... Se você não tem coragem... deixa que eu falo.

(Ilumina-se todo o palco)

RENATA

Não, Denise. Falo eu. É de bom tom... um princípio da mais elementar educação que a esposa seja a primeira a falar.

(Analisa-a)

Você, então, é a menina que queria ser prostituta?

DENISE

Precisamente.

RENATA

E ainda há quem diga que os sonhos não se realizam. Você, minha filha, está plenamente realizada.

DENISE

Obrigada.

RENATA (analisa a roupa que Denise veste)

Por que foi que não vi este modelinho no desfile?

DENISE

Chegou tarde!

RENATA

Reparou?

DENISE

Lógico!... E jogando indiretas sutis em voz alta... quase aos berros histéricos.

RENATA

Eu?! ...

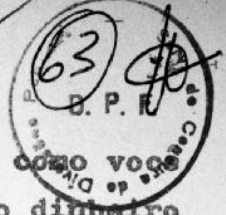
DENISE

Sutileza de pata de elefante. Tchó... Tchó...

RENATA (continua volteando em torno dela)

Deve ser lindo ser modelo, não é?

51



DENISE

Pelo menos, é divertido: - a gente olha as mulheres como você comprando mil e um vestidos e pensa: "eu não tenho o dinheiro dessa matrona, mas - em compensação - ela não tem corpo para vestir o modelo que compra".

RENATA (risonha)

Não é mesmo?

ALTO-FALANTE: Dr. Danilo, onde estiver. Comprometimento urgente. Dr. Danilo. Câmbio.

DANILO (explode)

Que câmbio? O dólar está a mil oitocentos e cinquenta.

(ensaia um discurso, erguendo-se da poltrona de relax em que se sentara pouco antes)

Querem saber? Se eu tivesse ido a essa reunião, ouviram? Ouviram, senhores membros da diretoria?... Se eu tivesse ido a essa reunião, diria a vocês todos (a todos sem exceção).

RENATA

A papai, também?

DANILO

Ao Sr. Também, Comendador Giacometti... Diria o que vocês são: uns canalhas, uns crápulas, uns energúmenos...

AS DUAS

O que?

DANILO (berra, silabando)

E-DER-GÔ-ME-NOS.

RENATA

Pare com isso, Danilo... Você sabe, perfeitamente, que...

DANILO

Não adianta! Não piso mais nesta sala. Quem quiser que me procure no meu gabinete particular...

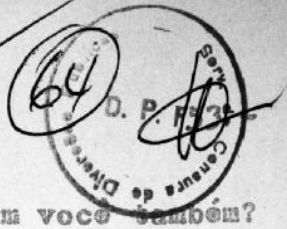
DENISE

Danilo, por favor! ...

DANILO

Já disse: "no meu gabinete particular". O nome está na porta pra quem souber ler...

58



RENATA (a Denise)

O Danilo vive explodindo a propósito de tudo. Com você também?

DENISE

Cambada de analfabetos! A-NAL-FA-BE-TOS! ...

RENATA

Quem vê toda essa erupção pensa que... mas na hora de... A propósito: ele, também, acha que você é fria?

DENISE

Ainda não se queixou.

DANILO

E ninguém me manda mais cartões de Natal. Chega. CHEGA!

RENATA (tranquilíssima)

Todo homem que não dá conta do recado é a conta: fria. Bota a culpa na mulher.

DANILO

Pra mim chega!

DENISE

Mas é por isso que eu digo. Homem nenhum jamais compreenderá mulher alguma. Já não falo de sentimentos, alma, coisas assim. Falo das coisas que uma mulher faz, simplesmente, para se encontrar com um homem...

RENATA

Não é mesmo?

DENISE

Pra estar com Danilo eu tomo banho, esfolo a pele, escovo, esponjo, uso sabonete francês. Depois vem aquela geringonça de estica-cabelo...

RENATA

Escova cabelo...

DENISE

Penteia cabelo...

RENATA

Fixa cabelo...

DENISE

E cinta...

69



RENATA

E soutien...

DENISE

Tudo apertado... exprimido...

RENATA

Comprimido... esticação...

DENISE

Máquina de secar, de suar, de esfolar...

RENATA

E pomada e pó e côr e pincel...

DENISE

E baton... e rouge e sobrancelhas...

RENATA

Cinquenta horas de cabeleireiro...

DENISE

Trezentos de modista... Pra, depois de tudo isto, êle não reparar nem no vestido, nem no penteado, nem no batom. Apaga a luz, atira a gente na cama e desmancha tudo de uma vez. Com você, também?

RENATA

Mas é por isso, minha filha! Por isso é que eu comecei a me dedicar à caridade... Sabe como é. Fazia roupas para crianças de morro, jogava bariba em benefício de cobertor de favelado.

DANILO

Iguaisinho ao velho Giacometti. Empobrece uma porção de gente e, depois, faz uma creche...

RENATA

Mas meus nervos não acalmavam...

DENISE

Dizem que Tranquilex...

RENATA

Anatensol ...



RENATA

Isso. Apelei pra cerâmica.

DENISE

Tem gente que faz coisas lindas!

RENATA

Aquele cinzeiro, por exemplo, fui eu que fiz.

DENISE

Não!

RENATA

Mas não adiantou. Já podia calcular meu estado de depressão pelas peças que eu fabricava. Depressão pequena: cinzeiro. Depressão maior: jarra. Depressão mesmo: aparelho de jantar completo. Cerâmica é bom. Me deixa descontraída.

DANILO (disca o telefone)

RENATA

Só no ano passado pude fazer meu balanço emocional. 47 cinzeiros, 82 jarras, 4 aparelhos de jantar completos...

DANILO (ao fone)

Alô? É do Ginásio?... Posso falar com o aluno Geraldo Cardoso?... Sim, o Dinho!... O meu filho!

DENISE

Você não devia tomar as coisas tão trágicamente.

RENATA

Não tomo!... Eu até que uso bastante minha filosofia de gafanhoto!... Acho que homem devia ser uma coisa assim... uma espécie de elétrico-doméstico.

DENISE (corrige)

Plástico.

RENATA

Isso! Acabou de usar, lixo!... Engraçado, quando eu era mocinha ...

DENISE

Deve ter sido há séculos...

RENATA

Dois ou três apenas... Quando eu era mocinha, dividia os homens em três categorias ...



DENISE

Eu também: homens e homens.

DANILO (ao fone)

Alô! Dinho? É o papai! ... Que pai? Que pai podia ser, Dinho? Dinho, você, por acaso, já acabou aquele trabalho sobre "Império Romano"?... Eu não sei se você se lembra, já fui... Alô! Alô! (parece que desligaram).

DENISE

Não aguento mais aquelas mulheres me examinando como se eu fôssse um cavalo!

RENATA

Natural, não é?

DENISE

Natural, onde?

RENATA

As mulheres olham você com vontade de comer cada pedacinho de você... Aliás, pra ser inteiramente franca, só fui so desfilé pra ver você.

DENISE

Não!

RENATA

Palavra! Tôdas as minhas amigas só diziam: "a amante do Danilo é uma coisa"... "A amante do Danilo é um fenômeno! ..." Só o Fred é que disse que você era... como foi mesmo que ele se expressou?

DENISE

Bofe.

RENATO (corrige)

Bagulho.

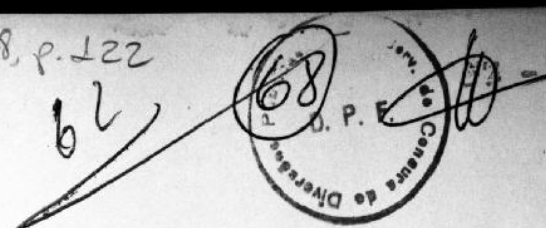
DENISE

Há gosto pra tudo. Você não casou?

RENATA

Mas, por favor, não me tome a mal... Não é que eu concorde com ele. De maneira alguma. Eu até acho que, pro trivial, você serve.

DENISE
Obrigada.



RENATA

Querida. Eu digo "querida" por dizer. Você talvez não compreendesse se eu dissesse "odiada".

DENISE

Muito sutil. Tchó... Tchó...

RENATA

Pois é. Agora que já somos inimizigas... precisa ver o resto da família. Quero que você conheça meus filhos.

DENISE

Garanto que são uns doces!

RENATA

O menino é poeta.

DENISE

Como Drumond?

RENATA

Como Vinicius.

DANILO (alheio, magado, remoendo sua revolta)
Me desligou o telefone na cara.

DENISE

Está aí... Deve ser lindo ter um filho poeta.

RENATA

Mas deixe confessar, querida, que depois que vi você, minha curiosidade aumentou.

DENISE

É bom ouvir a senhora dizer isso. Aumentou por que?

RENATA

Como é que você aguenta o Danilo? Como é que pode? Eu, pelo menos, tenho a desculpa de obrigação... Aquela bobagem - do "até que a vida os separe".

DENISE

A morte.

RENATA

Ou isso. Mas você!...

~~60A~~



75

DANILO

Foi sem querer ...

RENATA

... competente

DANILO

Juro!

RENATA

Até um prato de salada deste tamanho. Vai ficar lindo ...
Bem, agora que você já teve sua erupção ... podia me contar
sua viagem com calma. Como você encontrou a Europa ... Tu
do ... Hoje em dia nunca se sabe como anda o mundo. É um
tal de bolas de aço girando no espaço (aponta para o alto).
Um tal de fronteiras novas!

Agora que você já teve sua erupção... podia me contar sua viagem com calma. Como você encontrou a Europa... tudo isso em dia nunca se sabe como anda o mundo. É um tal de bolas de aco girando no espaço!

(aponta para o alto)

Um tal de fronteiras novas!

DANILO

Você sabe que não é disso que precisamos falar.

RENATA

Acho, que também eu, vou inaugurar novas fronteiras, sabe? O Dinho, outro dia, me mostrou o mapa da África. País ali salta mais que pipocas. O mais divertido é que ele teve que terminar a composição correndo, antes que inventassem mais três ou quatro repúblicas novas naquela semana.

(Pausa)

Você deve estar louco de saudades das crianças, não está? Precisa ver Clarice tocando violão e cantando bossa-nova. É uma coisa! Um dia eu gostava de apresentar você aos meninos. Vão adorar conhecer o pai...

(Recordando)

"Bolas de aco, girando no espaço". O Dinho era capaz de gostar disso... embora ele não ligue muito à rima.

DANILO

Ele continua?

RENATA

Continua... o que?

DANILO

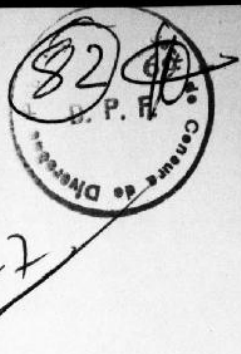
Escrevendo.

RENATA (pega, quass sem querer, num caderno)

Ah, sim! Terminou um poema lindíssimo: "Os pais abstratos".

DANILO (chocado)

Pais... o que?!



RENATA

Mera coincidência, Danilo.

(Pausa, mal estar)

Dinho, agora, só se preocupa com a África. Você sabia que na Nigéria vivem duzentas e cinquenta tribos falando dialetos diferentes?

DANILO

Por que você não deixa a África em paz?

RENATA

As tribos aqui de casa só falam quatro. Um pra cada um. É muito ou é pouco?

(Pausa. Abre o caderno, displiscentemente e lê, emocionando-se cada vez mais, porém simulando ironia).

"O Mar canta azul em teu olhar azul..."

E o dourado do sol é luar em teu cabelo ...

Um coral de sereias baila em tua ternuara ...

Pássaros perdidos são ecos em tua voz...

Que importa o mundo azul? Que importa o azul da vida? ...

Não existe mundo algum... mundo algum sem ti...

Não existe (aqui tem uma palavra meio apagada) ...

Não existe... tarará ... tarará... vida ou amor sem nós."

DANILO

Não é que o pequeno tem talento mesmo? Quando foi que ele fez isso?

RENATA

Quem escreveu isto foi você, Danilo. Pra mim. O "eu e você" do poema, naquele tempo, éramos nós!

(Repete o poema, gongórica, procurando ridicularizar, com comentários... a empção que a assalta).

"O mar canta azul em teu olhar azul" ... Você estava tão cego que nem reparou direito na côr de meus olhos... "E o dourado do sol é luar em teu cabelo..." Naquele tempo meus cabelos tinham assim uns reflexos... "Um coral de sereias baila em tua-ternura... Pássaros perdidos são ecos em tua voz..."

(Quase chorando, mas ainda "gongórica")

78



"Que importa o mundo azul? Que importa o azul da vida... Não
existe mundo algum... mundo algum sem ti... Não existe

(Faz uma pausa para explicar com mímica que há
uma palavra indecifrável).

vida ou amor sem nós".

FIM DO SEGUNDO QUADRO

SEGUNDO ATO

TERCEIRO QUADRO

(ilumina-se a direita da cena. Denise ali está e a última situação cênica de Danilo pode ser ligada a esta, sem praticamente mudar a marca do personagem, com a simples transposição de luz que eliminaria a presença de Renata)

DENISE

Não disse? Sabia que ela ia posar de mulher compreensiva.

DANILO

E não pense que foi fácil ...

DENISE

Mas, no fundo, quer saber? Foi melhor assim.

DANILO

Até poema?

DENISE

Foi ótimo ter liquidado o assunto de uma vez por todas. Já estava ficando ...

DANILO

Que é que você quer? Hábitos ... coisas em comum ... sei lá ... Em catorze anos a gente acostuma até com dinossauro.

DENISE

Eu pagava pra ... o que foi que ela disse?

DANILO

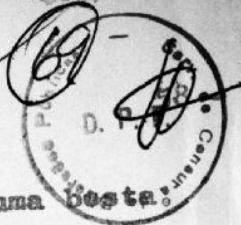
Nada demais. Exatamente como você previu.

DENISE

Lógico. Mulher descobre uma pulga em tromba de elefante. Homem passa por uma manada e não enxerga. (pausa) E você?

DANILO

Ah, minha filha! Controle completo. Não combinamos?



DANILO

Uma merdinha dêste tamanho. Sempre me considerou uma besta.

RENATA (dôce)

Deus fala pela boca das criancinhas.

DANILO

Eu podia falar horas, não sôbre Calígula, apenas, mas até sôbre o cavalo consul de Calígula.

RENATA

Está vendo? Todos os problemas resolvidos.

DANILO

Claudio e Messalina... E Tito... Quando Herculano e Pompéia foram sepultados pelo Vesúvio.

RENATA (explicando as explosões de Danilo a Denise)

Isto é crese. Passa. O engraçado é que, depois que Danilo começou a andar com meretrizes como você... alguma coisa mudou dentro de mim ...

DENISE

Não será a menopausa?

RENATA

Na minha idade?

DENISE

Menopausa não tem idade. É como adolescência: estado de alma.

RENATA

Depois que Danilo se amaziou, nem balzaqueana eu me sinto mais. Me sinto uma espécie de mãe de Balzac.

DANILO (dando-se conta das duas)

Vocês querem parar com isso de uma vez?

RENATA

Eu sou capaz de jurar que você imaginou que eu queria fazer esse cândalo... jogar-lhe na cara uma porção de...

DENISE

E não...

Oh, minha filha! Se você soubesse o favor que está me pres-
tando, afastando o meu marido! ... Eu era capaz de lhe ofe-
recer todos os modelos do desfile... vison, joias, tudo!

DENISE

A senhora não está falando a...

RENATA

Se estou falando a sério? Mas rezando para que você fique com
êle, pelo menos, o tempo necessário para conseguir o desquite
e tudo o mais. Só mesmo a minha ingenuidade me levaria a ca-
sar com êle. E eu sou a ingenuidade em primeira audição. Cal-
cule que, até há poucos anos, pra mim, Caím era bom moço e Ma-
dame Pompadour era virgem! ...

DENISE

Um momento! A senhora está se desquitando?

RENATA

Não é uma boa idéia?

DENISE

Então por que é que a senhora guarda o passaporte dêle no cofre?

DANILO

"Ilha cercada de gente!" ...

DENISE

Danilo quer me levar à Europa, na semana que vem. O que é que
você acha que se está usando em Paris?

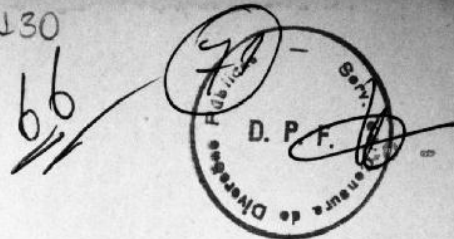
(Muda a luz. Renata está em "sua casa" e Denise "na dela". Da-
nilo está na poltrona de relax. Realidade).

RENATA

Eu pagava pra conhecer sua amante, Danilo. Pagava.

DENISE

Não entendo como podem existir mulheres assim. Como é que você
aguenta?



DANILO (numa explosão súbita)

CHEEEEGA!

RENATA (tranquila)

Calma! É preciso calma, Danilo. Muita calma. Por que é que você não tem feito o seu relax na fábrica? Giacometti tem no jo de gente nervosa.

Chega!...

TRANSIÇÃO

Um foco nos mostra Danilo numa poltrona reclinável, (a do centro do cenário) e o alto-falante, acariciante e hipnótico, vem com música de fundo, tranquilizadora, "terna", de uma "ternura" que irritaria qualquer pessoa de bom gosto. - Danilo vai acompanhando as ordens e, de vez em quando, reagindo também a elas. O locutor explode, de vez em quando, pregando do susto, mas volta logo à suavidade.

ALTO-FALANTE: Nesta pausa salutar de seu trabalho diário, Giacometti Eletrônica oferece música funcional para o seu espírito... Relaxe os músculos... Isso... Calma!... Sente-se confortavelmente em sua poltrona de espuma e pense num manso lago azuuul.. azuuul... Você está cada dia melhor, mais feliz, mais realizado...

(Bruscamente com voz de quem vai dar notícia importante).

Somos todos uma só família feliz. Seus problemas não são seus. São nossos. Consulte o Departamento de Psicologia da Giacometti Eletrônica"...

(Suavíssimo)

Azuuuul... Lago azuuul...

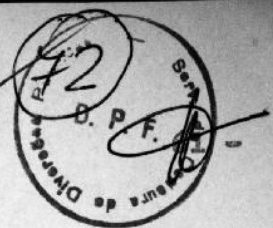
(Vibrantemente, com fanfarras assustadoras)

Nosso último balanço acusa um acréscimo de 38 bilhões no primeiro trimestre. (O gráfico é projetado em cores).

(Suavíssimo)

Azuuuul... Lago azuuul...

(Vibrante)



Atingiremos brevemente a meta dos 300 bilhões!...

(Suavíssimo)

Suave... Suaaaaaave...

(Estrondo musical)

E como estímulo para o trabalho que sucederá a êsses repousantes minutos de descanso físico e mental... vamos transmitir... na palavra de nosso Diretor-Presidente...

(Fanfarras)

Giulio Giacometti... digo, Comendador Giulio Giacometti.

(Novas fanfarras)

...atendendo ao pedido de TODOS os funcionários desta casa... sua autobiografia: a história de um homem que se fez por si mesmo...

(Mais fanfarras)

Ao nosso microfone, nosso chefe e amigo, Comendador Giacometti.

(Aplausos e fanfarras)

VOZ DE GIACOMETTI: (Pelo alto-falante, ainda com sotaque italiano):

Cheguei de Nápolis ao Rio, numa bela manhã de sol...

(Música: "Vedi il mare quanto é bello". Depois, com fundo musical de diversos países, em slides coloridos de DENISE, com apitos de trem, vapores e motores de avião, vamos vendo a viagem que eles estão realizando).

(Durante a projeção de slide que marcam a viagem de Danilo e Denise, imagens de cidades européias se alternam com apitos, trens, aviões).

Aparece o slide em que Danilo está em grande farra com Denise.

Voz 1:

A todos os departamentos da Giacometti Eletrônica: O Dr. Danilo, durante a viagem de estudos e análise de mercados que está realizando por toda a Europa, será substituído pelo assistente -técnico-Sr. Murilo Medeiros.

(Slide de mulher granfina ao telefone)

Voz 2: (mulher)

Alô. Sou eu, Renata, querida! ... Minha filha, você não calcula a onda que saiu ontem no desfile ... Todo mundo só falava nessa história de Danilo e Denise.

(Slide de Heron Domingues na TV)

Voz de Heron:

Um pouco de muita gente (Slide de Denise e Danilo desembarcando de navio): Desembarcando de bordo de Giulio Cesare, de regresso de sua viagem à Europa, acompanhado de sua assessora Dna. Denise Ribeiro, o Dr. Danilo Cardoso declarou à nossa reportagem que a Eletrônica ainda reserva grandes surpresas no campo do investimento em nosso país ...

SEGUNDO QUADRO

RENATA (ao telefone)

69



Sim, Papai. Não!... Não... Vieram de navio. Não. O senhor não vai fazer isso. O problema é meu, papai. Agora resolve - as minhas coisas sósinha, entende?... Não interessa o que dizem os jornais. Não tenho que dar satisfações a ninguém, ouviu, papai? A ninguém!

(Grita, desesperada)

Porque eu não quero!

(Bate o telefone, violentamente. Está alucinada de aflição, mas procura controlar-se. Caminha de um para outro lado, enquanto a música-motivo vai "leitmotivando". Pega, depois, de um prato que estava pintando e prossegue nesse trabalho, forçando uma calma que está longe de sentir. Danilo entra da rua, vestido normalmente, trazendo sem maior esforço aparente duas malas. Renata larga, surpresa, por um momento, o prato e corre para Danilo simulando expansão e alegria).

RENATA (aproxima-se dêle, abraça-o de repente)

Oh, Danilo! Até que enfim! Que bom que você veio...

(Ele corresponde sem convicção. Ela o analisa, vê as malas).

Mas, você tinha que vir carregando isto? Não podia ter pedido ao Vicente para trazer as malas e...

DANILO

Como sempre, fingiu que não me viu...

RENATA

Papai estava ocupado... desligou o telefone agora mesmo. Eu...

DANILO

Malas não é com Vicente. Pelo menos as minhas malas.

RENATA

Esta éle me paga. Já estou com o sujeitinho por aqui! É só aparecer o chofer que João me prometeu e éle vai direto pra rua.

(O assunto parece ter se esgotado. Pausa incômoda).



RENATA

Você chegou bem?

DANILO (sêco)

Muito!

RENATA (ainda pausa incômoda)

Você está queimado.

DANILO (idiotamente)

Sol.

(Pausa. Pra mudar de assunto)

E as crianças?

RENATA

Bem.

(Pausa)

Colônia de férias.

DANILO (tentando dizer algo de um jorro)

Denise, eu queria que...

RENATA

Meu nome ainda é Renata, lembra?

DANILO

Desculpe... eu...

RENATA

Compreendo... Não é impunemente que se percorre a Europa toda... com uma amante... Natural a confusão.

DANILO

Vim para ter com você uma conversa adulta.

RENATA

Ótimo! Mas não me ponha uma cara tão séria. Não precisa ser já. Você mal acaba de voltar. Não há pressa. Eu espero.

DANILO

É que Denise quer que eu...

RENATA

E você está ligando por que Denise quer ou deixa de querer?

(Ignorando)

Vamos ter, agora, tôda a vida pela frente para conversar, Danilo: agora que você já encerrou essa brincadeira boba, que já teve a suaaventurazinha de "boudeir" (todos os homens passam por isso, não é mesmo?)... agora que já chegou... pode ir tomar seu banho... mudar de roupa! (Quem teve a coragem de deixar você botar essa camisa imunda?)... e beber. Hoje, tenha a santa paciência, mas você vai beber, pelo menos, meia garrafa...

DANILO

Já não sinto mais falta de uísque. Deixei. Completamente.

RENATA

Ah, mas hoje garanto que vai. Nem sabe o que está nos esperando. Você não vai querer que eu, sósinha, fique dando a todo mundo a minha versão de tôda essa história barrôca, vai?

DANILO

Que todo mundo é êsse?

RENATA

É que você e essa... como é mesmo o nome dela?... em vez de ficarem deitadinhos, bonitinhos, brincando de papai e mamãe, começaram a anunciar aos quatro ventos a chegada da Europa...

DANILO

Palavra que não partiu de mim...

RENATA

E eu não sei? Não conheço? Típico dêsse tipinho de mulheres. Só faltou dar no reporter Esso. Aliás, minto. Um jornal da TV deu. Telefonou tanta gente que isto aqui, hoje, vai acabar em feira-livre ou gincana.

DANILO

Aqui?

RENATA

Onde você queria que fôsse, Danilo? Ah, mas você precisava ouvir os telefonemas que andei recebendo o dia todo. "Então aquele cínico veio mesmo?" "Coragem". "Então, aquela vigarista (quem diz não sou eu)... (Pra mim ela deve ser uma mariposa de classe...) ...aquela vigarista acabou mesmo fígando o Danilo?..."

Calcule que eles não sabem que você veio direto pra casa... "Eles chegam hoje, não é?... Então vou dar um pulinho aí logo mais." Pra resumir o folheto da "Donzela Teodora e o marido da

72



outra": Me acordaram, esta noite, às três e meia. De repente todo mundo parece ter ficado doido de saudades de você, sem - falar em mim, é claro! O que é que eu ia fazer? Abri as com portas e contei tôda a verdade.

DANILO

Contou o que?

RENATA

Que você, aos 35, estava vivendo a crise romântica dos 50... Foi um custo convencer a todo mundo que Denise é, apenas, um caso, entre muitos outros, um divertissement, aquela coisa - de imaturidade, complexo, Freud, tranquilizante e assunto en cerrado.

DANILO

Mas pra que tôda essa...

RENATA

Pra nada, Danilo! Civilização, entende? Classe. Quero, ape nas receber meus amigos e levar a coisa esportivamente... Devo ter uma bisavó inglesa. Não sei fazer tragédia. Fleuma. Não é fleuma que se diz? Fairplay. Sirvo uns drinques calma mente, com o pior uisque que puder encontrar... mando vir uns salgadinhos daquela casa.. como é o nome?... aquela que deu - intoxicação em todo mundo... Quanto mais pôdre, melhor... Ri mos, falamos mal de todo mundo, todo mundo pixa a gente e a - coisa pode até acabar em esticada no Bateau. Fairplay.

DANILO

Eu queria que você compreendesse que e...

RENATA

Mas compreender o que, Danilo? Você, agora, vai me conside- rar uma mulher tão provinciana, tão... retrógrada... a ponto de não saber que, de vez em quando, até homens sem pilha.... tem o direito de arejar?...

DANILO

Eu tinha certeza de que você...

RENATA

Não, não, não, por favor. Afinal de contas o que são duas ou três amantes em quatorze anos de casamento batata, na - base do sacramento, Marcha Nupcial e tudo? É até vergonho samente pouco. Ninguém devia imaginar que eu iria reagir- diante da primeira respeitosa que cruzasse a minha vida



... fazendo escândalo e...

DANILO

Renata!

RENATA

Pois eles estão redondamente enganados. Século XX depois de Cristo. D.C. Você não acha ridículo, numa época em que o homem está praticamente pendurado na lua...

(ela volta a pegar do prato para se controlar
e pinta, retocando)

em que se pode acabar com o mundo com um simples telefone ver-
melho, um simples botão (um!), a gente se preocupar com um es-
porte idiota como é o sexo? Sexo até cachorro faz, Danilo!

(transição, pausa)

Você quer as malas no seu quarto ou no nosso?

DANILO

Não contava encontrar você em casa. Eu, pra falar a verdade...

RENATA

Olhe, vá tomar seu banho, troque de roupa... e beba... beba, pe-
lo amor de Deus. Parece incrível, mas eu prefiro você bêbado.

DANILO

O que é que você pensa conseguir com toda essa...

RENATA

Nada, Danilo. Não quero conseguir nada. Para mim é como se tu
do isto fôsse um... eu ia dizer pesadêlo?... Pesadêlo, nada. U-
ma anedota de mau gosto.

DANILO

Desta vez ninguém vai rir, Renata. Desta vez eu mudei mesmo.
Entende?... Sou outro homem, compreende?... É preciso, um -
dia, ter a coragem do primeiro passo... Vou deixar a firma...
Fazer o que nunca tive coragem de... Vim para deixar esta car-
ta, para ...

RENATA

Aqui? De longe, Danilo? Deixar a carta comigo?

DANILO

RENATA

Você mudou tanto que nem quer enfrentar, ao menos, ⁷⁴ ~~essa~~ a casa, o velho Giacometti?

DANILO

E quem é que pode falar com aquele faraó? Desde quando é que ele escuta alguém? Conheço esses tipos que se fizeram por si mesmos à custa da destruição de cinco mil imbecis. Não quero me fazer ... Não quero me sentir, depois de realizado, como um rato eletrônico ... Quero me reconhecer quando olhar a minha cara no espelho. Quero ver minha cara de antigamente. Ninguém devia se fazer por si mesmo. Pra acabar com esse mundo de merda não era preciso inventar a bomba atômica. Bastava deixar as pessoas apodrecerem sósinhas! ...

RENATA

(conciliadora) Passou, Danilo. Passou ...

DANILO

Nôjo, entende? Nôjo ... "Meu marido, o banqueiro ..." "Meu marido, industrial ..." Meu marido, supervisor-técnico". Eu, não. Não quero ser supervisor de nada. Não quero mais as mesmas caras todos os dias, o mesmo horário, a mesma chaticice, as coisas marcadas, arrumadas, fichadas, desinfetadas, em formas ... Quero tudo sujo e fora de órbita. Quero ter o direito de explodir e jogar a verdade na cara de todos os Giacomettis do mundo. E ver, se depois da explosão, encontro, entre os cacos, um pouco daquilo que eu fui. Está me ouvindo? (pega do prato que ela está pintando e brada, enquanto o estilhaça atirando-o ao chão e ela dá a impressão de que ainda continua a pontar o quadro no ar). Aquilo que eu era! ...

RENATA

(Pausa. Analisa a situação. Calmamente pega de outro prato e começa a pintar, enquanto diz, quase ausente, controlando-se): Eu preferia que você tivesse quebrado outro. Cerâmica, sabe como é?

DANILO

(desarmado) Renata ... eu ...

RENATA

(No tom que usara antes). Agora estou fazendo um aparelho de jantar de trezentas peças ... Centro de mesa ...

DENISE

Contrôle como?

DANILO

Deixei que ela falasse ...

DENISE

E ela?

DANILO

Falou ... falou... falou... desconversou...

DENISE

... e, no fim, não disse nada.

DANILO

Bem ... É óbvio que ela não quer o desquite.

DENISE

Sim, mas uma vez que você falou ...

DANILO

E o mais divertido você não sabe. Calcule que ela veio com uma enorme conversa de encher a casa de gente e ...

DENISE

Não diga!

DANILO

Ficou convencida de que eu estava engolindo toda aquela encenação. "O mar canta azul em teu olhar azul"... Veja você!

DENISE

Um momento, Danilo. Você não está tentando começar a preparar suas desculpas esfarrapadas outra vez, está?

DANILO

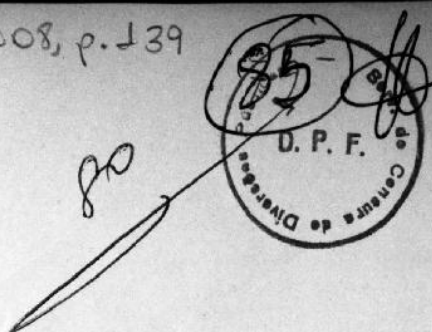
Mas se estou dizendo que ...

DENISE

(Corta) Além de ler o poema ... o que foi que ela disse?

DANILO

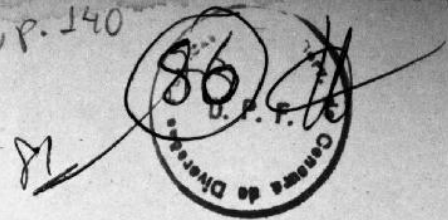
O que é que você queria? Essas coisas não se resolvem assim.



DENISE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 140

Assim ... como?



DANILO

Mas, pelo amor de Deus, Denise! Você sabe, perfeitamente, que se não fôsem as crianças, há muito que eu tinha estourado de uma vez. Pra você as coisas são muito simples, mas você conhece, perfeitamente, os meus problemas.

DENISE

(Ironia amarga) Pra mim as coisas são muito simples!

DANILO

Lógico!

DENISE

E conheço perfeitamente os seus problemas!

DANILO

Evidente! ... Você só precisa lutar com você mesma. Eu tenho pela frente toda uma quadrilha organizada. Renata, os meninos, Giacometti e aquela engrenagem ...

DENISE

Então, agora, você quer me convencer a mim que eu ... sôsinha e ainda tendo a você de contrapêso ...

DANILO

Mas não é isso, Senhor!

DENISE

(Ao mesmo tempo) Estou numa situação mais cômoda que a sua?!

DANILO

Pronto ... Assim nem adianta a gente conversar ...

DENISE

Você já calculou bem a imagem criada na mente de sua mulher a meu respeito?

DANILO

Pois, olhe, Renata até que se mostrou bem comprêe ... cordata! /

DENISE

Ela deve estar convencida de que eu sou uma dessas pistoleirinhas, fracassadas na vida sentimental ... que agarrou o marido de outra pra salva-solidão. Não é isso que ela pensa?

DANILO

Como é que você quer que eu adi ...

DENISE

(Corta) Você já explicou a ela como nos conhecemos? Já disse a ela porque precisamos tanto um do outro?

DANILO

Parece que tudo ... Não entendo!... Tudo mudou depois da nossa viagem!

DENISE

Nessa ... o que?... Tão nessa que você, só pra me agulhar, não parou de falar em seus malditos filhos o tempo todo.

DANILO

Tem algo de errado?

DENISE

Como eles haveriam de ter gostado de estar ali em nosso lugar. Em meu lugar.

DANILO

E não é normal?

DENISE

... de como Clarice adoraria Giacomo Capri, o bossa-nova italiano!

DANILO

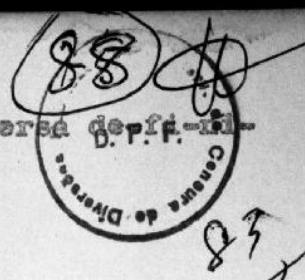
Pelo fato de eu amar você...

DENISE

(Corta furiosa) O que você poderia ter ensinado ao Dinho em pleno Fôro Romano.

DANILO

Mas se eu já disse que tive com Renata uma conversa depi-
ti-va?



DENISE

Sei. Mas suas roupas ficaram lá. Você levou as malas vazias
pra encher e volta sem elas. Seus papéis ficaram lá ... tôdas
as pontes, tôdas as amarras, continuam lá. Você diz que não
suporta Renata, mas passou a viagem tôda recordando os momen-
tos que havia passado com ela em sua lua de mel!

DANILO

Então foi por isso que você ...

DENISE

(Sempre cortando) Até nos mesmos hotéis fomos parar.

DANILO

Era mais cômodo.

DENISE

Você ainda carrega o retrato dela na carteira!

DANILO

(Mostrando a carteira) Também carrego na carteira o calendário
de 62! E daí?

DENISE

Sim, mas pra mim, você nem se lembrou de comprar, ao menos, uma
aliança de lata, pra que, durante a viagem, eu não tivesse de
exibir tão obviamente o meu papel de amante.

DANILO

Agora você deu pra se importar com essas convenções idió...

DENISE

Pra você eu não sou gente, Danilo. Sou utensílio. Ninguém me
ama. Me usa. Desde menina que todo mundo me usa.



DANILO

Denise, se nós vamos começar, agora, com ...

DENISE

O mais engraçado de tudo é que sempre tive a mais cretina das vocações pra espôsa de alguém. Espôsa bem cretina. Espôsa de mercadinho ... Nunca pedi grande coisa à vida. (Faz um gesto de "simbólico") Nunca sonhei com cadilaque.

DANILO

E você pensa que eu não ...

DENISE

Jamais desejei ser, ao menos, dona dos modelos que a casa me obriga a vestir. Minha fome não é de coisas, Danilo. Minha fome é de gente. O que eu não quero mais, o que eu não aguento mais é estar preparada, maquilada, dopada, possuída, sofrida, vivida ... esperando por você ... o homem errado, casado, gasto, amargo, frustrado, vazio ... e na hora ...

DANILO

Mas logo hoje é que você vem me dizer isso, Denise?

DENISE

Que tem hoje de excepcional? /

DANILO

Logo hoje que tomei tôdas as decisões? Que me despedi da firma para sempre? Que disse a Renata tudo o que eu trazia atravessando aqui êsse tempo todo? Logo hoje que Giacometti vai lei o que ninguém teve a coragem de lhe jogar na cara? HOJE?!

(Percebe Renata, que surgira pouco antes e que avança, dando a impressão de que, no mínimo vai sacar um revolve da bolsa que abre. Retira dali uma carta enquanto Danilo sufoca um "Ren ..." de espanto).

RENATA

(Com calma, fredda) Então era essa carta imunda que você queria que EU entregasse a papai.



DENISE

Daniilo, você não explicou a essa mulher que tudo... o que nós...

DANILO

(Ao mesmo tempo) Renata, o que nós tínhamos a falar...

RENATA

Então é isso que você pensa de mim, não é Daniilo?

DANILO

Você não tinha o direito de abrir essa carta ...

RENATA

(Corta antes que ele termine) Foi assim que você me viu durante
esses anos todos?

DENISE

(Desnorteada) Se a senhora imagina que eu tenho a menor idéia
de que ...

RENATA

(Sem atentar) Primeiro, você quiz viver à custa de Giacometti ...

DANILO

Mas se você nem sequer está ouvindo o que eu ...

RENATA

Depois à custa da filha de Giacometti...

DANILO

É mentira!... Eu sempre...

DENISE

(Ao mesmo tempo) À custa de quem?!

RENATA

...e agora quer explorar os netos?

DANILO

Esta mulher está completamente doida! /



RENATA

Doida não é?

DENISE

Danilo, você quer me explicar o que está acontecendo...

DANILO

(Sem ouvir, a Renata, mal Denise começou) Se você quer descarregar, descarregue. Estou acostumado. Mas vamos discutir, ao menos, com um pouco de decôro.

RENATA

O que foi que você disse?!

DANILO

Conservar um mínimo de dignidade.

RENATA

Conservar o que?

DENISE

A senhora não ouviu?

RENATA

(Ao mesmo tempo) Decôro! Todo mundo conhece você dos avêssos, Danilo. O Danilo dos pileques monumentais...

DANILO

Renata, aqui ^{não} é o lugar, nem é este o momento pra...

DENISE

Danilo. Este assunto não estava encerrado?

DANILO

Mas lógico! Você não está vendo que essa louca está fora de si?

RENATA

(Junto com ele, mal ele começou) O Danilo das mariposas do posto 2. Meu assunto, querida amiga, também estava encerrado. (A Danilo). Pensei que você já tinha chegado ao máximo. O homem que vivia delapidando a fortuna da mulher, sonhando com os ideais en-

terrados... "Conservemos um mínimo decôro". Não, Danilo.
Você que jamais gastou um vintem ganho por você... também
não precisa gastar sua dignidade de bordel.



et

DANILO

Renata, palavra de honra! Eu podia esperar tudo de vocês
nos...

RENATA

Estou cansada de fazer o que as pessoas esperam de mim. Chega!
Então foi por isso que você não teve a coragem de enfrentar o
velho. Ele te conhecia bem desde o comêço, não conhecia?

DANILO

Mundei, Renata. Não posso continuar naquela vida infame. Não
tenho mais medo de ninguém e de nada. Não sou mais o Danilo
que você conheceu. Meta isto em sua cabeça... Sou outro ho-
mem!

RENATA

E foi assim que você interpretou a bondade de...

DENISE

A senhora está cansada de saber que, se não fôsse Danilo, a
companhia já teria falido há séculos.

RENATA

Foi isso que você andou dizendo a esta débil mental.

DANILO

Renata, eu... Uma criatura como você...

RENATA

É assim que você interpreta o fato de eu afogar minha angústia
em pílulas, cobertores, cerâmica, cursos de arte? Engolindo
as risotas dos que conheciam você mais do que... Supervisor-
técnico! Quem foi que escolheu o cargo, Danilo? Quem foi que
andou choramigando, dia e noite, atrás do velho, que não queria
você pra genro nem pintado?

DANILO

Você sabe, perfeitamente, que ninguém escolhe nada naquele...



RENATA

No jurídico você tinha que provar que sabia Direito, não tinha?

DANILO

Pra mim essa discussão acabou... Não pretendo discutir isso aqui...

RENATA

Por que não? Não é aqui o seu Shangri-lá? Não é aqui que você vem cozinhar suas bebedeiras, fingindo estar apaixonado por essa pobre-coitada?

DENISE

Bem, minha senhora, agora eu acho que...

RENATA

(Sem dar atenção) Não é aqui que você vem sonhar seus planos fabulosos, a tese de um concurso que não existe, que você jamais fará e de que você não tem nem assunto, nem uma linha escrita?

DANILO

Renata!

RENATA

...nem o título!

DENISE

Mas não é verdade!

RENATA

Não é aqui que você vem sonhar tudo o que teria feito se não fôsse a engrenagem de Giacometti? Você já explicou a esta infeliz que até esta garçonière é paga com o dinheiro de papai?

DENISE

Um momento! Quem paga o meu apartamento sou eu!

RENATA

(Assombrada) Mas nem isso, Danilo?



RENATA

(Assombrada) Mas nem isso, Danilo?

DANILO

(Grita) Renata!

RENATA

(Ao mesmo tempo) Nem ao menos isso?

DANILO

(Suave e quase lamentando a Denise) Você não vai imaginar que eu seria capaz de...

RENATA

Você já explicou que até o vestido que ela está usando deve ter custado uma fortuna ao velho?

DENISE

Foi comprado por Danilo, em Roma. Escolhido por mim.

RENATA

E de onde pensa você vem o dinheiro que Danilo gasta... em Roma?

DANILO

Isto, agora, Renata, já passa da...

RENATA

Quem foi que andou pagando os cheques sem fundos que ele assinou pra poder viajar?

DENISE

Isto é verdade, Danilo?

DANILO

Mas se era a minha gratificação de fim-de-ano!

RENATA

Que fim de ano é esse se você ia deixar a firma agora?... Então eu... ele... e os meninos é que desgraçamos sua vida, não é? Conte a ela a história do passaporte trancado no cofre, um cofre de que só você tem a chave e cujo segredo eu nem conheço.



DANILO

Você não podia ter tomado conhecimento de uma carta que não era para você.

RENATA

Mas que você deixou de propósito em minhas mãos...

DANILO

S'Giacometti devia...

RENATA

Eu jamais abriria aquele lixo se o papai não tivesse tido uma crise esta tarde, diante de toda essa...

DANILO

Então não entendo o que você veio fazer aqui! Menti a você? Vamos, fale!... Menti, fiz segredo? Não disse tudo claramente? Escondi que estava amando Denise?

RENATA

(Olhando o teto) Amando!

DANILO

("desesperado") Já não basta o que tenho passado? O que é que você ainda quer de mim agora?

RENATA

Não ponha essa cara, Danilo, nem nesse tom, porque esta ingênua criatura é capaz de comover... Você já explicou a essa criatura que você está fingindo querer um desquite que não quer?

DENISE

Danilo!

DANILO

Não, adianta, Renata. Denise me conhece e não vai acreditar numa só palavra do que você está inventando.

DENISE

Não, não é, Danilo?



DANILO

(Berra.) NÃO!

DENISE

Daniilo, acho que, depois de tudo o que já aguentei, não mereço sofrer uma situação estranha dessas!...

DANILO

(Desesperado) Mas lógico que é estranha! É mentira! Quando conheci Renata nem sabia que Giacometti existia. Ouça bem, por favor. Casamos com separação de bens, não casamos?

RENATA

Explique a ela porque. Explique o que Giacometti descobriu a seu respeito à última hora...

DANILO

Mas como é que você tem a coragem de me acusar de venal se não tenho um carro, uma ação, um papel, nada em meu nome. Se nunca...

RENATA

Pra que carro em seu nome, se toda a frota de Giacometti está, com choferes e tudo, dia e noite, à sua disposição.

DANILO

Você sabe, perfeitamente, que eles nunca me deram a menor importância... a menor...

RENATA

Então de quem é o carro que está parado lá fora à sua espera?

DANILO

Mas dêsse jeito nem adianta discutir! Denise, preste atenção... veja. Renata... quando casamos... não propus a você que deixássemos tudo e fôssemos para o sul?

RENATA

Propôs.

DANILO

Não íamos começar uma vida nossa ... só nossa?

íamos.



DANILO

(Entusiasmado com a aprovação) Longe de Giacometti, longe da fábrica, sósinhos, sem ajuda de ninguém? (Ela não nega) Lembra o que você disse?

92

RENATA

E você não estava cansado de saber que eu não ia deixar um velho napolitano, viuvo e sentimental, capaz de tirar a camisa do corpo por um operário... sendo filha única e herdeira... carregando pra longe dele os netos que ele adora?

DANILO

(No auge da "razão") Mas se, naquele tempo, os netos nem existiam ainda! Está percebendo, Denise?

DENISE

Estou percebendo, perfeitamente, bem.

RENATA

E agora que eles existem? Você sabe, ao menos, o lugar onde estão seus filhos? Só quero o nome da cidade.

DANILO

E de quem foi a idéia de interná-los? Mina?... Isso é monstruoso, Renata. Se você começar a deformar desta maneira, tudo o que eu sou, tudo o que disse, não se pode mais nem abrir a boca diante de você. Todo ato meu, pra você, passa a ter raízes sórdidas. Até o meu suicídio.

DENISE

Seu... o que?!

RENATA

(Ao mesmo tempo) Aspirina nunca matou ninguém.

DANILO

Pois, agora, vamos acabar com isso de uma vez. Vamos admitir (Denise, preste atenção!)... Vamos admitir que tudo seja verdade.

Tudo! Como é que você vai explicar que eu, o parasita, o aproveitador, o canalha, o cínico (não é isso que você diz?) ...como é que você explica que eu tenha renunciado, voluntariamente a tudo isso? A você, aos filhos, a Giacometti, à fábrica, aos carros, a tôdas as tremendas vantagens que você berra aos quatro ventos?



RENATA

(Sereníssima, faz que "não", com piedade, com a cabeça) Deixe-se, eu não queria que você pensasse que eu vim lutar pelo homem que eu amo". Estou tentando salvar o que resta dêle, não pra mim, nem por mim. Por êle. Pelo que pensei que êle fôsse. Pelo que imaginei que um dia êle pudesse vir a ser. Até pelos bons momentos que me deu quando acreditava nêle. Um instante. Talvez seja tolice minha mas um instante pode ser eterno... e a eternidade não conter um só instante que tivesse valido viver... Não pretendo ser compreendida. Olhe. Vou deixar esta carta com você. É do famoso cavalheiro apanhador de florinhas de beira de estrada... Se depois de ler esta carta você ainda quizer ficar com "isto" (aponta Danilo) que lhe faça muito bem proveito. Vocês terão, não só o meu desquite amigabilíssimo, como a minha benção pessoal. (Deixa a carta sôbre a mesa) (Diz antes de sair) Antes que me esqueça: suas malas, roupas e papéis, já devem estar chegando pra qui. Passem muito bem. (Sai, expectativa).

DANILO

Está vendo? Agora você compreende. Quem ouvir Renata falar vai ter a impressão de que?... (pega da carta e a põe nas mãos dela) Felizmente você está com minha carta nas mãos, não está? Se você quer a verdade... é a coisa mais simples do mundo. É só lêr a carta. Vamos. Leia. LEIA!...

DENISE olha fixamente Danilo, depois dá a impressão de que vai ler, mas rasga a carta, lentamente, deixa que também os pedaços no chão, enquanto a música romântica vai sublinhando irônicamente a situação).



DINHO

(surge um slide colorido projetado. Sua voz sai do alto-falante. Várias fotos se sucedem com DINHO em várias atitudes

Olá!....Eu sou o Dinho...O tal da ilha deserta...Vocês não me conhecem porque estou sempre internado num colegio qualquer ou empurrado para uma colônia de férias...

RENATA

(justificando, ciosa)

Cavalo, piscina...ar livre...Você esqueceu o tênis.

VOZ DE DINHO

(do alto falante)

Crianças como eu não podem saber que os pais andam de briga, que já não dormem juntos há séculos...que papai fugiu com a amante para a Europa e que, no fundo, mamãe devia era ter mesmo casado com Fred. Depois, quando a gente fala, ficam danados e dizem que não entendem mais a gente...

DANILO

"Ilha cercada de gente! " É o cúmulo!

VOZ DE DINHO

(do alto-falante)

Aí mandam a gente pro psicólogo. Nós, filhos, somos só palavras na boca deles. Assunto! Como é que eu vou explicar a êsses corôas que, apesar de papai dormir com Denise, não é motivo pra mandar uma brasa tipo Shakespeare?

DANILO

Marcianos! Cambada de marcianos!...

VOZ DE DINHO

(do alto-falante)

Eles dizem que nós, os adolescentes, temos angústia, somos inadaptados, transviados, blue-jeans, não sei que mais. Não é o que todo mundo diz? Não é o que vocês todos dizem? Mentira!...O que a gente sente mesmo é um troço que ainda não tem nome.

(Surge o slide colorido de Clarice)

VOZ DE CLARICE

(do alto-falante)

Puxa!...Uma coleguinha me mostrou um jornal que conta tôda aquela fofoca de papai, mamãe e Denise. Foi ótimo!... A turma tôda ficou com uma inveja!....

DENISE

Inveja!...Hoje só tenho uma. Mulher carregando cesta de feira.

QUANTO QUADRO

(A LUZ FOCALIZA SOMENTE A CABEÇA -A- DANILO)

DANILO

Pois é. Depois de tudo o que eu fiz por ela!

DENISE

(seu rosto subitamente iluminado)

Mulher não se corrige nunca. É tudo na base da emoção!.....

Bem feito!.....

DANILO

quem viu tudo aquilo vai ou não vai ter uma impressão errada de mim?
Claro que vai!...Eu daria tudo para que todos tivessem lido aquela carta...

DENISE

Vim do interior para ser uma moça independente . Não que eu quisesse
independência para...Não. Simbólico, compreende?

DANILO

O problema todo é aquela engrenagem: "Sim, sr. Giacometti....Não, sr.
Giacometti...Às suas ordens, sr.Giacometti!"...A gente se sente con-
vertido em botão, válvula ou parafuso.

DENISE

Tôda minha vida fui uma espécie de catalizador. Resolvia a vida de to-
do mundo e não entrava na vida de ninguém...

DANILO

Todos sabem que a culpa não é minha. Sempre tive grandes projetos...
mas os botões....Firmas com botões para substituírem 500 homens.
Afinal de contas eu tenho um diploma!

DENISE

Eu queria ser uma mulher realizada. O diabo é que até hoje não sei o
que uma mulher precisa realizar para se sentir realizada.

DANILO

Ninguém tem culpa de nada. Um dia o mundo explode e ninguém vai ter
culpa de nada. Ou por outra...o único culpado vai ser um bruto com-
putador eletrônico da Giacomotti que ficará para contar a história a
outro computador.

DENISE

A gente começa amando por uma porção de motivos...Começa amando
por causa de....Acaba amando, apesar de....Minha vida é tôda feita de
apesar de, apesar de, apesar de....



DINHO

(surge um slide colorido projetado. Sua voz sai do alto-falante. Várias fotos se sucedem com DINHO em várias atitudes

Olá!....Eu sou o Dinho...O tal da ilha deserta...Vocês não me conhecem porque estou sempre internado num colegio qualquer ou empurrado para uma colônia de férias...

RENATA

(justificando, ciosa)

Cavalo, piscina...ar livre...Você esqueceu o tênis.

VOZ DE DINHO

(do alto falante)

Crianças como eu não podem saber que os pais andam de briga, que já não dormem juntos há séculos...que papai fugiu com a amante para a Europa e que, no fundo, mamãe devia era ter mesmo casado com Fred. Depois, quando a gente fala, ficam danados e dizem que não entendem mais a gente...

DANILO

"Ilha cercada de gente! " É o cúmulo!

VOZ DE DINHO

(do alto-falante)

Aí mandam a gente pro psicólogo. Nós, filhos, somos só palavras na boca deles. Assunto! Como é que eu vou explicar a êsses corôas que, apesar de papai dormir com Denise, não é motivo pra mandar uma brasa tipo Shakespeare?

DANILO

Marcianos! Cambada de marcianos!...

VOZ DE DINHO

(do alto-falante)

Eles dizem que nós, os adolescentes, temos angústia, somos inadaptados, transviados, blue-jeans, não sei que mais. Não é o que todo mundo diz? Não é o que vocês todos dizem? Mentira!...O que a gente sente mesmo é um troço que ainda não tem nome.

(Surge o slide colorido de Clarice)

VOZ DE CLARICE

(do alto-falante)

Puxa!...Uma coleguinha me mostrou um jornal que conta tôda aquela fofoca de papai, mamãe e Denise. Foi ótimo!... A turma tôda ficou com uma inveja!....

DENISE

Inveja!...Hoje só tenho uma. Mulher carregando cesta de feira.

VOZ DE CLARICE

(Do alto falante)

Agora vou ter assunto à beça. O Luiz me disse que ele está um bocado feliz com o quarto pai que a mãe dele arranjou. A Mari-na, coitada!, é que tem dois paisinhos só. Doisinhos. O profes-sor, aquele que falei... anda gamado por aquela horrorosa pro-fessora de ciências que usa seios de borracha lá!... Vejam se não dá raiva: a sala cheia de brotos lindos que nem eu... e ele foi logo... Puxa!

(Grita)

DINHO!

VOZ DE DINHO

(Do alto-falante)

Que é?

VOZ DE CLARICE

(Do alto-falante)

Você que é bom nas contas, como é que você resolvia o problema de papai e mamãe?

VOZ DE DINHO

(Do alto-falante)

Adulto é muito quadrado - mora. Se adulto não fôsse quadrado! ... tudo isso acabava assim.

(Apagam os slides e aparece Denise focaliza-da ao telefone)

DENISE

Marcelo! Sou eu, Marcelo. Denise. Puxa!... Nem fale! Uma sau-dade que já não tem tamanho. ...Então venha, Marcelo. Venha cor-rendo!...

(A música-motivo focaliza Renata sósinha e Danilo aparece e diz)

DANILO

Renata!

RENATA

Você?! ...

DANILO

Não, não se assuste. Não vou fazer uma dessas ceninas bobas de reconciliação ...



RENATA

Claro que não, Danilo!...

DANILO

Nem vou dizer que estou arrependido...errei...perdão...essas idiotices..

RENATA

Não é preciso, Danilo...

DANILO

Mas você acha...que ficaria ridículo...eu dizer que vou começar tudo de novo? Vida nova...tudo...

RENATA

Não, Danilo.

DANILO

Fica muito ridículo eu dizer...que ainda amo você?

RENATA

Ficava lindo, Danilo. Ridiculamente lindo!

(Beijam-se com fundo de gargalhada em gravação

VOZ DE DINHO

(do alto falante- mais o slide)

quem vê esta cena é capaz de jurar que está tudo resolvido, não é?
O mais engraçado é que Denise vai acabar descobrindo que Marcelo já casou com outra há muito tempo...

DENISE

Mentira!

VOZ DE DINHO

(do alto falante)

Mamãe vai começar um aparelho de jantar de 500.000 peças...Papai vai continuar sem saber o que é e o que quer, recebendo cartões coloridos de Natal e ouvindo revoltado as ordens eletrônicas. A pressão de vovô vai subir com a meta dos 500 bilhões...e a história vai começar toda de novo...

DENISE

De novo...

RENATA

De novo

DANILO
De novo

104
28

VOZ DE DINHO

(do alto- falante)

Como dízima periódica...385...385...385...Mas vai tudo muito bem na operação Apolo! Dentro de poucos dias o homem chega à lua! E é por isso que nós, os adolescentes...

(a voz vai crescendo com fanfarras)

a geração perdida...

(fanfarras mais estridentes)

a juventude transviada...continuamos na base do....

(Entra um ritmo louco, tipo Beatles, que cresce, enquanto os personagens, em slides e ao vivo, são destacados, individualmente pela luz, como ilhas desortas e um filme desfocado toma conta de todo o palco e, se possível, ultrapassando-o para nos dar a impressão de uma juventude em ritmo desesperado, enquanto, simultaneamente se ouve:)

ALTO-FALANTE

Atenção! Atenção! Pode-se o comparecimento urgente do dr.Danilo à reunião de diretoria que terá lugar às 14 horas, na seção D da Giacometti Eletrônica. Urgente!

VOZ DE DINHO

(junto com o alto-falante)

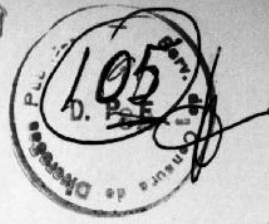
"Eu sou uma ilha deserta cercada de gente por todos os lados..."

"Eu sou uma ilha deserta cercada de gente por todos os lados..."

"Eu sou uma ilha deserta cercada de gente por todos os lados..."

"Eu sou uma ilha des..."

MUSICA, RITMO, PROJEÇÃO, PALAS, VÃO CRESCENDO COMO ALGO IRREFREÁVEL, AVASSALADOR, TUDO ALIARÇANDO FINALMENTE UM RITMO DE ALUCINAÇÃO GERAL, COM GRITOS, RISOS, CANTOS, BERROS, INSTRUMENTAIS AGU- DISSIMOS E PROLONGADOS....



ESCORECE

PROJEÇÃO DO SLIDE REPRESENTANDO DANILLO, CONCRETAMENTE

100

VOZ DE DINHO

(do alto-falante)

Este é o retrato de meu pai...

OUTRO SLIDE REPRESENTANDO RENATA

VOZ DE CLARICE

(do alto-falante)

Esta é mamãe.

VOZES DOS DOIS

(em câno)

ABSTRATOS, NATURALMENTE.

F I M



M. J. N. 1. - DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

911

911

PEÇA TEATRAL "OS PAIS ABSTRATOS", PEDRO BLOCH

X

XX

XXX

TEATRO PRINCESA IZABEL

XX

XX

20

JULHO

6

QUANTO A PARTICIPAÇÃO DE DOIS MENORES NA CENA FINAL DO ÚLTIMO ATO. FICA A AUTORIZAÇÃO A CRITÉRIO DO JUÍZADO DE MENORES.

O SCDP NADA TEM A OPOR

20

JULHO

6

Handwritten signature or mark.

20/07/81



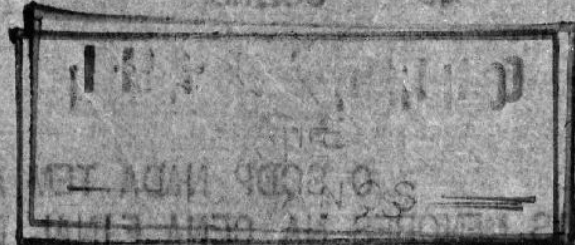
191-8000 PTE.AT.CPR.NS.BS.FD.DR
PTE.AT.CPR.NS.BS.FD.DR

119

A XXXXX PEÇA : OS PAIS ABSTRATOS

AUTOR : PEDRO BLOCH

TEATRO PRINCESA IZABEL



24

JULHO

6

20

JULHO

6

AUGUSTO DA COSTA

(SUBST.)

18 ANOS



PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

101

Em

Do Setor de Cultura - Fundação Cultural

Ao Chefe do Serviço de Censura do D.F.S.P.

Assunto : Certificado de Censura

Em cumprimento ao que determina o Regulamento do Serviço de Censura e Diversões Públicas do D.F.S.P, encaminhamos à V.Sa. 2 (dois) textos da peça "OS PAIS ABSTRATOS" de Pedro Bloch, produção do Teatro Princesa Isabel, a ser apreentada nos dias 20,21,22,23 e 24 do corrente sob o patrocínio da Fundação / Cultural do Distrito Federal.

Outrossim, solicitamos a liberação das cartazes para a divulgação da referida peça.

Renovamos, ao ensejo, nossos protestos de estima e alto apreço.

Walter Albuquerque Mello
Walter Albuquerque Mello
Pelo Setor de Cultura

Ao Ilmo. Senhor

Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas
do D.F.S. P.

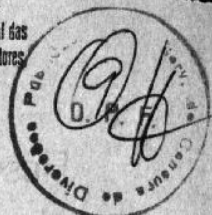
Nesta

M. J. N. I. P.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 3868
Em 15.10.1966
Interessado Fundação Cultural
Protocolista

Impropriedade
para todo o território
nacional
18 anos, com
poderes para que
deixem menos de 14
anos participem do
que no final do
último ato

Brasília, 20/1/66

José Augusto Costa
Censor Federal



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 164

Direitos de Representação

Autorização Nº 139929

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: OS PAIS ABSTRATOS

Original de Pedro BLOCH

Música de X

Tradução de X

No Teatro MARTINS PENA Cidade P. P. Loto

Empresa X Pela Cia. X

nos dias 20, 21, 22, 23 e 24 de julho de 1966

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ 1/5 MINIMO por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasil, 14 de Julho de 1966

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Claudio J. ...
(pela SBAT)
Roberto Miranda - Nat. Miral

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artístico nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

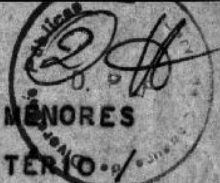
Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

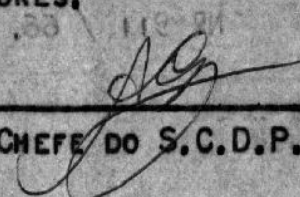
Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.FEA.PTE.2118281AC1786



OBS: O SCDP NADA TEM A OPOR QUANTO A PARTICIPAÇÃO DE DOIS MENORES
NA CENA FINAL DO ÚLTIMO ATO, FICA A AUTORIZAÇÃO A CRITÉRIO.

M. N. DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DO JUIZADO DE MENORES.


CHEFE DO S.C.D.P.

103

POS PAIS AGOSTO 20

111

(TEATRO)

RIO - 08

TEATRO BRINCELA LABEL

14 (GATORAL) ANDR

SUPRIMIR AS PALAVRAS: PROSTITUTA, MERDA E PUTINHA.

014 31 DE JULHO DE 1986 - TEATRO MARTINS PENHA - AS 16:00 E 21:00 HS.

83

JULHO

29



19

BR DFANBSB NS.GRR.TEA.PTE.30 8281470 98 167

Nº 911 / 66.

911

"OS PAIS ABSTRATOS"

(TEATRO)

TEATRO PRINSEZA IZABEL

RIO - GB.

14 (CATORZE) ANOS.

SUPRIMIR AS PALAVRAS: PROSTITUTA, MERDA E PUTINHA.

DIA 31 DE JULHO DE 1966.-TEATRO MARTINS PENAS- AS 16:00 E 21:00 Hs.

O.M.F.

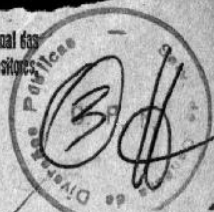
29

JULHO

66.

P/

ACB



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97-3.º andar.
End. Teleg.: SBAT-RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 139931

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: OS PAIS ABSTRATOS

Original de PEDRO BLOCH

Música de X

Tradução de X

No Teatro Martins Pena

Cidade Plano Piloto

Empresa Pela Cia.

nos dias 31 de Julho as 16 e 21 HORAS

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ 18. Peltrona por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 29 de Julho de 1966

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Claudioimar
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ Único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P072
108
109

REG. ~~701~~L. ~~21~~ ~~22~~ ~~23~~ ~~24~~

TÍTULO: OS PAIS ABSTRATOS

Autor: PEDRO BLOCH.

Clusor:

Carimbo do S. C.

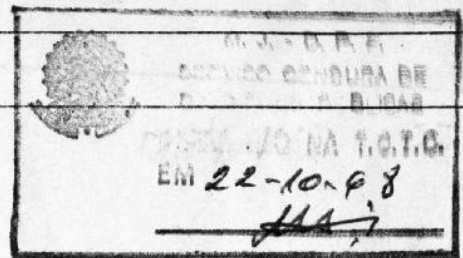
DR-BA-Vitória da Conquista.

Anexo: 3 script

Sec. Prot. 659

22/11/68

Distribuição



Exmo. Sr. Diretor do Departamento de Censura Federal
Brasília - D.F.



O TEATRO DO ESTUDANTE CONQUISTENSE -TESCO- grupo amador com sede na cidade de Vitória da Conquista -BA HIA - através do seu Presidente, abaixo assinado, vem requerer a V.Exa. que se digne de autorizar a expedição do certificado de Censura, para a apresentação no dia 26 de outubro corrente, com outras apresentações nos dias e semanas subseqüentes, da peça de Pedro Bloch "OS PAIS ABSTRATOS". Juntamos ao presente três (3) exemplares impressos da referida peça e um comprovante (recibo) de autorização da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais -.

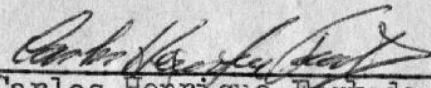
Requer ainda, dada a dificuldade e o atraso com que chegam a esta cidade as correspondências através do Departamento de Correios e Telégrafos, que lhe seja liminarmente comunicado por telegrama a autorização dêsse Departamento.

Tôda correspondência poderá ser remetida / para Carlos Henrique Furtado, Banco do Brasil S.A., rua Maximiliano Fernandes 111, Vitória da Conquista-BA-.

N. Termos

P. Deferimento

Vitória da Conquista-BA-, 5 de Outubro de 1968


Carlos Henrique Furtado
-Presidente do TESCO-

Exmo. Sr. Diretor do Departamento de Censura Federal
Brasília - D.F.



110

O TEATRO DO ESTUDANTE CONQUISTENSE -TESCO- grupo amador com sede na cidade de Vitória da Conquista -BA HIA - através do seu Presidente, abaixo assinado, vem requerer a V.Exa. que se digne de autorizar a expedição do certificado de Censura, para a apresentação no dia 26 de outubro corrente, com outras apresentações nos dias e semanas subsequentes, da peça de Pedro Bloch "OS PAIS ABSTRATOS". Juntamos ao presente três (3) exemplares impressos da referida peça e um comprovante (recibo) de autorização da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais -.

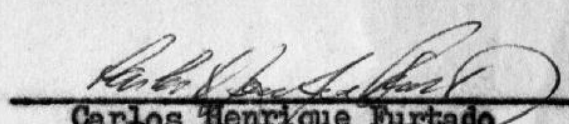
Requer ainda, dada a dificuldade e o atraso com que chegam a esta cidade as correspondências através do Departamento de Correios e Telégrafos, que lhe seja liminarmente comunicado por telegrama a autorização desse Departamento.

Tôda correspondência poderá ser remetida / para Carlos Henrique Furtado, Banco do Brasil S.A., rua Maximiliano Fernandes 111, Vitória da Conquista-BA-.

N. Termos

P. Deferimento

Vitória da Conquista-BA-, 5 de Outubro de 1968


Carlos Henrique Furtado
-Presidente do TESCO-

Exmo. Sr. Diretor do Departamento de Censura Federal
Brasília - D.F.



O TEATRO DO ESTUDANTE CONQUISTENSE -TESCO- grupo amador com sede na cidade de Vitória da Conquista -BA HIA - através do seu Presidente, abaixo assinado, vem requerer a V. Exa. que se digne de autorizar a expedição do certificado de Censura, para a apresentação no dia 26 de outubro corrente, com outras apresentações nos dias e semanas subsequentes, da peça de Pedro Bloch "OS PAIS ABSTRATOS". Juntos ao presente três (3) exemplares impressos da referida peça e um comprovante (recibo) de autorização da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais -.

Requer ainda, dada a dificuldade e o atraso com que chegam a esta cidade as correspondências através do Departamento de Correios e Telégrafos, que lhe seja liminarmente comunicado por telegrama a autorização desse Departamento.

Tôda correspondência poderá ser remetida / para Carlos Henrique Furtado, Banco do Brasil S.A., rua Maximiliano Fernandes 111, Vitória da Conquista-BA-.

N. Termos

P. Deferimento

Vitória da Conquista-BA-, 5 de Outubro de 1968


Carlos Henrique Furtado
Presidente do Tesco-

Sociedade Brasileira de Antropologia

Fundada em 25 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092 de 16-6-1920

Afilada à Confederação Internacional das Sociedades de Antropologia e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Telog. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

RECEBIMENTO

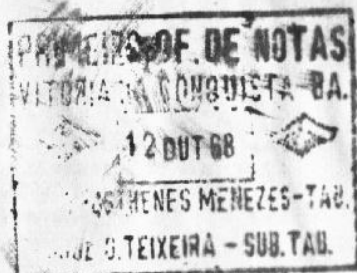
HISTÓRICO	CR\$
<u>Divisão</u> Recebi do Sr. Jucelino Compusteiros - Vítima de Conspiração = Bahia = o adiantamento para representação de seu "Pais Absterato", de Paulo Ghosh. Del 2123 - Brasil 2 Outubro 68	150,00

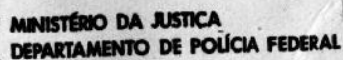
CONFORME O ORIGINAL

Vitória de Conquista, 22 de Outubro de 1988

Em testemunho da verdade

[Handwritten signature]
TABELÃO





008, p. 176

114

D. P. F.

Genere de Diverses

Publices

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERGENTES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: OS PAIS ABSTRATOS

Nome do Autor: PEDRO BLOCH

Nome do Tradutor:

Gênero: teatro social

Entrecho:

Apreciação moral

Observações: Tendo em vista que a peça foi liberada anteriormente com
a impropriedade para 16 anos, não mais válida, sugiro a impropriedade
máxima.

Classificação final: 18 anos.

Brasília-DF. em 20 de novembro de 1968

~~Censor Federal - matricula n.~~

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Mantido, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: OS PAIS ABSTRATOS

AUTOR: Pedro Bloch

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 anos

OBS.

Em 20/10/68

[Assinatura]
Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em _____

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em 21/10/68

[Assinatura]
CHEFE DO SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

115

114

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 761/68

PEÇA -/::: * OS PAIS ABSTRATOS * :::/-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 22 de NOVEMBRO de 19 69

Brasília, 22 de NOVEMBRO de 19 68

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

AP/

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 24, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada * OS PAIS ABSTRATOS *

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO DO ESTUDANTE CONQUISTENSE (V. DA CONQUISTA BA)

Tendo sido censurada em 20 de NOVEMBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S. C. D. P.

Brasília, 22 de NOVEMBRO de 19 68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 000 8, p. 179



Jose Sampaio Braga
JOSÉ SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Reay

No.

Livro

Folla

05 Pais Abstra-
to-
DE PEDRO BLOCH

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

Distribuição

[illegible]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GB
TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DR - GB

116

Of. nº 061/69

Em 26 de FEVEREIRO de 1969

Do Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Assunto: sobre peça teatral

Senhor Chefe,

Estamos encaminhando a êsse Serviço de Censura dois "scripts" da peça intitulada "OS PAIS ABSTRATOS", de autoria de Pedro Bloch, para fins de renovação de censura.

2. Devemos esclarecer que o Certificado anterior/ de nº 911 - (anexo) tem validade vencida, e impropriedade para menores até 18 anos.

3. Outrossim, solicita o requerente que o novo Certificado concedido seja remetido para o Sr. Joffre G. Miguel no Teatro Leopoldina - Praça Conde de Porto Alegre, 55 - Rio Grande Sul, onde será realizada a estréia do espetáculo à 7 de março próximo.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa.os protestos de estima e consideração.

Marina de Mello Ferreira

MARINA DE MELLO FERREIRA /
Chefe da TCDP-DR/GB.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092. de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 26 de Fevereiro de 1969

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S.,
para fins de CENSURA, ^{DUAS} ~~duas~~ cópias da peça:

PAIS ABSTRATOS - Pedro Bloch
próxima apresentação da Companhia JORGE PIRES FERREIRA
PRODUÇÕES no Teatro Leopoldina - P. Alegre
com estreia marcada para o dia 7 de Março de 1969

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior
consideração,

Feito
Djalma Bittencourt
Superintendente



Protoc. nº 1584
de 26-2-69

[Handwritten signature]



Rio de Janeiro 26 de Fevereiro de 1969

Exmo Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S. , para fins de Censura, duas cópias da peça do autor Pedro Bloch, "OS PAIS ABSTRATOS" próxima apresentação da Companhia JORGE PIRES FERREIRA PRODUÇÕES, no Teatro LEOPOLDINA em Porto Alegre, com estreia marcada para o dia 7 de março de 1969.

Sem outro assunto , subscrevemo-nos com a maior consideração.

Jorge Pires Ferreira

D.P.F. - DELEGACIA FEDERAL - GB	
CENSURA FEDERAL	
PROTOCOLO N.º	1584
DATA	26 / 2 / 1969
<i>Duth</i>	
ASSINATURA	



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

N.º DE REGISTRO 911

TÍTULO DA ~~NOVA~~ PEÇA : " OS PAIS ABSTRATOS "

AUTOR : PEDRO BLOCH

PRODUTOR TEATRO PRINCESA IZABEL

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art. 7.º do Decreto 20.493 de 24-1-46 e Decreto 1.134 de 4-6-62)

VÁLIDO ATÉ 24 de JULHO de 1966

PROIBIDO
ATÉ
— 18 ANOS —

Brasília, 20 de JULHO de 1966

AUGUSTO DA COSTA
CHEFE DO S. C. D. P.

(SUBST.)

Certificado de Censura Cinematográfica



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Via _____

Certificado N.º 911

Certifico que, revendo os livros de registro de filmes cinematográficos, encontrei sob o N.º 911 livro 1 o registro da PEÇA TEATRAL " OS PAIS ABSTRATOS", PEDRO BLOCH.

Licença de Importação X
propriedade de XX
domiciliado à XXX
produzido por TEATRO PRINCESA IZABEL
com XX metros e XX cópias, censurado em 20 de JULHO de 1966

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido filme, de acôrdo com o § 1.º do Art. 7.º do Decreto 20.493. de 24/1/46 e cumprindo o art. 2.º do Decreto 1.134 de 4/6/62, fôsse liberado para todo o território nacional, com a seguinte restrição: impróprio para menores até 18 (dezoito) anos. O SCDP NADA TEM A OPOR-
QUANTO A PARTICIPAÇÃO DE DOIS MENORES NA CENA FINAL DO ÚL-
TIMO ATO. FICA A AUTORIZAÇÃO A CRITÉRIO DO JUÍZADO DE MENORES.

Brasília, 20 de JULHO de 1966

SECRETÁRIO



120

PERSONAGENS

RENATA (Mulher de seus 35 anos)

DAMILO (Beirando os quarenta)

DENISE (Vinte e oito anos, Belíssima)

DINHO (13 anos)

CLARICE (11 anos)



Protocolo nº 1584

26-27-69

[Signature]



Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p.187



Sr. Chefe da Seção de Censura

JORGE PIRES PRODUÇÕES enviou para renovação de censura, a peça teatral " OS PAIS ABSTRATOS" de Pedro Bloch, anexando aos "scripts" o original do Certificado expedido pela TCDP-GB, vencido em 1966, que a classificou para menores até 18 anos.

Referida obra, em 20 de novembro p. passado, / foi examinada e liberada por este Órgão, para outro produtor, com a mesma impropriedade (18 anos), conforme cópia / do Certificado nº 761/68 e parecer do Censor CONSTANCIO / MONTEBELLO, constantes no Processo 072-TCTC.

Assim sendo, à vista do exposto, sugerimos / que seja mantido o mesmo critério classificador, emitindo-se os certificados requeridos. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 04/março/1969

JOSE SAMALIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEBÃO NETO
Chefe SCDP

Em 5/3/69.
Expede o certificado.
[Assinatura]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p.188

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 1028/69

PEÇA - / : : : OS PAIS ABSTRATO : : : / -

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 06 de MARÇO de 19 74

Brasília, 06 de MARÇO de 19 69

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA



M. J. - D.P.F.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 32, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - / OS PAIS ABSTRATO / -

Original de PETRO BLOCH

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de JORGE PIRES FERREIRA (GB)

Tendo sido censurada em 04 de MARÇO de 19 69 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES ATÉ 18 (PEZOITO) ANOS

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCP.

Brasília, 06 de MARÇO de 19 69

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 189



JOSE SAMPATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



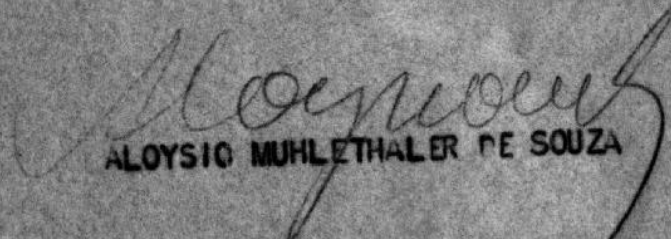
06/03/69

CHEFE DO SCPP
SR. CHEFE DA TCP-DR/GB
PEÇAS TEATRAIS (ENCAMINHA)

Sr. CHEFE,

ANEXO, ENCAMINHO A V.SA., SCRIPTS
E CERTIFICADOS DAS PEÇAS TEATRAIS "OS PAIS ABSTRA-
TO", AUTORIA DE PEDRO BLOCH, "A ONÇA E O BOPE", AU-
TORIA DE CLEBER RIBEIRO FERNANDES, "OLHO NA AMÉLIA",
AUTORIA DE CIA EVA TOTOR DIVERSÕES, SOLICITADO QUE /
REFERIDOS DOCUMENTOS SOMENTE SEJAM ENTREGUES AOS IN-
TERESSADOS - JORGE PIRES FERREIRA, CIA PAULO COELHO/
DE SOUZA E CIA EVA TOTOR DIVERSÕES, RESPECTIVAMENTE-
APÓS O EXAME DOS ENSAIOS GERAIS, REMESSA DE RELATÓ-
RIOS MINUCIOSOS A RESPEITO A ÊSTE SCPP E DECISÃO DES-
TA CHEFIA À VISTA DOS MESMOS, COMUNICADA VIA RÁDIO.

ATENCIOSAMENTE,


ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Reg
Linha
Folha



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

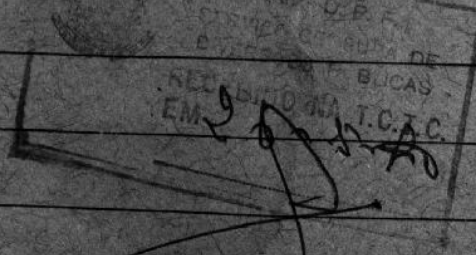


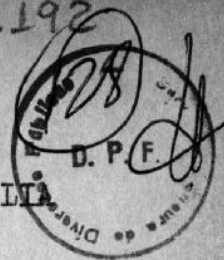
OS PAIS ABSTRATOS

DISTRIBUIÇÃO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

AUTOR PEDRO BLOCH





EXMO. SNR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL EM BRASÍLIA



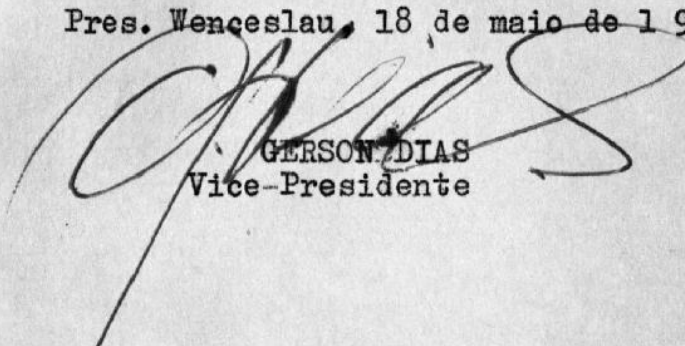
125

Pe-Te-Va, Pequeno Teatro de Vanguarda de Presidente Wenceslau, entidade de âmbito teatral amador, com sede à rua = João Pessoa, 480, em Pres. Wenceslau - Estado de São Paulo, através de seu vice-presidente infra assinado, vem pelo presente requerer de V. Excia., a censura da peça "Os Pais Abstratos" de Pedro = Broch, em 2 atos, que pretendem encenar para participação no VIII = Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo e em outras apresentações, para o que junta dois exemplares da referida peça.

Nestes Termos,

P. DEFERIMENTO

Pres. Wenceslau, 18 de maio de 1970



GERSON DIAS
Vice-Presidente

Presença
de 26/1/70
18

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura).

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70 - SP Nº 41285

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: *Os Pais Abstratos*

Original de *Pedro Bloch*

Música de

Tradução de

No Teatro *Pequena Diversos* Cidade *Presidente Wenceslau*

Empresa *Pequena T. VAQUAOS* Pela Cia.

nos dias *PARA CENSURA de peça*

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

de

de 19



(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



□ Pe. Te. Va.

de Res. Venceslau

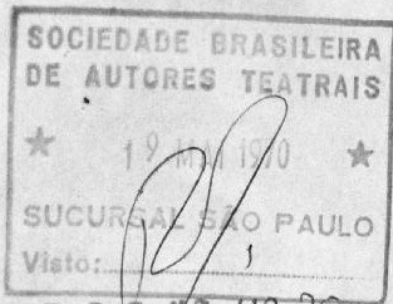
Apresenta

de

Pedro Bloch

em 2 atos

"Os Pais ABSTRA-
TOS"



AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 11285

AUTORIZAÇÃO





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0008, p. 197



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: *O pai abduzido*

b) Título original: *—*

c) Autor: *Pedro Bloch*

d) Tradutor: *—*

e) Diretor: *—*

f) Produtor: *—*

g) Companhia: *—*

h) Classificação da Censura: *18 de 100 anos*

II) Análise

a) Gênero: *—*

b) Argumento: *O pai abduzido conforme o original
aprovado por este órgão conforme Certificado 96/68
DF 26 V 1 70*

c) 1 - Mensagem: *—*

2 - Impressão final: *—*

d) Diálogos: *—*

e) Cenário: *—*

f) Personagens: _____

g) Valor educativo: _____

III) Conclusão _____

Brasília, _____ de _____ de 19 _____

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Anexo, informação do Téc. Censura Carlos Lúcio, que fez a comparação de scripts da peça OS PAIS ABSTRATOS, concluindo pela identidade entre os mesmos. - 18 ANO

DF, 26 de junho de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da TCTC

*De acordo com parecer
de Salete
3.7.70*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0008, p.199



CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2530/70

PEÇA -!!!OS PAIS ABSTRATOS!!!-

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de JUNHO de 19 75

Brasília, 29 de JUNHO de 19 70

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Chefe do S. C. D. P. PROF. ELSON A. AGUIAR

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 83, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada OS PAIS ABSTRATOS

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de PE-TE-VA, PEQUENO TEATRO DE VANGUARDA DE PRESIDENTE WENCESLAU, COM SEDE À RUA JOÃO PESSOA, 480, PRES. WENCESLAU-ES

Tendo sido censurada em 26 de JUNHO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS

«CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL»

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SSCP.-

Brasília, 29 de JUNHO de 19 70



CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

MANOEL M. FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

MEMO Nº 349/70/TCTC

01/7/70

DO: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

PARA: Sr. Chefe da TCSP DM/SP

ASS: Providências (solicita).

Sr. Chefe,

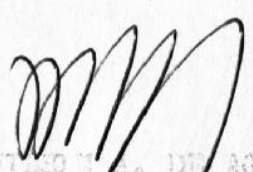
Solicito vossas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue o certificado e o script ao interessado, caso a classificação estabelecida por este Serviço esteja de acordo com o observado no ensaio geral.

OS PAIS ABSTRATOS

PEÇA: _____

AUTOR: **Pedro Bloch**INTERESSADO: **Pequeno Teatro de Vanguarda**ENDEREÇO: **Rua João Pessoa, 480 - Pres. Venceslau-SP**

Atenciosamente,


PROF. MILTON M. DE AGUIAR
Chefe do S.C.D.P.

OBS: é imprescindível a remessa do relatório de ensaio geral.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA



PROCESSO Nº 072

TÍTULO DA PEÇA: " OS PAIS ABSTRATOS"

CENSURA DA GUANABARA.

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

Distribuição

[illegible]



011-GB

XXXX DA PEÇA - OS PAIS ABSTRATOS
AUTOR - PEDRO BLOCH
TEATRO PRINCESA IZABEL

IMPRÓPRIO	29	MARÇO	68
ATE	29	MARÇO	67
16 ANOS			

W 3 111 - D 4 2 1 - DEFESICIA REGIONAL - 88

A. ROMERO LAGO

011/GB

011/GB
OS PAIS ABSTRATOS

-01-

XXXX PEÇA

XXXXXXXXXXXXX AUTOR PEDRO BLOCH

X

XXXXXXXXXXXXX THEATRO PRINCESA IZABEL

01

29

MARÇO

67

APROVADO PARA TODO O TERRITÓRIO NACIONAL.
 IMPRÓPRIO PARA MENORES. ATÉ 16 ANOS. - SUPRIMIR AS PALAVRAS: PROSTITUTA-
 MERDA. EUTINHA = OBS.: O SCDP NADA TEM A OPOR QUANTO A PARTICIPAÇÃO
 DE DOIS MENORES NA CENA FINAL DO ÚLTIMO ATO. FICA A AUTORIZAÇÃO A CRITÉ-
 RIO DO JUIZADO DE MENORES.

ESTADO DA GUANABARA XXXXXX 29

MARÇO

67

M. J. N. I. - D. P. S. P. - DELEGACIA REGIONAL - GB

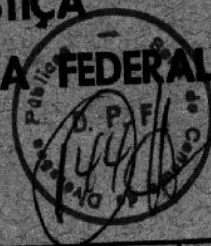
JOSÉ LEITE OTTATI
 CHEFE DA SCF/DR/GB/DFSP



1ª Via (ARQUIVO)

SP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



PROC.-	72
LIV.-	08
PAG.-	65
REG.-	6256

PAÍS ABSTRATOS

DISTRIBUIÇÃO

TRADA	
26	06/72
27	06/72
1.a CEN.-	/ /
2.a CEN.-	/ /
CERT.-	/ /
SAIDA	/ /
TEMPO TRAM.	
DIAS.	

PEDRO BLOCH

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ-DPF-SRA/BSB

26 JUN 1951 029054



Ilmo. Sr. Chefe do Departamento de Censura - Polícia Federal em BRASÍLIA

RECEBIDO POR

140

Tem o presente solicitar a V.Sa. muito
respeitosamente a censura da peça PAIS ABSTRATOS de Pedro Bloch anexo
uma autorização da SBAT, pelo Grupo Momento para ser apresentado no -
X Festival de Teatro Amador patrocinado pela FEDERAÇÃO BAURUENSE DE
TEATRO AMADOR que será realizado em nossa cidade no próximo mês de a-
gosto.

Sem, outro motivo subscrevo-nos

Atenciosamente

Paulo Roberto Alves Neves - Presiden
te da Federação Bauruense de Teatro
Amador (FEBATA)

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70

Nº 20145

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Para A. Estratos.

Original de

Pedro Bloch

Música de

Tradução de

No Teatro

Diversos

Cidade

Bauru - S. Paulo

Empresa

Febata

Pela Cia.

nos dias

Para Censura da Peça

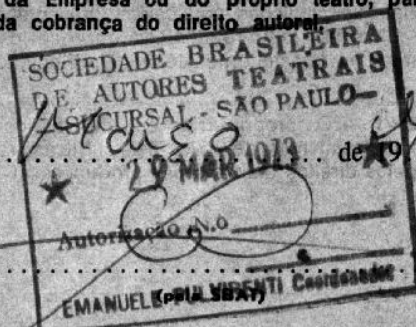
sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

%

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios colistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.



Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede na cidade de Janeiro.

§ — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, apresentadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarês, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



3. C. T. C.

TÍTULO PAIS ABSTRATOS
GÊNERO PEÇA TEATRAL

142

1) S. ARQUIVO Audrade 4) CHEFE S.C.
Documentação EM ORDEM
Já liberada? SIM
Cls. etária anterior 18
Praça BAURÍ - SP
D.F. 27/06/72
[Signature]
Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO Queroz
Téc. Censura
Téc. Censura
Téc. Censura
Data p/exame 286 72 1º/7/72
OBS: Confronto de texto
D.F. 286 72
[Signature]
Ass. P. Programação

3) S.C.T.C. 5) DIRETOR D.C.



TÍTULO "OS PAIS ABSTRATOS" (Pedro Bloch)

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS.

A presente peça já foi, por diversas vezes, liberada com a classificação de Proibida para menores de 18 anos. No presente momento está liberada para três diferentes grupos teatrais, com essa mesma classificação, conforme os certificados nrs. 1.028/69, válido até 6 de março de 1974; 2.630/70, com validade até 29 de junho de 1975; e 4.234/71, com validade até 15 de setembro de 1976.

Comparado o texto ora submetido à censura por requerimento da Federação Bauruense de Teatro Amador com os já arquivados neste serviço, conclui serem idênticos, pelo que opinamos no sentido de que seja mantida a classificação até agora observada.

Brasília, 3 de julho de 1972

Wilson de Queiroz Garcia
Wilson de Queiroz Garcia
Técnico de Censura.

Certificado, de acordo
com o parâmetro: 18
Anos.

Em 03.07.72

[Signature]
TcTc

S. Dir. DCP

De acordo.

18 anos

5/7/72 *[Signature]*

LIBERE--SE
com impropriedade para menores de 18 anos
Brasília, 11/7/72
Rogério Nunes *[Signature]*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p.212
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 5156/72

PEÇA : PAIS ABSTRATOS

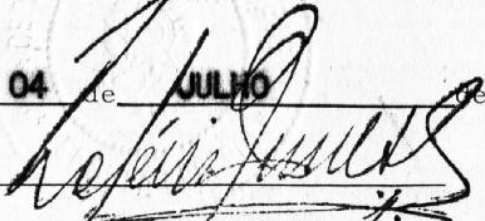
ORIGINAL DE : PEDRO BLOCH

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 04 de JULHO de 19 77

Brasília, 04 de JULHO de 19 72

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS


- ROGÉRIO NUNES -
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar do livro nº 02 folha nº 63, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " PAIS ABSTRATOS "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de _____

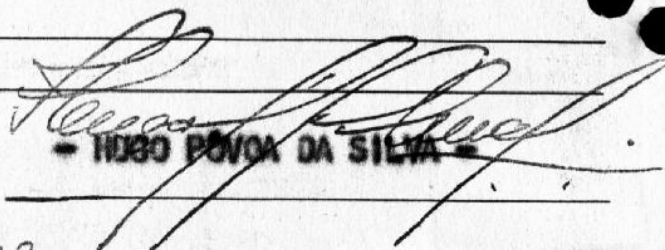
Adaptação de _____

Produção de FEDERAÇÃO BAURUENSE DE TEATRO AMADOR - SP -

Tendo sido censurada em 03 de JULHO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDIÇÃO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 04 de JULHO de 19 72


- HUGO PÓVOA DA SILVA -

MH BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 213



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

145
MEM.º N. 573/72

Data 06/07/72

Do Chefe da TCTC da DCDP - DPF - DF.

Para Chefe da TCDP da SR - DPF - SP.

Assunto: Peça Teatral (Encaminha).

Senhor Chefe,

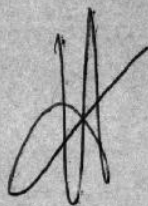
Solicito de V.Sa., as providências no sentido de que seja entregue ao interessado, a peça teatral intitulada, "OS PAIS ABSTRATOS", com a impropriedade para menores de 18 (dezoito) a nos, em 2 (duas) vias e seus respectivos certifica dos.

Atenciosamente,

Vicente de Paulo Alencar Monteiro
b/ VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO.

Chefe da TCTC da DCDP.

Arquivo



PROC.	72
LIV.	01
PAG.	24
REG.	761

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	53795
PRACA:	SÃO PAULO - SP
JÁ LIBERADA:	SIM
IMPROPRIEDADE:	18 anos
N.º CERTIFICADO:	761
TÉRMINO VALIDADE	4.7.1977

146

Os PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

MJ-OPF-SRA/BSF

20 NOV 1972 053795

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

BRASILIA

RECEBIDO POR

02/24

147

EU Elcir Castello Branco,

Residente a Rua (Av.) Prof. João Arruda, 365 -apt. 23 /
Estado Civil casado, venho mui respeitosamente requerer
à Vv. Ss. que se digne mandar censurar .

a Peça: Os Pais Abstratos

Autoria de: Pedro Bloch

Trad. (Adap.)

Que será representada a partir do dia 10 / 12 / 72

na Cidade São Paulo Estado São Paulo

pelo Grupo ou Empresa - Treze de Maio -Centro de Arte e /
Promoções S/C. Ltda.

com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT Nº

16. BUREL DE NOTIAS DA CAPITAL
(Sub-stação BRUNO ZARATIN)
CARLOS ZARATIN
ESCRIVÃO
REYNALDO GIL ZARATIN
OFICIAL MAIOR
RUA BARÃO DE ITAPETTINGA, 48 SL
Recebido e firmado
3 NOV 1972
Em testemunho da Verdade
BENEDITO F. DE CASTILHO
RONALDO R. ZARATIN
MARILENA T. ZARATIN
CARLOS ZARATIN JÚNIOR
CLAUDIO M. ZARATIN
Escrivães Autorizados

Nos referidos termos

P. deferimento

TAB. BRUNO
Castello Branco



03/

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

148

SÃO PAULO

~~Rio de Janeiro~~

31 de OUTUBRO

de 19 72

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,

para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"OS PAIS ABSTRATOS"

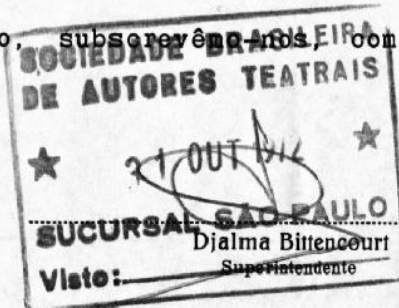
DE: PEDRO BLOCH

próxima apresentação da 13 DE MAIO CENTRO DE ARTE E PROMOÇÕES S/C

no Teatro 13 DE MAIO

com estréia marcada para o dia 15 DE DEZEMBRO DE 1972

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,



S. C. T. C.

04
02TÍTULO: OS PAIS ABSTRATOSGÊNERO: PEÇA1) S. ARQUIVODocumentação: EM ORDEMJá liberada?: SIMCls. Estária anterior: 18 anosPraça: SÃO PAULO - 80DF: 24.11.72

Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

S. Diretor CCDF
 Alexito anos
 Equ. 12.72.
 Bumbiqui

2) PROGRAMAÇÃOTécnico de Censura: FerreiraTécnico de Censura: _____Técnico de Censura: _____Data para Exame: de 29.11.72 a 1.12.72

OBS:

DF: 28.11.72

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Exatidão certificada de
 conformidade com o abarço
 disposto:

01. Quantidade: 2 (dois)
02. Natureza: Mais Vias
03. Grupo: 13 de Mais Vias
04. Qnt. e Vencimentos SIC
05. Local p/encam: SP/SP
06. La. propriedade: 18 anos
07. S/cores:
08. Prazo Validade: 04/07/77

Exatidão 11/12/72
 Bumbiqui
 P/SCTC

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LID. - SE
 com impro-
 res
 Brasília
 Rogério

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

05/150

TÍTULO " OS PAIS ABSTRATOS "

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

ESPÉCIE Peça Teatral...

COM CORTES? Não.....

BOA QUALIDADE?.....

LIV P/ EXPORTAR?.....

DUBLADO?.....

LEGENDADO?.....

VED EXPL COMERCIAL? Não..

CENAS Só após o ensaio geral

ENREDO Casal, após treze anos de casado, relembra(n) os atos negativos de ambos, com amargura e, triste(s),

ÉPOCA Atual repassa(n) o fracasso como pais e educa-

GÊNERO Drama dores do filho-vítima das inconseqüên-

LINGUAGEM Simples cias parternas, toldando-lhe o futuro.

MENSAGEM Positiva

PERSONAGEM Normais

TEMA Social

OBS: 1. CORTES.

2. CONCLUSÃO.: Pelo exposto, sugerimos liberação, mantendo a mesma faixa etária anterior: PARA / MAIORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, visto já ter sido por várias vezes censurada e liberada por este DEPARTAMENTO, e o SRIPT se achar conforme o original.

Brasília, 30 de novembro de 1972.

Antônio Gomes Ferreira
Antônio Gomes Ferreira
(Téc. Cens.)

240/72-SC/DODP

1º DEZEMBRO 1951 22

SUPERINTENDENTE REGIONAL/SP

"OS PAIS ABSTRATOS"

PEDRO BLOCH

: SUPERINTENDENTE,

NO TEATRO 13 DE MAIO

01

24

" OS PAIS ABSTRATOS "

PEDRO BLOCH

G.13 DE MAIO CENTRO DE ARTE E PROMOÇÕES S/C - SP.

30

NOVEMBRO

72

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDIÇÃO
DO AG EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO DEBEM, PARA VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCEP.

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

01

DEZEMBRO

72

761/72

" OS PAIS ABSTRATOS "

PEDRO BLOCH

01 JULHO

77

01 DEZEMBRO

72

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

ARQUIVO

PROC.	72
LIV.-	01
PAG.-	24
REG.-	761

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N° PROTOCOLO:	59048
PRACA:	GUANABARA
JÁ LIBERADA:	SIM
IMPROPRIEDADE:	Baixa
N° CERTIFICADO:	761
TÉRMINO VALIDADE	4.7.77

153

Os Pais ABSTRATOS

PEDRO BLOCH



MJ-DEF-SRA/BSB

20002 6402 053046

02/11

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

154

Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1972

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,

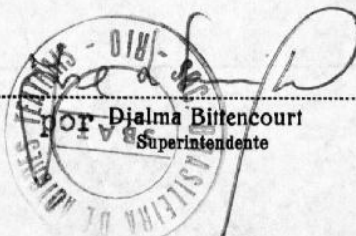
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

PAIS ABSTRATOS

DE: PEDRO BLOC

próxima apresentação da Grupo TEATRO DE COMÉDIA DO ESTADO
DA GUANABARA (TECO) no Teatro Colégios

com estréia marcada para o dia 1ª Quinzena de Março de 73

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,por Djalma Bittencourt
Superintendente

03/1

S. C. T. C.

TÍTULO: PAIS ABSTRATOSGÊNERO: PEÇA1) S. ARQUIVODocumentação: EM ORDEMJá liberada? : SIM

Cla. Estária anterior: _____

Praça: GUANABARADF: 21/12/72

Chefe do Arquivo

4) CHEFE S. C.

Ho se liberar o CN.
 conforme parecer
 Sec. de J.S. U - de
 40 to anos.

Em 29/12/72

Burton
 11

2) PROGRAMAÇÃOTécnico de Censura: Patruostro

Técnico de Censura: _____

Técnico de Censura: _____

Data para Exame: de 26/12/72 a 28/12/72

OBS:

DF: 22/12/72 p/ Vanda

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Exente certificado de
 conformidade com o disposto
 abaixo.

1. Quantidade: 2 (dois)

2. Natureza: Main Yias

3. Grupo: Grupo de Patroa

Cidade: do Estado de

Guanabara, TECO.

H. Local p/ encami. S/ob

Fundação: 18/07/77

6. Prazo Validade: 04/07/77

Em 28/12/72

Sena
 P/ S.C.T.C.

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 29/12/72 1972

Região Nunes



04/uf

TÍTULO OS PAIS ABSTRATOS

PARECER

Autor - Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOSESPÉCIE Peça teatralCOM CORTES? nãoBOA QUALIDADE ---LIV P/ EXPORTAR? ---DUBLADO? ---LEGENDADO? ---VED EXPL COMERCIAL? ---CENAS Supor uinhaus ao ensaio geralENREDO Recordações alegres e amargas entre casal ido-
so que comenta sobre a vida em comumÉPOCA atualGÊNERO dramaLINGUAGEM normalMENSAGEM positivaPERSONAGEM normaisTEMA reflexões sobre o passadoOBS: 1. CORTES. não

2. CONCLUSÃO.

Peça já censurada por diversas vezes e liberada com restrição para menores de 18 anos. Ao examinar o / presente texto constatei tratar-se de cópia idêntica às de mais existentes no processo, portanto sugiro seja mantido o mesmo critério liberatório.

Brasília, 28 de dezembro de 1972

Teresa Paternostro

05
Efe

151

307/72-SC/DCDP

28 DEZEMBRO

2

SUPERINTENDENTE REGIONAL/GB

" OS PAIS ABSTRATOS "

PEDRO BLOCH

: SUPERINTENDENTE,

NO TEATRO COLÉGIOS

Leopoldo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

01

24

PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

GRUPO TEATRO DE COMÉDIA (TECO) - GB -

28

DEZEMBRO

72

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDI-
ONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALI-
DADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCOP.

29

DEZEMBRO

72

Deusdeth Burlanqui
- DEUSDETH BURLANQUI -

CONTATUCA 2149

761/72

PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

04

JULHO

77

29

DEZEMBRO

72

ROBERTO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

158

Arquivo

154

PROC.-	0092
LIV.-	01
PAG.-	24
REG.-	761

MJ - DPF - DCOP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	32.376
PRACA:	CAMPINAS-SP
JÁ LIBERADA:	Sim
IMPROPRIEDADE:	18
N.º CERTIFICADO:	761
TÉRMINO VALIDADE	1/19

OS PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

03 *Jo*

Campinas, 23 de agosto de 1973.

Ao

Serviço de Censura e Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal.São Paulo

SRA/FICHA DO

23 AGO 1973

32376

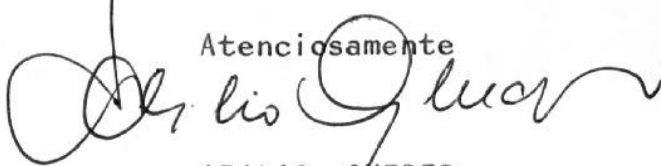
Prezados Senhores.-

Em anexo estamos encaminhando a V.Sas., quatro textos da peça de Pedro Bloch "Os Pais Abstratos", juntamente com autorização de representação da SBAT, e um requerimento para o Serviço de Censura e Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal de BRASÍLIA, solicitando análise e expedição do respectivo certificado de Censura.

Pelo presente, solicitamos se dignem V.Sas., de encaminhar os respectivos elementos à Brasília, pelas vias competentes.

Sem mais para o momento e antecipando nossos agradecimentos, subscrevemo-nos,

Atenciosamente



ABILIO GUEDES

Coord. do MOVIMENTO LIVRE DE TEATRO
Campinas

End.- R.Cristóvão Colombo, 143
tels. 2.24.66 - 8.38.08
Campinas.

Campinas, 23 de agosto de 1973

161

Ao

SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA - DF

ABILIO GUEDES, infra-assinado, responsável pelo Grupo "MOVIMENTO LIVRE DE TEATRO", com sede na cidade de Campinas vem à presença de V.Sas., solicitar a análise e posterior expedição do certificado de censura, do texto de PEDRO BLOCH, - "OS PAIS ABSTRATOS", juntando para tanto ao presente, quatro - textos da peça mencionada, juntamente com a autorização de representação da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS-SBAT.

Sem mais para o momento, antecipando nossos agradecimentos, apresentamos a V.Sas. protestos de consideração e apreço, ao mesmo tempo em que

P. e E.

Deferimento.

Abilio Guedes

ABILIO GUEDES

Enderêços para Correspondência:-

Rua Cristóvão Colombo, 143 - Tel. 2.24.66 ; 8.38.08 e 8.29.16
Campinas - S.P.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura).

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA**REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70

Nº 31026

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: *Os Pais Absolutos*

Original de *Pedro Blosch*

Música de

Tradução de

No Teatro

Cidade *Campinas*Empresa *Abilio Juedes*

Pela Cia.

nos dias

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

de *21* de *afeto* de 19 *73*

(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

TEATRO

TÍTULO OS PAIS ABSTRATOS1) S. ARQUIVO *novos*Documentação Em OrdemClas. Anterior 18 anosPraça CAMPINAS SP

Obs.: _____

DF. 29/8/73

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA *163*

Sr. Diretor

Conforme parecer
4451/73 - dezoito anos.

Em 12-9-73

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 7451/73 de 30/6/73 (18) Anos - sem condições condicionadas, submetendo ao exame geral.

Emite-se os certificados, observando a validade dos anteriores.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 12/9/1973.

Rogério Nunes

12973
M
V. F. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº

4461/43

Título: OS PAIS ABSTRATOS

Classificação Etária: 18 (DEZOITO) ANOS

- CONFRONTO -

Espécie: Peça teatral

Com cortes: Não

Boa Qualidade: ---

Livre P/Exportação: ---

Dublado: ---

Legendado: ---

Vedada a Exploração Comercial: ---

Cenas: À vista do ensaio geral

Época: Atual

Gênero: Drama

Linguagem: Comum

Tema: Social

Personagem: Inconsequêntes, desajustados, frustrados, adúlteros.

Mensagem: Negativa, com aspectos positivos.

Enredo: Gira em torno do eterno triângulo amoroso (marido-mulher-amante), e das consequências da atitude paterna no comportamento dos filhos. A peça é encenada em tres atos e neles se fazem presentes a esposa, a amante e o marido, além dos filhos, tecendo todos, ora separadamente ora em conjunto, comentários sobre a situação vivida. O marido, causador do conflito, apresenta-se sempre como:

1 - Cortes: vítima, tentando culpar todos, inclusive a própria sociedade, de suas frustrações e etc, mesmo, da ausência de comunicação existente entre ele e os filhos.

2 - Conclusão: Trata-se de peça já censurada diversas vezes e liberada para maiores de 18 anos. Confrontando os textos verifiquei identidade de conteúdo, e mesmo, que foram efetuadas algumas modificações nos diálogos tornando as situações mais amenas, assim, calcada na LEI 5.536, art. 10, opino seja mantida a mesma liberação, ou seja, proibido para menores de 18 anos.

Brasília, 06 de setembro de 1973

GRACIETE MORENO DA SILVA

DPF-507

835/73-SCTC/SC/DOMP

11/09

3

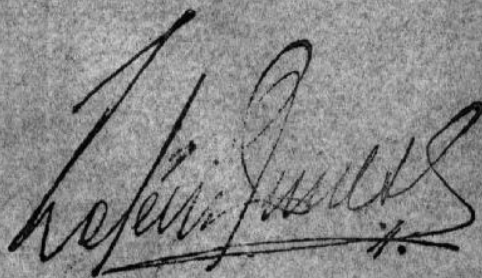
Superintendente Regional do DPF em São Paulo,

OS PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

Superintendente:

EM CAMPINAS/SÃO PAULO



FVAN/rd

OS PAIS ABSTRATOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

PEDRO BLOCH

GRUPO "MOVIMENTO LIVRE DE TEATRO" - SP -

ABÍLIO GUEDES

06

SETEMBRO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICI -
ONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALI
DADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

12

SETEMBRO

73

DEUSDETH BURLANAGUI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 238

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0001 p. 232

761/73

OS PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

04 JULHO

77

12

SETEMBRO

73

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

PROC.-	0072	MJ - DPF - DCDP ARQUIVO Nº PROTOCOLO: 51858 PRACA: 519 Cruz Sul RS JÁ LIBERADA: sim IMP. COM. MEDADE: 18 anos Nº CERTIFICADO: 761 TERMINO VALIDADE: 1 19
LIV.-	01	
PAG.-	24	
REG.-	761	

167

4 OS PAIS ABSTRATOS

Pedro Bloch

Grupo de Amadores Teatrais „Independente"

— (GATI) —

Fundado em 1.-9.-1954.

Santa Cruz do Sul - R. G. S.

Ilmo. Snr.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA - DF.

MJ-DEF-SRA/BSB

-9 SET 09 06 12 051858

RECEBIDO POR

GRUPO DE AMADORES TEATRAIS INDEPENDENTE - GATI. - sociedade

civil com Personalidade Jurídica - sediada em Santa Cruz do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, à rua Tte. Coronel Brito, 227, vem mui respeitosamente solicitar a V.S. que se digne aprovar e liberar a peça teatral: "OS PAIS ABSTRATOS", de autoria de PEDRO - BLOCH, do gênero comédia, em 2 (dois) atos, - para o que junta 3 (tres) exemplares da "Revista de Teatro", de nº 368, contendo o texto da referida peça e uma carta da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, encaminhando dita peça à censura.

N. Termos

P. Deferimento

Santa Cruz do Sul, 30 de agosto de 1975.

GRUPO DE AMADORES TEATRAIS INDEPENDENTE

Pedro Fernando Schneider
Pedro Fernando Schneider Fº
DIRETOR-ARTÍSTICO



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

169

Rio de Janeiro, 23 de Maio

de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

OS PAIS ABSTRATOS

Original de Pedro Bloch

~~Tradução de~~ Grupo de Amadores Teatrais Independentes

Próxima apresentação de Grupo Teatral acima citado

Teatro séde social Cidade Sta.Cruz do Sul

Estado R g do Sul

A estréia está prevista para 26 de setembro de 1975.-

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

Guys Pittman



TEATRO

TÍTULO

PAIS ABSTRATOS

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior

Praça

Obs.:

DF.

11/09/75

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A Seção de Expedientes, para, de acordo com o parecer 7924-75, emitir certificado com imprópriedade para menores de 18 anos, sem cortes. Teatralia condicionada ao exame do ensaio geral.

2 - Encaminhar-se a Comissão de Censura do Sr. Chefe do S.C.

Em 23-09-75

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Processo
anterior

Em, 27/09/1975

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p.244

PARECER Nº 7924 / 75

171

TÍTULO: OS PAIS ABSTRATOS - Peça Teatral de Pedro Bloch.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos - CONFRONTO:

Confrontando a presente peça com a original, já censurada e arquivada neste Serviço, constatamos semelhança de conteúdo, e a não alteração de temática, apesar de algumas alterações em diálogos.

Mantemos a mesma classificação etária, sugerida em pareceres anteriores e estabelecida em certificados expedidos por esta DCDP: proibido para menores de 18 anos.

Brasília, 18 de setembro de 1975.

Telma Cavalcante Lino.

TELMA CAVALCANTE LINO.

182

754/75-SCTC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

"OS PAIS ABSTRATOS"

"PEDRO BLOCH"

Superintendente:

Santa Cruz do Sul/RS

CH

/impr.

173

BRASIL 1975

BRASIL 1975

761/75

OS PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

25 SETEMBRO

80

25 SETEMBRO

75

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

OS PAIS ABSTRATOS

1 PEDRO BLOCH

GRUPO DE AMADORES TEATRAIS INDEPENDENTE - RS -
PEDRO FERNANDO

25 SETEMBRO

75

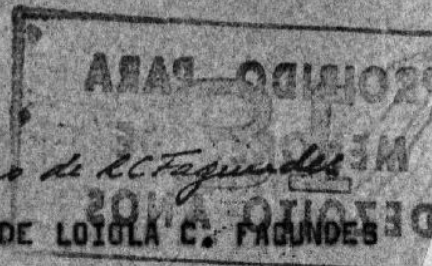
PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

25

SETEMBRO

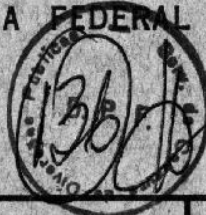
75

Coriolano de L. C. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES





Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



19. Via 132

PROC.-	72
LIV.-	
PAG.-	33
REG.-	1234

PEÇA:

OS PAIS ABSTRATOS

DISTRIBUIÇÃO

ENTRADA

06.09.71

DTCT 08.09.71

1.a C.F.

2.a C.F.

C.F.

SAIDA

TE - RAM.

DIAS.

autor: PEDRO BLOCH

Departamento de Polícia Federal



Mem. nº

/TI SCDP

Em,

/

/TI

762

16

9

138

De: Chefe da TCTE do SCDP

Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF/

Ass: Providências (solicita)

RS

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral a-baixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça:

Autor:

Intro* OS PAIS ABSTRATOS *

Endrg PEDRO BLOCH

GRUPO PRESENÇA

SANTA MARIA- RS.

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE L. CERDA

-TCTE -



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p.250

137



CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4.234/71

PEÇA == OS PAIS ABSTRATOS ==

ORIGINAL DE PEDRO BLOCH

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 15 de SETEMBRO de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 15 de SETEMBRO de 19 71

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Genivaldo
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 33, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " OS PAIS ABSTRATOS "

Original de PEDRO BLOCH

Tradução de,

Adaptação de

Produção de GRUPO PRESENÇA - SANTA MARIA /RS

Tendo sido censurada em 11 de SETEMBRO de 1971 e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS**

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 15 de SETEMBRO de 1971

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-chefe da seção de censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p.251

~~Chefe da Turma de Censores~~
~~de Teatro e Gengêner~~

1. à Secção de Censura:

Trata-se de texto liberado integralmente. A classificação etária por mont. cr.

13.9.77

Paulo Lima

MLC

Nada a opor.

Em: 14/9/77

Wiseu Mendes

Liberar-se com a restrição etária máxima.

Assaleiro
14.09.77



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



TÍTULO OS PAIS ABSTRATOS- De Pedro Bloch

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS

Peca censurada anteriormente, levando o certificado nº2630/70 e a impropriedade de 18 Anos. Sugiro que seja mantido o mesmo critério etário, condicionado entretanto ao ensaio geral.

Brasilia, II de Setembro de 71

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes
Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

Cart.020



"VARIG", S. A. - (viação aérea rio-grandense)

AEROPORTO CONGONHAS - SÃO PAULO
C.G.C. N.º 92.772.821

CONHECIMENTO AÉREO

Série "A"

290905

D. P. F.

Remetente: **Dr. Pedro Fesire Junior**

Fone:

Enderço: **Biblioteca Publica**

N.º

Apto.

Bairro:

Origem: **STª.MARIA**

Destinatário: **CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSOS**
PUBLICAS - Dep. Policia Federal

Enderço: **Edf. do B N D E 2º andar**

N.º

Apto.

Bairro:

Destino: **BRASILIA**

N.º de volumes: **1** Conteúdo: **Documentos**

declarada pelo remetente

Pêso: **0,600**

N. fiscal n.º

Valor mercadoria Cr\$

Local emissão: **Santa Maria**

Data:

31-08-71

Pêso taxado: **0,6** kgs x Cr\$

T n

p/ kg Cr\$

TARIFA APLICADA - assinalar com X

Exp ☐ Enc ☐ C. I. ☐ Ret ☐

Taxa terrestre..... Cr\$

Taxa redespacho..... Cr\$

..... Cr\$

Ad-valorem..... Cr\$

T O T A L..... Cr\$

F R E T E P A G O

4,95 5,99

3,00

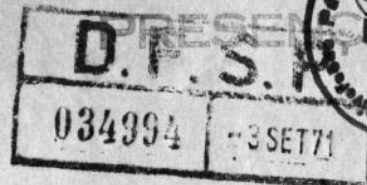
2,95 8,99

b keske

Ass. emissor:

2ª VIA - DO DESTINATÁRIO

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 254



Excelentíssimo Senhor
Chefe da Turma de Censura Federal
Brasília DF.

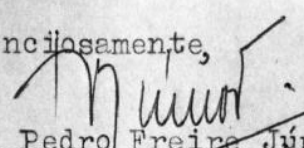
O Grupo "Presença", entidade de teatro amador, da cidade de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, vem, por este intermédio, e, respeitosamente, solicitar de Vossa Excelência, o competente exame e o fornecimento de "certificado liberatório", da peça do autor brasileiro, dr. Pedro Bloch, com o título de "Os pais abstratos".

Para tanto, conforme determina a legislação em vigor, estamos remetendo três (3) cópias da referida obra.

Solicitamos, outrossim, o obséquio da remessa dos textos censurados, bem como a autorização para representação, à Delegacia da Polícia Federal, - nesta cidade.

Santa Maria, em 23 de agosto de 1971.

Atenciosamente,


Bel Pedro Freire Júnior
Diretor do Grupo "Presença"
Santa Maria, RGS.





Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almtrante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Pôrto Alegre, agosto 26, 1971

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASILIA - DF

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de CENSURA três cópias da peça: "OS PAIS ABSTRATOS" de Pedro Bloch, Este pedido é solicitado pelo Grupo Presença de Santa Maria - RS.

Sem outro assunto, subscrevemos-nos, com a maior consideração.

SBAT
Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul

Isaac Mendel

DR. ARON MENDEL
REPRESENTANTE GERAL

PROC.-	
LIV.-	01
PAG.	24
REG.-	761
PRAÇA-	60

Pais Abstractos ✓

Pedro Bloch ✓

MJ-DPF-DCDP-SSB

22 SET 1423 003866

Anápolis, 08 de setembro de 1977

RECEBIDOR

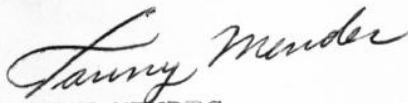
Exmo. Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor do SCDP
BRASÍLIA - DF

PREZADO SENHOR:

O signatário da presente, TAUNY MENDES, portador do Título de Eleitor nº 20.496, expedido pela 3a. Zona Eleitoral, Anápolis, GO., e Certificado de Reservista de 2ª Categoria nº 146972- Série-B, expedido pela 11a. Região Militar (TG-53), Anápolis(Go.), de nacionalidade brasileira, solteiro, residente e domiciliado em Anápolis, sita à Avenida Miguel João, 295 (Centro), respondendo no presente pela Direção Artística do Grupo Expressão Artístico-Teatral "EINSTEIN" (GREAT EINSTEIN), do Colégio Einstein de Anápolis(Go), vem, com o devido respeito e acatamento, solicitar Vossa Excelência digno conceder à equipe amadora, o devido Certificado de liberação da peça "PAIS ABSTRATOS", de autoria de Pedro Bloch, em 3 atos, estando a mesma, em anexo, em tres(3) cópias.

À oportunidade apresenta o mesmo os mais efusivos votos de felicidades à Vossa Excelência e demais funcionários deste Departamento.

Cordialmente,


TAUNY MENDES

- Diretor Artístico do GREAT EINSTEIN
COLÉGIO EINSTEIN

Caixa Postal - 355
77.100 - ANÁPOLIS - GOIÁS

TEATRO

TÍTULO O Pais AbstratosPedro Bloch

1) S.C.T.C.

Arquivo

Clas. Anterior

18

Praça

Anápolis - GO

Obs.:

DF.

29 / 9 / 77 /Calina N. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de

/ / a / /

DF.

/ /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em

de

de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de dezoito anos, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
cens., condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 11 de out. de 1977

Maíra Antêle R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: dezoito (18)

anos
Brasília-DF, 24 de out. de 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

PARECER Nº 4294 / 177TÍTULO: OS PAIS ABSTRATOS "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

AUTOR: PEDRO BLOCH

Procedido ao confronto do texto, constatamos que o mesmo corresponde ao que se encontra nos Arquivos dessa DCDP, podendo assim, receber a mesma classificação etária, ou seja, para maiores de 18 anos, condicionado ao ensaio geral.

Brasília, 10 de outubro de 1977.

Laura Bastos.

Laura Bastos.

1567/77-SCTC/SC/DCDP

10/10

7

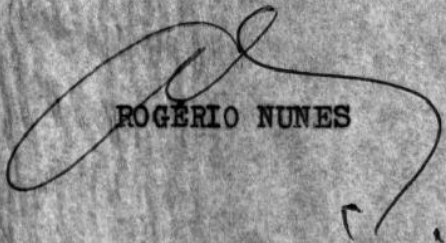
Superintendente Regional do DPF em Goiás

"OS PAIS ABSTRATOS"

Pedro Bloch

Superintendente:

GOIÂNIA-GO



ROGERIO NUNES

761/77

PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
18
DEZOTO ANOS

24

OUTUBRO

82

24

OUTUBRO

77

ROBERTO NUNES

: PAIS ABSTRATOS

: PEDRO BLOCH

GREAT EINSTEIN - GO

11

OUTUBRO

77

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

24

OUTUBRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

PROC.-	072
LIV.-	01
PAG.	24
REG.-	761
PRAÇA-	SP.

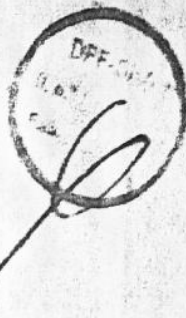
Os PAIS Abs / RA / OS

Pedro Bloch

SAL. 11.4480



-DFP-SRA/BSB

FICHA DO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

000656

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE SÃO PAULO

OF.

Em, 02 de janeiro de 1976.

Nº. 5270/76-SCDP/SR/SP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., uma via do texto das peças teatrais "OS PAIS ABSTRATOS" de Pedro Bloch, "PADRE - EU NÃO ME CASE MAIS" original de Batista Machado, "APAGA A LUZ" - E FAZ DE CONTA QUE ESTAMOS BEBADOS" original de R. Radde, "O BURRO E O BOI NO CAMINHO DE BELEM" original de Mª Clara Machado, "ELES NÃO USAM BLACK TIE" original de G. Guarnieri, "RASHOMON" original de Akutagawa Ryunosuke, "SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO" original de W. Shakespeare.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

Assinatura de José Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGERIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

B R A S I L I A / D F .

Assinatura de Manoel Francisco Clave y Guido
Manoel Francisco Clave y Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

aprovando os novos Estatutos da SBAT, marcou sessão extraordinária do Conselho Deliberativo para a próxima terça-feira, dia 18, às 16,30 quando será examinada e aprovada a matéria restante, constante do expediente. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão.

ATA DA REUNIAO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA NO DIA 18 DE MARÇO DE 1969.

Cumprindo a convocação da presidência, reuniu-se o Conselho Deliberativo da SBAT, em sessão extraordinária, às 16,30, sendo a presidência ocupada pelo Cons. Paulo de Magalhães, que convidou para secretário o Cons. Geysa Boscoli, e Djalma Bittencourt como assessor. O presidente Paulo de Magalhães pede que se consigne em Ata um voto de profundo pesar pelo falecimento do jornalista e escritor Paulo Filho, Diretor do Correio da Manhã, o que foi aprovado por unanimidade. A seguir, passando-se à leitura do expediente, foram examinados os pedidos de transferência para a categoria de SÓCIO EFETIVO, dos Consócios LAJOS NAGY e JOÃO PEREIRA DAS NEVES FILHO (JOÃO DAS NEVES), o que, depois de cumpridas as formalidades legais, foi aprovado. O presidente Paulo de Magalhães resalta perante o Conselho o estado de saúde do presidente Joracy Camargo, ainda acamado, sob cuidados médicos, mas com excelentes possibilidades de recuperação imediata, voltando ao convívio amigo desta Casa. Declara, ainda, que tendo a sessão extraordinária do Conselho cumprido sua pauta, entregaria a presidência ao Conselheiro Geysa Boscoli para prosseguir a Assembléia Geral que estava discutindo e aprovando os novos Estatutos da SBAT, já, agora, na sua parte final. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

ATA DA SESSÃO DE DIRETORIA E CONSELHO DELIBERATIVO, REALIZADA NO DIA 1 DE ABRIL DE 1969

Ocupando a presidência o Cons. Paulo de Magalhães abriu os trabalhos, convidando para secretário o Cons. Nelson de Abreu e como Assessor o Consócio Djalma Bittencourt. Procedida a leitura da Ata da Sessão anterior, foi aprovada sem restrições. Passando-se a interesses gerais, foram apreciados os requerimentos de: JOSÉ ILCLEMAR NUNES FER-

REIRA, OSVALDO JOSÉ DA SILVA, SIDNEY GIOIELLI, ANTONIO BRASSOLATTI, DANTON PEDRO SALA JUNIOR, JOHN DYALL PROCTER, FRANCISCO LUIZ GONÇALVES, MARIA SALET DE CARVALHO, JOSÉ ROBERTO SILVEIRA FILHO, NILTON MARTINS FERREIRA e RICARDO GÊA SILVA, que passaram a pertencer ao quadro de sócios administrados da SBAT, na forma dos Estatutos vigentes.

Usando da palavra o Cons. Geysa Bôscoli propõe um voto de congratulações com o Cons. e grande Ator Procópio Ferreira pelo êxito que vem obtendo como primeira figura da peça O AVARENTO, em cena no Teatro Princesa Isabel, voto que foi aprovado por unanimidade. Ainda com a palavra o Cons. Geysa Bôscoli manifesta sua estranheza pelo fato de não ter sido solucionado pelo Sr. Governador do Estado o assunto das subvenções destinadas às Companhias teatrais do Rio de Janeiro, apesar do noticiário de jornal tratando do caso, tanto mais que a SBAT se dirigiu a S. Excia., em ofício, sem obter qualquer resposta. Propôs e foi aprovado que a SBAT voltasse ao mesmo assunto já agora juntando cópia do telegrama dirigido ao Sr. Secretário de Turismo, confirmando os oferecimentos da SBAT no sentido de colaborar no Plano onde fôsse de sua competência. E nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos.

ATA DA SESSÃO DE DIRETORIA, CONSELHO DELIBERATIVO E SÓCIOS, REALIZADA NO DIA 8 DE ABRIL DE 1969

O Cons. Raymundo Magalhães Jor., na qualidade de Presidente, em exercício, no impedimento do titular, por motivo de saúde, abriu a Sessão convidando para Secretários os consócios Paulo de Magalhães e Djalma Bittencourt. Lida a Ata da Sessão anterior, foi esta aprovada sem discussão. Passando-se ao expediente, foi apreciada e aceita a proposta de admissão do Sr. JORGE COUTINHO, como sócio Administrado. O Cons. Magalhães Jor. propôs um voto de congratulações com o consócio Ariano Suassuna pelo êxito da filmagem de sua peça teatral, já consagrada em representações públicas. — "O AUTO DA COMPADECIDA". E nada mais havendo a tratar e tendo em vista a necessidade de tempo para ser reiniciada a Assembléia Geral destinada especificamente a tratar da discussão e reforma dos Estatutos, o Sr. Magalhães Jor., convidou o Cons. Geysa Bôscoli a assumir a presidência dos trabalhos da Assembléia Geral, dando como encerrada a sessão.

"OS PAIS ABSTRATOS"

DE
**PEDRO
BLOCH**

PEDRO BLOCH
À SUA IMAGEM
E GRANDEZA

VAN JAFÁ

Com *Os Pais Abstratos*, Pedro Bloch atinge novas culminâncias de sua carreira de dramaturgo. Não diríamos o seu clímax porque acreditamos ser Bloch daqueles que batem sempre seu próprio recorde. Tendo como premissa um tema de palpitante atualidade, encarado de maneira adulta e profunda, abordando tipos que são arquetipicamente exatos em seu desenvolvimento e sua maneira de ser, consegue Bloch, desta feita mais do que sempre, como diz Jorge Amado, empolgar os intelectuais e o povo, falar à inteligência e ao coração.

Se, por um lado, teatralmente, logra o autor de tantos êxitos



mundiais, alcançar plenamente o coração e a mente da platéia, por outro, psicanalistas do maior gabarito (Ernesto La Porta, Danilo Perestrelo e muitos outros) se entusiasmaram com *Os Pais Abstratos* a ponto de reprisarem o espetáculo que aborda a família eletrônica de nossos dias.

A platéia se identifica com o que os personagens dizem e com o que os personagens calam. Não é preciso, de maneira alguma, colocar-se na pele dos tipos criados por Bloch para sentir seus conflitos. É que eles representam, cada qual à sua maneira, o mundo caótico em que vivemos.

O Danilo, frustrado e dominado por uma engrenagem que (se não houver algo que o liberte) também atingirá os filhos, procurando encontrar-se das formas mais cômicas e trágicamente humanas é um desses tipos que ficam para sempre com o espectador. Renata, a esposa que erra emocionalmente, procurando formas elevadas de fuga (arte, cursos, cerâmica, etc...) representa bem a frustração de nossos tempos astronáuticos e cibernéticos, com tanta máquina e tão pouco amor autêntico.

Denise, para os analistas primários, será o terceiro lado do triângulo. Na realidade ela é um desdobramento da própria Renata, é a Renata dos primeiros tempos, do tempo dos poemas e da ternura, quando Danilo sonhava conquistar o mundo, realizar-se, criar, ser ele mesmo, o dono de seus sonhos e de suas realidades. O triângulo de *Os Pais Abstratos* é Danilo, Renata e o Mundo, Danilo, Renata e a Vida Eletrônica, Danilo, Renata e o Homem na Lua.

Os filhos são tratados de acordo com o que mandam as "boas regras" e os bons sentimentos, a boa formação e os *slogans* consagrados dos dias que vivemos, Estão em colégios magníficos, cercados de assistência psícope-



OS PAIS ABSTRATOS

Esta comédia de Pedro Bloch teve sua estréia mundial em Helsinqui (Finlândia) e nacional, no Teatro Martins Pena, de Brasília, em 20 de julho de 1966 numa produção do Teatro Princesa Isabel do Rio, deixando o êxito assinalado por uma placa de prata naquela casa de espetáculos. Sua primeira no Rio, deu-se no Teatro Princesa Isabel, em 9 de agosto de 1966 com Jorge Dória, Glaucê Rocha, Darlene Glória, Luis Guillermo e Adriana. Direção de J. Bethencourt e cenário de Pernambuco de Oliveira.

Depois de vitoriosas temporadas nesta casa e no Serrador, excursão pelo Norte do País, o original de Pedro Bloch (hoje traduzido para vários idiomas) estreou com enorme entusiasmo das platéias e da crítica, em Portugal, sendo o papel de Denise ali interpretado por Ana Maria Nabuco. Mais tarde

dagógica, compreendidos em seus problemas por gente capacitada.

Os *Pais Abstratos* cumpre, em gabarito maior, o que já havíamos acreditado de sua *Amor a Oito Mãos*, que na Espanha já ultrapassou das 200 representações consecutivas.

E não errávamos quando afirmávamos tratar-se de uma das melhores comédias dos últimos tempos em qualquer latitude.

Os *Pais Abstratos* é das raras peças produzidas mundialmente que refletem, realmente, o momento que vivemos, sem doutrinações, sem gritos histéricos, sem acusações pleonásticas, mas fazendo com que cada um sinta que a bomba atômica está dentro de cada um de nós, que enquanto não nos reformarmos paralelamente à reforma da vida e dos erros universalmente consagrados de nada valerá a luta pela realização: não é preciso construir um *robot*, um homem-mecânico. Nós já o construímos a custa de nossa alma plástica, de nossos condicionamentos, de nossos erros.

Tudo isto para dizer que *Os Pais Abstratos* gerou reações admiráveis em todos os cantos em que é conhecida.

É o dramaturgo quem confirma quando afirma:

"Um escritor, especialmente um dramaturgo, por mais êxito que tenha fora do seu país, quer sentir a reação de seu povo em sua língua. De tudo isso o que mais me alenta e satisfaz é verificar a acolhida da crítica e do público. Considero o atual espetáculo do Princesa Isabel como uma das melhores encenações de peça minha no Brasil. Talvez, por isso mesmo, ela transmita sem excessos e com enorme dignidade o que penso, sinto e quiz dizer".

Isto vem conferir com o que sempre dissemos. Pedro Bloch tem sido, muitas vezes, entre nós, um autor à espera de uma encenação à altura de sua obra. E a tem com *Os Pais Abstratos*.

Leda Vale passou a interpretar o papel de Renata, criado por Glauce Rocha, enquanto o de Denise teve mais duas intérpretes: Thais Moniz Portinho e Georgia Quental.

O papel das crianças, quando feito ao vivo, teve inúmeros intérpretes, sendo as mais constantes Monique Lafond e Luis Guillermo.

Uma primeira versão de "Os pais abstratos" foi publicada pela Editora VOZES.

SÓBRE OS PAIS ABSTRATOS

"Excelente comédia, viva e atual, em fundo e forma. Espetáculo para qualquer plateia, adulta ou juvenil. É sobretudo um conflito humano que toca profundamente".

(Accioly Netto, "O Cruzeiro")

"Glauce Rocha, Darlene Glória e Jorge Dória, além dos atores juvenis, estão excelentes nesta obra moderníssima, a melhor de todas quantas já produziu Pedro Bloch.

("Querida")

Pedro Bloch é um dos três ou quatro autores de teatro profissionais que este país possui. Seus diálogos são tão bons que só podem ser comparados com os de Nelson Rodrigues dos primeiros tempos.

(Fausto Wolff, "Tribuna da Imprensa")

"Das peças de Pedro Bloch que conhecemos esta é a melhor".

(Henrique Oscar, "Diário de Notícias")

"O atual cartaz é uma peça de Pedro Bloch. O que equivale a dizer sucesso de bilheteria".

(Martim Gonçalves, "O Globo")

"É uma peça que todos devem ver, de autoria deste homem sensível e genial que é Pedro Bloch. Extraordinária!"

(Ofélia Boisson Cardoso, "Jornal do Brasil")

"O diálogo desta peça é simplesmente esplêndido. Aplaudimos entusiasticamente autor, intérpretes, diretor e cenário".

(Marcos André, "O Globo")

"In the early days of this column, the following words were written: — Pedro Bloch is one of the leading contemporary play-writers in Brazil, today, the most prolific and probably the best". "The abstract Parents" is his best work. He and his actores deserve a special place in the panorama of Brazilian theatre".

(John Procter, "Brazil Herald")



1.º ATO

CENÁRIO

O palco é utilizado de tal maneira que três ambientes possam ser destacados e isolados ou reunidos num único, dando a impressão de se tratar do mesmo "living". Uma rotunda ou esquematismo moderno podem servir, de acôrdo com a imaginação do cenógrafo.

A esquerda do espectador temos um "living" de casa de recursos; no centro do palco uma poltrona tipo "relax" e um abajur permitem a criação de um segundo ambiente, embora se sinta que pertence a todos, podendo a eles ser fundido; à direita do palco teríamos como que um jardim de inverno do ambiente da esquerda e que será um outro "living", quando necessário. Em certas cenas, porém, tudo pode funcionar como um cenário único. Deve-se evitar qualquer idéia de "realismo". No cenário a tela de projeção dos "slides" deve estar disposta de maneira funcional, sem ferir a "unidade".

O sistema de som deve ser perfeito. Alto-falantes de ambiente e da platéia.

Várias partes do ambiente geral servirão de telas de projeção dos "slides" indicados no decorrer da comédia, em certas soluções cenográficas. Na versão brasileira utilizamos uma tela angular única com a projeção feita de um dos cantos do palco.

ÉPOCA: ATUAL

(Antes de abrir o pano) (Ouve-se umas notas de música eletrônica).

VOZ DE ADULTO: (VINDA DE UM ALTO-FALANTE): Atenção! Pede-se o comparecimento urgente do Dr. Danilo, sala de reuniões da diretoria no segundo andar. Urgente!

(Entra música tipo Beatles)

(A imagem dos Beatles com as medalhas que receberam da Rainha é projetada na tela)

VOZ DE CLARICE: — Atenção! Chamando os brotos, chamando todos os brotos. Quem tiver retrato dos Beatles, é favor avisar com urgência para Clarice. Atenção! Só serve Beatles ingleses.

(Ouve-se um ruído de frequência que sobe como um foguete).

VOZ DE DINHO: — O pai de Virgílio é um sujeito fabuloso.

VOZ DE CLARICE: — O pai de Rogério é campeão submarino.

VOZ DE DINHO — O pai de Ronaldo é astronauta, mora...

(Ouve-se um ruído de frequência que desce)

(Após algum tempo de música bem romântica) (Projeta-se um quadro abstrato)

VOZ DE DINHO — Este é o retrato de papai...

(Projeta-se outro quadro abstrato)

VOZ DE CLARICE — E este é o retrato de mamãe...

VOZES DE DINHO E CLARICE — Abstratos, naturalmente.

(O tema romântico sobe e se mantém até o aparecimento de Danilo, quando decresce suavemente).

PRIMEIRO QUADRO

RENATA, mulher de seus trinta e poucos anos, está tomando café sôzinha, com um "peignoir", numa mesa de dois lugares que pode ser recanto de living moderno ou mesa de jogo. Enquanto bebe está lendo um jornal dobrado à sua frente e encostado no bule. É uma mulher interessante, de expressão firme. As coisas mais sérias ou trágicas adquirem em sua boca uma "desvalorização irônica", como se não as tomasse muito em conta. Na realidade, sente o que diz e sofre os problemas que simula "ignorar".

DANILO, entra da rua, de "smoking". Aquele hora da manhã (devemos estar por volta das dez) o traje solene parece insólito. Entra, sem que ela erga os olhos do que está lendo e sem que ele ensaie, sequer, um cumprimento. Com um arranque brusco, num golpe só, ele tira o jornal que RENATA está lendo e vai começar a folheá-lo numa poltrona, enquanto boceja de sono. O curioso é que ela continua impassível, sempre "lendo" o bule, como se o jornal continuasse ali. Ao fim de alguns segundos,

sem olhar para ele, considerando-o um homem invisível, RENATA lhe arranca, dum golpe, o jornal, tal qual ele havia feito e o repõe no lugar anterior, continuando a leitura e o café.

DANILO nem volta a cabeça para verificar o que ela está fazendo, porque aquilo deve ser coisa usual, trivial, despidida de qualquer surpresa.

Pouco depois ele se ergue, vai à mesa, analisa o que ali se encontra e pega uma torrada de um prato, que ela empurra logo para ele, como se quizesse estabelecer fronteira. DANILO vai tornar a pegar o jornal mas ela opõe resistência, puxando-o pelo outro extremo.

DANILO — É só pra ver a cotação do dólar.

RENATA — Dois mil, duzentos e vinte.

DANILO (**Espantado**) — Desde quando é que você se interessa pela cotação do dólar? (**Ela não responde. Pausa**) É. Precisamos de duas assinaturas de cada jornal.

RENATA — Eu precisava de duas assinaturas de marido, também.

DANILO (**Depois de olhar a mesa**) — Não tem manteiga? (**Ela não responde**) Só porque você está fazendo dieta não é motivo pra não se comprar mais manteiga nesta casa.

RENATA (**Com ironia tranquila**) — A dieta é sua, lembra?

DANILO (**Cai em si**) — Ah! (**Pausa**) Dois mil duzentos e vinte. É muito?

RENATA — Muito o que?

DANILO — O dólar.

RENATA (**Com "dôce" paciência**) — Danilo, você ainda não reparou que está com cara de um monumental pileque?

DANILO — Estou?

RENATA — E somente uma prostitutazinha poderia lhe deixar esse horroroso perfume de mercado de peixe.

DANILO (**Inocentíssimo**) — Você não gosta de peixe?

RENATA — Não pra perfume.

VOZ DE DENISE (**Em gravação**) — Está vendo, Danilo? Ela tem mania de me chamar de prostituta.

VOZ DE DANILO (**As vozes são quase sussurradas**) — Ora, Denise. Você já não sabe como ela é?

DANILO (**Procura cheirar sua roupa e faz um gesto de dúvida. Pausa**) — Ela não é prostituta.

RENATA — Não adianta, Danilo.

DANILO — O que?

RENATA (**Quase declamando**) — Fugir. Se você pensa que, de repente, pode virar Robinson Crusó e construir uma cabana numa ilha deserta...

DANILO — Está vendo? Você consegue transformar as situações mais sérias em coisas ridículas.

RENATA — É que elas são ridículas.

DANILO — São agora! Antigamente você não pensava assim.

RENATA — Antigamente você não era ridículo.

DANILO — Fazia as coisas mais absurdas.

RENATA — Você é que pensa!

DANILO (**Quase repugnado**) — Andava até de mãozinha dada com você.

RENATA — Não era ridículo.

DANILO — Florinha de beira de estrada... Até puritano eu era! Você entende?

RENATA — Razoavelmente.

DANILO — É. Naquele tempo eu não era ridículo. Claro que não era como o Fred.

RENATA — Outra vez, Danilo?

DANILO — Você... martelando as virtudes dele dia e noite.

RENATA — Creio que só falei em Fred, na sua frente, meia dúzia de vezes, em treze anos.

DANILO — Tudo o que você dizia ou fazia comigo era sempre em termos de escala. Você me julga sempre em unidades-Fred.

RENATA — Querido, com o dólar a 2.220, não pretendo curar os seus complexinhos.

DANILO — O Fred não pode ter sido um sujeito tão formidável assim. Foi?

RENATA — Depende do que você chama de formidável.

DANILO — Então não entendo porque você me preferiu a ele.

RENATA — Você não foi uma escolha, Danilo. Foi uma reserva moral.

DANILO — Conheço gente como Fred! Campeões de coisas inúteis: caçadas na África, pesca submarina, boliche... Iate! Enchia aquilo de mulheres... Diziam que até você andava em bruta farra no iate dele...

RENATA (**Sereníssima**) — É verdade.

DANILO — Verdade que diziam ou verdade que você andava?

RENATA — O que é que você acha?

DANILO — Você andava, Renata?

RENATA — A esta altura dos acontecimentos é que você vem perguntar, Danilo?

DANILO — Que altura?

RENATA — Depois de quatorze anos de casamento e com dois filhos no ginásio? (**Pausa**). Você ainda quer manteiga?

DANILO — Tem?

RENATA — Na gaveta dos legumes.

DANILO — Engraçado!

RENATA — Por que?

DANILO — Você se importa mais com o meu colesterol do que comigo.

RENATA — Se eu pudesse evitar que você comesse outras coisas, além de manteiga, também evitaria.

DANILO — Antigamente parecia que, quando viessem os filhos, tudo passaria a um plano secundário.

RENATA — Os filhos não bastam.

DANILO — Como se a gente pudesse se realizar nêles...

RENATA — É, não é?

DANILO (Assombrado) — Marcianos. Ando desconfiado que tôda essa garotada, sôlta no mundo, veio de outro planeta. O dicionário é o mesmo, mas a língua é outra. Geração nova cada dez meses. Não entendo. Pega o Dinho, por exemplo. A impressão que eu tenho é que Dinho... tem assim... uma espécie de vergonha — de mim.

RENATA — Por que será, hein?

DANILO — O menino vive falando nos pais de todo mundo. Porque o pai de fulano isso... porque o pai de sicrano fez e aconteceu. Fala até do Ferreira, que nem pai é. Tem filho adotivo.

RENATA — O "Dinho" é um menino especial.

DANILO — Ele nunca me disse: "Papai, vou ser como o senhor!"

RENATA — Sorte, não é, Danilo?

DANILO — Eu não queria que ele fôsse como eu. Queria que ele quizesse ser o que eu gostaria de ter sido, entende?

RENATA — Mais ou menos.

DANILO (Chateado) — Ele nunca me perguntou o que eu gostaria de ter sido.

RENATA (Com paciência) — E o que é que você gostaria de ter sido?

DANILO — Sei lá! O problema não é êsse! Não basta a gente mudar por fora.

RENATA — Você acha?

DANILO — É muito fácil ser alguém quando a gente acredita em alguma coisa. Com um motivo, qualquer calhorda pode ser herói. Difícil, é ser calhorda sem motivo.

RENATA — Não seria bom você tomar um banho quente, descansar?

DANILO (Alheio) — O Dinho nunca me pediu para lhe explicar nada.

RENATA — Parece que as crianças de hoje sabem tudo.

DANILO — Nem sexo. Nada!

RENATA — Os meninos de hoje explicam a você.

DANILO — Você acha que foi boa essa idéia de internato?

RENATA — Péssima.

DANILO — Então?

RENATA — Que é que você iria dizer ao

Dinho se ele encontrasse você nessa hora de smoking?

DANILO — Black-tie agora é defeito?

RENATA — As dez horas da manhã... é!

DANILO — E Clarice?

RENATA — Se você estiver por aqui, pode vê-la nas férias.

DANILO — De que é que você está escondendo os meninos? Não adianta. Eles não vão viver no mundo de padres e freiras...

RENATA — Não quero protegê-los do mundo, Danilo. Quero protegê-los de nós.

DANILO — Nós?!

RENATA — Está vendo? Sou uma esposa original. Não boto a culpa sômente em você. Os psicólogos falam em muralhas entre nós e as novas gerações: o muro da vergonha.

DANILO — Por falar em psicólogo. O que foi que a dona...

RENATA — Não interessa o que ela disse. Ela também não é desta geração. Os meninos deviam era escrever um tratado para nós, Danilo. É isso que eu penso. E é por isso que não me meto na vida deles.

DANILO (Acabou de pegar num cinzeiro, admirado) — Nós tínhamos êste cinzeiro?

RENATA — Fui eu que fiz.

DANILO — Bonito, hein!

RENATA — Também estou fazendo curso de História da Arte.

Pausa. DANILO a olha espantado.

Teve uma moça que não sabia que a Mona Lisa era a Gioconda. Tinha visitado o Louvre e não sabia.

DANILO — Mentira!

RENATA — E quando o Cavalcanti explicou: "Mas se você estava no Louvre, por força deve ter visto a Gioconda!", ela respondeu: "Vi, sim. Só que agora, não estou ligando o nome à pessoa".

DANILO — (Ri)

RENATA — Que sujeito fabuloso era o Da Vinci! Descobriu tudo antes de ser descoberto.

DANILO — Nós vimos no Museu em Milão não lembra? Até expliquei a...

RENATA (Cortando) — Uma coisa de não se acreditar. Paraquedas, avião, submarino, escafandro, bomba atômica... Não, que tolice!

DANILO — Ficamos parados quase duas horas diante da Gioconda.

RENATA — E o escândalo que você fez no "Louvre". Lembra?

A "Gioconda" é projetada em slide colorido e eles revivem a cena em gravação. Ficam parados, a cena na penumbra.

DANILO Explodindo) — Você não está cansada de vêr esta porcaria em tudo que é slide e revista?

RENATA — Mas esta é a verdadeira, Danilo!

DANILO — E daí? Ver o que? Adianta?

RENATA — Se você não sente nada, diante disso, deixe ao menos que eu sinta...

DANILO — Não sinto nada? Posso dar um curso completo sobre Leonardo.

RENATA — A frio, Danilo. Agora, quando você quiser conhecer Da Vinci, deixa eu olhar o quadro e olhe pra mim...

A cena volta à realidade, o SLIDE desaparece e...

RENATA — A gente nunca devia ser especialista em coisas que não ama.

DANILO — O Dinho nunca me perguntou se eu já tinha visto a Gioconda.

RENATA — A propósito de que ia ele perguntar isso?

DANILO — Pensando bem... acho que nunca me perguntou nada.

RENATA — Pra não amolar. O Dinho vai direto à Enciclopédia.

DANILO — Que enciclopédia! Sempre me considerou uma besta!

RENATA — O Dinho?

DANILO — Me considera analfabeto de pai e mãe!

RENATA — Você sabe muito bem que não é isso.

VOZ DE DINHO (Em gravação) — É sim. Quadrados. Vocês são todos uns quadrados!

DANILO — Esses projetos de gente se trancam de um jeito que a gente acaba vivendo em casa com desconhecidos. Pra saber o que se passa em minha própria casa tenho que telefonar pro vizinho, porque aqui o telefone está sempre em comunicação.

RENATA — Se você tivesse pedido à sua amante pra não passar trotes e não vomitar uma centena de palavrões sujos contra mim, todos os dias, saberia por que aqui em casa o telefone vive desligado.

DANILO — Denise seria incapaz! Você, agora, não vai...

RENATA (Cortando) — Quem provocou foi você. Pensa que um menino de doze anos não capta as coisas no ar? Dinho é muito sensível. Se você tivesse lido os poemas dele...

DANILO — Poemas?!

RENATA — Sim. Poemas.

DANILO — Poemas... de quem?

RENATA — De Dinho.

DANILO — E desde quando é que Dinho faz poemas?

RENATA — Sei lá! Encontrei num caderno.

DANILO (Intrigadíssimo) — Poemas?

RENATA — De amor.

DANILO — Está vendo? Até poemas se faz nesta casa sem eu saber.

RENATA — Teve um que eu até gostei muito: "Sou uma ilha deserta cercada de gente por todos os lados."

DANILO — E isso é poema?

RENATA — Comêço, não é?

DANILO — Não vai me dizer que Clarice também escreve poemas.

RENATA — Não. (Pausa) Coleciona retratos de artistas.

DANILO — Artista homem?

RENATA — Só artista homem. Não é natural?

DANILO — Com onze anos não é natural. Se você, em vez das cerâmicas, tomasse conta de seus filhos e deixasse em paz o Leonardo da Vinci — um bastardo homossexual muito vagabundo — veria que não pode ser natural.

RENATA — Na Índia meninas de onze anos se casam.

DANILO — Na Índia as vacas são sagradas. E daí?... (agita-se e repete irado) "Ilha cercada de gente por todos os lados". "Ilha!"

RENATA — Não era melhor você emigrar dessa ilha e telefonar para o escritório?

DANILO — Ué! Já ligaram?

RENATA — Natural, não é?

DANILO — Natural, por que?

RENATA (Crítica) — Não era hoje a reunião de Diretoria?

DANILO — E desde quando a diretoria da fábrica precisa de mim para se reunir?

RENATA — Danilo!

DANILO — Não vamos começar isto de novo... Já sei que teu pai é um sujeito fabuloso! Fantástico! Self-made-man! Se fêz por si mesmo à custa de cinco mil cretinos.

RENATA — Era hora de você se agarrar a isso.

DANILO — Quando quis casar com você, ele pensou que eu estava de olho na fortuna dele, não pensou?

RENATA — Penso.

DANILO (Irritando-se pouco a pouco) — Me coloca na firma, me dá meia dúzia de ações, põe meu nome na tabuleta da porta, na lista dos diretores e pronto. Supervisor técnico! Nunca ninguém me pediu pra ver nada. Nunca me falaram em técnica alguma.

RENATA — Era uma maneira delicada de papai dar a você um ordenado astronômico, guardando as aparências, não é?

DANILO — Fábrica eletrônica. Todos sabem perfeitamente que não sei distinguir uma válvula de uma lagosta.

RENATA — Todos sabem.

DANILO — Teu pai, o "grande" Giacometti, nunca aceitou um convite nosso para jantar, aceitou?

RENATA — Falta de tempo.

DANILO — Pois sim! É que ele deve sofrer com os cristais pagos pelo dinheiro dele, com as louças dele, os vinhos dele, os talheres dele, tudo dele!... Não tenho culpa de ele ter chegado como imigrante de bunda de fora e ter enriquecido da noite pro dia.

RENATA (Paciente) — Não foi da noite pro dia. Você sabe, perfeitamente, o que isso custou a papai.

DANILO — E depois... aquela gente. Cambada de incompetentes! Como é que você quer que eu trabalhe naquele inferno?

RENATA — Todos trabalham.

DANILO — Os papéis nunca chegam à minha mesa. Correspondência é só de cartões de Natal. Todo o dia as mesmas caras, o mesmo horário, a mesma...

RENATA — Você está lá?

DANILO — Como é que você quer que eu esteja, se Giacometti não deixa ninguém respirar? Self-made-man. Só porque um desgraçado tem uma fábrica eletrônica não é motivo para que os alto-falantes vivam perseguindo você até no banheiro, como no aeroporto.

ALTO-FALANTE: (Gravação) — Queiram voltar aos seus lugares imediatamente! Voltar aos seus lugares, por ordem do comendador Giacometti. Por ordem do comendador Giacometti...

DANILO (Fala em cima do texto do Alto-Falante, logo após o "Imediatamente", procurando sobrepujar a voz) — Às vezes penso que vou amarrar o cinto de segurança.

ALTO-FALANTE: (Gravação) — O sr. Giacometti acaba de chegar...

OUTRA VOZ (Gravação) — O sr. Giacometti acaba de sair...

TERCEIRA VOZ (Gravação) — O Sr. Giacometti está na sala "B"... O Sr. Giacometti... (Em câmara de eco) Giacometti... Giacometti... metti... metti... metti

DANILO (Fala ao mesmo tempo que o Alto-Falante, dizendo coisas diferentes como:) — O sr. Giacometti está em conferência... O sr. Giacometti manda avisar... o sr. Giacometti mandou despedir... o sr. Giacometti...

RENATA — Que é que você quer? Grandes empresas precisam de organização!

DANILO — Organização?! Você se sente espionado até quando está trancado sozinho na sala... Pareço ver Giacomettis em todos os cantos. Até TV de circuito fechado o desgraçado instalou... E quando os alto-falantes não comandam aquelas ordens cretinas vem aquela maldita música funcional (Ouve-se música suavemente) interrompida pelo relógio eletrônico que dá a hora certa a cada cinco minutos... (Notas musicais "Eletrônicas" seguidas e misturadas com voz metálica em "Câmara de eco"

anunciando: "São dez horas e cinco minutos... são dez horas e dez minutos... são dez horas e quinze minutos... são dez horas e vinte minutos...") (Vão sumindo gradualmente dentro da fala de Danilo) ... Portura chinesa com música de relax... Você mesma está vendo! Agora quis instalar teleescaner em toda parte; no carro, em casa, em tudo. Para poder ditar suas leis, aqui dentro, também.

RENATA — O fato concreto é que você não foi à reunião da diretoria.

DANILO (No auge da irritação) — Reunião de diretoria! Ninguém me dá a palavra, ninguém me pergunta nada, nunca há uma cadeira sobrando para mim e ninguém se preocupa com a minha presença. Quando estou ninguém percebe, quando não estou — todo mundo reclama... "Ilha deserta"... (Disca o telefone e procura falar com calma). Alô!... Está boa, Tereza? (...) Bem, quer ligar pra sala de reuniões? (...) Ordem de que?... Mas sou eu, Tereza! O Supervisor-técnico! Danilo. (...) Sei. Obrigado. (Desliga) O sr. Giacometti mandou dizer que esperou hora e meia pela minha chegada.

RENATA — Está vendo? Esperaram.

DANILO — E você acredita numa mentira dessas? Foi um deles que atrazou. Por mim ninguém espera.

RENATA — Pelo menos foi delicado o papai mandar dizer isso.

DANILO — E a delicadeza foi por mim? Quando aqueles crápulas não me magoam é só com medo de ferir você de tabela.

RENATA — Assim não há argumento.

DANILO — Vai dizer que não é verdade!

RENATA (Pacientíssima) — Danilo, você chegou da rua, às dez horas da manhã, de smoking, bêbado, de sua farra, de sua amante, de sua vida de doido. Telefona para a sua fábrica...

DANILO — Sua!

RENATA — ...a repeito de uma reunião marcada para duas horas antes. Todos esperaram pelo senhor e o senhor é que fica furo? É o cúmulo, não é?

Toca o telefone.

RENATA (Atendendo) — Alô?... Pode ligar... Dinho?... Como é que você está, meu filho? (...) Ótimo, tudo bem.

DANILO (Inconformado) — "Ilha cercada de gente..."

RENATA (Ao fone) — Você esqueceu os tênis, sabe?... Não. Mando pelo chofer... Telefone de quem?... Ah, sim! 57-5843. Está bem, "Ciau". Outro pra você. (Desliga).

DANILO (Após pausa expressiva) — Não perguntou por mim, perguntou?

RENATA — Estava preocupado.

DANILO — Lembrou do tênis, não foi?

RENATA — Danilo, tenha a santa paciência!

DANILO — Não tem problema! Estou acostumado.

RENATA — Como é que você queria que ele perguntasse por você, se você, a estas horas, devia estar na fábrica?

DANILO — O Dinho está cansado de saber que nas horas em que eu devia estar na fábrica, eu nunca estou na fábrica.

RENATA (Resignada) — Está bem, Danilo.

DANILO — É pra que diabo queria ele o telefone do Fred?

RENATA — Como é que você sabe que era do Fred?

DANILO — Não ouvi? Não sei?

RENATA — Quer ajuda para uma composição que precisa fazer: "Imperadores Romanos".

DANILO (Entre surpreso e magoado) — E a título de que o Fred há de entender mais de "Império Romano" do que eu?

RENATA — É que o menino pensou que o Fred poderia...

DANILO — Já sei o que o menino pensou: "O idiota do meu pai nunca ouviu falar em Rômulo, Remo, a Loba, Marta e Rea, Numitor, rei de Alba, Monte Palatino! O que é que meu pai entende de Marco Aurélio e toda aquela cambada de vigaristas? Papai entende é da porcaria do uísque! Cesar e Cleópatra, para a bês-ta do meu pai, deve ser fita de Elizabeth Taylor". "Ilha cercada de gente"!... Então esse calhorda não sabe que eu defendi tese de Direito Romano? Que já lecionei História Universal.

RENATA — Agora você podia tomar um café.

DANILO (Prova de uma xícara que Renata deixou a meio e faz repulsa com a bôca) — Píffff! Está gelado.

RENATA — Dêsse, não, Danilo. Eu esqueço.

RENATA — Danilo, só quero que você sinta que compreendo, perfeitamente, os motivos de todas essas loucuras que você vem cometendo ultimamente.

DANILO — Você diz isso porque sabe que o que mais me irrita é justamente essa complacência. Eu preferia que você explodisse. Seria mais honesto.

RENATA — A humanidade se divide em gente que explode e gente que engole. Eu sou das engolidoras.

DANILO (Magoadíssimo) — Você sabe muito bem que vocês não tiveram um gesto... uma atitude... de respeito... de...

RENATA — Você não sabe o que está dizendo.

DANILO — Tudo. Até as passagens da lua de mel estavam compradas. Hotéis reservados, contas pagas. Anel de noivado. Tudo.

VOZES NO ALTO-FALANTE: (Em gravação) — Não é preciso pagar nada, senhor. É só rubricar. (Câmara de eco) Rubricar... bricar... car... car... car... car...

RENATA (Fala, mal o alto-falante termina a primeira frase) — Você ainda se lembra disso?

DANILO — Você sabe que não me casei com você por dinheiro.

RENATA — Sei.

DANILO — Então por que todos me olham como se eu fosse um parasita da fortuna do pai de minha mulher?

RENATA — Você é que pensa.

DANILO — Quando o chofer me abre a porta do carro e tira o boné...

RENATA — Outra vez, Danilo?

DANILO — ... me olha com uma cara de puro deboche.

RENATA — É, não é?

DANILO — Se vou ao sítio, no uiquende, todo mundo parece dizer: "Olha o Danilo aí" "Veio descansar, Danilo? De que?" Um dia vou mandar pro inferno seu pai, a fábrica. as ironias, tudo... e começo tudo de novo. (Pausa) Você não acredita.

RENATA — Acredito.

DANILO — Tudo que eu faço vira anedota. Naquele dia ninguém acreditou que eu quisesse morrer de verdade.

RENATA (Serena, suave) — Eu acreditei.

DANILO — Pensaram que eu tinha me enganado na dose.

RENATA — Eu não pensei.

DANILO (Magoadamente saudosos) — Hoje... parece mentira... Mas você já gostou de mim como eu era, Renata.

RENATA — Gostei.

DANILO (Quase sem compreender, visualizando sua imagem antiga) — Eu era uma pessoa. Eu era gente. Não era gente, Renata?

RENATA — Sim, Danilo, você era gente.

DANILO — Incrível! Tantos planos na cabeça! Tanta coisa!

RENATA — É verdade.

DANILO — Até poemas eu fiz. Lembra?

RENATA — Estão todos comigo.

DANILO — Tanta coisa em comum... e de repente... como se fôssemos duas outras pessoas...

RENATA — Eu não esqueço nenhum momento, Danilo. Você nem olha mais os slides de nossas viagens... lua de mel... tudo... Eu olho todos os dias.

DANILO — Não fãmos aceitar nada que não fôsse conquistado por nós... Renata, o que é que eu entendo de eletrônica?

RENATA — Nada, Danilo.

DANILO (Magoado) — Se fôsse uma pergunta de eletrônica eu ainda compreendia que o Dinho... (Vai citando os imperadores, contando-os nos dedos, com desespêro crescente). Augusto... Tibério... Calígula... Cláudio... Nero... Vespasiano... Tito... Domiciano... Trajano... Adriano... Antonino Pio... Marco Aurélio... (Profundamente magoado). Se fôsse uma pergunta de eletrônica!...

FIM do PRIMEIRO QUADRO

A transição do PRIMEIRO para o SEGUNDO QUADRO é feita pela música romântica (tema, leit-motif) que se prolonga ouvindo-se dentro dela a VOZ DE RENATA dizendo: "Está ouvindo, Danilo? Nossa música!..."

O tema prossegue e oito segundos depois a VOZ DE DENISE diz: "Nossa música, Danilo"! A música continua um pouco e cessa para o...

SEGUNDO QUADRO — PRIMEIRO ATO

O "living" de DENISE é mais modesto, embora de bom gosto, quase um jardim de inverno, como dissemos, do cenário da esquerda. Está bem decorado. Estão em cena DENISE e DANILO. Ele, de smoking e ela com um lindo vestido de baile. Vai trocando de roupa a proporção que a cena se desenvolve e acaba num robe. DENISE é uma mulher linda. Poderia ser aeromoça ou secretária, ainda que pareça ter gabarito maior. É modelo profissional. Quase que vai amanhecendo, tão tarde é. Danilo vai bebendo cada vez mais.

DANILO — Ah, mas eu não conversei!... São todos uns analfabetos! "Afinal, quem é o supervisor técnico desta joça — perguntei — eu ou Giacometti?" "Ninguém me delibera nada, aqui dentro, sem ouvir o departamento técnico!"... Ninguém piou. Silêncio de morte... "E se alguém não estiver de acôrdo diga logo... que eu peço minha demissão irrevogável! Irrevogável!" Ah, Denise!

(Ele se aproxima dela e quer lhe fazer um carinho e ela refuga).

Eu, palavra de honra!, ainda não entendi porque você está sentida comigo. Sei que nossa situação é irresolvida. Mas que diabo! Podemos dar um sentido, ao menos ao provisório, já que o permanente não tem sentido.

DENISE — Lá vem você com filosofia de gafanhoto.

DANILO — Infinito não é pra nós, é pros deuses.

(Ela não reage)

Mas explique, ao menos, por que você ficou tão zangada. Somos gente civilizada, que diabo!

DENISE — Eu não sou civilizada. Sou mau-mau. Só hoje, Danilo, é que percebi que você quer correr as buates comigo. Só para que os seus amigos vejam a modelo acompanhando você.

DANILO — Depois de me arrebentar o dia todo no trabalho preciso espairar ou já não preciso?

DENISE — Nem pra dormir você me quer. Só pra constar da ata.

DANILO — É nisso que dá a gente ser um homem decente!

DENISE — Decente, não é? Conheço êsse tipo de finura. Não querem discutir em público... Arrazam com a vida da gente, em três idiomas, sem sctaque...

DANILO — Contando ninguém acredita!

DENISE — Levantam da mesa quando a gente vai sentar... Empurram a cadeira na hora certa...

DANILO — Ah, é isso que você vê em...

DENISE — ... só pedem prato que ninguém come (Escargô)... essa porcaria de camarujos... Mas amor mesmo!...

DANILO — Denise, quem bebeu fui eu, não é?

DENISE — Estou com o amor recolhido há tanto tempo que, quando explodir mesmo, nem a Legião Estrangeira vai dar conta do recado.

DANILO — Sem comentários.

DENISE — Bem feito! Cansei de ser romântica. Não me bastava ser modelo. Quis resolver minha vida com computador eletrônico, organograma, Hollerith. Até índice demográfico.

DANILO — Índice o que?

DENISE — Tem cidade com cinco homens pra cada mulher, sabia? Planifiquei tanto que acabei me apaixonando logo por...

DANILO — Palavra que ainda não entendi você...

DENISE — Só não explodi pra valer porque tive pena... Não deve ser fácil aturar a megera com que você casou. Um sujeito que casa com uma gorila daquelas tem que beber. Ah, tem!

DANILO — Você sabe, perfeitamente, que não passei de cinco doses.

DENISE — Das legítimas, porque das falsificadas perdi a conta.

DANILO — Está vendo? Você sabe disso porque não me acompanha quando eu bebo.

DENISE — Se eu o acompanhasse quando

DANILO — Quem?

DENISE — As meninas do meu colégio ti-

nham tôdas um questionário... cheio de perguntas: "Você já amou?" "Qual é a sua flor predileta?" "Qual foi o dia mais feliz de sua vida?"

DANILO — Qual foi?

DENISE — Nenhum. Sabe de uma coisa engraçada?... Raspei o fundo da memória... "momento feliz... momento feliz..." e deixei a folha em branco. Não tinha... Não tinha mesmo!...

DANILO — Pois pra mim a felicidade é sair daquele inferno!

DENISE — Pra mim bastava um único momento feliz... e eu botava numa moldura, pendurava na parede pra todo mundo vêr... às vezes me dá uma saudade bestial de casa... nas horas em que estou sôzinha. Engraçado as coisas que ficam!... Não é? Ferro de engomar... minha mãe passando roupa e estalando, de vez em quando, o dedo cuspindo no ferro... Tcháááá! Tcháááá!... Quer dizer que ela junta retrato? (Pausa) Você, em menino, juntava o que?

DANILO — Chapinha de cerveja. (Pausa) Engraçado as coisas inúteis que menino junta.

DENISE (Intencional) — Adulto, também.

DANILO — Por que é que Renata não compreende que eu não posso aguentar aquela vida? E você não sabe da melhor! Agora cismou que você liga pra minha casa dizendo as piores coisas.

DENISE — Eu? Pra mim é que ligam todos os dias! Aprendi palavões que nem sei o que significam.

DANILO — Afinal, o que é que nós estamos discutindo? Não estava tudo bem?

DENISE (Irônica) — Bem, Danilo? Estava perfeito! Se você tivesse parado um segundo pra pensar... teria compreendido...

DANILO — Que é que você quer que eu compreenda agora?

DENISE (Sobre a fala dele) — ... até onde cheguei, até onde me conformei. Houve tempo, entende?... em que eu, como tôda moça, sonhava com o homem ideal. Depois — comecei a fazer concessões: podia ser baixo, podia ser louro, pobre, burro, até antipático.

DANILO — Está vendo?

DENISE — Vendo o que? Podia ser tudo isso, mas que tivesse alguma coisa de autêntico. Hoje nem posso ouvir música romântica. Já não aguento mais música que fala de amor, luar, você. E tôdas elas falam! Entende o que eu quero dizer?

DANILO — Você parecia feliz... não entendendo!

DENISE — Onde eu trabalho, Danilo, o chefe de relações públicas quer que se conserve sempre o sorriso. Mostrar todos os dentes.

Não confunda felicidade com dentadura. Também não quero que você me confunda com a cretina de sua mulher... CEN

DANILO — Bem, se a coisa é na base da estupidez, eu também podia dizer que, quando me encontrou, você já tinha passado por uma centena de homens.

DENISE — Antes fosse! Não passaram de meia dúzia.

DANILO — Está vendo?

DENISE — Vendo o que? Nunca neguei! Nunca me faltaram homens na vida... "Assim"... até pra casar.

DANILO — Não diga!

DENISE — E **conhecendo** meu passado, se quer saber. Gosto de sexo. Tem alguma coisa demais? É anormal? Foram seis porque nenhum deles sabia pegar numa mulher direito. Se eu tivesse **um** que me amasse pra valer, entende?, não olhava mais nem pro Papa!

DANILO — Foi você mesma quem disse que não ligava pra coisa de sexo.

DENISE — Sua compreensão é astronômica, Danilo.

DANILO — "Nômica!"

DENISE — Que é que você queria que eu dissesse diante de um homem apagado como você?... O que é que você já me deu de si?

DANILO — Era só dizer!

DENISE — Dizer, como, Danilo? Você nunca mostrou um mínimo de... calor. Você é uma tonelada de ausência. Nunca quis presentes, queria a intenção. Podia ser brilhante ou flor. Minha fome era do gesto, percebe? Simbólico.

DANILO — É por essas e outras que ninguém vai entender as mulheres nunca.

DENISE — Marcelo entendia.

DANILO — Basta ferir você e pula logo com esse azarão.

DENISE — Foi o único homem que se preocupou comigo. Não com o meu corpo. Comigo. Ele sabe que minhas coisas têm o tamanho de uma vida inteira. Lembra o Natal do ano passado? Você nem me perguntou pela minha família. Não lhe passou pela cabeça que, até gente como eu, pode ter mãe?... Irmã com catapora?

DANILO — Telefonei explicando.

DENISE — Claro que telefonou! Você até mandou presente!

DANILO — Pois então!

DENISE — Só que você mandou esse presente (o único que recebi de você em tôda minha vida) sem, ao menos verificar o que havia dentro do pacote que você ganhou de alguém e passou pra mim.

DANILO — Mas eu calculei que...

DENISE — Sabe o que você mandou, Da-

nilo? Um barbeador elétrico. Entende o que eu quero dizer? Pra não desfazer o embrulho...

DANILO — Pois eu jurava que era perfume francês.

DENISE — O cartão que veio dentro me comoveu profundamente. Acorde feliz e faça a barba com o Philipsave.

DANILO — Você está cansada de saber que a intenção...

DENISE — Agora não importa mais. Agora você podia até me mandar o colar que Chateaubriand mandou para a rainha da Inglaterra. E pensar que basta estalar os dedos para que Marcelo venha correndo e case comigo.

DANILO — Denise...

DENISE — E não vai perguntar com quantos homens já dormi!

DANILO — Pelo amor de Deus! Se eu magoei você...

DENISE — Que magoou, nada! Estou curtida. Barbeador elétrico. Se eu pudesse, chorava, palavra de honra. Houve tempo em que qualquer coisa vinha logo um berreiro de lágrimas. Sentia um troço. Chorava que nem uma vaca, mas no fim encerrava o assunto e virava a página... agora...

DANILO (Suave — abraçando-a — consolando-a) — Eu jurava que era perfume...

DENISE — Não quero ninguém com pena de mim. Prefiro raiva, ou nojo. Não é que eu precise de você exatamente, entende?... Na vida de todo mundo é preciso "dois". Um — dois. Na vida a gente precisa, já não digo de um companheiro, amante, amor, dietil, coisas assim, mas pelo menos de um ouvinte, um interlocutor... pessoa pra mexer a cabeça aprovando ou reprovando... pessoa que diga, ao menos "hummmmm". Qualquer pessoa. Podia até ser surdo, mas que eu pensasse que estava ouvindo, entende? (Pausa) O que é que eu fui ver em você? Não é nem meu tipo. Não me diz nada, nada, nada.

DANILO — Ué!

DENISE — Nem beijar direito você sabe!

DANILO — Isso. Descarregue. No fundo, você sabe que eu lhe quero um bem danado!

DENISE — Você, Danilo, é tão cimento armado, tão impenetrável, que ainda não percebeu que pouco estou ligando pro casamento. O que eu quero é sentir que a pessoa que está a meu lado seria capaz de casar comigo. Simbólico. Mas, às vezes, me dá vontade de acompanhar você numa bebedeira. Aí a gente ia acender umas velas numa mesa de canto, naquela penumbra morna de buate. Mandava a orquestra tocar a nossa música favorita. (Ouve-se a música) Você ia fazer de conta que você era o homem que queria ser... Eu fazia de conta que era a mulher que você tinha so-

nhado. (Pára a música. — Pausa) É, acho que, hoje, nós passamos da conta.

DANILO — Quem passou fui eu.

DENISE — Você sabe, Danilo, que eu só tenho você. Quando é pra descarregar temos que nos aguentar um ao outro.

DANILO — O mais curioso é que Renata não era assim. É uma ótima mãe...

DENISE — É parece que uma coisa nada tem a ver com a outra. Minha mãe também era muito compreensiva. Um dia me suspenderam da escola. Perguntaram a todas as meninas o que elas queriam ser e eu disse convicta: prostituta.

DANILO — Não!

DENISE — Só a mamãe entendeu. Ao lado da minha casa moravam umas moças lindas, muito pintadas, de roupas coloridas. Minha mãe se referia a elas como "as prostitutas". Pensei que prostituta fôsse assim uma espécie de condessa, entende?

DANILO — A gente devia ter sempre a chance de riscar o passado e viver a vida de novo. Quando começar a vida que eu quero... vou ter nojo de álcool.

DENISE — Prostituta! O mais engraçado é que sempre olhei o sexo com grande pureza.

DANILO — Giacometti pensa que eu preciso dele. Quero poder esfregar nas fuças dele: "Está aqui. Não preciso do seu dinheiro, não preciso de sua filha, nem de seus netos. E podem fazer suas reuniões cretinas sem ímim Comigo, não!"

DENISE — Eu ia sempre pra roça e assistia à cobertura das éguas. Tudo parecia fonte de beleza... Por isso, até hoje, acho sexo lindo!

DANILO — O que estraga as pessoas é aquela engrenagem...

DENISE — Cavalo nasce bonito. Levanta logo e parece que é só pernas.

DANILO — Você começa cedendo e, daí a pouco, está atolado até o pescoço. "Sim, Sr. Giacometti... Pois não, Sr. Giacometti". A gente fica sem nervos. O que assusta é como a gente muda. Em criança eu nem podia comer, sabendo que havia menino com fome. A comida ficava aqui... entalada. Hoje como caviar, bebo champanha, sem remorsos. E vou adiando tudo. Livro. Tese...

DENISE — Você, Danilo, ainda vai fazer grandes coisas, eu sei.

DANILO — Denise, por que é que eu preciso tanto magoar você?

DENISE — Eu compreendo e não me magoô.

DANILO — Giacometti só admite gente que ele possa dominar. Comigo, não. Não sou

capacho do Sr. Giacometti. Não sou capacho, Denise.

DENISE — Claro que não, Danilo. Você não é capacho.

Ilumina-se a outra parte do palco e RENATA está ao telefone. Suas falas se alternam com as de DANILO.

RENATA (Ao fone) — Sim, meu filho... Dinho, quando você telefonar, pergunte sempre pelo seu pai. Sei, mas ele fica triste, meu filho!...

DANILO — Ganhei concurso de oratória no tempo da Faculdade. "O Direito Romano é de todas as legislações da antiguidade"... Parece que faz um século!

RENATA (Ao fone) — Nas férias. Só nas férias. Cavalo, piscina, o que você quiser, mas estude.

DANILO — Eu estudava muito. Queria aprender tudo de uma vez...

RENATA (Ao fone) — Não diga isso, meu filho. Seu pai adora vocês.

DANILO — Em casa me olham como se eu fôsse um marciano. Ninguém me compreende, Denise.

RENATA (Ao fone) — Quando você puder, meu filho, fale com seu pai. É nervoso, meu filho! Nervoso.

DANILO — Não sei. Acho que ando com os nervos em pandarecos...

RENATA (Ao fone) — Outro pra você. (Desliga).

DANILO, ao mesmo tempo, puxa DENISE para si e a beija. Ela diminuiu a luz, bota um disco na vitrola e o tema da peça vai surgindo. RENATA escurece a sala, liga o projetor de "slides" e vai fazendo surgir seu passado, flagrantes felizes com DANILO, aspectos turísticos, sentada sòzinha na penumbra enquanto, do outro lado, DANILO recosta a cabeça e fuma "sonhador" — e DENISE, olhando o infinito, alisa o toca-disco lentamente.

FIM DO PRIMEIRO ATO

2.º ATO

Mesmo cenário.

ALTO-FALANTE (Em gravação) — Atenção! Dr. Danilo. Onde estiver! Comparecimento urgente à reunião da diretoria. Urgente!

PRIMEIRO QUADRO

A sala de DENISE está iluminada. DANILO, quase ausente do que DENISE está dizendo, apenas desligado o suficiente para que o que DENISE diz não pareça um monólogo solto.

DENISE — Calculo, perfeitamente, o que ela disse... Você, quando bebe, fica transparente. Começa a despejar a alma em baldes deste tamanho... (Simulando despejar).

DANILO (Respondendo, mas sem que se perceba se é uma resposta ou se é resultado de conclusão do que está pensando) — Só mesmo rindo!

DENISE — Aliás homem é assim mesmo... Você quer saber? Eu chego a sonhar, Danilo. Chego a sonhar com o dia em que encontrasse Renata, pela primeira vez, sòzinha, cara a cara... O que eu diria... o que ela diria... É só fechar os olhos e ela me aparece... aparece... gira em torno de mim, vai girando, girando, girando, girando, me despe com os olhos todinha. Raio X... Me analisa parando o olhar nos pontos mais estratégicos e inconvenientes e pergunta, sempre a mesma frase, com as mesmas palavras, a mesma ironia: "Então, você é a menina que queria ser prostituta!"

RENATA (Aparece das sombras — quase

assustando) — Então, você é a menina que queria ser prostituta?

DENISE — Precisamente.

RENATA — E ainda há quem diga que os sonhos não se realizam. Você, minha filha, está plenamente realizada.

DENISE — Obrigada.

RENATA (Analisa a roupa que Denise veste) — Por que foi que não vi este modelinho no desfile?

DENISE — Chegou tarde!

RENATA — Reparou?

DENISE — Lógico!... E jogando indiretas sutis em voz alta... quase aos berros histéricos.

RENATA — Eu?!...

DENISE — Sutileza de pata de elefante. Tchó... Tchó...

RENATA (Volteando em torno dela) — Deve ser lindo ser modelo, não é?

DENISE — Pelo menos, é divertido: — a gente olha as mulheres como você comprando mil e um vestidos e pensa: "eu não tenho o dinheiro dessa matrona, mas — em compensação — ela não tem corpo para vestir o modelo que compra".

RENATA (Risonha) — Não é mesmo?

ALTO-FALANTE (Gravação) — Dr. Danilo, onde estiver. Comparecimento urgente. Dr. Danilo. Câmbio.

DANILO (Explode) — Que câmbio? O dólar está a 2.220! (Ensaia um discurso erguendo-se da poltrona de relax em que se sentara,

pouco antes) Querem saber? Se eu tivesse ido a essa reunião, ouviram? Ouviram senhores membros da diretoria?... Se eu tivesse ido a essa reunião, diria a vocês todos (A todos sem exceção)...

RENATA — A, papais também?

DANILO — Ao contrário também, Comendador Giacometti... Diria o que vocês são: uns canalhas, uns crápulas, uns energúmenos...

AS DUAS — O quê?

DANILO (Berra silabando) — E-NER-GÚ-ME-NOS.

RENATA — Pare com isso, Danilo...

DANILO — Não afiana! Não piso mais nesta sala. Quem quiser que me procure em meu gabinete particular... Já disse: "em meu gabinete particular". O nome está na porta pra quem souber ler...

RENATA (A Denise) — O Danilo vive explodindo a propósito de tudo. Com você também?

DANILO — Cambada de analfabetos! ANA-L-FA-BE-TOS!...

RENATA — Quem vê toda essa erupção pensa que... mas na hora!... A propósito: ele, também, acha que você é fria?

DENISE — Ainda não se queixou.

DANILO — E ninguém me mande mais cartões de Natal. Chega. CHEGA!

RENATA (Tranquilíssima) — Todo homem que não dá conta do recado bota a culpa na mulher! Fria!

DANILO — Pra mim, chega!

DENISE — Mas é por isso que eu digo! Homem nenhum jamais compreenderá mulher alguma. Já não falo de sentimentos, alma, coisas assim. Falo das coisas que uma mulher faz, simplesmente, para se encontrar com um homem...

RENATA — Não é mesmo?

DENISE — Pra estar com Danilo eu tomo banho, esfolo a pele, escovo, esponjo, uso sabonete francês. Depois vem aquela geringonça de estica-cabelo...

RENATA — Escova cabelo...

DENISE — Penteia cabelo...

RENATA — Fixa cabelo...

DENISE — E cinta...

RENATA — E soutien...

DENISE — Tudo apertado... exprimido...

RENATA — Comprimido... esticado...

DENISE — Máquina de secar, de suar, de esfolar...

RENATA — E pomada e pó e côr e pincel...

DENISE — E baton... e rouge e sobran-celhas...

RENATA — Cinquenta horas de cabele-reiro...

DENISE — Trezentas de modista... Pra, depois de tudo isto, ele não reparar.

RENATA — Nem no vestido.

DENISE — Nem no penteado.

RENATA — Nem no batom.

DENISE — Apaga a luz.

RENATA — Atira a gente na cama.

AS DUAS — E desmancha tudo de uma vez.

DENISE — Com você, também?

RENATA — Mas é por isso, minha filha! Por isso é que eu comecei a me dedicar à caridade... Sabe como é: — Fazia roupas para criancinhas de morro, jogava beriba em benefício de cobertor de favelado.

DANILO — Igualzinho ao velho Giacometti. Empobrece uma porção de gente e, depois, faz uma creche...

RENATA — Mas meus nervos não acalmavam...

DENISE — Dizem que Tranquilex...

RENATA — Anatenzol...

ALTO-FALANTE (Gravação) — Relaxol...

DENISE — Serenol.

RENATA — Apelei pra cerâmica.

DENISE — Tem gente que faz coisas lindas!

RENATA — Mas não adiantou. Já podia calcular meu estado de depressão pelas peças que eu fabricava. Depressão pequena: cinzeiro. Depressão maior: jarra. Depressão mesmo: aparelho de jantar completo. Cerâmica é bom. Me deixa descontraída.

DANILO (Disca o telefone).

RENATA — Aquele cinzeiro, por exemplo fui eu que fiz.

DENISE — Não!

RENATA — Só no ano passado pude fazer meu balanço emocional. 47 cinzeiros, 82 jarra, 4 aparelhos de jantar completos...

DANILO (Ao fone) — Alô? É do Ginásio?... Posso falar com o aluno Geraldo Cardoso?... Sim, o Dinho!... O meu filho!

DENISE — Você não devia tomar as coisas tão trágicamente.

RENATA — Não tomo!... Eu até que uso bastante minha filosofia de gafanhoto!... Acho que homem devia ser uma coisa assim... uma espécie de eléto-doméstico.

DENISE (Corrige) — Plástico.

RENATA — Isso! Acabou de usar, lixo!... Engraçado, quando eu era mocinha...

DENISE — Deve ter sido há séculos...

RENATA — Dois ou três, apenas... quando eu era mocinha, dividia os homens em três categorias...

DENISE — Eu também: homens e homens.

DANILO (Ao fone) — Alô! Dinho? É o pai!... Que pai? Que pai podia ser, Dinho?

Dinho, você, por acaso, já acabou aquele trabalho sobre "Império Romano"?... Eu não sei se você se lembra, mas já fui pro... Alô! Alô!

Parece que desligaram do outro lado. **DANILO**, desalentado desliga.

DENISE — Não aguento mais aquelas mulheres me examinando como se eu fosse um cavalo!

RENATA — Natural, não é?

DENISE — Natural, onde?

RENATA — As mulheres olham você com vontade de comer cada pedacinho do vestido e os homens olham o vestido com vontade de comer cada pedacinho de você... Aliás, pra ser inteiramente franca, só fui ao desfile pra vê-lo.

DENISE — Não!

RENATA — Palavra! Tôdas as minhas amigas só diziam: "A amante do Danilo é uma coisa"... "A amante do Danilo é um fenômeno!..." Só o Fred é que disse que você era... como foi mesmo que ele se expressou?

DENISE — Bofe.

RENATA (Corrige) — Bagulho.

DENISE — Há gosto pra tudo. Você não casou?

RENATA — Mas, por favor, não me tome a mal... Não é que eu concorde com ele. De maneira alguma! Eu até acho que, pro trivial, você serve.

DENISE — Obrigada.

RENATA — Querida. Eu digo "querida" por dizer. Você talvez não compreendesse, se eu dissesse "odiada".

DENISE — Muito sutil. Tchó... Tchó...

RENATA — Pois é. Agora que já somos inimigas... precisava ver o resto da família. Quero que você conheça meus filhos.

DENISE (Examinando o porta-retratos que Renata lhe entrega) — Uns doces!

RENATA — O menino é poeta.

DENISE — Como Drumond!

RENATA — Como Vinicius.

DANILO (Alheio — magoado — remoendo sua revolta) — Me desligou o telefone na cara!

DENISE — Deve ser lindo ter filho poeta!

RENATA — Mas deixe confessar, **querida** que, depois que vi você, minha curiosidade aumentou.

DENISE — É bom ouvir você dizer isso. Aumentou por que?

RENATA — Como é que você aguenta o Danilo? Como é que pode? Eu, pelo menos, tenho a desculpa da obrigação... Aquela bobagem do "até que a vida os separe".

DENISE — A morte.

RENATA — Ou isso. Mas você!...

DANILO — Um bostinha dêste tamanho me considera uma besta.

RENATA (Doce) — Deus fala pela boca das criancinhas.

DANILO — Eu podia falar horas, não sobre Calígula, apenas, mas até sobre o cavalo-cônsul de Calígula.

RENATA (A Denise) — Está vendo? Todos os problemas resolvidos.

DANILO — Cláudio e Messalina... E Tito... Quando Nerônio e Pompéia foram sepultados pelo Vestívio.

RENATA (Explicando as Explosões de Danilo à Denise) — Isto é crise, passa! O engraçado é que, depois que Danilo começou a andar com meretrizes como você... alguma coisa mudou dentro de mim...

DENISE — Não será a menopausa?

RENATA — Na minha idade?

DENISE — Menopausa não tem idade.

RENATA — Depois que Danilo se amasiou, nem balzaqueana eu me sinto mais. Me sinto... assim... uma espécie de mãe de Balzac.

DANILO (Dando-se conta das duas) — Vocês querem parar com isso de uma vez?

RENATA — Sou capaz de jurar que você imaginou que eu queria fazer escândalo... jogar-lhe na cara uma porção de...

DENISE — E não...

RENATA — Oh, minha filha! Se você soubesse o favor que está me prestando, afastando o meu marido!... Eu era capaz de lhe oferecer todos os modelos do desfile... vison, joias, tudo!

DENISE — A senhora não está falando a...

RENATA — Se estou falando a sério? Mas rezando para que você fique com ele, pelo menos, o tempo necessário para conseguir o desquite e tudo o mais. Só mesmo a minha ingenuidade me levaria a casar com ele. E eu sou a ingenuidade em primeira audição. Calcule que, até há poucos anos, pra mim, Caím era bom moço e Madame Pompadour era virgem!...

DENISE (Feliz) — Um momento! A senhora está se desquitando?

RENATA — Não é uma boa idéia?

DENISE (Em dúvida alviçareira) — Então por que é que a senhora guarda o passaporte dele no cofre?

DANILO — "Ilha cercada de gente!"...

DENISE — Danilo quer me levar à Europa, na semana que vem. O que é que você acha que se está usando em Paris?

Muda a luz. **RENATA** está em "sua casa" e **DENISE** "na dela". **DANILO** está na poltrona de relax. Realidade. Tôda a cena se passou de forma irreal, sonhada, quase ad libitum.

RENATA — Eu pagava pra conhecer sua amante, Danilo. Pagava.

DENISE — Não entendo como podem existir mulheres assim. Como é que você aguenta?

As duas, falando ao mesmo tempo, provocam

DANILO (Numa explosão súbita) — CHEEEEGA!

RENATA (Tranquila) — Calma! É preciso calma, Danilo. Muita calma. Por que é que você não tem feito o seu relax na fábrica? Giacometti detesta gente nervosa.

DANILO — Chega!

TRANSIÇÃO: — Um lóco nos mostra DANILO numa poltrona reclinável, (a do centro do cenário) e o alto-falante, acariciante e hipnótico, vem com música de fundo, tranquilizadora, "térna", de uma "térnura" que irritaria qualquer pessoa de bom gosto. DANILO vai acompanhando as ordens e, de vez em quando, reagindo também a elas. O locutor explode, de vez em quando, pregando susto, mas volta logo à suavidade.

ALTO-FALANTE (Gravação) — Nesta pausa salutar de seu trabalho diário, Giacometti Eletrônica oferece música funcional para o seu espírito... Relaxe os músculos... Isso... Calma... Sente-se confortavelmente em sua poltrona de espuma e pense num manso lago azuuuul... azuuuul... você está cada dia melhor, mais feliz, mais realizado... Somos todos uma só família feliz. Seus problemas não são seus. São nossos. Consulte o Departamento de Psicologia da Giacometti Eletrônica"... (Suavíssimo) Azuuuul... Lago azuuuul... (Fanfarras assustadoras, fazem Danilo pular e o locutor vibra e berra). Nosso último balanço acusa um acréscimo de 38 bilhões no primeiro trimestre. (Volta a música serena) (Suavíssimo) Azuuul... Lago azuuuul... (Fanfarras e vibrações do locutor). Atingiremos brevemente a meta dos 300 milhões!... (Suavíssimo) Suave... Suaaaaaave... E como estímulo para o trabalho que sucederá a esses repousantes minutos de descanso físico e mental... vamos transmitir... na palavra de nosso Diretor-Presidente... Giulio Giacometti... digo, Comendador Giulio Giacometti... atendendo ao pedido de TODOS os funcionários desta casa... sua autobiografia: a história de um homem que se fez por si mesmo... Ao nosso microfone, nosso chefe e amigo, Comendador Giacometti.

Aplausos e fanfarras.

(Pelo Alto-Falante — ainda com sotaque italiano). Cheguei de Nápoles ao Rio, numa bela manhã de sol...

Música: "TORNA SORRIENTO". Depois, com fundo musical de diversos países, em slides coloridos de DENISE e DANILO com apitos de trem, vapores e motores de avião, vamos vendo a viagem que eles estão realizando. Essa viagem mostra vistas de Madrid, Paris e

Roma e a volta ao Rio. Começa com DENISE e DANILO embarcando no avião. Em Paris vemos vistas turísticas de bom gosto nús artísticos do "Follies" especialmente no momento em que se alude a "viagem de estudos e análise de mercados europeus" quando surgem mulheres nuas, o can-can e coisas assim. Na Espanha, cenas de touradas. Muitos slides enfocam o casal de amantes com detalhes da viagem e do romance que "cresce" entre os dois. Bares, penumbra, buates, amor. Durante a projeção de slides que marcam a viagem de DANILO e DENISE, imagens de cidades européias se alternam com apitos, trens, aviões.

Aparece o slide em que DANILO está em grande farra com DENISE e aspectos de mulheres novas quando se ouve gravação.

VOZ 1

A todos os departamentos da Giacometti Eletrônica: O Dr. Danilo, durante a viagem de estudos e análise de mercados que está realizando por toda a Europa, será substituído pelo assistente-técnico Sr. Murilo Medeiros.

A viagem continua através de slides. De repente é interrompida e se vê RENATA ao telefone ouvindo:

VOZ 2

Mulher — (em gravação) Alô. Sou eu, Renata, querida!... Minha filha, você não calcula a onda que saiu ontem no desfile... Todo mundo só falava nessa história de Danilo e Denise.

A viagem prossegue. Vistas do Rio. Descida de DANILO e DENISE no aeroporto do Galeão.

VOZ DO LOCUTOR (Gravação) — Desembarcando de regresso de sua viagem à Europa, acompanhado de sua assessora, dona Denise Ribeiro, o Dr. Danilo Cardoso declarou à nossa reportagem que a Eletrônica ainda reserva grandes surpresas no campo do investimento em nosso país...

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO

RENATA (Ao telefone) — Sim, papai. Não!... Não... Vieram de avião. Não. O senhor não vai fazer isso. O problema é meu, papai. Agora resolvo as minhas coisas sozinho, entende?... Não interessa o que dizem os jornais. Não tenho que dar satisfações a ninguém, ouviu, papai? A ninguém! (Grita — desesperada) Porque eu não quero!

Bate o telefone, violentamente. Está alucinada de aflição, mas procura controlar-se. Caminha de um para outro lado. Pega, depois, de um prato que estava pintando e prossegue,

nêsse trabalho, forçando uma calma que está longe de sentir. **DANILO** entra da rua, vestido normalmente, trazendo, sem maior esforço aparente, uma mala, **RENATA** larga, surpresa, por um momento, o prato e corre para **DANILO** simulando expansão e alegria.

RENATA (Aproxima-se dêle — abraça-o de repente) — Oh, Danilo! Até que enfim! Que bom que você veio... (Ele corresponde sem convicção. Ela o analisa, vê as malas). Mas você tinha que vir carregando isto? Não podia ter pedido ao Vicente para trazer as malas?...

DANILO — Como sempre, fingiu que não me viu...

RENATA — Papai estava preocupado... desligou o telefone agora mesmo...

DANILO — Malas não é com o Vicente. Pelo menos as minhas.

RENATA — Esta êle me paga. Já estou com o sujeitinho por aqui! É só aparecer o chofer que Jô me prometeu e êle vai direto pra rua.

O assunto parece ter se esgotado. Pausa incômoda.

RENATA — Você chegou bem?

DANILO (Sêco) — Muito!

RENATA (Ainda pausa incômoda) — Você está queimado.

DANILO (Idiotamente) — Sol. (Pausa. Pra mudar de assunto). E as crianças?

RENATA — Bem. (Pausa). Colônia de férias.

DANILO (Tentando dizer algo de um jorro) — Denise, eu queria que...

RENATA (Dôce) — Meu nome ainda é Renata, lembra?

DANILO — Desculpe... eu...

RENATA — Compreendo... Não é impunemente que se percorre a Europa toda... com uma amante... Natural a confusão.

DANILO — Vim para ter com você uma conversa adulta.

RENATA — Ótimo! Mas não me ponha uma cara tão séria. Não precisa ser já. Você mal acaba de voltar. Não há pressa. Eu espero.

DANILO — É que Denise quer que eu...

RENATA — E você está ligando pro que Denise quer ou deixa de querer? (Ignorando) Vamos ter, agora, toda a vida pela frente para conversar. Bem, Danilo agora que você já encerrou essa brincadeira boba, que já teve a sua aventurazinha de "boudoir" (todos os homens passam por isso, não é mesmo?)... agora que já chegou... pode ir tomar seu banho... mudar de roupa! (Quem teve a coragem de deixar você botar essa camisa imunda?)... e beber. Hoje, tenha a santa paciência, mas você vai beber, pelo menos, meia garrafa...

DANILO — Já não sinto mais falta de uisque. Deixei. Completamente.

RENATA — Ah, mas hoje garanto que vai. Nem sabe o que está nos esperando. Você não vai querer que eu, sozinha, fique dando a todo mundo a minha versão de toda essa história barrôca, vai?

DANILO — Que todo mundo é esse?

RENATA — É que você é essa... como é mesmo o nome dela? em vez de ficarem deitadinhos, bonitinhos, brincando de papai e mamãe, começaram a anunciar, aos quatro ventos, a chegada da Europa...

DANILO — Palavra que não partiu de mim...

RENATA — E não sei? Não conheço? Típico dêsse tipinho de mulheres. Só faltou dar no reporter Esso. Aliás, minto. Um jornal da TV deu. Telefonou tanta gente que isto aqui, hoje, vai acabar em feira-livre ou gincana.

DANILO — Aqui?

RENATA — Onde você queria que fôsse, Danilo? Ah, mas você precisava ouvir os telefonemas que andei recebendo o dia todo. "Então, aquela vigarista (quem diz não sou eu)... (Pra mim ela deve ser até, uma mariposa de classe)... aquela vigarista acabou mesmo fisingando o Danilo?... Calcula que êles não sabem que você veio direto pra casa..." "Êles chegam hoje, não é?... Então vou dar um pulinho aí logo mais". Me acordaram, de madrugada, às três e meia. De repente todo mundo parece ter ficado doido de saudades de você, sem falar em mim, é claro! O que é que eu ia fazer? Abri as comportas e contei toda a verdade.

DANILO — Contou o que?

RENATA — Que você, aos 38 anos, estava vivendo a crise romântica dos 50... Foi um custo convencer a todo mundo que Denise é, apenas, um caso, entre muitos outros, um **divertissement**, aquela coisa de imaturidade, complexo, Freud, tranquilizante e assunto encerrado.

DANILO — Mas pra que toda essa...

RENATA — Pra nada, Danilo! Civilização, entende? Classe. Quero, apenas, receber meus amigos e levar a coisa esportivamente... Devo ter uma bisavó inglesa. Não sei fazer tragédia.

DANILO — Eu queria que você compreendesse que...

RENATA — Mas compreender o que, Danilo? Você, agora, vai me considerar uma mulher tão provinciana, tão... retrógrada... a ponto de não saber que, de vez em quando, até homens sem pilha... têm o direito de arejar?...

DANILO — Eu tinha a certeza de que você...

RENATA — Não, não, não, por favor. Afinal de contas o que são duas ou três amantes em quatorze anos de casamento batata, na base do sacramento, Marcha Nupcial e tudo? É até vergonhosamente pouco. Ninguém devia imaginar que eu ~~ia reagir~~ ~~reagir~~ ~~diante~~ da primeira respeitosa zinha que cruzasse a minha vida fazendo escândalo e...

DANILO — Renata!

RENATA — Pois eles estão redondamente enganados. Século XX, depois de Cristo. D.C. Você não acha ridículo, numa época em que o homem está praticamente pendurado na lua... (Ela volta a pegar do prato para se controlar e pinta, retocando) em que se pode acabar com o mundo, com um simples telefone vermelho, um simples botão (um!), a gente se preocupar com um esporte idiota como é o sexo? Sexo até cachorro, faz, Danilo! (Transição/Pausa) Você quer as malas no seu quarto ou no nosso?

DANILO — Não contava encontrar você em casa. Eu, pra falar a verdade...

RENATA — Olhe, vá tomar seu banho, troque de roupa... e beba... beba, pelo amor de Deus! Parece incrível, mas eu prefiro você bêbado.

DANILO — O que é que você pensa conseguir com tôda essa...

RENATA — Nada, Danilo. Não quero nada. Para mim é como se tudo isto fôsse um... eu ia dizer **pesadêlo**... Pesadêlo, nada! Uma anedota de mau gosto.

DANILO — Desta vez ninguém vai rir, Renata. Desta vez eu mudei mesmo. Entende?... Sou outro homem, compreende?... É preciso, um dia ter a coragem do primeiro passo... Vou deixar a firma... Fazer o que nunca tive coragem de... Bem. Vim para deixar esta carta, para Giacometti.

RENATA — Aqui? De longe, Danilo? Deixar a carta comigo?

DANILO — Lógico!

RENATA — Você mudou tanto que não quer enfrentar, cara a cara, o velho Giacometti?

DANILO — E quem é que pode falar com aquele faraó?

RENATA — Mas todo mundo...

DANILO — Desde quando Giacometti ouviu alguém? Conheço muito bem esses tipos que se fizeram por si mesmos a custa de cinco mil cretinos. Eu não quero me fazer por mim mesmo. Não quero me sentir, depois de realizado, como um rato eletrônico... Quero me reconhecer quando olhar a minha cara no espelho. Quero ver a minha cara de antigamente. Pra se acabar com esse mundo nojento, não era

preciso ter inventado a bomba atômica. Bastava deixar as pessoas apodrecendo sôzinhas...

RENATA — Passou, Danilo, passou...

DANILO — Nôjo, entende? Nôjo! Meu marido, banqueiro, meu marido, industrial, meu marido supervisor-técnico. Eu! Não. Não quero mais ser supervisor de merda nenhuma. Não quero mais as mesmas caras, os mesmos horários, a mesma chatice, as coisas marcadas, arrumadas, fichadas, desinfetadas, em fôrmas. Quero tudo sujo e fora de órbita. Quero ter o direito de explodir e jogar a verdade na cara de todos os Giacomettis do mundo. E ver, se depois da explosão encontro, entre os cascos um pouco daquilo que eu fui. Está me ouvindo? (Pega do prato de cerâmica e o rebenta no chão). Daquilo que eu era!

RENATA (Pausa prolongada. Análise da situação — pega de um prato e começa a pintar — controlada — "suave") — Eu preferia que você tivesse quebrado outro. Cerâmica, sabe como é? Agora estou fazendo um aparelho de jantar de trezentas peças. Centro de mesa, compoteira...

DANILO (Sem mais remédio — após pausa de malestar) — Foi sem querer... (Pausa). Juro!

RENATA — Até um pratão de salada deste tamanho. Vai ficar lindo... Bem, agora que você já teve sua erupção... podia me contar sua viagem com calma. Como você encontrou a Europa... tudo. Hoje em dia nunca se sabe como anda o mundo. É um tal de bolas de aço girando no espaço! (Aponta para o alto) Um tal de fronteiras novas!

DANILO — Você sabe que não é disso que precisamos falar.

RENATA — Acho, que também eu, vou inaugurar novas fronteiras, sabe? O Dinho, outro dia, me mostrou o mapa da África. País ali salta mais que pipoca. O mais divertido é que ele teve que terminar a composição correndo, antes que inventassem mais três ou quatro repúblicas novas naquela semana. (Pausa). Você deve estar louco de saudades das crianças, não está? Precisa ver Clarice tocando violão e cantando bossa-nova. É uma coisa! Um dia eu gostava de apresentar você aos meninos. Vão adorar conhecer o pai... (Recordando) "Bolas de aço, girando no espaço". O Dinho era capaz de gostar disso... embora ele não ligue muito à rima.

DANILO — Ele continua.

RENATA — Continua... o que?

DANILO — Escrevendo.

RENATA (Pega — quase sem querer — num caderno) — Ah, sim! Terminou um poema lindíssimo: "Os pais abstratos".

DANILO (Chocado) — "Pais"... o que?!

RENATA — Abstratos! Mera coincidência, Danilo. (Pausa — mal estar) Dinho, agora, só se preocupa com a África. Você sabia que na Nigéria vivem duzentas e cinquenta tribos falando dialetos diferentes?

DANILO — Por que você não deixa a África em paz?

RENATA — As tribos aqui de casa só falam quatro. Um pra cada um. É muito ou é pouco? (Pausa — abre o caderno — displicentemente e lê — emocionando-se cada vez mais — porém simulando ironia).

“O Mar canta azul em teu olhar azul...
E o dourado do sol é luar em teu cabelo...
Um coral de sereias baila em tua ternura...
Pássaros perdidos são écos em tua voz...
Que importa o mundo azul? Que importa
o azul da vida?...

Não existe mundo algum... mundo algum
sem ti...

Não existe (aqui tem uma palavra meio
apagada)...

Não existe... vida ou amor sem nós”.

DANILO — Não é que o pequeno tem talento mesmo? Quando foi que ele fez isso?

RENATA — Quem escreveu isto foi você, Danilo. Pra mim. O “eu e você” do poema, naquele tempo, éramos nós! (Repete o poema, gongórica — procurando ridicularizar — com comentários a imensa emoção que a assalta). “O mar canta azul em teu olhar azul”... Você estava tão cego que nem reparou direito na cor de meus olhos... “E o dourado do sol é luar em teu cabelo...” Naquele tempo meus cabelos tinham assim uns reflexos... “Um coral de sereias baila em tua ternura... Pássaros perdidos são écos em tua voz...” (Quase chorando — mas ainda “gongórica”) “Que importa o mundo azul? Que importa o azul da vida... Não existe mundo algum... mundo algum sem ti... Não existe (Faz uma pausa para explicar com mímica que há uma palavra indecifrável) vida ou amor sem nós”. (O “sem nós” é profundamente intencional e dito após uma pausa expressiva).

FIM DO SEGUNDO QUADRO

TERCEIRO QUADRO

Ilumina-se a direita da cena. DENISE ali está e a última situação cênica de DANILO pode ser ligada a esta, sem praticamente mudar a marca do personagem com a simples transposição de luz que eliminaria a presença de RENATA.

DENISE — Não disse? Sabia que ela ia

posar de mulher compreensiva. Mas, no fundo, quer saber? Foi melhor assim.

DANILO — Mas, não pense que foi fácil. Até poema saiu lá em casa.

DENISE — Foi ótimo ter liquidado o assunto de uma vez por todas. Já estava ficando...

DANILO — Que é que você quer? Hábitos... coisas em comum... sei lá... Em quatorze anos a gente acostuma até com dinossauro.

DENISE — Eu pagava pra ver a cara dela! O que foi que ela disse!

DANILO — Nada demais. Exatamente como você previu.

DENISE — Lógico. Mulher descobre uma pulga em tromba de elefante. Homem passa por uma manada e não enxerga. (Pausa) E você?

DANILO — Ah, minha filha! Contrôle completo. Não combinamos?

DENISE — Contrôle como?

DANILO — Deixe que ela falasse...

DENISE — E ela?

DANILO — Falou... falou... falou... des- conversou...

DENISE — ... e, no fim, não disse nada.

DANILO — Bem... É óbvio que ela não quer o desquite.

DENISE — Sim, mas uma vez que você falou...

DANILO — E o mais divertido você não sabe. Calcule que ela veio com uma enorme conversa de encher a casa de gente e...

DENISE — Não diga!

DANILO — Ficou convencida de que eu estava engolindo tôda aquela encenação. “O mar canta azul em teu olhar azul”... Veja você!

DENISE — Um momento, Danilo. Você não está tentando começar a preparar suas desculpas esfarrapadas, outra vez, está?

DANILO — Mas se estou dizendo que...

DENISE (Corta) — Além de ler o poema... o que foi que ela disse?

DANILO — O que é que você queria? Essas coisas não se resolvem assim!

DENISE — Assim... como?

DANILO — Mas, pelo amor de Deus, Denise! Você sabe, perfeitamente, que se não fossem as crianças, há muito que eu tinha estourado de uma vez. Pra você as coisas são muito simples, mas você conhece, perfeitamente, os meus problemas.

DENISE (Ironia amarga) — Pra mim as coisas são muito simples!

DANILO — Lógico!

DENISE — E conheço perfeitamente os seus problemas!

DANILO — Evidente!... Você só precisa lutar com você mesma. Eu tenho pela frente toda uma quadrilha organizada. Renata, os meninos, Giacometti e aquela engrenagem...

DENISE — Então, agora, você quer me convencer, a mim, que eu... sozinha e ainda tendo a você de contrapeso.

DANILO — Mas não é isso, Senhor!

DENISE (Ao mesmo tempo) — Estou numa situação mais cômoda que a sua?!

DANILO — Pronto. Assim nem adianta a gente conversar...

DENISE — Você já calculou bem a imagem criada na mente de sua mulher a meu respeito?

DANILO — Pois, olha, Renata até que se mostrou bem comprê... cordata!

DENISE — Ela deve estar convencida de que eu sou uma dessas pistoleirazinhas, fracassadas na vida sentimental... que agarrou o marido de outra pra salva-solidão. Não é isso que ela pensa?

DANILO — 'Como é que você quer que eu...

DENISE (Corta) — Você já explicou a ela como nos conhecemos? Já disse a ela porque precisamos tanto um do outro?

DANILO — Parece que tudo... não entendendo!... Tudo mudou depois da nossa viagem!

DENISE — Nossa... o que?... Tão nossa que você não parou de falar em seus malditos filhos o tempo todo.

DANILO — Tem algo de errado?

DENISE — Como eles haveriam de ter gostado de estar ali em nosso lugar. Em meu lugar.

DANILO — E não é normal?

DENISE — ...de como Clarice adoraria Giacomo Capri, o bossa-nova italiano!

DANILO — Pelo fato de eu amar você...

DENISE (Corta furiosa) — O que você poderia ter ensinado ao Dinho em pleno Fôro Romano.

DANILO — Mas se eu já disse que tive com Renata uma conversa de-fi-ni-ti-va!

DENISE — Sei. Mas suas roupas ficaram lá. Você levou as malas vazias pra encher e voltar sem elas. Seus papéis ficaram lá... todas as pontes todas as amarras continuam lá. Você diz que não suporta Renata, mas passou a viagem toda recordando os momentos que havia passado com ela em sua lua de mel!

DANILO — Então foi por isso que você...

DENISE (Sempre cortando) — Até nos mesmos hotéis fomos parar.

DANILO — Era mais cômodo.

DENISE — Você ainda carrega o retrato dela na carteira!

DANILO — Também carrego na carteira o calendário de 62! E daí?

DENISE — Sim, mas pra mim, você nem se lembrou de comprar, ao menos, uma aliança de lata, pra que, durante a viagem, eu não tivesse que exibir tão obviamente o meu papel de amante.

DANILO — Agora você deu pra se importar com essas convenções idiotas!

DENISE — Pra você eu não sou gente, Danilo, sou utensílio. Ninguém me ama. Me usa. Desde menina que todo mundo me usa.

DANILO — Denise, se nós vamos começar, agora, com...

DENISE — O mais engraçado de tudo é que sempre tive a mais cretina das vocações pra espôsa de alguém. Espôsa bem cretina. Espôsa de mercadinho... Nunca pedi grande coisa à vida. (Faz um gesto de "Simbólico") Nunca sonhei com cadilaque.

DANILO — E você pensa que eu não...

DENISE — Jamais desejei ser, ao menos, dona dos modelos que a casa me obriga a vestir. Minha fome não é de coisas, Danilo. Minha fome é de gente. O que eu não quero mais, o que eu não aguento mais, é estar preparada, maquilada, dopada, possuída, sofrida, vivida... esperando por você... o homem errado, casado, gasto, amargo, frustado, vazio... e na hora...

DANILO — Mas logo hoje é que você vem me dizer isso, Denise?

DENISE — Que tem hoje de excepcional?

DANILO (Explodindo — cheio de "razão") — Logo hoje que tomei todas as decisões? Que me despedi da firma para sempre? Que disse a Renata tudo o que eu trazia atravessado aqui esse tempo todo? Logo hoje que Giacometti vai ler o que nunca ninguém teve a coragem de lhe jogar na cara? HOJE?!

DANILO percebe RENATA, que avança, dando a impressão de que, no mínimo vai sacar um revolver da bolsa que abre. Retira dali uma carta enquanto DANILO sufoca um "Ren..." de espanto.

RENATA (Com calma — freada) — Então era essa carta imunda que você queria que EU entregasse a papa.

DENISE — Danilo, você não explicou a essa mulher que tudo... o que nós...

DANILO (Ao mesmo tempo) — Renata, o que nós tínhamos a falar...

RENATA — Então é isso que você pensa de mim, não é Danilo?

DANILO — Você não tinha o direito de abrir essa carta...

RENATA (Corta antes que ele termine) — Foi assim que você me viu durante esses anos todos?

DENISE (Desnorteada) — Se a senhora imagina que eu tenho a menor idéia do que...

RENATA (Sem atentar) — Primeiro, você quis viver à custa de Giacometti...

DANILO — Mas se você nem, sequer, está ouvindo o que eu...

RENATA — Depois à custa da filha de Giacometti...

DANILO — É mentira!... Eu sempre...

DENISE (Ao mesmo tempo) — À custa de quem?

RENATA — ... e agora quer explorar os netos?

DANILO — Esta mulher está completamente doida!

RENATA — Doida, não é?

DENISE (Ao mesmo tempo) — Danilo, você quer me explicar o que está acontecendo...

DANILO (Sem ouvir — a Renata — mal Denise começou) — Se você quer descarregar, descarregue. Estou acostumado. Mas vamos discutir, ao menos, com um pouco de decôro.

RENATA — O que foi que você disse?!

DANILO — Conservar um mínimo de dignidade.

RENATA — Conservar o que?

DENISE — A senhora não ouviu?

RENATA (Ao mesmo tempo) — Decôro! Todo mundo conhece você do avêso, Danilo. O Danilo dos pileques monumentais...

DANILO — Renata, aqui não é o lugar, nem este o momento pra...

DENISE — Danilo. Este assunto não estava encerrado?

DANILO — Mas lógico! Você não está vendo que essa louca está fora de si?

RENATA (Junto com ele — mal ele começou) — O Danilo das mariposas do pôsto 2. Meu assunto, querida amiga, também estava encerrado. (A Danilo). Pensei que você já tinha chegado ao máximo. O homem que vivia dilapidando a fortuna da mulher, sonhando com os ideais enterrados... "Conservemos um mínimo de decôro". Não, Danilo. Você que jamais gastou um vintém ganho por você... também não precisa gastar sua dignidade de bordel!

DANILO — Renata, palavra de honra! Eu podia esperar tudo de você, menos...

RENATA — Estou cansada de fazer o que as pessoas esperam de mim. Chega! Então, foi por isso que você não teve a coragem de enfrentar o velho! Ele conhecia você bem, desde o começo, não conhecia?

DANILO — Mudei, Renata. Não posso continuar naquela vida infame. Não tenho mais medo de ninguém e de nada. Não sou mais o Danilo que você conheceu. Meta isto em sua cabeça... sou outro homem!

RENATA — E foi assim que você interpretou a bondade de...

DENISE — A senhora está cansada de saber que, se não fosse Danilo, a companhia já teria falido há séculos.

RENATA — Foi isso que você andou dizendo a esta debilitada?

DANILO — Renata, eu... Uma criatura como você...

RENATA — É assim que você interpreta o fato de eu atogar minha angústia em pilulas, cobertores, cerâmica, cursos de arte? Engolindo as risotas dos que conheciam você mais do que... Supervisor Técnico! Quem foi que escolheu o cargo, Danilo? Quem foi que andou choramingando, dia e noite, atrás do velho que não queria você pra genro nem pintado?

DANILO — Você sabe, perfeitamente, que ninguém escolhe nada naquele...

RENATA — No jurídico você tinha que provar que sabia Direito, não tinha?

DANILO — Pra mim essa discussão acabou... Não pretendo discutir isso aqui...

RENATA — Por que não? Não é aqui o seu Shangri-lá? Não é aqui que você vem cozinhar suas bebedeiras, fingindo estar apaixonado por essa pobre-coitada?

DENISE — Bem, minha senhora, agora eu acho que...

RENATA (Sem dar atenção) — Não é aqui que você vem sonhar seus planos fabulosos, a tese de um concurso que não existe, que você jamais fará e de que você não tem nem o assunto, nem uma linha escrita.

DANILO — Renata!

RENATA — ... nem o título!

DENISE — Mas não é verdade!

RENATA — Não é aqui que você vem sonhar com tudo o que teria feito se não fosse a engrenagem de Giacometti? Você já explicou a esta infeliz que até esta garçoniere é paga com o dinheiro de papai?

DENISE — Um momento! Quem paga o meu apartamento sou eu! Com o meu dinheiro!

RENATA (Assombrada) — Mas nem isso, Danilo?

DANILO (Grita) — Renata!

RENATA (Ao mesmo tempo) — Nem ao menos isso?

DANILO (Suave e quase lamentoso a Denise) — Você não vai imaginar que eu seria capaz de...

RENATA — Você já explicou que até o vestido que ela está usando deve ter custado uma fortuna ao velho?

DENISE — Foi comprado por Danilo, em Roma. Escolhido por mim.

RENATA — E de onde pensa você vem o dinheiro que Danilo gasta... em Roma?

DANILO — Isto, agora, Renata, já passa da...

RENATA — Quem foi que andou pagando os cheques sem fundos que ele assinou pra poder viajar?

DENISE — Isto é verdade, Danilo?

DANILO — Mas se era a minha gratificação de fim-de-ano!

RENATA — Que fim de ano é esse, se você ia deixar a firma agora? ... Então eu... ele... e os meninos é, que desgraçamos sua vida, não é? Conte a ela a história do passaporte trancado no cofre, um cofre de que só você tem a chave e cujo segredo eu nem conheço.

DANILO — Você não podia ter tomado conhecimento de uma carta que não era para você.

RENATA — Mas que você deixou de propósito em minhas mãos...

DANILO — Só Giacometti devia...

RENATA — Eu jamais abriria aquele lixo se o papai não tivesse tido uma crise esta tarde, diante de toda essa...

DANILO — Então não entendo o que você veio fazer aqui! Menti a você? Vamos fale!... Menti, fiz segredo? Não disse tudo claramente? Escondi que estava amando Denise?

RENATA (Olhando o teto) — Amando!

DANILO ("Desesperado") — Já não basta o que tenho passado? O que é que você ainda quer de mim, agora?

RENATA — Não ponha essa cara, Danilo, nem fale nesse tom, porque esta ingênua criatura é capaz de se comover... Você já explicou a ela que você está fingindo querer um desquite que não quer?

DENISE — Danilo!

DANILO — Não, adianta, Renata, Denise me conhece e não vai acreditar numa só palavra do que você está inventando.

DENISE — Não, não é, Danilo?

DANILO (Berra) — Não!

DENISE — Danilo, acho que, depois de tudo o que já aguentei, não mereço sofrer uma situação estranha dessas!...

DANILO (Desesperado) — Mas lógico que é estranha! É mentira! Ouça bem, por favor. Casamos com separação de bens, não casamos?

RENATA — Explique a ela porque. Explique o que Giacometti descobriu a seu respeito à última hora...

DANILO — Mas como é que você tem a coragem de me acusar de venal, se não tenho um carro, uma ação, um papel, nada em meu nome. Se nunca...

RENATA — Pra que carro em seu nome, se toda a frota de Giacometti está, com choferes e tudo, dia e noite, à sua disposição.

DANILO — Você sabe, perfeitamente, que eles nunca me deram a menor importância... a menor...

RENATA — Então de quem é o carro que está parado, lá fora, à sua espera?

DANILO — Mas dê-se jeito nem adianta discutir! Denise, preste atenção... veja! Renata... quando casamos... não propus a você que deixássemos tudo e fôssemos para o sul?

RENATA — Propôs.

DANILO — Não fomos começar uma vida nossa... só nossa?

RENATA — Famos.

DANILO (Entusiasmado com a aprovação) — Longe de Giacometti, longe da fábrica, sozinho, sem ajuda de ninguém? (Ela não nega) Lembra o que você disse?

RENATA — E você não estava cansado de saber que eu não ia deixar um velho napolitano, viuvo e sentimental, capaz de tirar a camisa do corpo por um operário... sendo filha única e herdeira... carregando pra longe dele os netos que ele adora?

DANILO (No auge da "razão") — Mas se, naquele tempo, os netos nem existiam ainda! Está percebendo, Denise?

DENISE — Estou percebendo, perfeitamente, bem.

RENATA — E agora que eles existem? Você sabe, ao menos, o lugar onde estão seus filhos? Só quero o nome da cidade.

DANILO — E de quem foi a idéia de interná-los?? Minha?... Isso é monstruoso, Renata! Se você começar a deformar desta maneira, tudo o que eu sou, tudo o que disse, todo ato meu, pra você, passa a ter raízes sórdidas. Até o meu suicídio.

DENISE — Sui... o que?!

RENATA (Ao mesmo tempo) — Aspirina nunca matou ninguém.

DANILO — Pois, agora, vamos acabar com isso de uma vez. Vamos admitir (Denise, preste atenção!)... Vamos admitir que tudo seja verdade. Tudo! Como é que você vai explicar que eu, o parasita, o aproveitador, o canalha, o cínico (não é isso que você diz?)... como é que você explica que eu tenha renunciado, voluntariamente a tudo isso? A você, aos filhos, a Giacometti, à fábrica, aos carros, a todas as tremendas vantagens que você berra aos quatro ventos? (Ele explodiu a última frase num crescendo que realizou em toda a fala).

RENATA Sereníssima — faz que "não" — com piedade — com a cabeça) — Denise, eu não queria que você pensasse que vim "lutar pelo homem que eu amo". Estou tentando sal-

var o que resta dêle. Não pra mim, nem por mim. Por êle. Pelo que pensei que êle fôsse. Pelo que imaginei que um dia êle pudesse vir a ser. Até pelos bons momentos que me deu, quando ainda acreditava nêle. Um instante. Talvez seja tolice minha mas um instante pode ser eterno... e a eternidade não conter um só instante que tivesse valido viver... Não pretendo ser compreendida. Olha. Vou deixar esta carta com você. É do famoso cavalheiro apanhador de florinhas de beira de estrada... Se depois de ler esta carta, você ainda quiser ficar com "isto", (Aponta Danilo) que lhe faça muito bom proveito. Vocês terão, não só o meu desquite amigabilíssimo, como a minha bênção pessoal. (Deixa a carta sobre a mesa) (Diz antes de sair): Antes que me esqueça: suas malas, roupas e papéis, já devem estar chegando pra qui. Passem muito bem. (Sai — Expectativa).

DANILO — Viu, não viu? Está vendo? Agora você compreende. Quem ouvir Renata falar vai ter a impressão de que?... (Pega da carta e a põe nas mãos dela) Felizmente esta carta está aqui não está? Se você quer a verdade... é a coisa mais simples do mundo. É só lêr a carta. Vamos. Leia, LEIA!...

DENISE olha fixamente Danilo, depois dá a impressão de que vai ler, mas rasga a carta, lentamente, deixa que os pedaços caiam no chão, enquanto a música romântica vai sublinhando irônica a situação.

QUARTO QUADRO

(A luz enfoca sômente a cabeça de Danilo)

DANILO — Pois é. Depois de tudo o que fiz por ela.

DENISE (Com o rosto subitamente iluminado) — A mulher não se corrige nunca. É tudo na base da emoção. Bem feito! Mereço!

DANILO — Quem viu tudo aquilo vai ter uma impressão falsa de mim. Claro que vai. Daria tudo para que tivessem lido aquela carta...

DENISE — Vim do interior para ser uma moça independente. Não é que eu quisesse a independência para... Simbólico, entende?

DANILO — O pior é toda aquela engrenagem. "Sim, senhor Giacometti... Não, senhor Giacometti... As suas ordens, senhor Giacometti". A gente se sente convertido em botão, válvula, transistor, parafuso.

DENISE — Toda minha vida fui uma espécie de catalisador. Resolvia a vida de todo mundo mas não entrava na vida de ninguém.

DANILO — Todos sabem que a culpa não é minha. Sempre tive grandes projetos...

mas... Afinal de contas eu tenho um diploma!...

DENISE — Eu queria ser uma mulher realizada. O pior é que até hoje não sei o que uma mulher realizada precisa fazer para se sentir realizada.

DANILO — Não fim ninguém vai ter culpa de nada. Um dia o mundo explode e ninguém vai se sentir culpado. Ou por outra: o único culpado vai ser um bruto computador eletrônico que ficará para contar a história a outro computador... mas ambos da Giacometti Eletrônica.

(Aparece a cabeça iluminada de Dinho)

DINHO (Para o público) — Olá! Eu sou o Dinho. O da "ilha deserta." Vocês não me conhecem porque estou sempre num colégio interno ou empurrado para uma colônia de férias.

RENATA (Justificando) — Cavallo, piscina, ar livre. Meu filho, você esqueceu dos tênis.

DINHO — Meninos como eu não podem saber que seus pais brigam e que já não dormem juntos há séculos... que papai fugiu com a amante para a Europa e que, no fundo, mamãe devia ter mesmo casado era com o Fred.

DANILO (Aludindo irônica a Dinho) — A ilha deserta! Debiloide! Marcianos. Camada de marcianos.

DINHO — Eles dizem que nós, os adolescentes, somos inadaptados, revoltados. tarados, blue-jeans... Não é isso que eles dizem? Não é isso que vocês todos dizem? Mentira! o que a gente sente é uma coisa que ainda não tem nome.

(O foco pega a cabeça de Clarice)

CLARICE — Puxa! Uma coleguinha me mostrou um jornal que conta toda aquela foca de papai, mamãe e Denise. Foi bárbaro! Todas as meninas ficaram com uma inveeeja!

DENISE — Inveja. Hoje só tenho uma. Mulher carregando cesta de feira.

CLARICE — Agora vou ter assunto àbessa. Luizinho me contou que está muito feliz com o quarto pai que a mãe dêle arranhou. A mãe de Marina, coitadinha, é que só tem dois amantinhos Doizinhos só!

Ah! O professor que eu falei, aquele!... lembram?... está grudado na horrorosa professora de ciência que até busto postigo usa. Mas dizem que êle é meio... Vejam se não dá raiva: com a aula cheia de gorotas bacanas que nem eu e êle (Grita) Dinho ó Diiiiinho!

DINHO — Que ééééé?

CLARICE — Você que é bom em matemática. Como é que você ia resolver o problema do papai e da mamãe?...

DINHO — É que adulto é muito quadrado, entendeu? Se adulto não fôsse quadrado tudo acabava assim...

Surge Denise ao telefone

DENISE — Marcelo? Sou eu, Marcelo. Denise. Uma saudade que já não tem tamanho. Nem falei.

(A música motivo enfoca Renata sozinha e logo entra Danilo hesitante)

DANILO — Renata!

RENATA — Você?

DANILO — Não, não se assuste. Não vou fazer uma dessas cenas bobas de reconciliação.

RENATA — Claro que não, Danilo.

DANILO — Não vou dizer que estou arrependido... que me enganei... perdão... essas bobagens...

RENATA — Não é preciso.

DANILO — Mas... você acha que seria... ridículo... se eu dissesse que quero começar tudo de novo? Vida nova... tudo...

RENATA — Não, Danilo. Não seria.

DANILO — Seria ridículo... eu dizer... que ainda amo você?...

RENATA — Seria lindo, Danilo. Ridicula-mente lindo!

(Beijam-se quando súbitamente, em gravação multiplicada se ouvem os risos de Dinho e Clarice)

DINHO (Surge súbitamente e diz ao público, enquanto os outros personagens permanecem fixos) — Quem vê esta cena é capaz de jurar que está tudo resolvido, não é? O mais engraçado é que Denise vai acabar descobrindo que Marcelo já casou há muito tempo...

DENISE (Explode) — MENTIRA!

DINHO — Mamãe vai começar um serviço completo de 500.000 peças.

CLARICE — Papai vai continuar sem saber o que é e o que quer.

DINHO — E a história vai começar toda de novo...

DENISE — De novo!

RENATA — De novo!!

DANILO — De novo!!!

DINHO — Como dízima periódica... Três oito cinco... Três oito cinco... Três oito cinco... Mas vai tudo muito bem na operação Apolo. Dentro de poucos dias o homem chegará à Lua... E é por isso que nós os adolescentes...

CLARICE (Com grande ênfase) — A geração perdida...

DINHO — ... A juventude transviada...

OS DOIS — Continuamos na base do...

(Entra um ritmo louco, tipo Beatles que cresce, cresce, enquanto os garotos dançam freneticamente e os adultos imobilizados olham o infinito).

Súbito a música para e Dinho, dando-se conta do pai, se aproxima dêle muito lentamente dentro de um silêncio mortal e, piedosamente, sem pressa, coloca suas mãos, por detrás, sobre os ombros do pai e diz ao público, apresentando-o piedosamente, enquanto se projeta um slide abstrato) Este... é o retrato... de meu pai!

CLARICE (Que se havia, lentamente aproximado da mãe, no mesmo tom) E este é o retrato de mamãe!

OS DOIS EM UNISSONO ENFATICAMENTE EXPLICATIVOS — Abstratos, naturalmente!

UM ESTRONDOSO E DESESPERADO ACORDE MUSICAL E

FIM

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

MEMBROS DO CONSELHO DELIBERATIVO DA SBAT

- | | |
|---------------------------|------------------------|
| 1 — RENATO ALVIM | 10 — LUÍS PEIXOTO |
| 2 — R. MAGALHÃES JÚNIOR | 11 — NELSON DE ABREU |
| 3 — JORACY CAMARGO | 12 — LESSA BASTOS |
| 4 — MÁRIO LAGO | 13 — BRÍCIO DE ABREU |
| 5 — PASCHOAL CARLOS MAGNO | 14 — BENTO MOSSURUNGA |
| 6 — GENOLINO AMADO | 15 — HENRIQUE PONGETTI |
| 7 — GUILHERME FIGUEIREDO | 16 — JOSÉ WANDERLEY |
| 8 — PAULO DE MAGALHÃES | 17 — MÁRIO MAGALHÃES |
| 9 — ODUVALDO VIANA | 18 — PROCÓPIO FERREIRA |
| | 19 — DANIEL ROCHA |
| | 20 — GEYSA BOSCOLI |

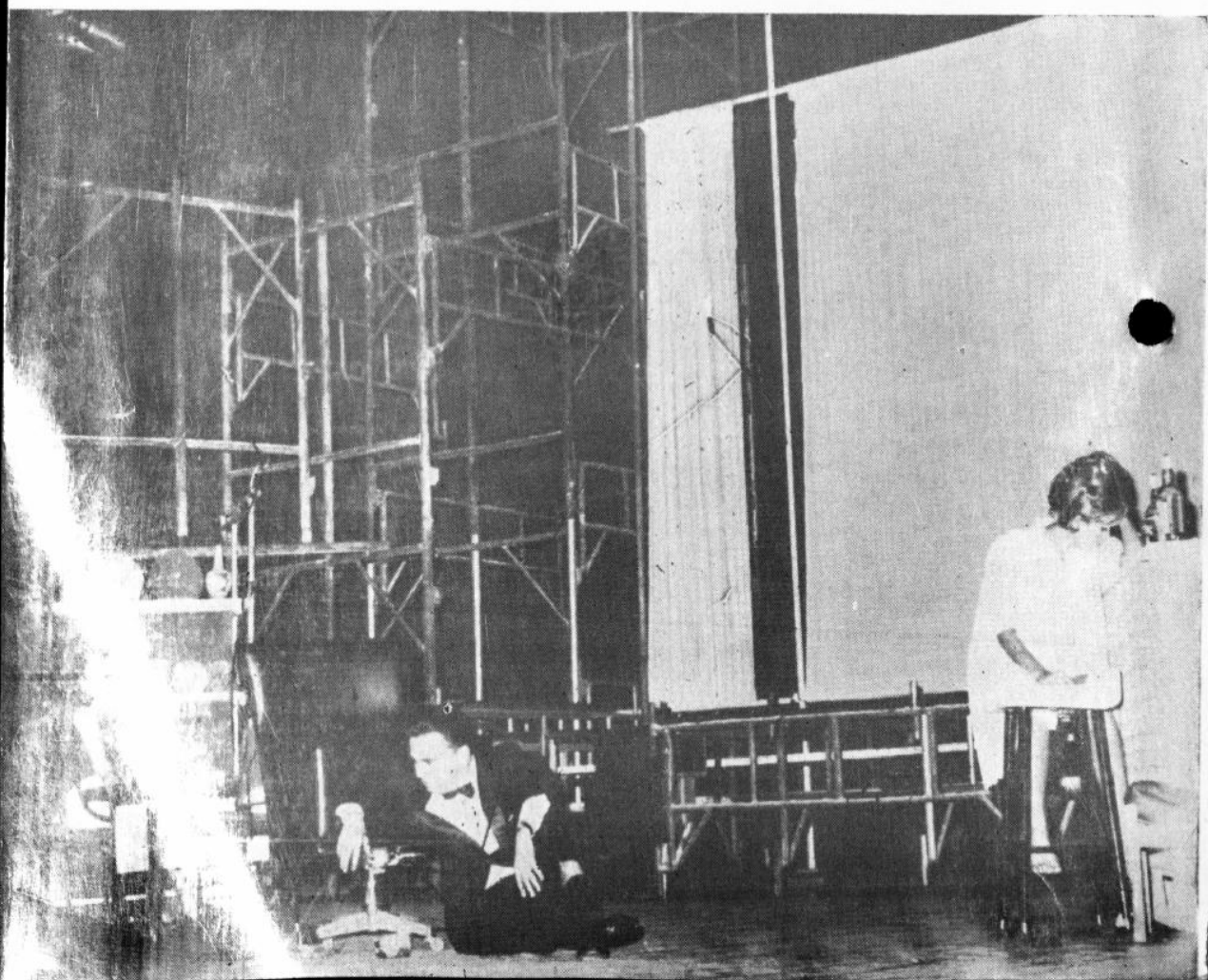
SOCIEDADES ESTRANGEIRAS REPRESENTADAS PELA "SBAT"

ALEMANHA — Verband Deutscher Bühnenschriftsteller und Bühnenkomponisten
 ARGENTINA — Sociedad General de Autores de la Argentina (Argentores)
 BÉLGICA — Société Belge des Auteurs, Compositeurs e Editeurs (SABAM)
 BOLÍVIA — Sociedad Boliviana de Autores y Compositores de Música (SOBODAIKOM)
 CHILE — Sociedad de Autores Teatrales de Chile (SATCH)
 COLOMBIA — Sociedad de Autores y Compositores de Colombia.
 ESPANHA — Sociedad General de Autores de España (SGAE)
 ESTADOS UNIDOS — Incorporated Society of Authors Representatives (grande direito)
 ESTADOS UNIDOS — Broadcast Music Inc (B.M.I.) (pequeno direito)
 FINLÂNDIA — Svomen Näytelmäkirjallijaliitto
 FRANÇA — Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (SACD)
 HOLANDA — Stichting Tot Exploitatie En Bescherming Van Auteursrechten (SEBA)
 HUNGRIA — A Magyar Népköztársaság Irodalmi Alapja
 INGLATERRA — The League of British Dramatists
 ISRAEL — Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs en Israel (ACUM)
 ITALIA — Società Italiana Degli Autori ed Editori (SIAE)
 IUGOSLÁVIA — Udruženje Jugoslavenskih Musikin Autores (UJMA)
 MÉXICO — Sociedad de Autores y Compositores (SACM)
 MÉXICO — União Nacional de Autores
 PARAGUAI — Autores Paraguayos Asociados (APA)
 PERU — Circulo Peruano de Autores
 POLONIA — Stowarzyszenie Autorów i Wydawców (ZAIKS)
 PORTUGAL — Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (SECTP)
 RUMANIA — Societatea Autorilor Dramatici Români
 SUÉCIA — Föreningen Svenska Tonsättares Internationella Musikbyrå, U.P.A. (STIM)
 TCHECO-SLOVAQUIA — Ochranné Sdružení Autorské Sál Skladatelů (OSA)
 TURQUIA — 8, Sokak 3-3 — BAHÇELIEVLER — ANCARA
 URUGUAI — Asociación General de Autores del Uruguay (AGADU)
 VENEZUELA — Sociedad de Autores y Compositores de Venezuela (SACVEN)

SUCURSAIS E AGÊNCIAS DA "SBAT" NAS CAPITAIS

ALAGOAS: Eolo Alencar — Rua do Comércio, 390 — Maceió.	PARÁ: Dr. Edgar Proença — Rádio Clube do Pará — Belém.
AMAZONAS: Afonso Ferreira Lopes — Trav. Comendador Clementino, 37	PARANÁ: Alberto Guarnelli da Cunha — Rua 15 de Novembro, 266, conj. 73 — Curitiba.
BAHIA: Nino Guimarães — Edifício Labras — Conjunto 302 — SALVADOR.	PARAIBA: Euclides Dias de Sá — Rua Duque de Caxias, 557 — sala 301 — JOÃO PESSOA.
BRASILIA (D.F.): Edson Falbo — Av. W 3 — SCS — Edifício Carioca, Conj. 414	PERNAMBUCO: Dr. Waldemar de Oliveira — Rua Miguel Couto, 68 — Recife.
CEARÁ: Dr. Lauro Ramos Tôrres de Mello — Rua Floriano Peixoto, 479 — Fortaleza.	PIAUI: Dr. Waldimir Elias Hidd — Rua Paissandú, 1.191 — Teresina
ESPIRITO SANTO: Hilton Pinheiro Novais — Edif. Banco Mineiro da Produção — Sala 514 — Vitória.	RIO GRANDE DO SUL: Dr. Aron Menda — Rua dos Andradas, 1.234 - Conj. 1.407 — Ed. Santa Cruz — Porto Alegre.
ESTADO DO RIO: Dr. Rubens de Carvalho — Rua da Conceição, 128 — Niterói.	RIO GRANDE DO NORTE: João Gibson — Travessa Venezuela, 35 — sala 3 — NATAL.
GOIÁS: Edson Falbo — Av. Anhanguera, 94, Conj. 510 — Tel. 2-1501.	SANTA CATARINA: Walter Boppré — Edifício São Jorge, 1º andar — Florianópolis.
MARANHAO: Apolinário Sousa dos Anjos — Travessa Carvalho Branco, 107 — Vila Iolanda — Gamboa do Mato — SÃO LUÍS.	SERGIPE: João Moreira da Silva — Rua Itabalana, 615 — Aracaju
MINAS GERAIS: Grover Ferreira — Rua dos Carijós, 424 - 11º - s/1.101 — Belo Horizonte.	SÃO PAULO: Manoel de Oliveira Proença Filho — Avenida Ipiranga, 1.123, 8.º andar — São Paulo.

*Final do primeiro ato de "OS PAIS ABSTRATOS",
de Pedro Bloch, na temporada de Brasília, vendo-
se os intérpretes e parte da cenografia de Pernam-
buco de Oliveira.*



TEATRO

TÍTULO

*Os pais Abs/pais**Redo Bloch.*

1)

SCITC

Documentação

Clas. Anterior

18 ANOS

Praça

SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF.

08, 01, 76

Chefe Seção

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

5) Diretor da D. C. D. P.

, 13 de janeiro de 1976

: 024/76-SCTC-SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

: Informação (faz)

Ref. Of. nº 5270/76-SCDP/SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "OS PAIS ABSTRATOS" de Pedro Bloch, acha-se registrada neste Serviço de Censura, sob o nº. 761, com o certificado válido até 08 de outubro de 1980 e com a classificação etária de 18 Anos sem cortes.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

RG
ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

/fmfn.

*De 07 Jan
Cto. Arquivo para arquivo
o Brancosman 10 00 3.1.02.3.9.9.9
18-01-76*
Manoel Francisco Clavery Junior
Chefe de Seção de Censura de Teatro e Circo - SC

F.C.-	072
LIV.-	01
PAG.	24
REG.-	761
PRAÇA-	AM

" Os Pais Abstratos "

Pedro Bloch



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional no Amazonas

MJ-DPF-SPA/BSB

1980 1312 032474

OF. Nº 1363/76-SCDP/SR/AM

Manaus, 18 de agosto de 1976

RECEBIDO

*ao alguém
verificar e
20876*

Senhor Diretor:

FICHA DO
S. A. DCDPROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

Pelo presente, estamos enviando a V. Sa., em anexo, três (3) cópias da peça teatral intitulada: "OS PAIS ABSTRATOS", de autoria de PEDRO BLOCH, a fim de ser submetida a exame censório por essa DCDP.

No ensejo, renovamos a V. Sa., protestos de elevada consideração e apreço.

Álvaro Pereira Mota
Subst. Event. do Ch. do SCDP/SR/AM

*A.S.C.C. para pro-
videnciar em 23/08/76*
Jesuína Gonçalves Pinheiro
Assistente - D. C. D. P.

Ilmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

MD. DIRETOR DA DCDP

BRASÍLIA - DF

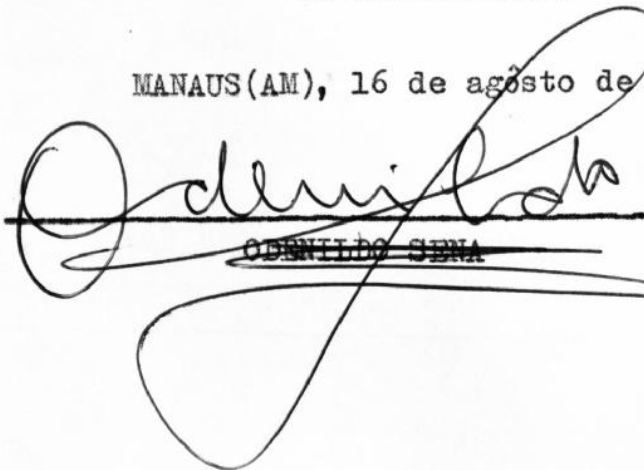
ILMO. SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

ODENILDO SENA, brasileiro, casado, paraense, professor, portador da Carteira de Identidade nº 136.685, residente à rua do Rosário, 38-D, em Manaus, Amazonas, vem mui respeitosamente solicitar a V. Sia. se digne mandar censurar a peça OS PAIS ABSTRATOS, de autoria de Pedro Bloch, a fim de que a mesma seja levada à cena na capital amazonense.

Nêstes Termos

P. Deferimentos

MANAUS(AM), 16 de agosto de 1. 976


ODENILDO SENA

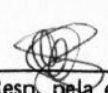
TEATRO

TÍTULO Os Pais AbstratosPedro Bloch

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior IsentoPraça Amazonas - AM

Obs.: _____

DF. 02 / 08 / 76 /

 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

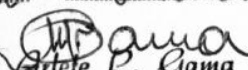
 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, 2 cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

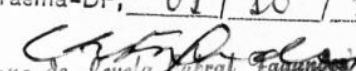
Brasília-DF, 28 de setembro de 1976

 Maria Antete P. Gama
 Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília - DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIORClassificação: 18 anosBrasília-DF, 01 de 10 de 76

 Ceriélano de Loyola Fagundes
 Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 300

PARECER Nº 539 3 1 76

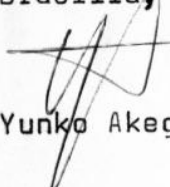
TÍTULO: OS PAIS ABSTRATOS - peça de Pedro Bloch.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos.

Feito o confronto constatamos
que a peça contém várias supressões e acréscimos, no en-
tanto o conteúdo e mensagem não foram modificados, e pos-
sui certificado com validade até 1980.

Tendo em vista o exposto, sugiro
seja liberado com a mesma restrição etária: dezpito anos,
e condicionado ao exame do ensaio geral.

Brasília, 23 de setembro de 1976.


Yunko Akegava

967/76-SCTC/SC/DCDP

28/09

6

Superintendente Regional do DPF no Amazonas

OS PAIS ABSTRATOS

Pedro Bloch

Superintendente:

MANAUS-AM

Cat

OS PAIS ABSTRATOS

761/76

OS PAIS ABSTRATOS

21

BR-DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 302

PEDRO BLOCH

IMPROPRIO PARA
MENOS DE
18
DEZOITO ANOS

04 JULHO
29 SETEMBRO
Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

77

76

: OS PAIS ABSTRATOS

: PEDRO BLOCH

28 SETEMBRO 76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA
DO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

29 SETEMBRO 76

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE 18 ANOS
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

PROC.-	00 72
LIV.-	0 1
PAG.-	199
REG.-	0761

174

PEÇA:
OS PAIS ABSTRATOS
de
Pedro Bloch.



SRA/FIC1110

MJ-DFF-SRA/BSB



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M.J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL 308102 056391

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO

SERVIÇO DE CENSURA RECEBIMENTO DE PUBLICAÇÕES

FICHADO
S. A. DCDP

OFÍCIO Nº 3041 /75-SCDP/SR/PE

Recife, 29 de setembro de 1.975

De ordem
a Sec. de Teatro
em 300975

Senhor Diretor,

Pelo presente encaminhamos a V.Sa. 03 (três) scripts da Peça Teatral "OS PAIS ABSTRATOS" de autoria de PEDRO BLOCH, para que sejam devidamente censurados por essa DCDP.

Anexo, segue cópia do requerimento da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

Na oportunidade renovamos a V.Sa. protestos de alta estima e distinguida consideração.

Bel. EDYR CARVALHO

Superintendente Regional do DPF/SR/PE

Ilmº.Sr.

Dr. Rogério Nunes

DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB

BRASÍLIA-DF



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil

Recife · 25 de setembro

176
de 19 75

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

"OS PAIS ABSTRATOS"

Original de Pedro Bloch

Tradução de _____

Próxima apresentação de espetáculo os em temporada

Teatro de ARINA DO RECIFE

Cidade Recife

Estado de Pernambuco

A estréia está prevista para o mês de novembro do corrente ano

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
AGÊNCIA DE PERNAMBUCO

AGENTE

TEATRO

TÍTULO

OS PAIS ABSTRACTOS

117

de
Pedro Block.

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior

18 anos

Praça

Recife - PE.

Obs.:

DF.

01/10/75

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A Seção de Expedientes, para, conforme Parecer 8352-75, expedir certificados com impropriedade para menores de 18 anos, sem corte. Deveria, condicionando ao exame do ensino geral.

— Encaminha-se à consideração da Chefia.

Ex. 7-10-75

Horivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres/90

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Processo anterior

Em, 09/ out / 1975

Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0008, p. 308

PARECER Nº 8352 / 75

178

TÍTULO: "PAIS ABSTRATOS" - de Pedro Bloch

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) anos

Procedendo ao confronto da peça em epígrafe com textos já censurados, constatamos a identidade / dos mesmos. Pelo que, sugerimos a manutenção da classificação etária dada anteriormente: 18 (DEZOITO) anos, condicionada ao ENSAIO GERAL.

Brasília (DF.), 06 de outubro de 1975.

Jeanete Maria *de Oliveira Farias*

821/75-SCTO/SC/DCEP

0.91075

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/PE

"O S PA I S A B S T R A T O S"

" PEDRO BLOCH "

Chefe:

Recife-PE

US PAIS ABSTRATOS

DEDO BLOCH

761/75

OS PAIS ABSTRATOS

OUTUBRO

PROIBIDO PARA MEMBROS DE LA (DEBITO) AND. CONDICION

DEDO BLOCH

NO EXATE DO ENLATO LEGAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOENTE TEM VALOR DE
SOMOS RECOMENDADO DO "CERTIFICADO" DEVIDAMENTE EMISSO EM 1975.

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

OUTUBRO

80

OUTUBRO

75

ROGÉRIO NUNES

OS PAIS ABSTRATOS

PEDRO BLOCH

07 OUTUBRO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

08

OUTUBRO

75

Coriolano de L. Fagundes
CORIOLANO DE LOTOLA C. FAGUNDES